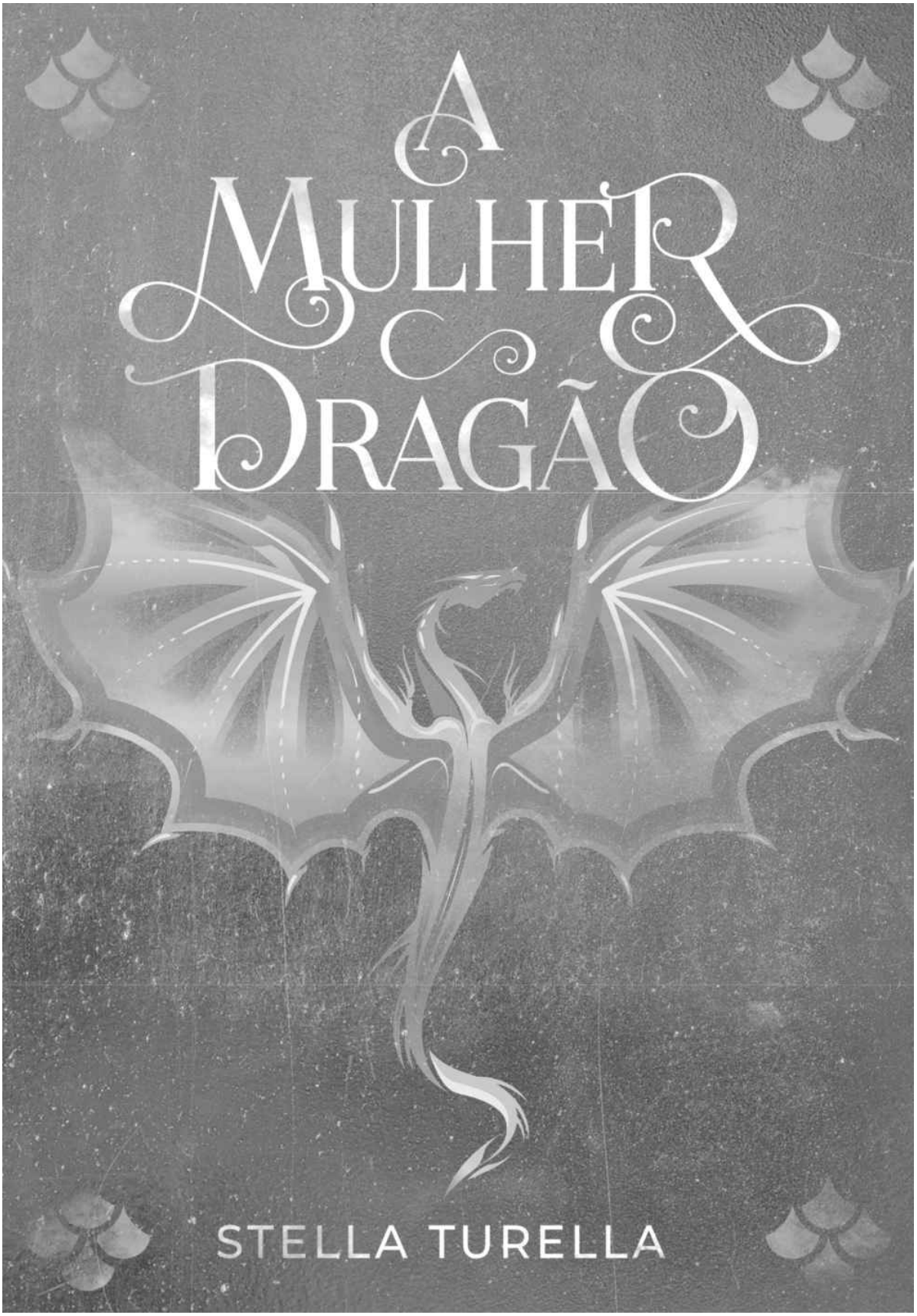
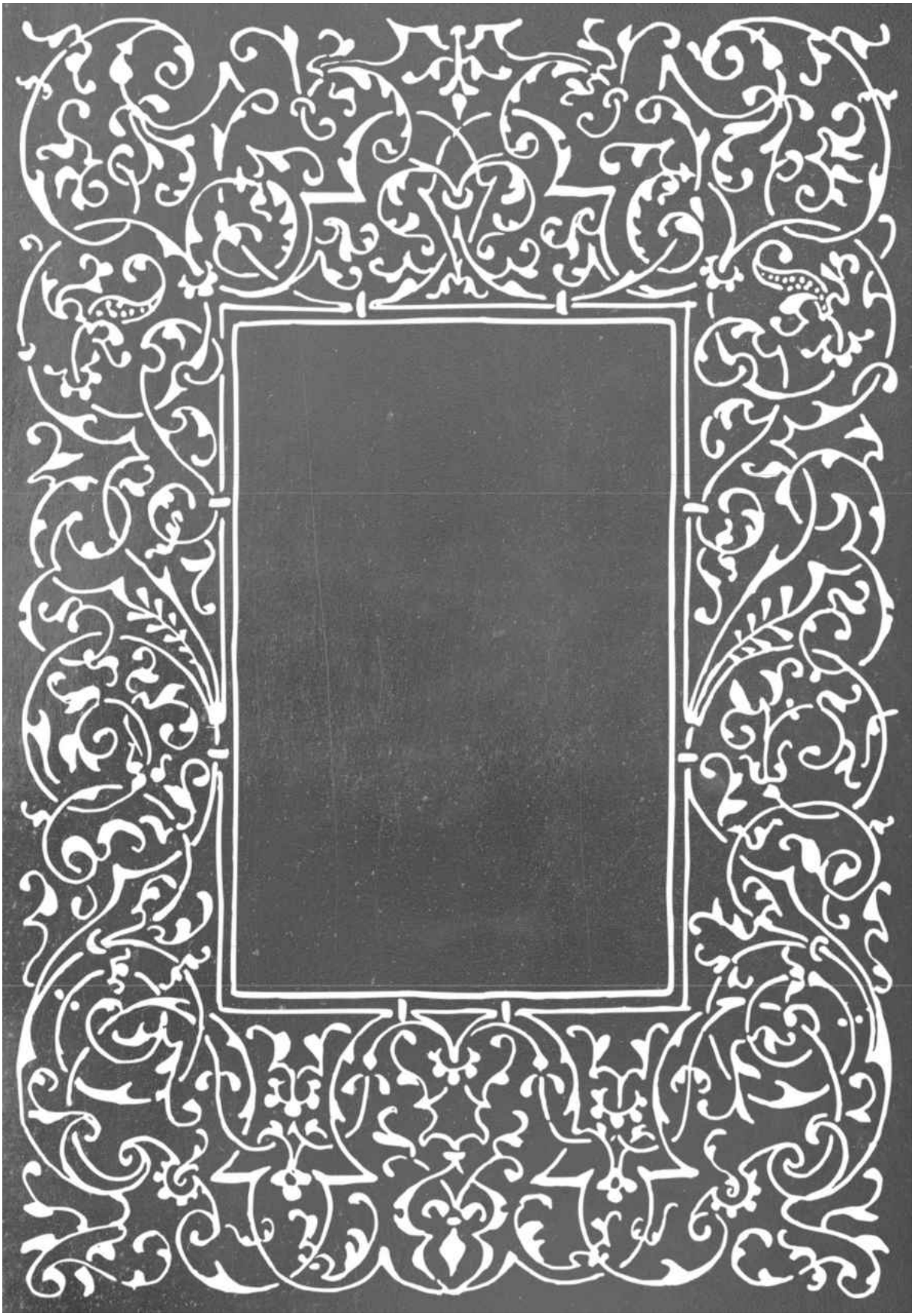
A Mulher Dragão

STELLA TURELLA

PALAVRA & VERSO


A MULHER DRAGÃO
STELLA TURELLA



Copyright © 2022 Palavra & Verso
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

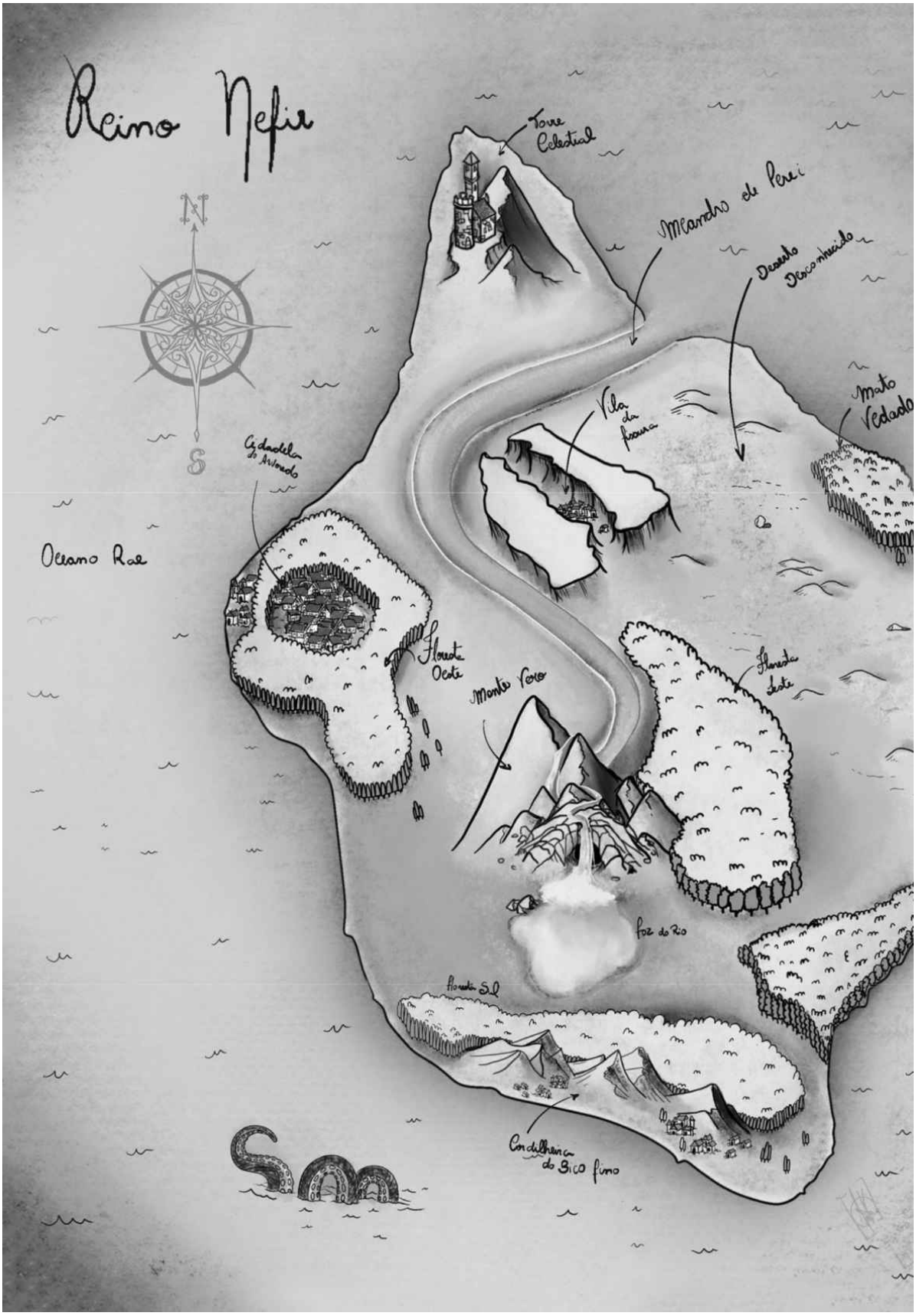
Turella, Stella
A Mulher Dragão / Stella Turella.
1ª edição — Curitiba, 2022.
300 páginas, 23x16 cm.
ISBN: 978-65-86773-68-2
Ficção brasileira. 2. Fantasia. I. Título. CDD: 869.3

Capa: G. C. Bellföx
Diagramação: Vanessa Musial
Revisão: Lúcia Almeida

Todos os direitos reservados.
proibida a reprodução integral ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora ou da editora.

A Mulher Dragão

Nina, você é a estrela que transforma coisas normais em extraordinárias! Que você acredite em si mesma como fez com que eu acreditasse em mim mesma.


Reino Nefir
Torre Celestial
Meandros de Perei
Deserto Descontrolado
Mato Verdado
Vila da Fuga
Cidadela do Arvoredo
Oceano Rae
Floresta Oeste
Monte Voro
Floresta Leste
Foz do Rio
Floresta Sul
Cordilheira do Bico fino

PRÓLOGO

Ele já tinha partido há muito tempo e sabia disso. Essa parte que ainda parecia viva dentro dele era o único fio que resta-va, e também sabia que iria se partir em questão de alguns dias. Era um fio escuro com o qual selou esse caminho, o seu caminho nos últimos doze ciclos, e por mais que alguma par-te gritasse pedindo para se libertar, que ele podia ser apenas ele, um Arfenol, mesmo com sua família Aliar e nada mais.

Era impossível.

Naquele momento, vendo aqueles olhos pequenos e tão iguais aos seus não pôde se permiti r sentir nada, porque se fizesse, aquela voz que gritava ganharia mais força e o restante que existia de sua alma se quebraria em di-versos fragmentos. Porém, sabia que ela o quebraria ainda mais.

Aquela parte viva dentro dele, a que clamava por outra chance, revivia a visão daqueles olhos pedindo para serem amados,e ele faria sem pensar duas vezes. Era só...

— Ela será o seu segundo maior sacrifício.

Viver na esperança de um futuro que não podia existir, é inútil.

A escuridão pareceu esconder aquela linha fina de esperança rapidamen-te. Como se quisesse tirar a tentação de perto enquanto o ecoar da sua voz ex-pulsava a visão daqueles olhos castanhos fazendo com que ele se encolhesse, procurando se abraçar o mais forte possível.

A sua alma já estava à mercê daquela tão conhecida escuridão. Ela é a sua única família agora. E depois de tanta

morte, agora só faltava uma única vida para enfim se tornarem um. Aquela última parte viva morreria e então ele estaria finalmente em paz. E com fé no Senhor das Sombras, atingiriam exatamente tudo que planejaram, inclusive apagar a luz daquela alma amea-çadoramente selvagem.

Não seria mais como o tormento de ser o filho mais novo e errado perante os dois irmãos perfeitos que teve, acabou deixando o papel de malvado para si mesmo, o único filho que não tinha dom, logo se tornou inútil aos olhos de seu pai, Esdras. Mas era para ser assim, uma certeza ecoava dentro dele e entendia que o Senhor das Sombras planejou cada mísero instante da sua vida. Acreditava, sem questionar mais, que tinha que nascer Arfenol, um ser ordinário, sem dom nenhum, para que seu pai o odiasse e assim encontrasse ela, a escuridão.

Ela amenizou os seus dias mais sofridos pelas mãos seu pai, afinal sua mãe não estava lá para protegê-lo. Algo dizia que ela faria algo do tipo, mas tinha morrido ao colocá-lo no mundo. Mais um motivo para ser odiado e odiar a si. Onti, sua mãe, não estava no Reino por causa dele. Então, o amor de sua mãe não esteve lá para defendê-lo como ela fez, talvez a escuridão fosse a representação dela. Isso explicaria porque era tão reconfortante e se tornou tão familiar.

A semelhança lhe causou um grande alívio. Já ouvira histórias sobre sua mãe e seus irmãos lhe asseguravam que Onti sempre fora uma mãe presente, que fazia de tudo pelos seus filhos, e que mesmo não tendo a conhecido, ain-da assim ela cuidava dele, mesmo após o seu multum isso. Onti sempre esteve com ele, afinal. Ela enviou um Irmão Celestial para ajudá-lo, o que poderia ser um aviso: que estava no caminho certo.

O fardo do assassinato dos seus irmãos pareceu ter se dissolvido. Onti ti-rou o peso dos seus ombros, sabia que tinha feito aquilo por ela. Alívio passou pelo corpo dele e depois de ciclos conseguiu respirar de novo, o restante da sua alma parecia mais leve para o passo que precisaria dar agora.

Estava surpreso por não ter pensado em sua mãe antes, era claro que era ela. Demorou um pouco para o Senhor das

Sombras o achar, mas assim que o fez o tomou como o seu próprio filho. Onti iria querer isso, então o enviou.

Talvez fosse mais fácil a partir de agora porque realmente estava cansado e se sentia drenado pela escuridão. E saberia que a próxima etapa do plano iria exigir todo o resto de sua alma ou o que ainda lhe restava.

O seu maior sacrifício, o único que realmente amou.

— Esse será o primeiro grande sacrifício para nos selar completamente, depois caminharemos para o segundo. Você sabe o que fazer.

Realmente não tinha mais tempo para isso, seja qual for a cor daqueles cabelos, ele jogou a lembrança longe. Nada mais importava.

O cântico que entoou foi alto e poderoso, aquele Mato nunca esteve tão silencioso quanto naquela noite. Parecia que todo o Treino Nefir conseguia sentir o seu maior sacrifício, o restante da sua alma sendo levada para Cig.

CAPÍTULO 1

Perdoar é um sentimento e não um ato. Não acordamos decididos a perdoar, isso não existe. O perdão apenas vem. Sem permissão, sem consentimento e tampouco manda um aviso antes de te invadir. Testemunhei poucos atos de perdão, poucos mesmo. Talvez, Oem saberia me dizer um pouco mais sobre isso, já que ele é o nosso ancião. Ou a sua companheira.

Poderia passar na tenda deles depois, questioná-los e, quem sabe, tentar entender.

Independentemente de quem poderia me ajudar, nada realmente im-portava agora, nesse momento inoportuno. Não conseguia imaginar quando esse sentimento iria invadir o meu ser e me fizesse perdoar Samael por livre e espontânea vontade.

Talvez nunca.

Pelo Dragão! Como poderia perdoar alguém que assassinou os dois hu-manos mais importantes para mim?

Nenhuma resposta apareceu em minha mente, como era previsto. Parece que não é sempre que o Irmão da Luz está disponível para a sua eleita. Obrigada!

Minha respiração já estava alterada e não percebi quando isso aconteceu e tampouco tive vontade de parar minha divagação, aquela parte quebrada em mim parecia se sobrepor sobre o meu corpo, minha mente. E queria ali-mentá-la cada vez mais e gritar enquanto fazia isso.

Asensação era boa, fazia com que me sentisse mais poderosa, conseguia sentir algo correndo dentro de mim, mas não era a tão conhecida selvageria o que fez com que o sangue gelasse repentinamente, acompanhado de dois rosnados reverberando em minha mente e um calafrio pela minha coluna, e assim me tirando do pequeno transe. Solto o ar entre os dentes com os olhos presos na chama logo à minha frente.

Não sabia que estava olhando diretamente para ela, então pisquei os olhos enquanto balançava a cabeça em busca de foco.

— Eu sei, eu sei — murmurei em minha mente.

Não deveria estar pensando sobre isso agora, e mesmo assim continuo alimentando esse sentimento com pequenas migalhas enquanto sustento as chamas que estão consumindo a pira de madeira do funeral da minha mãe.

Esse tipo de sentimento iria destravar a maldição e por causa dos pensa-mentos recentes que percorreram minha mente fez com que a intensidade do fogo aumentasse, e só ao tentar voltar para o momento presente percebi que o pequeno círculo feito pelos membros ao redor da pira estava mais aber-to. Com um pouco mais de concentração consegui sentir resquícios do medo que a grande chama causou. Não podia arriscar perder o controle logo agora. Cora precisa completar o seu multum.

Precisava fazer isso por ela. Minha mãe tinha feito tanto por mim... Concentrei minha atenção no ar denso ao meu redor, respirando fundo para o sentir. Logo o calor do fogo se fez presente em minhas mãos, conse-guia sentir em minhas palmas e subindo pelos dedos. O silêncio preenchia cada espaço daquela cerimônia junto de um pesar palpável; não era apenas eu quem lamentava aquela perda, e sim todo o Treino parecia sentir a falta da vida de Cora. O meu coração permanecia apertado e o punho que o segurava parecia apertar mais a cada instante, mas tentei ignorar isso por ora.

Identificar algumas sensações em minha volta tornava fácil voltar ao mo-mento presente e fazer com que mantivesse apenas o necessário do fogo para completar o *multum*.

Desde que me conheço por ser vivo, faço parte de um clã chamado Aliar, e, para nós, o multum é o grande motivo das nossas vidas, o porquê de ter-mos sidos enviados ao Reino. É o nosso destino, e realmente não importa se você vai entendê-lo em algum momento da sua vida porque a sua alma sabe qual é

o seu multum, mesmo que você não saiba. E é isso que importa. Em meus dezesseis ciclos vi poucas pessoas entenderem e aceitarem o seu multum, ao passo em que o meu parece ser simplesmente perder pessoas ao longo da minha vida.

O Irmão da Luz deve ter me criado apenas para isso: aprender a lidar com a dor de se despedir das pessoas que amo e seguir a vida independente do sofrimento.

Aquela mesma sensação percorreu as minhas veias de novo e logo sen-ti um fluxo de poder em meu abdômen, queimando e rodopiando, lutando para encontrar a saída. Clamando por liberdade.

— Asha. — Erus, o líder dos Aliar colocou a mão em meu ombro. — Está deixando te dominar.

O calafrio não precisou vir. Sabia que estava cedendo mais uma vez. O meu corpo estava tensionado e as palmas das mãos formigando. Mesmo que-rendo pensar em qualquer outra coisa, minha mente estava presa às perdas e ao que restou de mim para que pudesse tentar seguir a minha vida. Quanto mais tentava fugir desse pensamento, mais ele parecia me cercar.

Eu precisava tentar.

Entretanto, hoje não parecia que existia essa possibilidade. Na verdade, não existia possibilidade alguma. Afinal, existe a Asha sem a Cora?

Uma vontade repentina abraçou o meu coração e subiu rapidamente, tra-vando um nó na minha garganta. Eu queria simplesmente largar tudo e sair correndo para qualquer lugar, especificamente para os braços da minha mãe.

A dor, já tão presente, se intensificou em meu coração. Não sabia o que fazer, mas Cora com certeza saberia. Arfei em busca de ar, meus pulmões pa-reciam falhar em todas as tentativas,e meu coração conquistava cada batida de forma rápida e frenética, sem descanso.

Em minha mente havia um espaço gritando, querendo chamar a atenção de qualquer jeito. Sua tática principal era correr em minhas veias clamando pelo meu dom, sussurrando para usá-lo a fim de me sentir poderosa, inven-cível, então

aquela dor que estava sentindo seria apenas nada. Nada compa-rado ao meu poder.

Esse é o caminho que eu não deveria seguir sobre nenhuma circunstân-cia. Era um caminho tentador e sem volta.

Aquele espaço parecia se abrir em um abismo infinito, a promessa de cair nele traria uma vida sem preocupações perante ao grande poder que chama-va. O acolhimento parecia com o da minha mãe e como ela me protegeu por tantos ciclos. E mais, dizia que ninguém iria precisar mais de mim, desta-cando que o Irmão da Luz não iria cobrar mais nada, e acharia outra eleita.

Idealizava a imagem que eu tinha de uma vida normal.

Mas eu sei que a minha vida não é normal.

O ar invadiu os meus pulmões bruscamente, me obrigando a fazer res-pirações rápidas e voltar a enxergar as chamas. Não era eu quem estava no comando dessas lufadas, mas não as parei. Ainda não conseguia identificar muita coisa ao meu redor além das chamas. Com o movimento repetitivo e sem pausa, o sangue no meu corpo começou a correr em minhas veias, var-rendo aquelas garras de um falso poder, me afastando daquela parte em mi-nha mente.

— Asha.

Uma voz distante me chamou, querendo me trazer de volta. Com o co-ração bombeando mais rápido consegui perceber que estava caindo. Não no abismo, mas sim na grama, e era tarde demais para tentar evitar o encontro dos meus joelhos com ela.

O impacto ecoou pelo meu corpo trazendo em minha cabeça: feminina. A voz é feminina e o reconhecimento me causou uma familiaridade no peito e me lembrou minha mãe.

Outro reconhecimento: minha mãe está morta. O nó em minha garganta se desfez provocando soluços e impulsionando lágrimas à minha vista.

Não tem para onde correr.

— Asha.

Agora a voz em minha mente era masculina.

Eu sabia de quem eram aquelas vozes e que não estava louca. Pelo me-nos, não ainda. O tom de ambos soava como um

alerta e ninguém poderia ouvi-los além de mim, era o nosso meio de comunicação.

Apenas nosso.

Ao levantar, vejo o dragão vermelho ao meu lado esquerdo e a branca no direito.

Meu olhar alterna entre os olhos vermelhos incandescentes e os roxos calmos. Eles não precisavam dizer o que estavam fazendo porque eu sim-plesmente sabia. Conseguia sentir a mistura dos dois elementos bem no meu abdômen, se entrelaçando. E cada fibra do meu ser vibrava por causa do uso do meu dom, porém, não tinha percebido isso até agora que estou completa-mente presente. Ele está mantendo o fogo e ela o intensificando com o seu ar, além de ter obrigado o ar pelos meus pulmões. Eles não conseguiam manter sozinhos, sem que eu precisasse estender as mãos novamente.

Eu só não sabia se conseguiria me manter sem ela. Sem meu maior apoio durante todos esses ciclos, a que me defendeu de tudo e todos incluindo o nosso próprio clã.

E se minha única parte boa fosse ela?

Mesmo com todos os avisos e o conhecimento da maldição, parecia que eu não me importava mais. Estava pronta para sucumbir à dor e cair de corpo e alma naquele abismo. Uma pequena sensação de afogamento surgiu em mim com apenas a ideia do mergulho, até que um toque sutil, amigável surgiu em minhas costas irradiando paz, trazendo a calmaria em uma onda gelada e tranquila fazendo com que o formigamento parasse.

Eu não estava controlando a maldição hoje, e sim ela me controlando. Não tinha sentido o formigamento subir das minhas mãos para os meus ombros e ganhar metade do meu tronco.

As pequenas mãos em minhas costas emanavam o dom da empatia, fa-zendo a maldição recuar o seu domínio em mim. Amy tinha sido uma ótima parceira nesse quesito. Aprendi a controlar a maldição por causa dela e quan-do não conseguia, a garota de cabelos roxos e levemente rosados obrigava o meu corpo a sentir o oposto que esse fardo me causava.

Paz.

Tranquilidade.

Coragem.

Eu precisava de coragem e honra para terminar o multum de Cora. Ela o aceitou, mesmo que eu, de forma tão egoísta, ainda não. Isso só diz respeito a ela, apenas ela, e não a mim.

Eu devo isso a ela. Acompanhei um amigo ao multum e agora deveria fazer o mesmo pela a minha mãe.

— Obrigada.

Sussurrei pressionando as mãos na grama, sentindo a terra úmida em meus dedos. Agora conseguia vislumbrar uma Asha sentada na borda da-quele abismo. Tão perto de mergulhar, mas se segurando para não sucumbir como a minha própria voz, que parecia um fio prestes a se romper, porém não ia.

Não agora. Não hoje.

Deixei o ar me invadir livremente e também deixei que me levantasse também, apenas para sentir a minha velha parceira selvageria correr em mi-nhas veias como sempre fez quando uso o meu dom. Percebi que as lágrimas ainda banhavam meu rosto e não deixei que isso me parasse.

Mesmo me sentindo pequena de novo diante do clã, não iria ter vergonha de demonstrar o meu luto e deixaria que minha mãe seguisse o seu multum. Mesmo com a dor ardendo no peito, eu a deixaria ir.

Com as mãos trêmulas voltei a sentir o fogo nas palmas da minha mão, e o elemento sussurrou que estava completo. Então, como um último ato à mi-nha mãe, deixei as memórias boas serem transmitidas pelas minhas mãos, naquele mesmo ponto em que o formigamento estava instantes atrás. Ia levar esses momentos para sempre comigo e queria que ela sentisse todo o amor, orgulho, gratidão e tudo o que sinto, e sempre vou sentir por ela.

Eu aprenderia a lidar com a sua ausência e encontraria algum jeito de seguir a minha vida. Seja andando ou apenas rastejando. E com um simples piscar de olhos, minha mãe tinha ido encontrar Nestor, o Irmão da Luz, a quem era tão devota.

— Nada é forte o suficiente para nos separar, e vamos nos reencontrar. Essas palavras eram adespedida final dos Aliar. A

dor ainda estava presente, mas conseguia ver com mais clareza agora. Não seria fácil, mas consrguiria, de alguma forma iria fazer isso por ela.

Então com a frase final, ergui as palmas das mãos.

"Venha para mim.”

Não foi preciso mais nada. Aos poucos o fogo começou a se extinguir vin-do para as minhas mãos, causando um calor conhecido enquanto o observava sumir para dentro de mim, habitando um ponto no meu abdômen, que se aquecia.

O murmúrio começou pelo círculo, mas os meus olhos não deixaram os últimos resquícios da pira e da minha mãe, que voavam rumo ao Monte Vero. Observei até que fosse impossível distingui-los. E nesse pequeno momento, sem perceber, outra parte da minha alma rachou.

CAPÍTULO 2

Demorou algum tempo para os Aliar se acostumarem com o meu dom. Para ser sincera, no começo eles não acreditavam nele, dizendo que eu era Arfenol, assim como o meu pai, que abandonou a mim e Cora, e Oem apenas inventou um dom para mim para que a vida da minha mãe não entrasse em desgraça completa. E por um tempo, essa ideia parecia realmente a verdade.

Dragões, ao mesmo tempo que são sagrados também são lendários, até o meu dom provar o contrário. A lenda dizia que quando há dragões entre nós, o Reino é próspero. Mas nunca ouvi uma história real sobre isso, então não sabíamos se era verdade até Tân aparecer, e depois Gwynt.

Minha sorte foi ter as pessoas certas ao meu lado. Durante esse tempo sem os dragões, tive o apoio da minha mãe, Erus, Oem e sua companheira, Axía. Mesmo descobrindo o meu dom aos seis ciclos na Cerimônia do Dom, que era basicamente Oem usando o seu dom da visão para ver um pouco à frente do presente e assim descobrindo o dom de cada membro do clã. O intuito da descoberta era para que crescêssemos em nosso poder, conseguindo domá-lo, e ficarmos fortes para eventuais ataques do outro clã, Arfenol.

Por causa dos sussurros — sobre eu ser um ser ordinário, sem dom, um Arfenol, acabei passando alguns ciclos indiferente ao meu dom até realmente conhecê-lo.

A ideia de eu não possuir nenhum dom de verdade era fácil de sustentar, já que o dom do dragão não é conhecido porque não existem registros sobre nada parecido e dragões jamais foram vistos. Então não tinha como os membros do clã falar que o dom era uma mentira, sendo que ninguém o teve, não tinham informações anotadas para me ajudar a encontrar e aperfeiçoá-lo.

Eu teria que passar por esse processo sozinha, sem auxílio, diferente dos outros Aliar.

Com ou sem explicação sobre o meu dom, foi Oem que reparou mudanças em mim, as quais sempre começaram a fazer parte de mim de forma na-tural, sem que eu percebesse ou as notasse.

A respiração é minha parceira desde que me conheço por Aliar, e se tor-nou instintiva para mim, para o meu corpo. Desenvolvi três respirações que me ajudassem, me aprimorassem em meio a tantos dedos apontados para a filha de Aliar com Arfenol. A mestiça.

Respirar profundamente me fazia sentir o que há de errado ou farejar uma oportunidade em momentos inoportunos. Fazer algumas respirações de forma rápida para estimular a adrenalina e a resistência corporal para alguma luta. Usando a respiração lenta conseguia aquietar o corpo e tornava fácil achar respostas nos outros ou então para um relaxamento total afim de restaurar o corpo.

Não lembro do momento exato em que aprendi usar esse trio, mas acredito que são detalhes adquiridos convivendo muito na natureza. Depois de explicar as três respirações para Oem e minha mãe, eles começaram a teorizar:

— Dragões são sagrados e a respiração também. Não precisávamos pensar em fazê-la. Asha consegue se intensificar dependendo do jeito que respira, então será que isso poderia fazer parte do seu dom?

Por um tempo não soube a verdade, até os meus dragões chegarem e explicarema origem.

— Chamamos de intuição draconiana, mas você não a tem inteira porque é humana, e nossas mentes trabalham de jeito diferente, então ela foi adaptada para que pudesse usá-la. — Tân me explicou certa vez. — Escolhemos as respirações porque é algo que sempre está em contato com você e dependendo da forma como o ar invade o seu corpo, sempre vai receber uma mensagem diferente.

Apenas o pequeno círculo de amizade da minha mãe sabia: Erus, Oem e Axía. Tomei quatro ciclos aprimorando as

técnicas de respiração, só que agora de propósito. O líder do clã, Erus, com o seu dom de fogo, me desafian-do com suas mãos tomadas pelo elemento, enquanto eu segurava apenas a minha lança e respirações, ainda sem dragões.

Investidas, bloqueios e queimaduras. Sempre começava e terminava as-sim.

— Você precisa criar vantagem!

O aviso vinha com mais uma bola de fogo em minha direção. Impulsionei o meu corpo para trás sugando o ar de forma profunda.

Os treinos ocorriam em diversos lugares enquanto fugíamos dos Arfenol, mas desta vez estávamos em um campo aberto depois do Deserto Desconhe-cido. Já estávamos alojados ali há alguns ciclos, mas em breve nos mudaría-mos apenas por precaução.

Concentrei toda a minha atenção no caminho que o ar tomava pelo meu corpo, parecia percorrer tudo, e a partir dessa sensação outra desencadeava. Comecei a chamá-la de selvageria porque me sentia exatamente desse jeito. Uma força brutal me invadia implorando para ser usada.

A visão das árvores, atrás de Erus começou a desfocar e parecia centralizar em meu alvo: Erus. Sabia que não estava desfocando de verdade, e sim que o meu foco estava em específico; tomando mais uma respiração forte procurei clarear a minha mente, com os olhos apenas nele. Não conseguia ver, mas não era difícil sentir a queimação que vinha do corpo dele. Eu estava sentindo o seu dom e não a pessoa em si. Focada na sensação quente que emanava foi fácil olhar Erus e observar cada movimento seu, de forma lenta conseguia arriscar qual seria o seu próximo passo.

Com os olhos atentos, podia ver que o seu tronco estava pendendo para o lado direito, o que me fazia supor se tinha algum machucado no outro lado que não estava sabendo. Também conseguia sentir a sua euforia para saber qualquer seria o meu ataque e a felicidade que esse momento proporcionava para ele.

Tudo parecia tão presente. Cada poder, sentimento, movimento...

— Você nem está tentando!

Ele tentou desviar minha atenção e me mantive focada. O ar entrava seco em minha garganta e percorria solto em volta do meu corpo, levando meu longo cabelo para trás, não havia nenhum som além das nossas respirações e no meu campo de visão só tinha Erus.

A realidade parecia mais devagar agora e de forma sutil linhas transparentes pareciam compor o Treino como se tivesse sido tecido cuidadosamen-te por elas. Não sabia como conseguia enxergá-la, ao mesmo tempo em que via o terreno em que estávamos. De uma forma estranha sabia que podia puxar qualquer uma. Apenas sabia. Estavam à minha mercê, mas que não funcionava daquele jeito.

Não podia ser qualquer uma.

— Faça uma escolha brilhante!

Uma voz feminina me encorajou, mas não sabia o que ela queria dizer. Não a conhecia, nunca a tinha escutado. E hoje em dia sei que não era Gwynt, e mesmo depois desse dia a voz desconhecida soa em minha cabeça algumas vezes.

Levou alguns instantes para a decisão se tornar fácil. Uma linha parece brilhar mais que as outras, e mesmo hesitante, com os olhos focados, a puxo em um movimento simples e lento, ao contrário do meu movimento que é ágil e limpo, mas não quanto deveria.

A linha, ou a voz, me deu uma ideia do que poderia ter feito, caso tivesse sido mais rápida e confiado quando puxei a linha que se sobressaltava, mas nunca tinha acontecido aquilo comigo antes.

Erus estava em minha frente segurando os meus dois pulsos, uma dor no direito me fez perceber que a lança estava no chão e os olhos vermelhos alaranjados dele me encaravam com uma certa diversão.

— Você foi lenta, Asha. — ele fez questão de ressaltar.

Mesmo presa e sem saída, eu ainda respirava profundamente sem dar bola para mais uma das provocações

de Erus. Tremeluzindo em minha vi-são, as linhas transparentes apareceram de novo, com duas brilhantes desta vez. Precisava escolher entre elas, então limpei minha mente preenchendo o corpo com mais uma lufada de ar... Escolhi a da esquerda, seguindo meu instinto. E como era para ter sido antes, me movimentei rapidamente.

Minha cabeça atingiu a de Erus em um impulso forte e seguro, fazendo-o soltar meus pulsos, cambaleando para trás. Outra linha cintilou, puxei e me abaixei deslizando minha perna nas dele. Assim que seu corpo caiu na grama, em movimentos ágeis minha lança já estava em seu pescoço e logo posicionei um dos meus pés perto da sua virilha.

— E você abaixou a guarda, Erus. Qualquer movimento, ele sentiria dor. Se fosse um inimigo, claro.

Lembrar desse momento espalhou um calor em meu coração gelado. Depois daquele dia, Erus nunca mais abaixou a guarda e os treinos começaram a ficar intensos e eu comecei a ficar mais quebrada também

Foram quatro ciclos apenas focada em minha intuição, e diversificava os dias em que ficava com Oem, que me fazia treinar minha respiração focan-do na intuição draconiana, e com a minha mãe, que me ensinava tudo sobre cura, a que não dependia do seu dom.Em meio a essa rotina, pela primeira vez, Nestor, o Irmão da Luz, entrou em contato comigo. Eu e minha mãe tínhamos uma rotina diária, a qual se constituía em três partes: agradecer, viver e conversar com Nestor. Ela tinha essa mania de dizer que não existia melhor amiga do que nossa fé.

Meu coração realmente acreditava nisso, vivi todos os meus ciclos criando esse laço com o Irmão da Luz, por mais que nunca tivesse tido uma resposta. O que realmente me pegava era realmente a parte de ter fé, de eu ter que acreditar em algo que não vejo, que não sei se realmente existe ou vai acontecer

Sempre me questionei se isso era possível, então eu tinha apenas metade dela até Nestor me visitar por sonho.

Não é algo que posso controlar, mandar uma mensagem para o Irmão da Luz e dizer que preciso conversar. Claro que continuo com a minha rotina, mas ele realmente não vem apenas porque eu quero, e sim porque ele quer.

E naquele momento ele queria que eu encontrasse Tân.

— Você duvida de mim, Asha. — eu queria negar, mas os olhos dourados dele me encaravam com tal intensidade que achei mais seguro me calar. — É, não adianta negar mesmo. — os lábios dele repuxaram com divertimento. — Eu quero que acredite nas possibilidades, Mulher Dragão. Você está disposta a ao menos tentar? — rapidamente, a Asha de doze ciclos concordou com a cabeça, insegura de emitir algum som. — É importante estar disposta. — ele ressaltou bagunçando o meu cabelo e logo apontando para o céu. — Você pre-cisa ir para o Norte. Use o conhecimento que o seu pai te deu e as estrelas vão te guiar para Tân, na floresta. Você vai reconhecê-lo rapidamente.

A conversa foi breve. Ele me guiou para fora do acampamento, me fazendo sair da tenda da minha mãe para me dar as direções e, para me fa-zer acreditar no sonho, eu acordei exatamente na beirada da floresta em que conversei com ele.

Segui as coordenadas de Nestor, segui as estrelas que me levariam ao Norte, o conjunto de sete estrelas que meu pai dizia se chamar de Ursa Me-nor. Uma das poucas coisas que meu pai me deixou: a orientação pelas estrelas.

Encontrei Tân. Um filhote de dragão vermelho em meio à Floresta Norte. O seu porte lembrava de um boi, só que com asas e escamas pontudas descendo pela sua coluna.

Mesmo com medo, o meu clã tratava Tân com devoção e ajudou muito o fato de ele ser muito amigável. Ao contrário dealgumas lendas inventadas, que relatavam dragões baforando fogo em aldeias.

Demorou um pouco, mas com a ajuda do dragão e Erus, comecei a sen-tir o elemento dentro de mim.

Descobri que poderia tê-lo em mim quando controlei Tân pela primeira vez. Ele estava caçando e consequentemente co-locando fogo na floresta toda, foi de imediato. Pedi em voz alta

para que pa-rasse, primeiro foi o dragão que parou de atacar e depois o fogo se extinguiu em uma velocidade anormal.

Logo depois desmaiei e acordei a caminho de algum lugar, a fumaça cinza iria chamar atenção dos Arfenol, então precisávamos nos mudar.

Depois desse pequeno desastre e nos estabilizarmos perto do meandro de Perii, Erus escalou treinos intensos comigo e Tân.

O líder consegue fazer com que o fogo surja em qualquer parte do corpo e não se queima, intensifica alguns golpes combinando com o elemento, porém ele acaba se tornando escravo da temperatura interna ou externa ou os locais, ambos influenciam em seu dom. Enquanto para mim, como humana extraordinária ligada a um dragão, o fogo simplesmente faz parte do meu sistema, assim como faz do de Tân. Consigo sentir ele se acumulando agora em um ponto um pouco acima do abdômen como se fosse no centro do meu corpo.

Um ligeiro fervor habita em mim.

Conseguia senti-lo arder e depois de ciclos de treinos e incêndios, consegui domar o elemento. Até que aos quatorze ciclos o Senhor da Luz me guiou até Gwynt, um pouco maior da versão filhote de Tân. Acredito que possuem o mesmo tempo de vida ou alguns ciclos de diferença, mas nunca entendemos como funciona o crescimento de um dragão. Eles crescem em dias, enquanto nós em ciclos.

— Existem coisas que realmente não precisam ser compreendidas, e sim sentidas. — Nestor me disse. — Desta vez, doze estrelas te guiam para Gwynt.

Carina, era esse o nome do conjunto que o meu pai ensinou. Se usasse um pouco a imaginação conseguiria ver que ela parece uma foice. E seguindo a indicação de Nestor, encontrei o dragão branco, que lembravam uma enguia, porém com asas e uma pelagem roxo claro descendo por toda a sua coluna.

Descobrir mais sobre Gwynt foi outra aventura, e como poderíamos combinar nossos ataques e aprender a dobrar o ar com ela. Não parece tão fácil porque realmente não é.

Assemelhar e comparar os dois elementos fazia com que nada além de fumaça cinza saísse das minhas mãos. Foram dias usando o dom e treinando com os dragões e Erus, realmente não sabia como fazer com que o ar fluísse por mim como acontecia com o fogo. Eu estava frustrada e mesmo assim me obrigaram a comemorar mais um ciclo do meu dom.

Do que adiantava fazer quinze ciclos, se não conseguia fazer o ar me obedecer?

A comemoração já tinha acabado, várias pessoas bebendo, comendo, dançando e festejando em nome do meu dom. Enquanto eu estava emburrada, fugi ao perceber que os adultos já conseguiam ver mais do que uma Asha. Estávamos a Oeste da Cidadela do Arvoredo, perigosamente perto da Ilha da

Fissura, e sempre procurava me embrenhar na floresta com a respiração profunda presente para que pudesse pressentir qualquer movimento divergente no local.

Tân e Gwynt estavam na maior parte do dia ao meu lado, então com um pouco de cuidado conseguiram se colocar entre algumas árvores ao mesmo tempo que derrubaram algumas outras com os seus tamanhos já quase ultrapassando a minha altura. Gwynt conseguia ser mais delicada por conta do seu corpo, ao contrário de Tân, sempre era uma luta um pouco maior com ele.

— Já se passou um ciclo e a única coisa que sei é que posso ficar invisível como Gwynt, mas mal consigo fazer uma folha flutuar.

Tinha roubado uma pequena dose de laranja fermentada, como se ver quatro dragões ao invés de dois fosse me ajudar em alguma coisa. Mas a ideia de me concentrar em qualquer outra coisa era bem reconfortante.

— O ar faz parte de você assim como o fogo.

Gwynt tentou me explicar pela milésima vez enquanto eu virava mais uma golada e passei o pequeno recipiente para Michii. Quando ambos está-vamos livres, passávamos tempo juntos desde do pequeno incidente. Não nos separamos e então, pela primeira vez tinha um amigo que acabou virando o meu melhor amigo daquela época.

A luz do luar iluminava sua pele morena e destacava os fios prateados do seu cabelo. O seu dom era a verdade e isso era quase insuportável porque você nunca realmente entendia quando o poder era utilizado, as palavras eram ditas como enigmas, que acabavam gerando mais indagações suscetivelmente.

— Ficar invisível é uma coisa bem legal! — Michii se animou antes de virar o recipiente.

Apenas bufei em resposta observando a folha logo à minha frente. Podia desejar, imaginar, orar, implorar e ela nem se mexia. Michii realmente não se importava com o meu comportamento ligeiramente introvertido, pois manteve o sorriso divertido no rosto enquanto a folha começou a queimar.

— É quase isso que tem que fazer com o ar. — Tân sussurrou na ligação, podia sentir o seu pequeno divertimento com a situação.

Descartei aquela folha e voltei a atenção para outra.

— São elementos diferentes — acrescentei sem tirar os olhos do pequeno objeto e me pus de pé a fim de sentir o ar, como Gwynt me receitou. — O fogo mais urgente, mais fácil de atirar enquanto o ar parece resistir a mim. Movimentei as minhas mãos fazendo o ar passar por entre meus dedos e me concentrei em fazer, refazer e refazer o movimento, concentrada em senti-lo.

— O fogo resistiu a você no começo.

Tân me lembrou e assenti com a cabeça lembrando que apenas conseguia fazê-lo sair com o estalar de dedos. Era resistente e parecia não querer compartilhar do seu alimento comigo. Ou simplesmente começava a incinerar qualquer coisa que visse na frente. Eram dois extremos que não conseguia controlar bem.

— Eu não o entendi no começo porque não entendia você — expliquei me lembrando dos nossos primeiros treinamentos. — Você é hiperativo, clama por ação e é tão urgente como o fogo. Vocês combinam.

— Tão urgente como o seu instinto protetor.

Parei o movimento abruptamente ao escutar Michii e Tân falarem juntos. Encarei os olhos do dragão e os verdes do meu amigo.

Realmente tinha um instinto protetor aguçado, graças à minha mãe.

— Verdade. — as palavras saíram assim que voltei a atenção à folha.

Se o fogo tivesse uma representação dentro de mim, provavelmente o ar também tinha. Só precisava descobrir o que era. Então silenciei minha mente e respirei fundo. Existia uma parte do dom que já dominava bem e iria usá-la para achar.

Assim como comecei a respirar profundamente, coloquei minha mente em transe focada na respiração, me permitindo sentir o ar entrando e saindo dos meus pulmões. Era leve, simples e sutil. Não deixava rastros e preenchia sem dificuldade, era parte de mim e vivia em mim desde sempre.

Quantas vezes essa sensação de leveza me preenchia quando me concentrava em uma das três respirações, entretanto em nenhuma delas realmente senti a sensação que o ar trazia junto de si.

Senti o vento soprar os meus cabelos, me abraçar e depois pairar em volta de mim, suspenso, como se fosse uma espécie de escudo. Não escutava nada e nenhum cheiro invadiu minhas narinas, só sentia a minha presença e a do ar.

Sem Michii, Tân e Gwynt. Nenhuma das suas indagações. Apenas nós dois em uma espécie de mundo separado da realidade. O sentimento era pleno e ameno, algo constante, sempre presente como o ar em minha vida.

— Como a sua fé.

A resposta veio de uma voz do além, desconhecida. Uma sensação quente passou pelo meu corpo ao escutar a referência àfé. Era verdade, ela não era inteira, porém, era sempre presente e viva dentro de mim desde mais nova. E nunca trazia um sentimento pesado, e sim sempre leve e sutil, além de ser fá-cil de sentir, conviver e querer mais, assim como o ar para qualquer ser vivo.

O sentimento quente se tornou uma leve urgência, uma queimação no abdômen com a empolgação da descoberta, então apenas impulsionei-a de leve fazendo o escudo de ar se mover ligeiramente para longe de mim. Logo fiz o fogo irradiar de mim, forte e potente, e parou nas paredes invisíveis projetadas.

Um sorriso se formou em meus lábios e conseguia sentir a mistura dos elementos naquele mesmo ponto. Uma ardência urgente e um frio apaziguador se faziam presente correndo por todo o meu corpo, parecia que a selvageria agora tinha companheiros. Só precisei relaxar o corpo, procurar o ponto de equilíbrio enquanto palavras da minha mãe foram trazidas de forma convidativa pelos elementos:

— Precisa acreditar mais na Mulher Dragão.

E foi o que fiz desde então.

A Mulher Dragão.

Deixei minha mão esquerda percorrer as costas do meu ombro direito, desenhei aquele símbolo enquanto o nome ressoava em minha mente cau-sando uma certa familiaridade em mim.

Parecer com os dragões nunca foi algo ruim para mim, na verdade realmente sinto que sou como eles. Bom, pelo menos metade de mim tenho certeza de que é. Minha outra mão percorre minha têmpora direita vermelha até a lateral esquerda do meu pescoço.

Assim que me familiarizei com o dragão e consequentemente com o elemento, uma coceira se instalou nesses dois lugares e ao ver meu reflexo em algum pote de água conseguia ver escamas nascendo. Escamas da cor de cada dragão.

Elas agregavam em meu rosto anguloso e destacava perante ao meu cabelo preto e olhos castanhos dourados. Na têmpora direita as de Tân se faziam presente, um vermelho forte contrastando coma minha pele branca, e na lateral esquerda as escamas brancas levemente roxeadas representando Gwynt. Elas são ásperas ao toque como quando acaricio eles, e

geladas tam-bém. Mas vê-las ou senti-las sempre me transmitia segurança e aconchego.

— Vamos festejar.

Essas palavras me tiraram do meu transe particular. Mais uma vez estava estranhamente com os olhos fixos no fogo enquanto em minha mente passa-va diversas lembranças do passado. Não amaldiçoo Erus por ter me trazido de volta ao presente, mas também não respondo, apenas direciono um sor-riso contido que sei que conhece bem. Era um sorriso que não chegava aos olhos, não significava nada, só queria dizer que ficaria fora dessa e sabia que ele ficaria de olho em mim pelo restante da noite. Não deixo de me questio-nar que talvez ele também tivesse visto aquela parte de mim, a que realmente queria cair naquele abismo.

Confesso que mesmo depois da pira queimar não reparei o momento em que me sentei e deixei o dia ser levadopelas memórias do passado e mesmo assim aquele abismo... Ele ainda está presente em mim como minha própria alma.

Apenas esperando a grande queda.

Estava sentada no mesmo tronco, no centro do nosso acampamento, desde que deixamos o local do funeral. E uma das nossas tradições Aliar é festejar a vida de quem morreu. E, pelo menos por uma noite iria fazer isso por ela, mesmo que fosse desse jeito torto.

Seria apenas uma noite.

Toquei na pedra pendurada em meu pescoço. Cora dizia que aquela pedra verde era um vestígio de que tudo foi real, pois foi tocada pelo poder do Senhor da Luz no dia da Grande Batalha. E minha mãe sempre foi um dos membros mais devotos a um dos Irmãos Celestiais. O outro irmão, Senhor das Trevas, tinha os seus crentes cobrindo o extremo Norte do Treino Nefir.

O nosso pequeno clã tinha perdido a fé e a esperança há tempos. Minha mãe foi a única a passar a devoção para mim enquanto os outros pais não faziam questão. A grande questão era: como poderiam existir Seres Celestiais e deixarem que essa perseguição acontecesse? Não fazia sentido algum.

Eu concordava em partes, na época. Tenho alguns questionamentos ainda, especialmente hoje.

Entretanto, aos meus seis ciclos, após a minha Cerimônia do Dom, passamos a reviver a única história conhecida dos Irmãos Celestiais, a Grande Batalha, e sempre à noite em volta da fogueira. O povo parecia arder com a fé e a esperança. Tínhamos apenas isso depois do Rei Rimas ter queimado qualquer possível registro depois desse evento.

Calafrios passam pelo meu corpo toda vez que falo ou escuto o seu nome.

Rimas.

Vinha uma sensação estranha como se tivesse algo de errado com aquele Rei.

— Conheço esse olhar. — Axía sentou ao meu lado no tronco de árvore. — E essa pedra também. Essa relíquia foi abençoada pelo próprio Senhor da Luz.

Aquela história de novo. Já sabia ela de trás para frente, mas minha cabeça já tinha começa a latejar, seja por conta de tanta memória revivida ou por causa da Exaustão dando um aviso.

— Hoje foi um dia difícil, Asha.

Gwynt tenta me tranquilizar.

Diferente de mim, os dois estão no meio do clã se esbanjando do banquete pessoal deles. Não existia a possibilidade de dividir comida com eles. Uma parte de mim agradece imensamente o espaço que me deram hoje, porém outro clama por eles. Estar junto deles. Suas vozes em minha cabeça fazem falta.

— Conte de novo — encaro os olhos azuis-piscina, que se destacavam com o seu tom de pele, que sempre passava calma lembrando do céu noturno. — Sobre a Grande Batalha.

Precisava manter minha cabeça ocupada nem que fosse com histórias antigas, as quais nem sabia se realmente aconteceram. Independente da ve-racidade, faria com que minha mente divagasse para longe do presente e era isso que precisava.

— Você sabe que muita coisa se perdeu após a Grande Batalha. — ela ressaltou antes de contar apenas o que sabia. — A Grande Batalha foi entre os dois Irmãos Celestiais, eles disputaram o Reino Nefir enquanto vulcões entraram em erupção, terremotos, redemoinhos e entre outros efeitos naturais aconteciam. Diz a história que o Senhor da Luz, Nestor, aprisionou o Senhor das Sombras, Cig, onde ninguém pode chegar a pé, e o lugar foi pro-tegido pelos dragões mais poderosos da época, até que deixaram de existir. Nunca vimos dragões até Tân e Gwynt. — Axía levantou um olhar gentil e esperançoso para os dragões que se deleitavam com as corças que caçamos no dia anterior. — Ao prender Cig, Nestor liberou o seu feixe de luz pelo Reino atingindo aqueles de coração quebrantado, dando dons para esses seres para que assim protegessem o Reino contra qualquer ameaça. Esse último ato custou a sua vida, mas dizem que sua essência habita um Dragão Dourado agora, por causa de uma maldição desconhecida — finaliza a história sem muita empolgação. — Existem espaços em branco nessa história, algo como: seres ordinários poderiam sequer sobreviver à revolta da natureza? E assim viraram extraordinários? Nestor foi realmente derrotado, afinal? E Cig está aprisionado mesmo?

Assim que Axía fazia as suas indagações, comecei a formar as minhas em minha mente. Saber que Nestor nos deu dons com um intuito era bom, fazia com que sentíssemos que pertencíamos a alguma coisa maior. Mas como ele acredita que podemos salvar o Treino se nem ele mesmo, o próprio Senhor da Luz, não conseguiu? Eles eram irmãos...

— Por que eles lutaram? — questionei em voz alta. — vi Amy e Michii brincando e brigando como irmãos, mas nunca lutarem. — As vozes ao meu redor se tornam muito altas de repente. — Lutarem para se matarem.

Minha pele está arrepiada dos pés à cabeça, de uma forma que chega a doer como pequenos espinhos sendo apertados contra a minha pele. Essa sensação é nova, mas não a compreendo. Emoções e sensações geralmente significam algo, sempre vinham acompanhadas de algo. Aprendi isso com os

dragões e a intuição que me foi dada. Nada jamais significava nada.

— A verdade é oculta para mim, porém Oem me contou certa vez que sente amor e ódio nessa lembrança e, por algum motivo, nunca conseguiu acessá-la.

Talvez essa história deixasse várias perguntas, mas era bom pelo menos ter um passado com o qual pensar às vezes. Essa história nos foi contada desde pequenos, principalmente aos seis ciclos, quando descobrimos o nosso dom na Cerimônia do Dom.

Durante esse período sofri diversas provações. E uma delas era ser diferente do restante do meu clã. Os Aliar nascem com cores únicas em seus olhos e acompanhavam marcas únicas, as quais têm a intenção de explicar o seu dom e suas peles são naturalmente bronzeadas, alterando por alguns tons como mais escuros e não claros como os Arfenol. Eles possuem a pele pálida e sem marcas, e seus olhos oscilam entre pretos e castanhos.

A grande diferença entre mim e as outras crianças, seria quase tudo, se não fosse pelo tom dourado que circundava a minha pupila e irradiava. Essa sutil diferença foi fonte da minha grande esperança de não ser Arfenol.

Mesmo assim eu não me encaixava.

Visivelmente, eu ainda parecia mais com um Arfenol do que com um Aliar.

Estar com a minha mãe, Erus, Oem ou Axía sempre foi fácil, mas não com as outras crianças. Isso sempre foi difícil. Preferia a natureza a elas. De alguma forma, mesmo antes de ter sido amaldiçoada, sempre pertenci mais às árvores, mar, animais do que aos Aliar em si. E a maldição apenas dificul-tou ainda mais o processo de me aproximar do restante, de ser normal.

Depois de ciclos embrenhada nas árvores, conversando minimamente com o restante — além do total de três pessoas que confiava —, e um deslize de cair da provocação de uma das crianças resultando em quase sucumbir à maldição. Eu queria ferir aqueles três garotos mesmo sabendo que só dois eram

culpados. Seria capaz de tudo para quem resolvesse tocar em um as-sunto: meu pai.

Sempre foi um assunto frágil para mim, afinal minhas memórias eram inexistentes, apenas a de ele me ensinando sobre as estrelas, e mesmo nessa lembrança, meu pai não tinha um rosto, e até hoje é desse jeito.

Nesse quase ataque aos menos, o único que não era culpado procurou acalmar a garota que apontava a lança e mostrava os dentes como um animal ameaçado. A partir daquele momento um garoto disse:

— Eu sei que você não é assim, mas é assim que querem que te enxerguem. Está tudo bem.

Palavras simples que me fizeram desmoronar. Os outros dois garotos tinham fugido assim que o outro tomou a frente. Mal sabia que naquele momento tinha conhecido o meu melhor amigo, Michii, e enfim consegui entender a maldição: raiva, angústia, medo, rejeição, desprezo, ódio, vingança, inferioridade, inveja dentre outros são sentimentos que me cegam. São sentimentos capazes de despertar o meu pior lado.

Tudo começa com o formigamento no centro das palmas das minhas mãos, e se instigado, logo se espalha pelo meu corpo como uma grande onda de escuridão, dominando dolorosamente. Como mais cedo, caso eu ceda a essa sensaçãopoderosa sinto que realmente posso fazer e tomar o que bem entender.

— Não tem como tirar essa maldição de mim... — minha pergunta ficou perdida no ar, assim como o fiapo de esperança em que ainda me seguro.

Não consigo vê-lo, mas se me concentrar posso sentir. Concentrar.

Eu realmente não queria isso agora.

— Você sempre traz uma coisa nova, Asha. Mas em nenhum dos pergaminhos sobreviventes têm algo sobre essa maldição.

Apertei os meus lábios em uma tentativa de segurar o choro, mas logo soltei o ar preso, querendo jogar tudo para cima até sentir uma pontada no ombro direito. Exatamente onde a

marca se encontrava. Duas pontas opostas que se uniam e convergiam juntas em um redemoinho. Era apenas isso que as pessoas me falavam, nunca soube com exatidão a sua forma.

Essa dor aparecia sempre quando dava mais evasão para as emoções que me cegavam. Como um lembrete, porém, a ignorei todas as vezes. Nunca a entendi e não sabia o porquê de só eu ter aquela marca, e minha mãe enten-dia tão pouco quanto eu, assim como a maldição. Não entendia o significado de ambas.

Aquele fiapo de esperança parecia estar entrelaçado entre os meus dedos e estava frouxo comparado aos dias anteriores. Essa marca era mais uma verdade que me distanciava dos outros, mais uma diferença. Era fácil ver o fiapo se desenrolando dos meus dedos.

— Essa marca — falei em voz baixa enquanto agarrei a ponta daquela esperança. — Por que a tenho?

A anciã pareceu ponderar a minha pergunta, seus cabelos grisalhos com-pridos caíram pelos seus ombros e seus olhos pareceram varrer em nossa volta, se certificando de que não tinha ninguém por perto talvez.

— Sua mãe não queria pesar mais os seus ombros, Mulher Dragão. — um frio percorreu a minha coluna até fincar em meu estômago. — Mas é uma marca de Criaturas Desconhecidas. Graças ao Rei Rimas perdemos muitas informações do nosso passado e acredito que talvez pudessem explicar essa sua marca.

— Criaturas Celestiais — levantei a sobrancelha ao mesmo tempo em que ela deu de ombros. Não fazia ideia do que seriam essas criaturas. — Então você não tem ideia do que seja?

Mais uma vez os seus olhos procuraram por ouvidos enxeridos.

— A única coisa que sei é que a primeira pessoa que apareceu com essa marca foi uma menina da sua família, seu nome era Salang e ela dizia que recebeu a marca na Grande Batalha, e que era para a portadora do dom dos dragões, e foi enviada diretamente pelas tais Criaturas Celestiais. — Axía respirou fundo enquanto revivia a memória da minha bisavó.

— Que Criaturas Celestiais seriam essas?

Axía passou a mão em meu cabelo, um gesto materno, mas sabia que estava fazendo isso para tentar acalmar a minha mente, de algum jeito.

— Não há registros de nenhuma dessas criaturas. Só existem os Irmãos Celestiais, Asha.

Escolhi encarar os dragões enquanto minha mente tentava imaginar essa parente minha. Mal tive a chance de conhecer minha avó e muito menos alguém antes dela. Só escutava histórias, porém ninguém me contou sobre uma marca que Salang carregava consigo e o porquê.

A verdade é que as histórias do passado me deixaram mais perguntas, e passava de apenas uma divagação para “fugir do presente para coisas a ques-tionar”.

CAPÍTULO 3

Seria incrível se minha mente apenas parasse ou o meu corpo não gritasse por adrenalina com cada fibra do meu ser, e simplesmente dormisse. A Cidadela do Arvoredo fica ao extremo Leste do Treino, onde estávamos no momento, e a Cordilheira de Bico Fino fica para o Sul. Sabia que tínhamos uma boa caminhada pela frente, mesmo assim o sono não ameaçou nem fazer cócegas.

— Você acredita que Nestor virou mesmo um Dragão?

A voz de Tân faz com que a minha mente pare de visitar lembranças mui-to bem guardadas ou de reviver o dia infeliz que tive, e comece a pensar em sua questão. Lembro de Axía contando mais cedo. Se Nestor é tão poderoso como diziam que é, e ao prender Cig acabou se exaurindo, assim seu espírito habitou um Dragão Dourado, então porque não acabou com Cig de uma vez por todas ao invés de apenas prendê-lo?

— Ele é um Ser Celestial, ninguém entende as decisões deles.

Gwynt defendeu o Irmão Celestial.

— Bom ponto.

Acenei com a cabeça e voltei a separar as ervas da minha mãe.

— Tanto poder pode custar muito também. Só não faço ideia do que exa-tamente...

Ela continuou elevando a conversa para um nível de pensamento que a minha mente estava bem longe e sem vontade alguma de alcançá-la. Na verdade, nem Nestor estaria. Nas poucas vezes que o vi, ele não apresentava o ar de sabedoria de Oem, e sim de alguém alheio ao que realmente estava acontecendo, sendo apenas um pombo-correio para transmitir mensagens exatas, como as que me mandou.

— Ele parece ser meio...

Comecei a tentar explicar e Tân completou:

— Perdido? Adora falar sem falar algo de verdade?

Tân já se encontrou com Nestor, assim como eu e Gwynt, mas não está-vamos juntos.

Nestor parece um ancião pelas formas que fala e não pela sua aparência, sua pele não é tão machucada pela vida como a de Oem, é mais jovem neste aspecto. Seus cabelos são loiros, escuros como areia e vão até um pouco abai-xo das orelhas, mas para mim o que realmente chama a atenção são os seus olhos levemente puxados para os lados. Nunca tinha visto alguém com esse formato de olhos em toda a minha vida. Nestor parece ser um cara brinca-lhão, que às vezes fala mais sozinho do que com você e quando fala não são informações completas.

E nada disso realmente ajuda a vê-lo como um dos Grandes Irmãos Celestiais que ele é ou o poder que ele teve e nos deu, e em nenhuma das vezes que o vi estava como um Dragão Dourado.

Entretanto, ele acertou em cheio o momento para colocar os dragões em minha vida, já que desde então só presenciei perdas.

— Michii e Cora estão juntos agora e estão protegendo você, seja lá para onde vão depois da vida.

Agradeci Tân pela ligação. Ele estava do lado de fora da tenda junto com Gwynt, já que não cabiam dentro. O meu objetivo é achar uma caverna para que possam se proteger melhor.

Não demorou muito para me convencerem a dormir um pouco, depois ter juntando todas as ervas curativas que Cora tinha deixado para mim. Usei a respiração lenta para relaxar o meu corpo e ambos relaxarem os deles em seguida. Sabia que eles só dormiriam depois de mim, mas dormir não era algo possível porque meu corpo parecia querer exatamente o oposto.

Mesmo usando a técnica para enganá-los, não levantei como pretendia. Mantive os olhos fechados em busca daquela sensação de mais cedo, a que Amy me presentou. Procurei pela

paz, pela coragem que correu pelo meu corpo ao sentir suas mãos quentes.

Nada.

Ao contrário daquele momento, eu me sentia gelada por dentro. Vazia.

Depois de ciclos sendo acordada por Erus, eu sabia o momento em que vinha nos acordar, mesmo em situações isoladas como as viagens. Deitei exa-tamente onde fingi dormir para os dragões.

Passei a noite pensando, em certo momento peguei as ervas mais co-muns, que conseguiria achar no caminho e as joguei no ar e o fiz levar para o Oceano Rae. Para longe, saciando uma parte de mim que queria simples-mente tacar fogo na tenda inteira. Depois levei um amontoado de peles um pouco mais longe, assim que enfiei minha cara no meio. Gritei até a minha garganta implorar para que parasse.

Gritei um pouco depois também, enquanto meu rosto se molhava. Assim que me recuperei, ocupei o meu espaço ali. Se Tân ou Gwynt per-

ceberam, não falaram e o sol se fez presente juntamente com Erus.

— Pegou tudo que possamos precisar?

Acenei com a cabeça. Talvez o instinto da minha mãe estivesse certo ao dizer para ela me passar esses ensinamentos. Afinal, agora a única possível curandeira do clã seria eu, o que acabava me tornando líder desse departa-mento. A vida de mais trinta pessoas pesou em meus ombros.

Erus me ajudou a desmontar a minha tenda e depois ajeitar as peles. Graças aos dragões, conseguimos carregar mais do que ousávamos transpor-tar em momentos peregrinos como esse.

— Vamos. — Erus ajeitou as últimas trouxas. — Nosso grupo já vai sair. Ir embora do último lugar em que estive com a

minha mãe estava me desmoronando lentamente, mas ninguém parecia perceber isso. Apenas Tân e Gwynt realmente sabiam do furacão dentro de mim, que parecia me em-purrar cada vez mais para perto daquele abismo. Em contrapartida, presen-ças fortes e familiares impediam que isso acontecesse.

Eu não queria que ninguém realmente soubesse.

— Asha...

— Posso ir no último grupo? — interrompi os dragões.

Eles iriam querer falar sobre e eu não queria. Não queria falar com nin-guém, por enquanto.

— Preciso de um tempo sozinha.

Disparei as palavras como uma súplica invisível para quem não me co-nhecesse. Empurrei o nó que surgiu em minha garganta. Eu extravasei tudo ontem e se precisasse fazer de novo, seria na calada da noite novamente.

— Tá bom. — ele cedeu e depois ergueu os olhos para os dragões. — Me avisem se precisarem de algo.

As suas últimas palavras foram pesadas e pareciam muito bem plane-jadas, busquei os olhos vermelhos e roxos para obter resposta, mas só os vi concordar como soldados. Eles não me dariam uma resposta e parecia justo, já que eu também não queria dar abertura para conversa alguma.

A caminhada seria longa.

As noites pareciam tão difíceis como os dias.

O meu grupo tinha dez pessoas, comigo e Axía inclusas. A anciã mudou de grupo de último momento, o que não me deu muito oportunidade fugir das diversas tentativas de conversa durantes os últimos quatro dias. Assim como Tân e Gwynt, a minha dispensa já estava saindo tão fácil da minha boca que me sentia um pouco culpada pela fuga de sempre. Durante as caminha-das, dizia que estava treinando a minha intuição draconiana, e nas horas de descanso, ao invés de comer ou beber água, acabava em um sono perturbado e curto, custando

as minhas noites em claro, as quais fingia dormir para de-pois encarar as estrelas ou pegava o turno para ter algum crédito.

Não conseguia enganar ou repelir Tân e Gwynt como fiz com Axía, afinal os dois são parte de mim e não existia a possibilidade de não ser. Talvez se eu pulasse...

— Está acordada de novo?

Desta vez não fingiram não ver o meu novo esconderijo nos galhos. Às vezes achava algum, dependia de quanto avançávamos durante o dia, mas até a Cordilheira de Bico Fino existia pouco mato e mais planícies amplas de uma grama dolorosamente verde, do tipo que me lembrava olhos e dom específicos.

Era impossível não lembrar da minha mãe.

Assim como olhar para as estrelas me lembrava o meu pai, mas essa dor já estava calejada. As pequenas lembranças do homem entendedor de estre-las eram mais fáceis de suportar do que a da mulher sagaz, curandeira e em-pática.

— Sem sono.

Menti mais uma vez. Mesmo sabendo que provavelmente eles soubes-sem.

Era melhor do que explicar o motivo. Dizer que dormir não era seguro para mim, que há quatro dias os pequenos momentos de sono são domina-dos por memórias intensas e vívidas demais para serem revividas todas as noites.

O peso dos sonhos se estabeleceu bem no meio do meu peito e às vezes era empurrado até a minha garganta, ameaçando sair, gritar para todos que a verdadeira culpada sou eu. Querendo arrancar cada parte de mim para que não restasse nada.

Como se restasse algo para ser levado.

— Então vamos te fazer companhia.

Tân entrou na conversa com o seu jeito alegre e único. O calor e a leveza aqueceram tão rápido o meu peito como foram embora. Meus braços esta-vam dormentes já havia um tempo e agora começavam a pesar.

Me lembravam tanto eles.

Minha garganta se sufocou em instantes enquanto eu lutava para empurrar, empurrar para longe aquela familiaridade que eles me causavam. Eu não merecia sentir conforto algum.

Precisava me proteger daquela sensação, que me devastaria. Precisava erguer um muro e foi o que comecei a fazer, mesmo sabendo que poderia me arrepender. Estava erguendo o mesmo muro que Michii desmontou pouco a pouco junto comigo.

A lembrança veio; seus olhos cianos cravados em mim. Mesmo com medo, ele queria me transmitir coragem. Ele estava tão preparado para o que viesse, e eu estava tão impotente, podendo apenas ver a vida se esvair daque-les olhos que me ampararam tanto.

— Não importa o que faça, Asha. Mas você precisa ouvir, sentir, viver.

Você é o centro. Eu acredito nisso e aceitei meu multum... Por você.

Por mim.

— Por sua causa, Asha.

O abismo sussurrou com uma voz sedosa. Não me importava de onde vi-nha, apenas sabia que essa era a verdade. A única voz que ousava dizer a ver-dade para mim, a verdade que vejo em olhos de muitos e que jamais são ditas.

As lágrimas escorriam, mas continuei erguendo o muro, mesmo que as lembranças me invadissem sem dó.

— Você é tanto, Asha, e nem sabe. — o sorriso da minha mãe era triste, os seus olhos cor de grama não brilharam como de costume. Seu último olhar foi para mim, assim como as palavras sussurradas: — Precisa acreditar mais na Mulher Dragão.

Acreditar na Mulher Dragão só me trouxe uma coisa: dor.

Talvez ela tenha alucinado ao dizer aquilo, afinal, foi por causa dessa mi-nha parte que ela estava morta.

— A culpa é sua, Mulher Dragão.

A voz disse de novo e eu aceitava aquela culpa. Se eu não fosse a tal elei-ta, com certeza Samael estaria caçando outra pessoa e Michii e Cora ainda estariam aqui.

Ergui mais o muro.

— Asha!

A voz masculina me chamou, mas ignorei ao ter a visão dos dois ainda vivos. Sem título dado por Seres Celestiais. Seríamos apenas felizes. Todos juntos. Isso bastaria.

— Asha!

Desta vez foi a voz feminina, só que já estava longe demais e quando terminei de erguer o muro, eles pararam de me chamar. A realidade era ou-tra e precisava proteger as pessoas em minha volta e me isolar parecia a única solução plausível. Cora e Michii tinham morrido e a única culpada sou eu. E mais ninguém.

Todas as noites acordei praticamente sem força e ar, e com o formiga-mento intenso. Estava sendo um peso morto tanto na caminhada como em incentivo, e consequentemente arrastando ainda mais o último grupo. Eu ti-nha plena consciência disso, mas simplesmente não conseguia me importar. Também sabia que Cora não estaria nada feliz com o jeito que estava levando a minha vida. Só que, de novo, não me importava.

Como há dez dias atrás, o abismo continuava aberto, só que maior do que antes e me encontrava sentada na beirada tendo uma conversa frequente com aquela voz sedosa.

Tudo parecia cada vez mais intenso. Meu corpo estava hipersensível a tudo, graças aos sonhos, os quais não paravam de jeito nenhum, e depois do sétimo dia, eu não me importava mais de revivê-los.

Poderia pedir ajuda, mas meu corpo e sentimentos pediam silêncio. Es-tava, de certa forma, satisfeita com o vazio dentro

de mim. Então eu mergulhei em segredo, mesmo quando minha intuição parecia gritar por ajuda.

— A culpa é sua.

No décimo quinto dia em que acordei pingando de suor parecia não exis-tir nada além de mim e aquele lugar sem fundo. Por mais que tenha pulado, sabia que não estava em queda livre, e sim apenas suspensa um pouco abaixo da beirada. Presenças fortes e amigáveis me seguravam. Mas não importava, uma hora elas cansariam. Essa era a única esperança que eu tinha.

Não existia vontade alguma de ouvir, sentir, viver. Apenas de ser solta por aquelas presenças.

Além dessas duas, também havia uma forte presença do abismo que ameaçava me dominar depois que mergulhei. Uma parte de mim gritava e ansiava por isso, ao mesmo passo em que outra pedia para contra-atacar com todas as minhas forças, que eu ignorava de bom grado.

Eu precisava saber lidar com isso sozinha e sabia, mas jamais ultrapassei esse ponto. Nunca tinha ousado pular no abismo. Meu corpo parecia apenas existir como minha consciência, via as árvores passando em cima de mim, sentia o cheiro úmido da floresta, mas sem força em meus braços e pernas, onde o formigamento estava intenso.

— A culpa é sua.

E desse cargo que nasceu comigo. Lembrei da história de Salang, que Axía me contou e a odiei com cada espaço do meu ser. Como algum familiar deseja algo desse tipo para alguém da sua família?

Eu queria gritar e tirar satisfação com ela. Com Nestor, que permitiu. Para um Senhor da Luz, ele sabe muito bem como trazer muitas sombras para a minha vida.

Sem mais noção de quantos dias tinham se passado, pela primeira vez realmente acordei. Com a garganta doendo ao gritar para o céu estrelado com lágrimas nos olhos, mas sem movimentos pelo corpo todo. Não sabia até quando iria aguentar, mas gritei e chorei com todo o resto de energia que

existia, enquanto todos os sentimentos aprisionados eram derramados altos e parecia não ter fim.

— Por que tirou tanto de mim? Pensei que tínhamos um vínculo, mas como faz isso com alguém que diz se importar tanto? — as palavras saíram em meio aos soluços, quase impossível de ser discernidos. — Eu os amava tanto e me foram tirados... Se ser a eleita é preciso perder todos, eu não quero mais!

— Asha, pare. — Axía se ajoelhou ao meu lado, acariciando o meu rosto de uma forma afobada e desesperada. — Shi... Por favor. — ela implorou bai-xinho. — Va-vai ficar tudo bem.

— Apenas tire esse peso de mim...

Minha súplica foi um sussurro.

Seus olhos azuis-piscina piscaram com surpresa e sua mão se demorou desta vez. O que eu tinha pedido era algo impossível de ser feita por ela, por alguém que perdeu o filho tão jovem... Amor materno, era isso que ela tenta-va transmitir e senti uma marretada no muro.

Não houve tempo o suficiente para absorver aquele sentimento quando outros gritos ressoaram. Misturando medo e caça. Estávamos sendo atacados.

O corpo de Axía assumiu um instinto protetor ao segurar meus braços, olhou sobre o ombro enquanto os gritos aumentavam e um rugido surgiu dentro de mim, aquela sensação familiar roçou a parede do muro.

Eu queria ajudar!

Consegui ver fogo e redemoinhos brevemente, mas ainda aprisionada na minha própria fortaleza. Vítima de mim mesma.

Algo quente e gosmento atingiu uma parte do meu corpo e a ideia do que seria aquilo fez com que minha mente paralisasse em busca de todo o treina-mento que tive, mas estava do outro lado do muro. Esmurrei, bati meu corpo contra aquela parede ridícula.

— Ali, a Mulher Dragão está ali! — consegui escutar antes Axía chamar os dragões.

Não precisei ver para entender quem estava ali. A presença deles era úni-ca e distinta das outras.

Bati de novo, chutei e gritei contra aquela pedra idiota logo à minha frente. Uma risada ressoou em minha mente e rugi de volta.

— Levem-na. — Axía pediu e gritei em resposta. A resposta da anciã com pele obsidiana foi um sorriso seguido de: — Apenas *viva,* Mulher Dragão.

CAPÍTULO 4

Viva. Como é que depois de ver tudo que aconteceu, Axía podia me pedir isso? A resposta ficou ausente enquanto sentia dentes pegarem minha blusa surrada e ser arrastada para longe por Tân.

Sabia quem era porque vi Gwynt ao lado da anciã que se manteve firmemente de costas para mim. Não pude ver o seu rosto tão familiar, então gritei para que me olhasse. Vi que seu corpo hesitou e tentou disfarçar acariciando a domadora do ar enquanto dizia algo, Gwynt logo deslizou pelo ar em nossa direção.

A distância fez com que o meu campo de visão aumentasse e consequen-temente ver o resultado do ataque Arfenol. Cabelos prateados com as pontas esverdeadas estavam espalhados pela terra com o próprio sangue cobrindo uma boa parte deles e da grama. Olhei em busca do seu peitoral, mas ele não estava lá. Uma de nós estava deitada no chão com a sua cabeça longe demais do corpo.

Controlei os gritos para dentro de mim. Sabia que esse escândalo só iria chamar atenção indevida ou não, mas não arriscaria mais do que já tinha feito. Eles nos acharam por causa do meu grito.

A visão ficou embaçada enquanto tentava olhar para o resto do terreno. Mas eu só conseguia pensar naquele corpo. Poderia não ser tão boa com no-mes, porém conhecia aquele cabelo. Era específico de uma menina do mes-mo ciclo que eu.

No fundo, eu só pensava em uma coisa. Mais sangue na terra.

Forcei respirações lentas em minhas emoções enquanto desviava a aten-ção para ver ao redor. Conseguia sentir o desespero vindo de todos os lados, entretanto havia o desejo de sangue, uma fúria em relação aos Aliar. Não con-segui evitar ou entender o arrepio que me percorreu, sem motivo algum além do sentimento arrebatador.

Balancei a cabeça, focando apenas no que estava em minha frente. Não precisava de mais alimento para a maldição. Ao percorrer o terreno, um alívio errado percorreu o meu corpo quando vi apenas mais dois soldados Arfenol sem vida no chão, e assim me permiti voltar a procurá-la.

Axía virou o rosto de lado me dando apenas um vislumbre dela enquanto sussurrava algo desconhecido, e suas mãos brilharam daquele azul cristalino tão conhecido.

— Cuidado! Aquela vai disparar! — um dos soldados Arfenol gritou. Raramente ela usava o seu dom por motivos tão somente dela e que provavelmente Oem saberia, mas não precisei de muito tempo para entender o que estava fazendo. Aquela cor cintilante começou se espalhar por ondas em nossa direção e além, ao olhar em volta sabia que teria um círculo em nossa volta.

Um grito e voltei a olhar em direção à Axía, que se encontrava ajoelhada agora.

Não, não.

Ela estava no círculo com mais três soldados Arfenol, que carregavam

Gormes fundidas em suas espadas. Um se encontrava de frente para a anciã.

Sua arma estava suja de sangue.

— Por favor, não! — eu gritei tentando força o meu corpo a se mover e conseguindo apenas mover meus dedos.

Até poderia ter mergulhado em meu próprio abismo, colocado fogo em minha própria pira enquanto ainda estava viva, mas eu não iria carregar mais uma morte em minhas costas.

Eu não aguentaria.

A dormência foi substituída pelo formigamento, e mesmo ainda sem muita força, inclinei meu corpo contra os dentes de Tân, que resmungou.

Ignorando as reclamações do corpo por causa da ausência de movimento, murmúrios roçaram aqueles muros e também os coloquei de lado, mirando apenas Axía emanando o seu dom de proteção.

Respirei fundo e fechei os olhos por instantes até ver os três soldados e suas posições. E ao abrir os olhos vi as linhas, com duas já cintilando. Puxei a da direita.

A resposta foi imediata. Eu não conseguia me mover, mas não queria dizer que não poderia usar o meu dom para isso, mesmo sem movimentos bruscos. Meus dedos se mexiam e isso era o suficiente. Um leve girar deles e um dos soldados mais afastado caiu de joelhos, segurando a garganta en-quanto tentava sugar o ar para dentro.

Não daria certo, o pequeno vórtice que criei ao redor da sua cabeça im-pedia que qualquer ar entrasse. Ele morreria em breve. Sabia que essa morte também iria me assombrar, mas era melhor do que simplesmente não reagir.

Ficar inerte só me causou uma coisa: paz momentânea até arrancar a ca-beça de Nye. Nye! Esse é o seu nome.

Um grito soou atrás dos soldados. Pisquei em busca da visão draconiana, em instantes consegui ver mais dois soldados além do ponto de Axía, com um Aliar. Conseguia diferenciar porque os Arfenol não tinham cor que se desta-casse, sempre pareciam seres doentes perante aos Aliar, que sempre tinham uma cor a mostrar.

Era uma criança, e outro grito de Axía chamou a minha atenção, o sol-dado a puxava pelo braço e apenas agora percebi que o soldado cortara o seu braço apenas para enfraquecê-la.

— Eu que deveria te proteger! — gritei engatinhando enquanto o formi-gamento começava a diminuir. — Não você. Se sou a eleita, então eu deveria fazer isso!

Sabia que isso desviaria um pouco a atenção deles enquanto eu pensava. O dom de Axía era direcionado, ela o focava em uma pessoa e assim essa pessoa estaria protegida por um tempo indeterminado e esse campo de pro-teção surtiria o efeito em quem a pessoa escolhida deixasse entrar no escudo feito pela Axía, e caso contrário, a pessoa não convidada sofreria as conse-

quências da invasão. Não sabia mais nada além disso. Deduzindo, o dom deve estar em mim.

— Axía, entre no campo! — espalmei as mãos na terra criando uma onda de ar em direção aos Arfenol com a esperança de soltá-la. — Axía!

Tân e Gwynt tomaram os meus flancos.

— Gwynt, faça uma ronda dentro do campo e veja quem está dentro e quem está fora — ordenei vendo a anciã lutando contra o soldado que a se-gurava. Antes de ir, a domadora do ar intensificou a minha onda derrubando os dois Arfenol restantes. — Tân, assim que ela voltar, vocês levem-nos para o lado oposto do campo e voltem.

Os olhos vermelhos estavam focados em mim, o dragão assentiu e um aperto surgiu em minha garganta, uma parte de mim parecia estar faltando. Mas eu não podia lidar com isso agora, tinha que proteger os meus.

Com um esforço maior me obriguei a rastejar. O meu corpo estava recla-mando por causa da falta da maldição, que o alimentou por esses dias, e mes-mo assim eu tinha que ignorar isso também. Parecia que estavam enfiando facas por todo o meu corpo, às vezes parecia arrastar a lâmina.

Respirações lentas, ao mesmo tempo em que executasse a ideia que tive.

Se eu caminhasse, o campo de proteção pegaria Axía, e seja qual for o tamanho poderia dar certo. Ela saberia quando estivesse lá e nenhum Arfenol poderia entrar porque não eram convidados. Eu só precisava me mover.

Gwynt chegou rápido com três pessoas e deu-as para Tân, que logo levantou voo no limite da barreira de proteção. Encarei os olhos roxos, que parecia preocupados, mas sabia o que queria saber.

Sentíamos mais quatro, que não estavam feridos, vindo para a nossa di-reção, mas estavam dentro da barreira.

Apenas assenti, e um gemido saiu entre os meus dentes cerrados. A dor era quase insuportável, se outra dor eminente não estivesse surrando logo à frente.

— Me ajude com alguns passos.

Ela não hesitou em me ajudar. O uso do dom estava cobrando o seu preço, deixando o meu corpo mais pesado,

então Gwynt envolveu meu tronco, arranco mais reclamações de mim, mas não permiti que parasse, apenas que prosseguisse. Parecia que tinha sido jogada do Monte Vero dezena de vezes.

Um grito fez com que eu voltasse o olhar para frente. Mas já estava distante.

— Asha, se seguirmos corremos o risco de perdermos mais.

Gwynt me avisou e me colocando no chão. Meus pés fraquejaram, sem força, e o pescoço branco já estava lá para me amparar. Sabia que ela estava dizendo a verdade. Se eu tentasse resgatar Axía poderia acabar perdendo os outros sete.

— Sete. — minhas pernas fraquejaram de vez. — Só sete não.

Depois de recuperar o resto das minhas forças, expliquei como o dom de Axía funcionava e que não sabia quanto tempo o teríamos a nosso favor, então precisaríamos ser rápidos no restante no caminho. Todos pareciam querer questionar sobre mim, mas faziam apenas com os seus olhos e não verbalmente. Queriam saber da mudança drástica e a pergunta subentendida: “ela estava bem?”.

Não dei a resposta a eles, porque eu também não a tinha.

Mesmo assim, não hesitaram em fazer o que estava pedindo.

Pela pequena ronda que fiz com Gwynt estávamos a três dias da Cordi-lheira do Bico Fino, e desta vez usaria meu dom ao nosso favor. Seria a líder que deveria ter sido. Andávamos perto um dos outros, as duas crianças nas costas de Tân, enquanto eu e o restante andávamos entre os dois dragões, um sempre ao meu lado, caso meu corpo fraquejasse.

O vento era algo frequente entre nós. Eu e a Gwynt despistávamos jogan-do o nosso cheiro para a direção oposta e o suficiente para desfazer as nossas pegadas no chão,

enquanto eu e Tân esquentávamos aqueles que sentiam frio com a frequência da ventania.

As pausas eram curtas durante a noite. Dormir era algo raro para mim, que consegui dormir apenas um pouco nas duas noites que antecederam a nossa chegada. Mas em uma noite específica acordei com um choro, que não era meu.

Caminhei sorrateiramente, recebendo dois pares de olhos apenas checando para ver onde estava indo. Encontrei uma menina de cabelos roxos escuros, ela deveria ser um pouco mais nova que eu.

— Se importa? — questionei sentando ao seu lado na raiz da árvore.

— Como se fizesse diferença.

Foi um resmungo seguido de um fungo, ela tentava limpar as lágrimas como se fosse impedir que eu visse a verdade. Eu não tinha comentado da menina morta e nem do menino levado, muito menos de Axía. Achei que estaria poupando-os, de alguma forma, e mantive o silêncio por esses dois dias. Na verdade, mal olhava em seus olhos, apenas dava ordens.

— Claro que importa — retruquei. — Qual dos dois você conhecia?

— Os dois.

— Sinto muito.

— Não sente. — ela me encarou com os seus olhos azuis escuros. — Não sabe como é ser como eu e também nunca vai saber.

— Eu sou como você. Somos Aliar — expliquei o óbvio, querendo que ela me devolvesse alguma justificava do seu comentário.

— Você é diferente. Eu sei, mas não diferente como eu. — Ela tentou.

— Qual é o seu nome?

— Lena. E o que isso importa?

— Tudo importa, Lena. Quero saber quem você é e o que está te incomo-dando tanto.

Os olhos azuis desviaram dos meus enquanto ela cruzava os braços, seus cabelos roxos eram curtos até em cima da

orelha. Diferente do corte usual, o que me dizia que perdera o seu pai.

Um dos nossos costumes era deixar o cabelo crescer e crescer, só era permitido cortar quando o nosso pai morresse. O cabelo longo era a honra deles. E isso sempre me fazia pensar demais, instintivamente puxei o meu cabelo comprido para frente.

— Então agora você quer ser a líder do grupo?

— Não — respondi sinceramente, voltando o olhar para ela. — Eu realmente mando muito mal nisso. — ela me olhou surpresa e pude ver que segu-rou um riso de canto. — Só estou tentando ser... Amigável.

Um instante inteiro se passou com ela analisando os meus cabelos pretos, a escama vermelha na têmpora direita, as roxas na lateral esquerda do pescoço e depois voltou para os olhos castanhos dourados.

— Liw é o meu irmão mais novo. Eu era responsável por ele e Nye... — Lena deixou escapar um suspiro pesado e sentido. — Ela era minha companheira. Não tínhamos falado para ninguém porque... Não entenderiam, duas mulheres juntas.

— Por que não?

Um tom vermelho chamou a minha atenção. Em sua mão pude ver um fio vermelho enrolado e ao acompanhar o segmento vermelho não achei o seu final, já que estava cortado ao meio. Não tinha visto esse fio antes e não sabia o que significava...

— Porque é diferente e o diferente sempre assustou o nosso povo. — ela confessou baixinho, chamando minha atenção de volta. — É só olhar para sua história, Asha.

Pela primeira vez, Lena falou o meu nome e mesmo que o motivo não tenha sido oportuno, ainda assim foi bom. Ela estava me reconhecendo agora e não me expulsando como antes.

— É realmente uma merda — falei baixo e segurei o ombro dela. — Mas não quer dizer que seja ruim ou que seja errado.

Apertei o ombro dela para dizer que estava ali, estava ali com ela, mesmo que as nossas lutas fossem diferentes. Não existiam casais do mesmo sexo em nosso clã, mas isso não

quer dizer que os casais existentes fossem realmente companheiros. Sei que existem casais casados apenas pelo costume, como existem alguns sozinhos, e só tinha parado para tentar entender agora.

Ninguém nunca disse em voz alta que gostava do próprio sexo, mas isso não quer dizer que não existiam, poderiam estar se escondendo justamente pelo mesmo medo de Lena.

Meu coração apertou com a ideia.

Eu, Lena e Nye não aceitamos quem somos por medo, e que vida sofrida seria a nossa se não nos aceitássemos e criássemos um lugar em que pode-ríamos apenas sermos nós. Os motivos são diferentes, mas não queria dizer que não podíamos nos unir em prol de nós mesmas.

A Cordilheira era realmente uma sequência de montanhas, praticamente gêmeas. Nunca iria me acostumar com a sua imensidão e o mar de árvores que dominavam as suas laterais. Os seus moradores, os Puas, tinham sorte de ter um lugar assim como moradia. Sempre tinha algo bonito para olhar, mesmo com as feias que a vida trazia.

Comecei a imaginar como seria ver o Reino Nefir lá de cima e que me acostumaria facilmente a morar ali, mas logo neguei com a cabeça.

“Você precisa encontrar os outros, em segurança”, disse a mim mesma enquanto buscava por algum indício do restante do meu povo com a visão draconiana e amplificando os sentidos com algumas respirações profundas. O pequeno exercício me fez inspecionar toda a floresta em volta da Cordilheira vendo os tipos de plantas e minérios, até a própria pequena cidade que ali ficava. O Arfenol parecia contente com as suas vidas e não emanavam nada parecido com os hostis da outra noite.

Enfim, na margem do Oceano Rae, ali estava o nosso povo. O que significava que teríamos que atravessar a primeira

floresta, contornar a Cordilhei-ra, depois caminhar por outra floresta até encontrarmos o restante do nosso clã.

— Podemos simplificar isso — afirmei esperando a concordância dos dragões, mesmo que qualquer mensagem não seja clara por causa do bloqueio que construí, ainda assim conseguia entendê-los apenas com o olhar.

— Levaria mais uns dois dias para atravessarmos, então eu e os dragões vamos facilitar esse processo — avisei, me virando para os sete sobreviventes. — Cinco vão com a Gwynt e os outros dois vem comigo e Tân.

— Asha — um desses me chamou com a voz receosa. — Isso não é arriscado? Os Puas podem nos ver e achar que somos invasores.

— Não se preocupe, Jalid. — espontaneamente minha voz tinha um tom de divertimento ao ver os olhos azuis frios duvidarem de mim. — Prometo que ninguém nos verá.

Uma descarga pareceu percorrer pelo meu corpo. A minha velha amiga selvageria estava de volta e não mais adormecida como antes, e devia admi-tir: era bom tê-la de volta. Mesmo que de certa forma, eu esteja diferente.

Alguns sussurram querendo saber como seria possível, ou se eu estava falando a verdade e querendo que entendessem o que queria dizer. Resolvi mostrar. A grande verdade é que queria que eles confiassem em mim apesar de tudo.

Com a selvageria resmungando para ser solta, deixei que fluísse por mim e o ar começou a se movimentar em minha volta de forma frenética, enquan-to me livrava de mim mesma, dos meus pensamentos, dos meus sentimentos e dos meus achismos, até que me visse parte dele. Sons de espanto surgiram e uma parte minha estava se divertindo pela pequena exibição.

— Se dividam, logo o sol vai cair e não encontramos nosso clã ainda. Fui sucinta, sentindo a euforia percorrer o meu corpo ao mesmo tempo que algumas reclamações representadas por facas ilusórias começassem de novo a sua tortura, a minha punição.

Eles não reclamaram quando formaram dois grupos. Gwynt foi primeiro, enquanto eu tive que manter uma concentração maior para conseguir ca-muflar o meu grupo até pousarmos.

Lena e uma criança subiram nas costas de Tân comigo, e ele não levantou voo enquanto eu não desse o sinal.

Já tinha feito isso antes. Antes de mergulhar em abismo sem fim, antes de tentar abrir mão do meu dom e dos dragões. Eu sabia como deveria ser feito e o que procurar dentro de mim. Não conseguiria apenas desapegando de mim, das características que me tornam eu. Precisávamos que o ar se tornasse nós. Os elementos espelhavam minhas emoções, e pensar que o ar representava a minha fé fez com que um vórtice se formasse ao nosso redor.

Você a tem. Apenas precisa reencontrá-la. Mas antes disso, leve essas pessoas em segurança. Você consegue, Asha.

A minha própria motivação pareceu uma prece silenciosa, de certa forma. Uma das coisas que costumava fazer com Cora e mesmo com a vida fugitiva que levamos, obtínhamos os nossos pequenos milagres.

Eu acreditava nisso porque os vi com os meus próprios olhos. Ninguém poderia me dizer ao contrário. Eu acredito com cada fibra do meu ser.

O vórtice era barulhento e com certeza as duas estavam com as mãos nos ouvidos, eu apenas me acostumei ao som, ao ar. Demorou um bom tempo, Gwynt já poderia estar voltando, mas tomei o tempo que precisei e não contive o sorriso assim que o som do vórtice sumiu.

Não precisei abrir os olhos para ver que estávamos estáveis e invisíveis aos olhos do Puas. Éramos parte do ar agora.

Podemos ir.

Seria mais fácil se um dos dragões domassem a luz, que precisaríamos apenas espelhar o céu para baixo, manipulando a luz. Mas com o ar é um pouco mais complicado. Eu tinha que me tornar parte dele, me concentrar o suficiente no vórtice para tornar nós quatro no vento, na brisa leve do Sul do Reino Nefir. A quantidade de pessoas complicava ainda mais a situação.

Em segredo, procurei as suas fés. O ar pareceu rastejar por cada um de seus corpos como se farejasse o sentimento que nos unia, e não desistiu até encontrar o da última pessoa. Lena não tinha muita fé sobrando depois dos horrores que presenciou, mas o pouco que existia encontramos.

Ninguém ousou me interromper em nenhum momento, nem quando senti um líquido quente escorrer do meu nariz até meu queixo. Mantive mi-nhas mãos erguidas como pontes entre o meu corpo e o ar, para que pudesse senti-lo. No começo podia identificar apenas minhas mãos sendo envoltas por eles, entretanto, agora conseguia perceber o corpo extenso de Tân e os dos dois atrás de mim. Conseguia simplesmente sentir tudo que estava dentro do vórtice e era por causa disso que tinha certeza de que estava dando certo.

Minha cabeça começou a reclamar como um aviso de que já tinha usado o dom por tempo demais do que usei enquanto estava presa em meu próprio abismo, e se usasse mais do que deveria, a Exaustão viria rápido. Checando a distância, teria que aguentar um pouco mais.

A selvageria era a base do meu dom, parecia que personificava os dragões dentro de mim e pela euforia que estava correndo pelas minhas veias sabia que queria mais, muito mais. Não a culpava depois do tempo aprisionada.

Antes de voltar a usar o meu dom como antes, outras coisas precisavam ser feitas.

CAPÍTULO 5

A culpa não foi sua. Era isso o que me dizia nos próximos dias. E eu não acreditava. Nem por um instante, mas assentia mesmo assim.

Assim que chegamos em nosso novo acampamento, Erus parecia empolgado e querendo me contar algo, mas não deixei. Depois de me certificar de que todos os sete estavam ali, consegui relaxar por um momento antes de trazerem um tecido molhado e um balde cheio de água para mim. Demorou um pouco para Lena conseguir tirar o sangue seco que escorreu do meu nariz durante a viagem, e ainda mais para o que tinha em minha perna.

Tomei o tecido da sua mão e disse que esse conseguia fazer sozinha. Os olhos azuis escureceram ainda mais ao perceber as palavras não ditas. Depois de um abraço, ela saiu. Tentei corresponder, por mais que não ficasse muito à vontade em abraços.

Depois de ver as costas de Lena longe do meu ponto, chamei o líder de lado enquanto limpava o resto do sangue, como uma desculpa para não o olhar. Eu precisava ser forte para contar para ele e para o ancião.

— O grupo de Oem tomou o caminho mais longo, chegaram aqui em alguns dias. — Erus me informou e depois segurou as minhas mãos, as que não paravam de se esfregar até ver a minha pele vermelha. Mas ela não ficava. — Asha, você está me assustando. O que aconteceu?

Tudo aquilo tinha acontecido e apenas sangrei esse pouco? Não fazia jus. Meus ombros estavam tão pesados que minhas costas se curvavam em cima do balde, me possibilitando ver o sangue que esfregava. O soluço pare-ceu travar bem em minha garganta, mas forcei-o para baixo, engoli-lo para conseguir arrancar aquele mal pela raiz, aquela culpa e principalmente contar a verdade, a que me apertava.

Conforto pareceu tentar irradiar pelo meu corpo, mas sabia que não era Amy. Ela estava no grupo de Oem. Outra pessoa que decepcionei e feri. Eu não merecia nada disso, exatamente por toda a dor que causei.

Não se passou um dia em que os olhos de Axía não estivessem em minha mente, e com essa mesma imagem contei tudo a Erus. Cada ínfimo detalhe, inclusive do abismo até o puxão que precisava para despertar, o qual custou as vidas de Nye, Liw e Axía, e não me via capaz de me perdoar por isso. Muito menos quando revivi mais uma vez contando para Oem.

Viva.

Aquela palavra ecoou mais uma vez e doía tanto.

Não liguei quando Erus me abraçou e terminou de limpar o sangue em minha perna. Minha mente estava alheia ao redor naquele momento porque enfim podia relaxar por um instante e pensar que estávamos em segurança agora.

Os dias se seguiram com uma intensificação da nossa Guarda. De vinte presentes, apenas dez realmente se especializaram no treinamento mais pesado para o trabalho de proteção, enquanto o restante tinha apenas o básico para sobrevivência. Gwynt fazia fiscalizações constantes no céu, enquanto Tân era solícito com o clã para se ajeitarem no novo espaço para o acampa-mento, além de acender fogueiras e se divertir com o próprio fogo.

Depois de ver o sangue escorrendo do meu nariz, Erus me acordava junto com o sol para que treinasse tanto o corpo quanto o meu dom e os dragões. Frequentemente o meu nariz sangrava, mas o fluxo começou a diminuir depois do quinto treino, e assim entendíamos que estava chegando ao meu normal.

Nunca houve histórias de algum Aliar não alimentar o seu dom, pois aqueles que realmente não queriam ser um de nós, ou acabavam se matando ou sumindo pelo treino e sem história para ser contada. Então esses sinais eram novidades tanto para mim quanto para Erus.

Enquanto não estava com ele ou curando alguém, estava andando com os dragões pelas redondezas. Apenas nós e Veg,

o membro com o dom da velocidade, éramos permitidos a isso, já que podíamos ou correr ou ficar invisíveis, caso algum inimigo em grande número aparecesse. Não era indicado fazer vistoria com grande número de membros porque chamaria atenção.

A primeira coisa que fizemos foi subir na Cordilheira e exatamente no bico mais fino. Na quinta montanha e ali em cima conseguimos ver as outras duas atrás das seis em que estávamos, e logo depois a imensidão do Oceano Rae, e do outro lado o Reino Nefir se estendia.

Axía estaria ali em algum lugar. A única certeza que carregava era que ela não estava morta, assim como Liw, o garoto de nove ciclos que foi sequestrado junto dela. Mas Nye... Ainda conseguia sentir o sangue morno jorrando em meu corpo.

A lembrança era embaçada, mas a sensação ficaria impregnada em mim, do mesmo jeito que o sangue da domadora da autocura ficou. Nye podia se curar rapidamente, mas não podia fazer isso com ninguém além de si mesma. Ver os seus cabelos platinados com pontas verdesbanhados do seu pró-prio tom de escarlate, me fez perceber o poder da Gormes.

Outros metais nos feriam, mas nunca deixávamos que chegasse perto o suficiente para isso. Por isso o Rei de Nefir encontrou esse metal depois da Grande Batalha, e então descobriram o ponto fraco do meu clã. Não existe uma explicação para a existência desse metal profano, mas sabemos que o objetivo dele é nos enfraquecer. Qualquer Aliar que chegasse perto dele teria suas forças exauridas e o seu dom extinto, simples assim. E foi o que aconteceu com Nye e os outros.

Durante minhas próprias divagações conseguia escutar murmúrios do outro lado do muro danificado. Sabia que os dragões falavam por ali para que eu sentisse a presença deles, e até deixavam fluir algum sentimento em minha direção, que passava pelas rachaduras. Eu as pegava e colocava no peito.

Eu não os merecia. Não merecia algo tão bom, mas mesmo assim as pegava.

Um dia, andando pelo pé da Cordilheira encontramos o nosso novo lar. Com uma floresta pequena nos dividindo do

acampamento Aliar, a clareira aberta no meio dasárvores com um lago pequeno, dava caminho para uma caverna. A nossa caverna.

Eu estava quebrada em tantos fragmentos, e sabia disso, entretanto, o simples fato de achar a caverna fez com pelo menos alguns dos inúmeros pedaços meus achassem um novo caminho, e não fazia ideia de quem eu era para andar por ele.

Aos poucos começamos a trazer as coisas para dentro da caverna, e no segundo dia do nosso lar, o último grupo chegou, e a certeza da nova vida que teríamos pareceu incerta perante a verdade que eu teria que reviver.

Oem me abraçou assim que chegou no acampamento, seus olhos prateados encontraram os meus e não pude evitar o soluço antes de ser puxada para dentro da tenda de Erus. Em instantes as lágrimas já tinham inundado o meu rosto e o ancião me dizia para respirar com calma como estava acostumada a fazer.

Era mais fácil falar do que fazer.

Um abraço de sentimentos me invadiu. Conforto, coragem e amor. Sa-bia de onde vinha. Instintivamente me abracei e balancei a cabeça, negando aquele tipo de aproximação.

Eu não mereço.

Repetia em minha mente, especificamente para os dragões e de alguma forma tentava deixar aquele muro mais forte, mais impenetrável porque achava que era o certo, entretanto, uma grande parte de mim sabia que não era. Apenas me iludia com a ideia de que estava tornando o muro mais resistente, só que na verdade eu estava chorando ao lado dele, esperando o momento em que iria cair.

Eu estava sem forças para derrubá-lo sozinha.

Mesmo com a pequena guerra que travava dentro de mim, contei tudo para Oem entre soluços e pausas para limpar meu nariz. E para minha surpresa, o ancião não estava me repreendendo e muito menos me culpando, ele me olhava com compaixão, mesmo com os olhos se escurecendo por causa das lágrimas.

— Criança. — ele me chamou como costuma chamar a todos, e não pelo apelido me dado. — Eu a avisei. — suas palavras me paralisaram, ao mesmo tempo em que tiraram um pouco do peso em meus ombros. — Falei para Axía que essa viagem seria uma provação para você. Não sabia como fariam isso, mas vi ela e o garoto sendo levados e a garota sendo assassinada.

— Oem...

Falar o seu nome fez com que me mantivesse atenta à suas palavras e para ver se era real. Para ter certeza de que estava realmente acontecendo, porque eu não tinha nada para dizer. Na verdade, estava ten

tando compreen-der o que ele dizia, apesar dos sentimentos deixarem isso bem claro.

— Ela disse que valia a pena correr o risco por você, Mulher Dragão. — desta vez suas mãos seguraram o meu rosto e limparam as lágrimas, que pareciam não ter fim, de forma paterna. — Nada disso é culpa sua.

Foi diferente o jeito que a fala ecoou por mim. Não existia mais a parte que queria retalhar e contrariar, mas sim, a que queria acolher aquelas pala-vras como um bálsamo. O muro começou a ruir.

Acabei criando um hábito de subir para a Cordilheira sempre que precisava de um tempo para mim, e isso acontece com frequência. Ou um dos dragões me sobem ou me esforço para treinar o elemento ar fazendo com que me envolvesse e flutuasse até o bico fino.

Estávamos no nosso acampamento há vinte dias, sem nenhum ataque e seguros com as rondas dobradas, e Gwynt, a dona do céu, fazendo as suas rondas solitárias quando eu não a acompanhava. Às vezes sendo uma distração, me atirando pelo vento, querendo que ele me abraçasse e me fizesse voar que nem os dragões.

Algumas vezes dava certo, e outras Gwynt ondulava rapidamente o seu corpo até eu conseguir agarrar os seus pelos, e me manter quieta até voltar-mos à caverna. Era divertido e sabia que para ela também, pois sentia pelo pouco que passava pelos buracos do muro.

Era a dose que tinha dela e só de olhar para Tân conseguia sentimentos diários dele. Enquanto Gwynt é reservada, Tân é dado e macho, então só de me ver usando o seu elemento, o orgulho ressoava pelo muro.

Pequenas partes deles que me permitia ter. Dragões era lendas, animais divinos e não fazia ideia o porquê de terem me escolhido perante os outros. Sabia que tinha que fazer muito para de fato merecer esse dom, mesmo que ele já corra pelas minhas veias de forma livre e familiar. Também sabia que jamais seria um Nestor ou algo do tipo, mas queria apenas fazer o certo ou tentar.

Respirei fundo, tomando o ar para dentro e expandindo o meu sentido para além de mim. Não precisava olhar para ter certeza de que os dragões estavam atentos em sua volta, e especialmente em um ponto em cima da Cordilheira. Eles não desistiram de mim como eu tinha desistido naqueles dias inertes.

O que eu fiz comigo mesma?

Essa questão latejava todos os dias como um lembrete frequente das minhas más escolhas, como se quisesse rastejar e me puxar de novo.

Lembro que o meu corpo não se movimentava, paralisado pela maldição, a minha mente estava nadando no abismo, ciente do que acontecia ao redor, mas perdida o suficiente para não conseguir sair de si mesma.

Eu mesma me afoguei.

E me senti confortável com isso até o momento em que a Axía me trouxe de volta, em que o desespero bateu mais forte do que a vontade de me apagar. Agora, que estava de novo sobre os meus próprios pés, vivendo ao invés de rastejando, me fez perceber que mesmo com as costas curvadas talvez

existisse algum jeito de viver sem que eu precisasse mergulhar em águas desconhecidas e ladras de vidas.

Uma grande pergunta se fez:

— Quero ser a tal Mulher Dragão, a eleita de algo que nem conheço ou apenas adormecer?

CAPÍTULO 6

Consegui escutar estalos consecutivos em minha coluna as-sim que estiquei as minhas costas, que pareciam estar sempre curvadas, sem previsão de volta, e mais um dia passava comigo tentando ampliar a proteção, combinando vento e fogo, que descobri recentemente e não naquele dia. O dia que precisei salvar três pessoas e não consegui.

Era fácil sentir o peso das suas vidas bem em cima dos meus ombros, me afundando cada vez mais, fazendo minhas costas doerem na mesma inten-sidade que o meu coração. Parecia que, sem perceber, grandes pedras foram amarradas por todo o meu corpo e o chão parecia estar apenas há alguns pal-mos de distância, e como senão estivesse me mantendo longe daquela parte da minha mente, diria que o abismo roçava a possibilidade de puxar nova-mente.

Afastava esse pensamento, assim que via os raios do sol aparecendo entre as folhas das copas da floresta à frente, na beira da clareira. Passou a ser uma rotina; à noite o abismo se fazia presente, e assim que o dia se apresentava, ele corria de volta para a sua toca, e eu me preparava para sair da nossa caverna.

A Caverna dos Dragões.

As crianças do clã a chamava assim desde que nos alocamos aqui, e o nome pegou entre os adultos e nós três também. Estávamos na Caverna dos Dragões tinha, ao menos, quinze dias ou mais. Não fazia tanta questão de contar...

Tân e Gwynt geralmente tentavam falar sobre esse sentimento que percorria todo o meu sistema à noite. Mas sempre os despistava porque pensar e falar tornava tudo tão real e eu não queria lidar com aquilo. Além disso, pedir ajuda nunca foi o meu forte, sempre lidei com tudo sozinha. Os adultos só sabiam o que se passava comigo porque me observavam, e não porque eu falava para eles.

Mesmo tentando fazer parte do clã, sabia que eu era algo fora do normal para eles. E isso me machucou por muito tempo. Como Lena tinha dito, mas não mais.

A pergunta que tinha surgido há dez dias atrás ainda soava pelo ar do treino, ecoava pelas paredes da caverna e parecia estar presente em cada parte que fazia contato comigo. Poderia me enganar o quanto quisesse, mas sabia exatamente quantos dias tinham se passado. A parede da caverna era a prova disso, fiz riscos para representar os dias totalizando quarenta dias na Cordilheira, quarenta e três que perdi os três membros, trinta que me mudei com os dragões e mais cinquenta que Cora tinha completado seu multum. Eu sabia que existia muita coisa que precisava ser arrumada para dar o primeiro passo, mas me sentia cansada na maior parte do tempo e não precisava ter o dom de Oem para saber onde esse caminho iria me levar, e exatamente por isso me levantava todas as manhãs para treinar com Erus e os dragões, dava uma atenção ao clã e o ancião, que sempre parecia preocupado comigo. E com razão, eu também estava preocupada comigo mesma.

Passei a mão pela lateral do corpo de Gwynt, e depois no nariz de Tân, assim que atravessei até a entrada da caverna, onde os dois ficavam por conta dos seus tamanhos. Por isso sempre quis achar um lugar grande e escondido para que eles pudessem descansar sem medo, já que é impossível esconder dois dragões que já ultrapassam as copas das árvores.

Não sabemos a extensão do dom deles, mas não iria exaurir Gwynt fa-zendo com que ela e Tân ficassem invisíveis na maior parte do tempo. Então, mesmo que ainda estivessem expostos na caverna, ao mesmo tempo estavam menos e, no entanto, sabia que descansavam mantendo todos os sentidos atentos incluindo suas intuições, como eu.

Apesar disso, suas essências pareciam cada vez mais descansadas depois de nos mudarmos para a Caverna. Era o que a ligação emanava, diferente da minha.

Encarei o chão por algum tempo sentindo o sol encontrar minha pele a cada passo para fora da caverna. Sua luz era forte e quente, porém nunca sabia dizer sua intensidade. De alguma

forma, minha pele é resistente ao sol, o que não fazia sentido para mim, já que só domava o fogo que não chegava aos pés da intensidade do astro.

O pensamento durou pouco.

Meu corpo já estava naturalmente acostumado a tomar respirações profundas. Passei os últimos dez dias e nove noites tornando-a parte da rotina, quis mudar isso para que pudesse ficar sempre atenta ao que acontecia ao redor, para que pudesse sentir tudo em minha volta. O treino é exaustivo causando dor de cabeça quase todas as noites, mas a intensidade foi diminuindo aos poucos e me tornando mais forte. Agora a dor parece uma leve cócegas em minha nuca.

Não tinha pensado de forma tão otimista como agora, quando a intuição draconiana estava tão aguçada que não precisei de nenhum esforço para sentir um ser se mexendo rapidamente pela floresta, emanando desespero e euforia ao mesmo tempo. Era humano, mas tinha algo a mais.

Não estava muito longe e em breve entraria em nossa zona de segurança. A direita se encontrava o nosso clã, divididos por um amontoado de árvores e a presença disparava pela nossa esquerda. Teria que passar por mim e meus dragões primeiro, antes da Guarda, que depois da mudança de território não parecia mais saber sua devida função.

Enfim, a posição do humano nos daria tempo e faríamos um serviço que não era nosso, e mesmo assim faríamos com prazer.

Meus dragões já estavam logo à minha frente. Gwynt flutuando graciosamente ao lado de Tân, que se mantinha erguido como se estivesse estufando o seu peitoral, como um bom macho territorial faria. Não pude evitar o meu revirar de olhos. Já eu, não era muito baixa e nem tão alta, uma altura boa para não ser confundida com uma criança e o suficiente para conseguir me esconder atrás da enorme pata dianteira de Tân.

Por algum motivo, mesmo com o abismo tendo me rodeado a noite inteira, estava eufórica com a selvageria correndo solta, esperando o treino com Erus, que só aconteceria mais tarde. Talvez seja por causa do humano que estava se aproximando,

que me fazia se sentir assim, e se fosse realmente humano... Seria bem divertido ver sua reação ao se deparar com dois dragões.

— Não abaixem a guarda, mas também não o comam — pedi pela ligação apoiando as mãos nas escamas de Tân.

— Não somos assim, Asha. Vamos esperar que suas linhas apareçam, só avisar.

Gwynt rebate com a voz serena, mas consigo sentir o seu corpo todo atento ao ser que se aproxima. As minhas linhas se tornaram uma espécie de referência para o que iríamos fazer, e eu não gostava muito disso. Se elas demorassem para aparecer estaríamos de mãos atadas, porém jamais expus essa preocupação.

— Diga por você, Gwynt.

Tân contra-ataca e podia dizer que seus olhos estão fixos exatamente aonde a criatura vinha, da mesma forma que ficava ao identificar a sua próxima comida.

Iria repreendê-lo, porém a criatura se tornou um homem de pele bronzeada e cabelo escuro parecido com o meu, se não fosse pelo toque azulado que o sol destacava. As laterais do seu rosto possuíam espirais de um tom azul misturado com roxo.

— Ele é um de nós. É um Aliar.

Minha boca se mexeu ao mesmo tempo em que sussurrei pela ligação, como se ele pudesse nos escutar. Eu estava espantada. Nunca o tinha visto em nosso clã. Será que estava preso a tanto tempo assim... E como ele era bonito!

— Ei-ei... — o rapaz gaguejou erguendo as mãos para cima, e consegui ver mais espirais em volta dos seus punhos subindo até sumir na camisa com mais rasgos do que tecido.

Ele não disse mais nada, porém alternou o olhar entre os dragões logo sua frente, mostrando que não sabia o que fazer. Com certeza, para ele, os dragões ainda não passavam de lendas. Seu corpo estava paralisado e tenso, mas conseguia ver seu lábio inferior tremer, assim como sua respiração saía curta e pesada.

Os dragões não cederam. Na verdade, Tân gostava de brincar com sua presa, então ele expirou profundamente,

deixando que fumaça saísse pelas suas narinas.

Neguei com a cabeça enquanto tomava fôlego mais rápido. E Gwynt percorreu ao redor do corpo do rapaz com o seu corpo comprido, e ao passar logo em minha frente, senti a animação da sua parte por ver o efeito que causava em um humano, que nunca viu dragões antes. Eles estavam brincando com o rapaz e eu não os repreendi.

Não podia negar que era divertido ver o impacto deles e também que estava orgulhosa disso. Eram os meus dragões. A única parte que me preocupa-va era que Tân podia realmente comê-lo, mesmo que nunca tivesse visto fazer isso, não quer dizer que duvidaria. Se fosse uma ameaça, Tân o eliminaria.

— Eu vou embora. — ele sussurrou.

Sua voz saiu fraca, mas a sutileza dos seus passos foi firme, assim como teve a sabedoria que ele usou em manter as mãos erguidas e os olhos nos dragões. Conseguia sentir que ele iria fugir, assim como sabia que nós três estávamos atentos aquela oscilação do seu corpo, cada intenção que o rapaz exalava.

— Não precisa, caso não queira.

Minha voz fez com que ele parasse um passo na metade. Rosnados preencheram a clareira e eu sustentei seus olhos azuis escuros. Mesmo ligada a cada parte do ambiente, conseguia me sentir uma garota peralta.

Pude ver os olhos clarearem para um roxo convidativo e percebi que o plano de fuga se desfez da sua mente, e agora, com alguns passos à frente dos dragões, perto o suficiente para conseguimos sentir o que iria fazer. As mãos dele se fecharam em punho ao pegar impulso para me prender como sua prisioneira.

Ele era tão previsível quanto Tân.

Seu movimento foi tão ágil quanto o meu.

A ardência queimou logo acima de abdômen, ao mesmo tempo em que me impulsionei em direção a ele. Para mim, a direção a ser tomada era simples porque as linhas surgiram assim que me fiz presente para aquele Aliar.

Demorou alguns instantes para a linha certa brilhar e tudo acontecer. Precisei me impulsar na sua direção, desviando das suas mãos com o seu dom à mostra por fumaças roxas, e assim consegui rolar para derrubá-lo no chão com um movimento rápido do ar, desestabilizando seus pés mal posicionados. O plano parecia bom, mas iria ter consequências.

No mesmo tempo em que consegui derrubá-lo, Tân liberou o seu fogo e Gwynt procurou extinguir o ar do elemento dele para parar de queimar, mas era tarde demais. O grito do garoto tomou a clareira.

Sem pensar duas vezes, mudei a respiração de rápida para lenta.

O Aliar tinha perdido a consciência, seja pela queimadura ou a pancada no chão, mas a ardência começou a surgir de novo em mim, pois Tân não acreditou que tinha terminado o serviço. Logo ergui a mão direita e fechei-a dedo por dedo. O fogo começou a queimar por todo o meu corpo enquanto sustentava o olhar incandescente do dragão.

Não gostava de controlá-los e parar o elemento dentro dele, algo que era dele. Entretanto, não podia deixar que queimasse o Aliar sem antes obter as informações que ele poderia nos fornecer.

— Eu avisei.

Meu tom pela ligação soou repreensivo e firme. Ainda sustentava o olhar desafiante de Tân, enquanto conjurava o ar para erguer o garoto com um simples gesto da mão esquerda, e o direcionei até o pequeno lago na margem da floresta, em frente à caverna.

— Ele ia atacar. — Tân retrucou.

— E eu tinha um plano. Você já deveria saber disso.

Soltei a mão direita em sua direção e me movi atrás do garoto. Com a mão livre direcionei o ar até a pequena trouxa com ervas curativas e um copo de pedra dentro da Caverna; envolvi-os com o ar e os trouxe até a margem do lago.

Logo que tinha tudo que precisava, invoquei um vórtice como um pequeno escudo em volta de mim, do garoto e da parte do lago que precisaria. Não precisei usar a respiração para

saber que Erus estava vindo com alguns soldados, e precisava cuidar da queimadura sem interrupções para que não ficasse tão ruim. Gwynt se posicionou ao lado do vórtice para deixar a mensagem clara, caso apenas o meu dom não convencesse.

Sem perder mais tempo, rasguei o que restou da camisa do rapaz. A queimadura não tinha sido grave, pegando de raspão, mas ainda assim deixou a pele do garoto tostada.

Minhas mãos se mexerem rapidamente. Molhar o ferimento roubou alguns suspiros dele, mas ao colocar lavanda na queimadura ele se contorceu e uivou. Desta vez Gwynt usou o seu dom para pressioná-lo contra a terra para que eu pudesse continuar a espalhar a erva curativa.

Meu nome foi chamado diversas vezes. Tanto fora como dentro da minha mente, batidas no escudo de ar, porém não ousei tirar a minha atenção do pequeno tratamento que estava dando a um desconhecido.

Apenas sabia que ele é um Aliar e prometi protegê-los, mesmo que jamais o tenha visto. Gwynt tirou a pressão do corpo do garoto e dissipei o vórtice. Não demorou para a domadora do ar erguer o corpo delecom o seu elemento para pausar em suas costas, e o levou para dentro da caverna.

— Quem é ele? — Erus questionou.

A respiração lenta tinha acalmado os meus ânimos e mesmo assim conseguia sentir Tân ao meu lado, se questionando das suas atitudes. O plano era sempre o mesmo: esperar as linhas aparecerem, deixar que a intuição draconiana nos guiasse e não agir por impulso. Nunca tinha dado errado, ou melhor, falhamos apenas quando não estávamos na mesma sintonia.

A última ideia realmente me apavorou porque justificaria a atitude impulsiva de Tân. Não estávamos em sintonia. Rapidamente afastei o pensamento, sem hesitar, e voltei a atenção ao homem de cabelos vermelhos.

— Não sei — respondi sinceramente e apoiei as mãos na cintura, suspirando. — Mas tenho certeza de que é um Aliar perdido.

A informação causou certo alvoroço entre os soldados, que já giraram e caminharam para a caverna. Meu sangue subia quando alguém não me dava ouvidos, e isso acontecia especificamente com o sexo oposto. Respirei fundo, prestes a invocar o vórtice de novo, quando Tân tomou à frente da Caverna, os impossibilitando.

A atitude me pegou de surpresa e não entendi o porquê, afinal, esse é o Tân de verdade.

— Precisamos falar com ele. — o líder da guarda falou, autoritário.

O seu tom irritou os meus ânimos recém acalmados.

— Ele está sob os meus cuidados e sem condições de ter qualquer tipo de conversa agora — respondi, sem sutileza alguma.

— Asha... — Erus começou e neguei com a cabeça, já erguendo a mão para que ele parasse.

— Entendo que seja o líder, Erus, assim como espero que entenda que sou o único membro nesse clã com habilidades de cura, logo, isso faz com que eu entenda mais do que vocês sobre o que o garoto precisava agora ou não. Então, quando digo que ele não pode falar agora é porque não pode.

Quero informações como vocês querem, mas precisamos que ele esteja vivo para isso.

Erus coçou os seus olhos alaranjados, seu suspiro foi audível, assim como o traço do sorriso que apareceu foi quase imperceptível, mas eu vi.

— Apenas nos avise quando pudermos falar com ele. — o líder concluiu. Observei Erus partir com os soldados em seu encalço. Alguns encolhidos e outros com as costas retas demais. Com a naturalidade da respiração profunda ficou fácil sentir a energia que as pessoas emanavam, e a deles gritava por me ver de joelhos. Deixaria-os sonharem, por ora.

Assim que vi o último homem entrar na floresta, consegui respirar mais leve.

— Obrigada — disse a Tân pela ligação. Ele ainda guardava a abertura da caverna e encontrou a minha mão

estendida com o seu nariz. Acariciei devagar até encostar a testa também.

Com as noites não dormidas passei a observar o garoto. Ele apagou por dois dias, o que me permitiu observá-lo por um bom tempo. Seu rosto quadrado realmente era emoldurado por linhas finas, azuis arroxeadas, que se enrolavam pela extensão e seu cabelo preto azulado caía em seus ombros em ondas suaves.Nesses detalhes tentei deduzir qual era o seu dom. Mudança de azul escuro para roxo, as linhas se enrolando. Mas nada vinha em minha cabeça, apenas um fio vermelho quando gastava tempo demais observando-o ou tentando entender algo sobre ele.

Com um simples balançar de cabeça, sumia. Parecia coisa da minha mente ou simplesmente a falta de dormir me anunciando algo, porém sabia que não era nada disso. Já tinha visto aquele fio antes, só não sabia o que significava.

Queria estar dormindo como ele, mas acredito que ele tenha apagado por tanto tempo por conta do cansaço, e não pela queimadura em si. Diversos questionamentos surgiam na minha cabeça. E o que me surpreendeu foram as inúmeras cicatrizes do seu corpo, procurava deixá-lo de bruços, porém in-conscientemente ele virava e resmungava quando a queimadura esbarrava em alguma coisa. Ele reclamou em todas as vezes que tratei seu ferimento, como em suas mudanças de posição.

— Insuportável.

Era assim que Tân o chamava enquanto continuava a guardar a abertura da Caverna, intercalando com Gwynt.

Hoje, o terceiro dia, não estava mais gemendo como antes, agora apenas uma respiração profunda estava presente. O ferimento ainda estava cicatri-zando, mas acredito que a dor maior já fora levada pelos outros dias.

Felizmente, ele estava relaxado e confortável.

Permiti que essa felicidade de o ver com o semblante sereno me preenchesse, porque se a dor não estava mais presente, quer dizer que fiz o meu trabalho direito, apliquei de forma correta os ensinamentos de Cora, e esse último pensamento me deixou mais feliz do que o primeiro.

O garoto parecia que não dormia bem há ciclos e que vivia em condições ainda piores; suas roupas estavam rasgadas e cheias de emendas desgastadas. Erus já providenciara algumas para ele trocar assim que acordasse, o líder era bom em fazer amizades, e não foi diferente com os Puas, que nos doaram algumas vestimentas. Por enquanto mantive o garoto dentro de suas próprias vestes, tirando a camisa, então o mantive com a pele mais fina por cima do seu corpo.

— Podemos conversar? — Erus questionou, após bater com o punho na lateral da caverna, anunciando a sua chegada.

Era fim de tarde e o sol já estava atrás da montanha onde a caverna se encontrava, deixando a clareira com pouca iluminação. Deixei o garoto em seu sono profundo, e em um movimento leve com a mão acendi a pequena fogueira que mantinha lá dentro. Na maioria das noites o ar da caverna ficava gelado, provavelmente por conta das paredes de pedras, mas na clareira o clima quente ainda estava presente, enquanto eu e o líder caminhávamos. Troncos em volta de uma fogueira com alguns potes feitos de pedras em vol-ta. Bem diferente dos fogões a lenha das casas das cidades do Reino, mas conseguíamos cozinhar mesmo assim.

— Você sabe quando ele vai acordar?

— Não — direciono o olhar para Tân no portal da Caverna enquanto me sento em um dos troncos. — Não faço ideia e também não cobraria isso tão cedo.

Os olhos vermelhos do dragão me atingiram com compreensão. Chegamos a conversar sobre isso entre nós, sobre o garoto e o passado que as cicatrizes nos contavam. E exatamente essa pergunta se estendeu nos três últimos dias que nos dedicamos a ele e nosso treinamento, apenas.

Será que ele vai acordar? Talvez Tân tenha dado um golpe misericordioso para um corpo que já sofreu tanto, mas o meu

conhecimento dizia que aquela queimadura não seria capaz de matar. Porém, e as feridas mal cicatrizadas? Provavelmente elas estejam cobrando o seu preço.

— Asha. — Erus me acorda trazendo minha atenção de volta para a nossa conversa. De pé ao meu lado do tronco, ele percebe que não escutei nenhuma palavra que disse anteriormente. — Perguntei o que quis dizer com isso.

— Você o reconhece?

Mentalizo o seu rosto de novo e tento achar alguma pessoa parecida em minha mente, enquanto ele parece fazer o mesmo, mas logo nega com a ca-beça.

— Nenhum traço é familiar para mim. — ele conclui e volta a olhar para a caverna como se pudesse achar a resposta no garoto desmaiado.

— Ele é um de nós, Erus. Vi apenas um vislumbre do seu dom, fuma-ça em suas mãos e as linhas em seu rosto também estão pelo seu corpo, tão presente como as...

Minha voz trava ao lembrar das cicatrizes, especialmente a da lateral esquerda do seu corpo, tão profunda que a pele com certeza teve trabalho dobrado para refazer aquela parte, deixando o meio do peito até o começo da sua coxa esquerda com uma pele áspera e fora da cor bronzeada dele, era uma diagonal perfeita, e se fosse como nós, com certeza o golpe foi aplicado por uma Gormes. Meus olhos vagueiam rapidamente para as cicatrizes saltadas nas palmas das minhas mãos, parecia destoar tanto da minha pele como a do garoto.

— O corpo dele tem muitas cicatrizes, Erus. — por instinto minhas mãos abraçam o meu corpo. — Ele geme, fala e sempre parece estar com dor em seus sonhos. Acredito que tenha sofrido muito — deixei a informação ser digerida enquanto assistia Gwynt voltar de mais uma das suas rondas. Ela estava encoberta pelo ar, mas sabia que estava vindo em nossa direção mesmo assim. — Ele chama por alguém chamado Brydion, discute com uma tal de era e Perii. Nada que eu realmente entenda, então esperava que você ou Oem pudessem conhecer.

Erus não diz nada, apenas assente enquanto assistimos a graciosidade de Gwynt dançando pelo ar, voando em nossa

direção. Era hipnótico vê-la porque o seu corpo comprido não tinha grandes asas como Tân, ela conseguia flutuar pelo ar porque era o seu elemento e era gratificante assistir o seu corpo balançar pelo elemento.

— Existem outros como nós? — soltei a pergunta que apareceu na primeira vez em que vi o garoto.

Nossos olhos não saíram de Gwynt, que pousou flutuante logo à nossa frente notificando que não existia nenhuma ameaça ou surpresa. Ela rapidamente se encaminhou para ficar junto de Tân.

Por mais que tentasse pensar nessas questões, mesmo com os meus poucos ciclos, não consegui achar nenhuma resposta, como se fosse algo dis-tante, inexistente, mas claramente não era. A prova estava na Caverna dos Dragões.

— Pensei que fossemos os únicos sobreviventes, Erus.

— Eu também, Asha. Eu também.

CAPÍTULO 7

Erus me deixou no fim da tarde e minha mente parecia estar envolvida por uma névoa. Parecia que não conseguia ver adiante, e a sensação de que existia algo que não sabíamos do passo, tudo isso era frustrante. Ainda assim me mantive sentada no trono e tostamos os últimos peixes e corças que tínhamos.

Amanhã seria dia de caçar.

— Por quanto tempo será que ele ficou com os Arfenol?

Gwynt levantou a pergunta não feita. Não falamos mais sobre isso porque a ideia fazia meu corpo inteiro se arrepiar como se estivesse dominado por um mal pressentimento.

Mesmo assim, ainda não sabíamos a resposta, entretanto, o seu corpo gritava respostas. As cicatrizes estavam espalhadas por todo o seu corpo ao ponto de só conseguir estipular um tempo longo, muito longo convivendo com aqueles profanos. Meu corpo se retesou ao lembrar da maior cicatriz.

Também percebemos os movimentos bruscos que fazia quando dormia: empurrando as mãos como se esquivasse de alguém, ou as erguia querendo invocar o seu dom, e às vezes rosnava lembrando uma pequena Asha do passado. Mas nada foi comentado pela nossa ligação, deixando a questão pesar sem a resposta e com a possível verdade.

Eu entendia a sensação de se sentir perdida e querer fugir para longe, de preferência para o meio do mato. A lembrança despertava muitos sentimentos que poderiam ser gatilhos para passar a noite, e sem contar que esses dias andava sentindo demais, então voltei a me sentar ao seu lado e apenas observar como o cabelo dele caía graciosamente nas peles embaixo do seu corpo. Ele parecia não precisar se esforçar muito para estar apresentável, na verdade parecia ser bonito.

Meu coração pareceu galopar com a imagem de um homem saudável, vivo, feliz e limpo. O oposto do que

encontrava ali, mas mesmo olhando a versão desmaiada, os batimentos não pareciam acertar o ritmo.

Bom, era o que parecia, se ele terminasse de se limpar... E não que eu realmente entendesse algo sobre isso. Soltei o ar dos meus pulmões com força, sem pretensão de esconder a torrente que tomou o meu corpo em pouco tempo.

Sentimentos são frustrantes.

Acalmei minha mente repetindo que era normal ter essa reação por qualquer humano. Eu apenas não sabia como lidar com isso. Minha voz se tornou distante enquanto repetia. E esperei que os meus olhos ameaçassem pesar para dormir, mas isso não aconteceu de verdade.

Minha conversa com os dragões era espaçada e curta, diferente dos as-suntos de antigamente, que pareciam sempre importantes e fáceis de acontecer. Sempre que esse pensamento surgia em minha mente, a ideia de estar cada vez mais afastada deles me assustava, e de repente algo parecia bem mais interessante do que tentar entender o que realmente estava acontecendo.

A possibilidade de tentar compreender e consertar aquilo parecia há quilômetros de distância e eu estava cansada para tentar qualquer coisa. Ou era o que dizia para mim mesma.

Observar o Aliar perdido entre cochilos pela quarta noite seguida, me transmitia certa paz, com o seu rosto sereno e respiração relaxada. Acredito que estava tão exausto quanto eu. Se eu pudesse apenas dormir de verdade para...

E lá estava de novo.

Sempre quando demorava demais meu olhar nele, mas também sempre se ia ao repará-lo ali. Não se parecia com as linhas transparentes, que uma brilhava mais forte que as outras como se decidisse o que deveria acontecer em uma fração de momento. Não... Era uma linha grossa e vermelha, e não estava alinhada como as outras, na verdade parecia dançar bem na frente dos meus olhos como se quisesse ser tocada. Nunca

ousei fazer tal coisa, afinal, a linha em si era linda e se assemelhava com a visão que tive de Gwynt se aproximando da caverna no dia anterior. Era como se fosse algo divino, que não pode ser tocado e diferente da que com Lena, a qual estava no chão e cortada.

Essa era, ao menos, a quarta vez em que aparecia para mim sem que pedisse ou quisesse. Não funcionava com as respirações como as outras, não. Era com ele e não fazia ideia do que significava.

Desta vez, ela parecia mais perto e clara. Agora conseguia ver o fio se enroscar em um dos dedos do garoto, e, curiosa demais, segui a linha para a outra e a vi amarrada em meu anelar esquerdo. Um pouco embasbacada com a linha e a curiosidade, segurando com todos os dedos, dei um puxão no fio como se estivesse testando alguma ideia tosca.

Repentinamente a respiração dele acelerou, e logo o seu corpo foi impulsionado para frente como se tivesse despertado de um sonho ruim. Ele se sentou claramente sem fôlego, e os seus olhos estavam em um tom de azul escuro, mas mesmo assim era nítido que estava assustado.

— Como... Como você sabe o meu... O meu nome? — sua pergunta foi intercalada com sua respiração frenética.

Sem entender a questão, ajudei o ar a fazer o trajeto pelo seu corpo, e seus olhos pareceram perder a distância que tinham ao despertar, e trabalhando juntos conseguimos, aos poucos, regularizar a sua respiração.

— Eu não...

— Pelas Criaturas! Você estava me chamando! — ele me interrompeu bruscamente.

— Não faço ideia de qual seja o seu nome! — contra-ataquei no mesmo tom.

— Eu escutei... — suas palavras se perderam assim como o seu olhar, que começou a inspecionar a caverna na escuridão da noite. — Era a sua voz. A mesma. Elas falaram. É a sua voz.

Ele estava se repetindo como se tivesse perdido a cabeça, querendo se reconfortar de que sabia que era a minha voz, mas eu não fazia ideia do que estava falando. Respirei

profundamente, ainda encarando o seu olhar vagando entre mim e o ambiente que o cercava.

Estava em uma plataforma bem no canto direito dentro da Caverna, onde estiquei tecidos e peles para que pudesse dormir da forma mais confortável possível. A descida era feita de um emaranhado de pedras em meio à terra, que depois fazia o seu próprio caminho para fora ou dentro da caverna. Não tinha muitos detalhes além disso e minhas coisas espalhadas: ervas, potes, troncos, comidas, armas.

Com um sutil movimento de dedos fiz com que o ar o ajudasse a respirar mais devagar desta vez, a fim de relaxar o seu corpo e conseguir com que ajeitasse as suas ideias para que pudesse ajudá-lo.

Ele não falou mais nada depois da lamúria, beirando a insana. Depois de observar cada centímetro, seus olhos pararam nos dois dragões logo atrás de mim. Tân no portal e Gwynt perto o suficiente para fazê-lo erguer o rosto para conseguir ver todo o seu corpo. Com essa pequena inspeção, a respiração mais lenta se tornou involuntária para ele, seus dedos desfizeram a mão fechada de antes, os seus olhos começaram a não olhar tudo com o desespero de antes.

— Eu acredito em você — sussurrei para que se lembrasse da minha pre-sença.

Minhas palavras trouxeram seus olhos para mim. Queria respostas que esperei e queria isso antes de alguém de fora o assustasse mais.

— Quem é você? — ele perguntou sem enrolação.

— Quem te salvou — respondi sucinta. — Você está desacordado há quatro dias.

O silêncio reinou.

— O que vai contar a ele?

Gwynt quis saber pela ligação e soltei o ar, frustrada.

Mesmo com esse tempo não descobri o que deveria ou não contar para ele. Fiz a pose de curandeira preocupada, sendo que na verdade não queria que ele se visse preso mais uma vez com aquele bando de machos respirando em seu cangote.

Mesmo que nem todos se comportassem daquele jeito, acabei seguindo o meu palpite.

Ou talvez isso seja uma grande mentira e só queria algo para me distrair da oficina de Cig, que minha mente se tornou.

Em nenhum momento ele desviou o olhar do meu, mesmo ao inclinar a cabeça levemente para a direita. De imediato senti uma presença em minha mente, como um roçar sedutor em minha muralha pessoal, querendo rompê-la em busca de todas as minhas informações.

Mal sabia ele.

Rosnados reverberaram da minha mente para o do dono da presença intrusa. Em um impulso, o garoto se arrastou para longe de mim, tampando os seus ouvidos. Semicerrei os olhos com um ligeiro sorriso nos lábios.

Mal sabia ele que mesmo com a muralha ruindo, existiam dois guardiões. Mesmo que a sintonia de antes esteja falha, a proteção não. Os dragões protegiam a minha mente como eu protegia as dele.

— Então você invade mentes, esse é o seu dom — concluí sem rodeios e o seu olhar contrariado já me disse tudo.

— Quem é você? — questionou mais uma vez.

— Conte você, já que claramente está em desvantagem — dei um sorriso preguiçoso, mesmo sabendo que pareceria falso.

Há quanto tempo não faço isso? Há quanto tempo não sei o que é sorrir?

Independente disso senti a presença dos meus dragões atrás de mim, e isso era reconfortante. Ter alguém para te amparar.

Há quanto tempo não me permiti sentir isso? Há quanto tempo os afastei?

Guardei as indagações para outro momento. Não tinha tempo para isso agora, tinha que lidar com o Aliar perdido e invasor de mente.

— Esconder as emoções é só mais uma máscara, garota com escamas. — ele murmurou com um leve sorriso no rosto, não percebi que seus olhos estavam cravados em mim. — Eu sou o Abyss, o meu dom é o abismo. Ele me permite invadir

mentes e destruí-las ou só obter informação mesmo. Com o tempo, aprendi a ler a mente sem precisar entrar nela, então apenas te digo: lide com essa merda logo.

As últimas palavras me baquearam tão forte que quase excluí minha curiosidade de descobrir mais sobre Abyss. Apenas o encarei por um tempo tentando digerir a verdade nua e crua exposta em minha frente.

Cruzei os meus braços desviando do seu olhar, estava me sentindo ex-posta demais e me obriguei a olhá-lo de novo.

Não tenho tempo para lidar com isso agora.

— Esse apelido é diferente. — já que ele queria fazer esse jogo, a Mulher Dragão estaria presente. Voltei a olhá-lo, mas me levantei em sua frente e relaxei o corpo com um sorriso presunçoso. — Então, Abyss... — salientei o seu nome.

— Você realmente não quer lidar com isso. — ele resmungou e bufou logo em seguida. — Pode, ao menos, me dizer o nome da minha salvadora com escamas?

Revirei os olhos com o tom sarcástico em sua voz. Ele não estava amarrado ou preso a algo, mas mesmo assim permanecia sentado nas peles. Por sorte a queimadura tinha pego só uma parte da frente do seu ombro direito, e o restante na parte superior das costas, mas agora parecia estar cicatrizando bem.

Seu corpo emanava uma sensação de se sentir seguro, finalmente, como um grande alívio misturado com uma grande curiosidade. Talvez fosse como eu estava me sentindo, entretanto, Abyss sabia que qualquer movimento em falso poderia custar a sua vida, podíamos estar em uma conversa amistosa, mas isso não queria dizer que confiava nele.

— Asha — respondi retribuindo a informação. — E o meu dom são os dragões.

Olhei por sobre o ombro lembrando tanto dos meus dragões como da marca, logo ali atrás também. Olhos vermelhos e roxos estavam calmos e atentos a qualquer movimento dele.

— Por isso as escamas... — Abyss pondera em voz alta. — Você os domestica?

Ele perguntou sem crueldade na voz, mas a minha reação foi única.

— Pelos Dragões! Nunca! Eles são seres livres como qualquer outro ser, como nós. Mas nossas vidas, essências e dons são ligados — tentei explicar de forma simples.

— Mas você parou ele. — Abyss apontou para Tân. — Você manda neles. A acusação me pegou desprevenida, levei a mão para a minha nuca e procurei concentrar em minha respiração. A resposta era confusa, carregada de um sim, mas um não ao mesmo tempo. O que para mim fazia todo o sentido, só não sabia como fazê-lo entender que posso sim controlá-los, mas confio neles ao ponto de não precisar.

Humanos geralmente são confusos.

— Explique para ele que você pode nos controlar, mas não tira proveito disso.

Gwynt simplificou a questão e tive que olhá-la para agradecer pela clareza. Nunca tinha tentado explicar isso para outro humano, e entre nós, eu e os dragões, parecia tudo simples e fácil de entender.

— Por que está olhando para o dragão? — ele questionou ríspido.

— O nome dela é Gwynt e o dele Tân — apontei para os respectivos dragões com um tom mais grosseiro. Não deixaria que os tratasse assim. — Se eu fosse você, os trataria com respeito. Eles são meus companheiros e é o mínimo que exijo, tanto para eles como qualquer outro ser vivo. — Seu olhar ligeiro suavizou diante das minhas palavras. — Temos uma ligação. Consigo conversar com eles e, se quiser, posso controlá-los como bem desejar, mas não quer dizer que faça isso da forma grotesca como sugeriu — tentei explicar da forma como Gwynt disse, mas claramente minha personalidade colocou o seu toque nas palavras. — Eles são como qualquer outro ser, então merecem ter o livre-arbítrio deles — sustentei o seu olhar, enquanto defendia o meu estilo de vida com os dragões, e percebi que fazia um tempo que não me sentia viva assim. Voltei o foco para ele: — Agora, se eu também fosse você, procuraria descansar porque amanhã tem uma reunião com o líder do clã.

Não esperei uma resposta, apenas me levantei e fui em direção aos meus dragões, refletir sobre a tal merda que precisava lidar.

CAPÍTULO 8

No dia seguinte, Gwynt fez uma visita rápida ao Oceano Rae pegando os cardumes matutinos, Tân os fritou para comermos enquanto eu e Gwynt caçávamos algo maior para sustentar o porte deles. Um belo trabalho em equipe quando envolve uma coisa: fome.

A caçada na Cordilheira de Bico Fino é mais fácil do que era na Cidadela do Arvoredo. Não entendo o porquê, mas isso não importava quando voltamos com um veado e outra corça. Depois da lição de moral que recebi de um desconhecido, mal consegui pregar os olhos, mas descontar a emoção angustiada em uma caça foi gratificante.

Mas Gwynt lembrou do primeiro exercício que me ensinou, e assim con-segui aproveitar o restando do tempo da lua e dormir. Era algo simples, respirações mais lentas do que estava habituada para que meu corpo entendesse que era hora de relaxar totalmente, para que diminuísse e pegasse o ritmo da respiração.

Durante um período, Tân ficou de guarda na maior parte do tempo, Gwynt tomou o lugar dele para descansar durante a noite e me aproveitei do momento e me deite ao seu lado, bem perto do seu pescoço, e isso me manteve aquecida durante o pequeno período de sono que tive, enquanto o domador do abismo ficou com as minhas peles.

Eu mal o conhecia, mas ele já me irritava.

Abyss se juntou a nós assim que o sol começou a atingir mais o fundo da caverna, logo depois de Gwynt e eu voltarmos da caça. Sua cara amassada estava para poucos amigos, mesmo assim insisti de forma amistosa como minha mãe e Michii costumavam fazer, era um modo de chamar minha humanidade. E como sendo uma boa pessoa que não gosta de pessoas, levei comida comigo como um jeito de tentar começar de novo ou algo do tipo.

— Bom dia! — meu tom foi bem mais animado do que o que realmente sentia.

Seus olhos azuis estavam escuros e me encaram com pouco afeto. Uma parte minha quis esmurrá-lo ali mesmo e cancelar todo o papo Cora e Michii.

— Pessoas também precisam de pessoas.

Era uma das baboseiras que ambos pareciam ter combinado para me dizer. Afinal, eu tinha as pessoas que precisava, não?

Talvez eu não faça ideia do que eles realmente queriam dizer, porém escolhi me manter inspirada em ser agradável.

— Tome isso — dei um pequeno copo de pedra para ele, que olhou com desconfiança. — Se fosse para te matar, teria deixado a queimadura infeccionar, assim pouparia todo o esforço que tive.

Minha voz não foi ameaçadora como normalmente seria, o tom era sincero e o seu lábio repuxou em um lado. Joguei um peixe para ele como uma forma de amansar o começo do dia, seu reflexo foi rápido, assim como a mordida que deu.

Não tinha lembrado de alimentá-lo ontem à noite. Talvez estivesse faminto e uma parte minha se deleitava com o pequeno desconforto dele.

— É uma bebida para incentivar o seu corpo a se curar — respondi sucinta ao ver sua cara de nojo, e antes que pudesse cuspir, Abyss engoliu como se aquilo doesse.

A floresta ao redor dava bastante suprimentos, assim como os Puas, mas não podíamos depender deles, já que praticamente são o ponto de exportação de comida pelo Reino, e uma grande falta poderia causar alarde, então, com algumas sementes também iríamos montar uma pequena horta e até pode-ríamos repor o que pegamos.

De qualquer forma, o que mantemos mais na Caverna dos Dragões é carne e mais tarde iríamos precisar pegar mais.

— Faz tempo que você não vai comigo.

Gwynt comenta casualmente, mesmo que hoje eu tenha feito isso, sei o que ela quer dizer.

— Talvez ar fresco me ajude.

Retruco apenas para colocar um fim na breve conversa.

— Quer fogo fresco também?

Tân questiona e eu sinto a ardência subir pelo meu corpo, mas não o paro. Sei que ele quer dar uma pequena demonstração do seu elemento, então o fogo atinge bem em minha frente na fogueira, que cresce com mais alimento.

Dou um sorriso ao ver a altura que atinge e ergo a mão para diminuir a brincadeira, antes que atraiamos olhares desnecessários.

— Pensei que ele ia te queimar só para provar aquele lance de “posso mandar, mas não quero” — Abyss comenta com a boca cheia e ao olhar para mim, fica estático me encarando com a calda do peixe pendendo entre seus dedos logo à frente da sua boca.

Mesmo o olhando diminuo a fogueira e vejo a fumaça parar na barreira de ar que fiz em cima de nós e do clã. Não conseguia manter por muito tempo, mas seria o suficiente para a fumaça se dissipar pela floresta ao invés de sinalizar nossa direção.

Talvez um pouco protetora demais, mas todo cuidado era pouco, já tinha entendido isso.

— O que foi? — questiono e agito as mãos entre nós para afastar a fumaça.

— Acho que ele morreu sentado...

Tân comenta analisando Abyss, o dragão realmente parecia de bom humor hoje.

Dispenso o comentário dele com revirar de olhos acompanhado de uma risada involuntária. Os dragões eram dois opostos, um inocente e bobo enquanto a outra era observadora e falava as coisas na lata — quer goste ou não.

— Não faça isso. — Abyss pediu e eu congelei, sem entender. — O sorriso. Não faça mais isso.

Era um pedido. Um pedido estranho e meus lábios se fecharam instantaneamente. Acredito que nunca na minha vida tinha me sentido tão sem graça como nesse momento. Senti quase como se fosse um aviso divino me dizendo que era

errado estar sorrindo perante tudo que aconteceu, que eu não merecia esse tipo de sentimento.

Notei que, pela segunda vez desde que se sentou no tronco, ele abraça a sua cintura e acaricia a lateral esquerda.

Ainda mergulhada em meus pensamentos, apenas assinto e volto a atenção para a comida que deveria estar comendo. Tân e Gwynt estão encarando furiosamente o garoto, e deixo que façam isso por mim, enquanto minha cabeça procura alguma resposta afiada e certeira de como poderia fazer para acertá-lo com a minha lança.

Só preciso agitar os dedos para pegar ela na caverna...

— É que... Me lembra alguém. — ele diz exasperado para os dois dragões que o fuzilam. — Desculpe.

Alguém. Ele tinha alguém.

Senti uma parte dentro de mim se apertar e outra realçar. Percebi então que eu queria fazê-lo sofrer apenas porque disse uma verdade. Eu não cas-tigava Gwynt por todas as doses de sinceridade que ela me dava, então não fazia sentido fazer isso com ele, parecia...

— Errado. Você não é o único ser vivo no Reino, Asha. E sinto te informar, nem todo mundo vai concordar com você — Gwynt completa o meu pensa-mento com mais uma bacia de água fria.

— Você que o diga!

Resmungo pela ligação e sinto uma vibração ecoar pelo meu corpo com a brincadeira e afronta, que tinha acabado de fazer apenas porque quis.

Querer.

Já faz um tempo que eu não quero nada além de só existir. Eu estava rastejando há, pelo menos, mais de quarenta dias. Ignorando a voz que me fa-zia questionar sobre como as coisas estavam indo dentro de mim e concordo com a que dizia não ter tempo para nada além das minhas dores. Na verdade, ninguém sabe quanto tempo realmente tem de vida. Então deveria eu viver a esmo?

— Então você vai precisar cortar o cabelo — retruco de forma desleixada enquanto sento, terminando o meu segundo

peixe.

— Quê? — ele questiona, sem entender, tocando em seu cabelo sob o om-bro. — Meu cabelo?

— Me lembra alguém — minto dando de ombros.

Sendo ou não verdade o que ele disse, viro de costas para Abyss e começo a gargalhar. Ao mesmo tempo que me sinto ridícula pela pequena brincadei-ra, também me sinto leve quando a risada sai.

— Faz tempo que não escuto esse som — vejo Erus assim que volto da euforia da brincadeira.

Olho de relance para Abyss apenas para me certificar de que está ali e está tudo bem, e vejo um sorriso desaparecer rapidamente do seu rosto, assim que percebe que não estamos sozinhos. Prefiro fingir que foi uma ilusão minha, enquanto me levanto observando Erus caminhando com três soldados. Fiz uma leve reverência ao líder Aliar, Abyss não demorou em copiar os meus movimentos, mas pude ver suas mãos sujas e inquietas mudando entre passar em suas novas calças, apertarem o tecido e depois acariciar os braços como se estivesse com frio.

Talvez a minha sugestão de que ficou muito tempo como prisioneiro dos Arfenol seja verdade, conseguia sentir isso em cada pedaço desse Reino. Desta vez sentia como se a minha intuição tentasse sussurrar isso em meu ouvido.

Erus e os soldados não falaram nada desta vez, até porque não vieram os mesmos daquele dia. Graças a Nestor! Uma dor de cabeça a menos por hoje.

— Erus, é o líder do nosso clã — apresentei ao Abyss, que me olhou com olhos tempestuosos e escuros. — E esse é o Abyss, domador do abismo.

O acompanhamento do dom dele foi mais um aviso para Erus também, confesso. Mas não olhei para o líder, encarei olhos escuros como nuvens de tempestades e direcionei a cabeça para os quatro como quem incentivasse a encarar aquilo como um ser livre.

— Prazer. — Abyss respondeu de forma sucinta e duramente fez mais uma reverência.

— Prazer, Abyss. — Erus se aproximou, o que fez o garoto do meu lado ficar mais tenso. Lancei um olhar de advertência e Erus parou. — Será que poderíamos conversar, Abyss?

Seus punhos estavam tensionados, assim como todo o seu corpo, mas não indicava que iria tentar fugir ou algo do tipo, apenas irradiava medo. Esse sentimento ainda não tinha sentido vindo dele. Dei um passo para frente querendo chamar a sua atenção e ficar entre ele e os membros do meu clã, como uma barreira.

— Você não é mais prisioneiro, Abyss. — seus olhos azuis escuros encontraram os meus e podia jurar que alguns tons roxos apareceram. — Você está seguro.

Encarar os seus olhos parecia um grande mergulho em um novo abismo desconhecido. Estava apenas dizendo o que cada mínima parte do seu corpo gritou para mim por três dias. E eu senti medo. Um grande medo de estar completamente errada com o que minha intuição estava querendo me dizer e falhar em tentar ajudar alguém. Não serviria nem para isso... Uma parte imensa dentro de mim queria sair gritando até sumir, até virar apenas o ar.

Poderia tentar fazer isso, mas não fiz. Por algum motivo estiquei minha mão para Abyss. Tanto para passar na minha frente como para segurá-la, caso sentisse vontade. Queria que ele se sentisse realmente seguro porque posso apenas imaginar e nunca ter certeza do que ele passou. O amparo seria o único jeito de ajudá-lo, do mesmo jeito que Gwynt e Tân fizeram comigo durante esses dias.

A clareza veio como uma brisa leve, quase me derrubando em um mar de água gelada. A verdade roçava todos os lados do meu corpo, uma verdade gelada porque quis ignorá-la, porque dizia que não tinha tempo.

Já sabia que não viveria a esmo, e olhando a tempestade dos olhos de Abyss a se dissipar para um azul escuro profundo com toques roxos em busca de tranquilidade. Naquele momento sabia que agora eu podia estender o favor.

E talvez seja isso, fazer um favor a alguém não quer dizer que deva devolvê-lo para a mesma pessoa, mas sim que você

estenda a mão para outra.

E para a minha surpresa, Abyss pegou na minha mão. Não de forma física, mas aceitou a minha ajuda dando um passo para frente, e quis sorrir com isso, mas apertei os lábios lembrando do que tinha me pedido. Não iria estragar esse avanço desencadeando algo ruim dentro dele.

— Você vai comigo? — ele questionou com aquele roxo ainda nos olhos, tinha algo a mais que não consegui identificar.

Sua voz não foi tão alta para que os demais escutassem, mas não era impossível sentir o fio de impaciência sendo irradiado pelo guarda, talvez não estivesse com tanta sorte hoje, mas não precisava dele. Não dele. Apenas

Erus, sabia que ele confiava em mim e isso bastava. Assim como Abyss estava confiando.

Algo inflou dentro de mim. Não soube dizer ao certo o que, mas minha coluna se endireitou assim que acenei com a cabeça para ele.

— Nós vamos, Erus — vejo os roxos se iluminarem, e como ontem, faço o ar ajudá-lo a manter a respiração lenta. — Os dragões vão te acompanhar.

Sussurra para o domador do abismo sustentando bem o seu olhar antes de piscar e deixá-lo ser flanqueado pelos dois, e ir conversar com Erus. Não vi o seu rosto, mas acredito que esteja bem mais tranquilo em ser acompanhado por dois dragões do que por três machos irritantes.

— Você não pode participar de uma reunião. — um deles resmunga, como de costume, e eu acompanho com um revirar de olhos descarado.

— Você está diferente. — Erus constata.

— Vocês ainda estão parados? — retruco aos soldados e volto a minha atenção ao Erus.

Não preciso olhar para trás para saber que começaram a nos seguir, que Tân e Gwynt deixaram os dentes à mostra com Abyss no meio deles e que os soldados não estavam felizes com o caminhar da situação. E aquela parte que inflou dentro de mim parecia não parar, talvez eu fosse explodir!

— Basta, Korpius. — Erus cortou o que ainda resmungava. — Como você deve bem saber, todo chefe de algum posto do nosso clã pode e deve participar das nossas reuniões. E Asha, além de ser a eleita, também é a única curandeira, então virou a líder nesse departamento, logo a trate como tal.

Não consegui conter o calafrio ao escutar aquela palavra. Não nego o meu péssimo comportamento desde a partida de Cora, assim como não nego que a parte humana quis mergulhar de corpo e alma naquele abismo, mas a parte dragão me segurou firme. E também sei que carrego mais uma morte e dois desaparecimentos nas costas e por causa deles escalei para fora do abismo.

Meus ombros ainda pesam. Ainda mais ao ouvir aquele título. Eleita. Junto de tudo isso também neguei esse título que me foi dado e nem sabia se ainda o merecia.

É. Eu tinha que lidar com muito merda.

— Então você está sozinho? — Oem perguntou.

Abyss concordou com a cabeça enquanto bebericava mais uma das mi-nhas bebidas. Seu corpo parecia intacto por fora, mas com a ajuda das ervas pessoais de Axía, consegui preparar durante a pequena reunião e dar a ele. A liberdade que Oem me deu para mexer em suas coisas foi pesada e sufocante a cada passo do preparado da bebida que fiz para ele, apenas por precaução. Além da queimadura, não sabia o que ele poderia ter enfrentado.

— Eles sacrificam seres extraordinários para dar os seus dons a Cig, que ainda está preso pelo dom de Nestor. — Cada vez que engolia o líquido pegajoso da bebida fazia uma careta, mas desta vez soube que a lentidão para virar tudo de uma vez era apenas uma desculpa. — Meus pais foram levados.

Sua postura era de um soldado exemplar, só não sabia de onde tinha vindo. Se tinha aprendido com o seu clã ou de tanto observar os Arfenol. Ainda não sabia a sua história, além das minhas próprias teorias, sem confirma-ções.

— Eles foram mortos? — questionei, apreensiva.

— Tive esperança por um tempo, mas descobri que sim. Eles os assassinaram. — ele conseguiu disfarçar o pesar em sua voz, mas não de mim. Os pontos roxos sumiram do seu olhar, fazendo os seus olhos assumirem aquele tom de azul escuro. Era fácil sentir sua dor pela sua energia, porém estava explícito em seus olhos também. — Eu tinha tentando escapar usando o meu dom, enquanto me mantinham apenas preso com cordas normais. Eles me julgavam inofensivo, então aproveitei esse momento e minha tentativa de fuga custou cinco soldados da Guarda Celestial.

Era assim que se chamavam então, Guarda Celestial. Então eles são mais profanos do que imaginávamos, ainda mais com esse nome que exalava o oposto do que realmente faziam conosco.

— Como os atacou? — Erus quis saber.

— Eles me deixavam longe de qualquer Gormes, então foi fácil. — ele deu de ombros e cruzou os braços depois de deixar o copo de pedra no chão.

— O primeiro deixei catatônico, o que presumiram que tinha sido causado por causa do gás de Gormes quando os ferreiros unificam o metal com as armas, e esse efeito só é causado em Arfenol. Sobrevivi sem problemas com o gás. O segundo e o terceiro viviam apenas para não ter suspeitas, mas estavam sob o meu comando. O quarto assassinou o quinto, que implorou por isso, e depois tirou sua própria vida. — ele soltou os braços e pousou sobre as suas pernas. — Acredito que no final nenhum suportou os seus abismos.

Soltei o ar com força dos meus pulmões e nem sabia que estava prendendo. Expulsando para conseguir uma outra lufada fresca e fria. Não deveria me surpreender com o dom dele. Abismos são lugares de punição, seja ela real ou apenas alimentada pela nossa crença de merecer aquilo. Eu realmente não queria começar a imaginar o que os dois últimos guardas viram para recorrer à morte como resposta.

E comecei a me questionar o que vi por todo esse tempo, que me fez ficar em tentação, que me fez cogitar que merecia

aquilo. Qual é a merda que eu via e o que mudou, Abyss?

— Depois de ser descoberto, me prenderam em uma gaiola feita de Gormes. Não conseguia usar meu dom por nada. A sensação que o metal causa é avassaladora, mal conseguia me mover direito. — Abyss voltou a contar, após me olhar de canto de olho apenas para certificar que ainda estava presente.

— Arrastavam o meu corpo para fora, preso por algemas feitas também de Gormes e obrigavam crianças Aliara a usarem os seus dons em mim. — sua voz embargou obrigando-o engolir em seco antes de continuar. — De maneira intensa e repetida para me enfraquecer o suficiente para poderem me libertar e colocar o metal na garganta das crianças, me obrigando a fazer o que queria: obter respostas em outros Aliar. Eles queriam saber a localização dos outros clãs.

Muito provavelmente suas cicatrizes não poderiam ser mais curadas pelas ervas. Eu já sabia disso desde que as notei, mas isso nunca me impediu de querer que elas desaparecessem, e uma parte minha não gostava de não poder protegê-lo daquilo. Ou de qualquer Aliar ou ser vivo sofrer algo do tipo. Entretanto, eu tinha que aprender que existiam cicatrizes que não podiam ser curadas ou desfeitas.

Cresci sendo treinada a escapar dos Arfenol, mas jamais me indaguei além do que era me dito. Eles nos caçam e quem era capturado nunca mais era visto. Essas eram as duas verdades que me faziam correr quando era mandado, mas nunca imaginei os tipos de atrocidades que eles realmente faziam. Éramos um sacrifício para Cig. E onde estava Nestor nessa história toda?

— Antes era apenas com Arfenol em busca de informações sobre os clãs Aliar escondidos. E, claro que não dava todas as informações para eles, geralmente só tinha energia o suficiente para vasculhar miseravelmente a mente inconsciente deles, e isso tornava a busca muito mais fácil. Sem resistência e também reservava um pouco do dom para serpentear sorrateiramente as mentes do guardas. Não voltaria para aquela gaiola sem nada. Eles não percebiam, nunca tiveram qualquer tipo de treinamento contra alguém como nós, a não ser lutar com Gormes.

“Foi assim que descobri sobre os seis clãs Aliar espalhados e peregrinos no Reino Nefir e também que meus pais tinham sido sacrificados há ciclos atrás. Uma parte de mim já sabia, mas o baque da verdade foi muito maior do podia imaginar. A dor me cegou e na primeira oportunidade sem o metal perto de mim, afoguei os seis guardas responsáveis por mim emsuas próprias águas escuras. A parte difícil foi fugir e continuar despertando o abismo em quem aparecesse. Conseguir fugir alguns quilômetros antes da Exaustão cobrar o preço.”

Tinha uma enorme dor em sua voz. A imagem do Abyss sofrendo invadiu a minha mente e meu maxilar trincou. Ódio, raiva e uma vontade terrível de cometer qualquer atrocidade contra um Arfenol quase dominou o meu corpo. Acredito que se não fosse minha plena consciência sobre a maldição e o abismo, que podia simplesmente me engolir, eu teria cedido sem questionar.

O poder do Abyss é algo sem precedentes e pode ser tanto controlado pelas suas emoções como por sua razão. Entendo o motivo de ele ter tirado todas aquelas vidas.

Abyss tinha que curar essa ferida interna igual a que eu tinha. Conhecia bem o sentimento de impotência e de querer simplesmente colocar todas as respostas à mercê da escuridão que nos assombra. Sempre parecia tentador demais, o caminho mais fácil.

Com o formigamento já ameaçando minhas palmas, fez com que me questionasse o rumo dos meus pensamentos. O vento gelado que Gwynt so-prou em minhas veias e fez todos os sentimentos pausarem e meu corpo as-sumiu uma postura de alerta.

— Respire, Asha.

Tân endossou o sentimento causando um calor em meu corpo, um sentimento de amparo, de pertencimento.

Encontrei os olhos de Erus, preocupados, então dei o meu melhor sorriso sem mostrar os dentes. Ele está me analisando desde o último episódio. Não o culpava, mas queria mostrar que, de alguma forma, estava seguindo a luz, e mesmo que ele não

pudesse ver, queria dizer que estava bem longe daquele abismo.

Desvio o olhar de Erus para o domador do abismo. Abyss se encontrava ainda sentado, esfregando uma mão na outra e com a cabeça baixa. Sua energia vibrava diversos sentimentos, mas o que se destacou foi a dor que as memórias causavam, mesmo ainda não tendo contado tudo. Ainda não sabia como tinha conseguido aquela cicatriz na lateral do corpo.

— Acredito que o Abyss já entregou o suficiente por hoje — declaro colocando cuidadosamente a mão em um dos seus ombros.

Sutilmente vejo o seu corpo relaxar. Não acredito que só eu tenha merdas para lidar, afinal.

Apenas assentiram com a cabeça. Com uma ligeira reverência saímos da tenda de Erus. Abyss ainda se encontrava tenso e acariciando a mesma lateral de mais cedo, e mais uma vez, não questionei.

Caminhamos até a Caverna em silêncio.

— Quer comer algo? — perguntei já dando uma pedra cheia de amoras. Ele o pegou sem dizer mais nada. Andando de um lado para o outro, resmungando baixo e insistindo em passar a mão em todo o cumprimento do seu cabelo. Apenas o observei enquanto Tân e Gwynt discutiam possíveis assuntos que passava pela cabeça dele. A verdade é que as minhas teorias são as mesmas que as deles.

Eles sempre foram assim, falantes demais perante a domadora silenciosa dos dragões aqui, mas gostava do som das suas vozes em minha mente, de certa forma era reconfortante, mesmo que vez ou outra encarava um dos dois por causa de alguma ideia ridícula.

— Vocês possuem a ligação, certo? — Abyss questionou, chamando minha atenção e apenas confirmei com a cabeça. Seus olhos não estavam tão escuros mais, porém não conseguia vê-los direto por conta da distância. — Isso explica porque o grandão ali tentou me queimar. — o assunto pareceu aleatório demais, apenas sentei em uma pedra no canto da caverna e deixei que falasse. — Você queria! — seu tom foi

acusatório, ele parecia tão confortável para quem estava por aqui a pouco tempo. Minha única reação foi sentir o peso da sua fala enquanto os dragões começaram a encará-lo. Ele não podia estar falando sério. — Você está instável e prestes a ceder ao seu próprio abismo. — desta vez meus ombros afundaram. — Eu posso sentir isso e você sabe.

Suas palavras foram um choque para mim.

Não esperava e nem estava entendendo o porquê daquele ataque repen-tino.

— Você está quebrada, então queria alguém para remendar também. Por isso me chamou para cá e me queimou!

Ele não fazia sentido algum.

Já entendia parcialmente sobre o seu dom, assim como sabia que ele não podia vasculhar a minha mente como fazia com os outros, então não cogitei que sequer conseguiria ver o abismo dela. Mas, particularmente, queria que ele pudesse ver para então ter respostas.

Dizer as palavras tornava tudo tão real e isso causava um frio na minha barriga como se fosse errado, estranho. Como se ninguém fosse entender e simplesmente virar as costas para mim, mais uma vez. E eu não queria mais uma dose dessa rejeição em minha vida. Eu não aguentaria.

Então escondi os sentimentos que pareciam errados.

— Cala a boca.

— Você sabe que estou certo. — ele fez questão de dizer. — Posso não conseguir entrar em sua mente, mas aprendi unir alguns pontos. — Abyss parou para me observar ainda distante, como se quisesse esconder seus olhos de mim, e deu um sorriso enviesado. — Você não faz ideia da influência que tem sobre eles.

Meus dedos encontraram as palmas das minhas mãos, apertei os lábios e percebi que minha respiração alterou para rápida, e não hesitei em alimentar isso.

Se ele estava em busca de algum tipo de discussão, teria o que buscava. Minha boca estava seca como se todas as palavras tivessem evaporado.

— Sua queimadura está boa?

Minhas mãos suavam e soltei uma ameaça fraca por falta de ideia, mas não podia ficar apenas calada.

— Eu entro em mentes, Asha. Eu as conheço melhor do que gostaria — Abyss se despediu com um aceno breve, após jogar uma das minhas amoras em sua boca e depois a pedra para mim.

Não pude evitar, eu torcia para que se engasgasse.

Abyss não voltou a falar sobre o seu passado e eu não questionei. Até porque não era da minha conta, e já fazia três dias que não dirigia a palavra a ele, desde a sua explosão repentina. Cheguei a ficar apreensiva com a ideia de ele viver sozinho pelo Reino Nefir à mercê dos Arfenol, ao invés de se juntar ao clã.

A chance de ser pego poderia ser maior ou menor, depende do ponto de vista. Mas pelo menos não viveria sozinho. Julgando pela sua história e que tenha um ou dois ciclos a mais que eu, Abyss tinha vivido, no mínimo, sete ciclos sendo prisioneiro e vagando sozinho. Ou até mais.

Estava me importando demais com alguém que cuspiu aquelas verdades em minha cara. Talvez eu seja o equivalente a uma mula por ainda me importar.

Nem Tân e nem Gwynt falaram sobre aquilo ou talvez porque eu realmente não queria falar. Era como se ele tivesse tirado as palavras da minha boca, palavras minhas por direito! Os meus sentimentos! Abyss me expôs sem o meu consentimento e desta vez eu tinha a escolha de não falar. Mas foram os três dias mais arrastados desde a nossa mudança para a Caverna dos Dragões, como se aquela falta de sintonia tinha sido descoberta e permanecia no meio da nossa caverna, do nosso treino, como um grande dragão branco me encarando. De forma totalmente desconfortável.

Admitir um erro era algo bem difícil para mim, já que passei boa parte da minha vida me escondendo de qualquer

convivência, e sendo a única certa em minhas discussões unilaterais. E Michii não me obrigava a dizer em voz alta, apenas me fazia entender o erro. Entretanto, dessa vez o óbvio precisava ser dito, o que me levou a questionar sobre a tal influência que ele disse. Sendo uma explosão desnecessária ou não, Abyss tinha trazido a realidade que vivia em mim desde a passagem da minha mãe e sei muito bem o que meus dragões sentiram nesse período, apenas escolhi ignorar porque não queria ouvir nada além do meu próprio sofrimento.

E eles fizeram o mesmo e até hoje estão fazendo.

Eles também perderam alguém querido e eu tinha sido egoísta. Não queria aceitar o multum de Cora e depois ignorei qualquer sentimento, vibração ou energia triste referente a isso, se não fosse o meu... Eu os ignorei. Eu mesma tinha feito a merda, era minha culpa.

Sem forças, abracei as minhas pernas, o soluço me dominou com um solavanco forte enquanto a lua se encontrava logo acima de mim. Minha cabeça pendeu até encontrar os meus joelhos e deixei as lágrimas lavarem aquelas dores que pareciam esfaquear o meu coração de novo, de novo e de novo.

A noite fazia a cena em si ser bem mais depreciativa. Sem Abyss ou qual-quer um por perto a não ser eles. Os únicos que realmente importavam naque-le momento. Não queria continuar como estávamos, queria nossa sintonia de volta, queria passar por isso junto com eles como deveria ter sido. Juntos somos mais fortes. Iria ignorar apenas uma coisa: o abismo. E nada mais.

— Desculpa.

Sussurrei pela ligação.

Não houve resposta falada, mas ela não era necessária.

Gwynt me enrolou em uma espécie de abraço. Seu corpo longo me envolveu em duas voltas folgadas, emanando um sentimento puro, que aqueceu e lavou o meu coração. Tân chegou perto de nós e com o seu corpo robusto optou por se posicionar logo em nossa frente, e nos envolver com suas asas enormes.

Não conseguia e não queria ver nada, apenas queria sentir aquele sentimento crescendo e crescendo dentro de mim. Em meio à lágrimas, um sorriso surgiu em meu rosto, sentindo uma corrente forte percorrer o meu corpo.

A antiga selvageria estava de volta e consegui ver o muro ruir de uma vez, eles estavam ali, me esperando.

Cora tinha completado o seu multum. E eu tinha os meus dragões comigo para enfrentar todas as merdas que viriam.

CAPÍTULO 9

Depois daquela noite, o Reino em minha volta pareceu mudar. Não é como se as cores não estivessem lá o tempo todo, mas, como antes daquela queda, agora eu conseguia ver todos os seus detalhes, diferenciar do tom mais escuro de azul para um tom mais claro. Mesmo que a diferença seja uma linha tênue. Assim como os sentimentos pareciam estar mais aflorados, o que era uma mentira, já que simplesmente me escondi naquele muro e acabei detectando estímulos diferentes, como a euforia do Abyss aquele dia.

Agora tinha medo de simplesmente ignorar todos os sentidos do meu corpo. Um grande receio de voltar à estaca zero me rondava e uma assolação rondou o restante da noite e o início do dia. Parecia que estava aprendendo tudo de novo, e desta vez não teria uma mãe para dar beijos em meus machucados.

Não estava tudo bem, mas achei um espaço nesse sentimento para o qual pertencer e crescer. Conseguia ver com mais clareza agora todos esses ciclos sendo dependente da minha mãe como se fosse minha própria vida, e ela foi, por um tempo, mas não mais. Ainda continua sendo a minha mãe, entretan-to, daria passos com as minhas próprias pernas sem me escorar nela e nem em ninguém. Os dragões estariam presentes em cada momento, disso não tenho dúvidas, eles me ampariam quando fosse necessário porque é para isso que servem os amigos e entes queridos. Amparo, e não dependência.

Com essa conclusão bem clara em minha mente, dei os primeiros passos. Depois de uma noite regada a comunhão entre mim e meus dragões, consegui tomar a primeira decisão como Asha, a Mulher Dragão. Antes de ir em direção ao meu destino, um Abyss faminto me cumprimentou brevemente, antes de se sentar e comer o resto de peixes que deixei. Teria que

conversar com ele, mas isso seria mais tarde, já que nesse exato momento conseguia sentir cada sentimento em seu corpo: perda, dor, superação, ódio, vingan-ça, alívio, pertencimento, dentre outros. Os dois dragões também exalavam, mas eram os únicos que sempre estiveram ali, querendo ou não, e se cada corpo exalasse como... Eu realmente enlouqueceria porque era exatamente o que estava acontecendo.

Sabia quem era antes da sua chegada. Com o sentimento calmo mesclado com urgência apareceu no mapa e cada passo lhe custava um fragmento do passado.

Orgulho. Desnorteado. Perda. Dor, muita dor. Felicidade.

Erus apareceu no meu campo de visão antes que pudesse sair da pequena parede de florestas que nos separava. Apenas com o encontro dos nossos olhos, o sutil balançar de cabeça e aquele sentimento inicial, sabia que tinha que o seguir e assim o fiz.

Fazia reverências leves para os membros que cruzavam o nosso caminho entre as tendas até a tenda no final. A reverência era uma tradição nossa, de cumprimento, de respeito e a abandonei há dias atrás pelo simples fato de que não respeitava e nem reconhecia as suas vidas, já que a única que realmente queria não estava mais entre nós. Por esse exato motivo me curvei para cada membro querendo pedir desculpas.

Não fazia muito tempo que não entrava na tenda do líder, mas vê-la agora me trazia lembranças, as quais soterrei não fazia muito tempo. Não eram só os humanos ou animais que emanavam sentimentos, os objetivos também, como aquele chifre de búfalo apoiado logo à direita e a tentativa de vara de pesca ao seu lado. Aqueles dois irradiavam alegria, concentração e companheirismo.

Encontrei olhos vermelhos concentrados me observando. Erus indicou a pedra ao lado da que estava sentado. As tendas não eram grandes, geralmen-te cabia pouca coisa, menos a do líder e da Guarda, que precisava de espaço para planejamentos baseados em rumores ou rondas feitas. Nunca parávamos tempo o suficiente em um lugar para fazer o que as cidades

faziam: planejamento de verdade. Mas mesmo assim tentávamos, à nossa maneira.

Quando menos esperava, despejei em Erus tudo o que tinha acontecido naquela noite, inclusive a sensibilidade para os sentimentos. Não tudo, mas quase tudo.

— O que te colocou para refletir tão profundamente? — Erus questionou servindo um pouco de água.

Observei ele mergulhar os dois copos de pedra na tigela maior de água, e depois colocar na pedra forrada com pele, logo à nossa frente. Levei um tempo me refrescando com a sensação do líquido em minha garganta pesando sobre a explosão de Abyss.

— A verdade — respondo sucinta alisando a minha calça de tecido leve.

Não tinha muitas peças de roupas. No máximo variando entre esse tecido e couro, e três peças de cima e de baixo. E não almejava mais... Divagar sobre minhas roupas não vai me ajudar a ter essa conversa com Erus, porém, não sou obrigada a dizer tudo que se passou, até porque é coisa íntima. Mesmo o considerando meu pai, não iria dizer, tampouco contaria para a minha mãe.

Ele só precisava saber que estou bem. Isso o tranquilizaria.

— Está tudo bem? — questiono trazendo seus olhos vermelhos para mim.

— Está sim. Só preciso discutir algumas coisas com você. — ele fez uma pausa planejada, esperando qualquer reação negativa da minha parte e por alguns instantes pareceu não saber lidar com a minha deixa. — Certo... Acredito que já esteja pronta então.

— Para o quê?

— Para assumir o seu lugar. — Erus respondeu sem hesitação. — Você negou por muito tempo, Asha, mas nós precisamos da nossa eleita.

Esperei o arrepio percorrer o meu corpo deixando-o gelado e distante, como sempre. Mas não ocorreu, flexionei os meus dedos apenas para ter certeza que estava acontecendo. Era real.

— Sei que tem medo e isso é ótimo. — ele tentou me acalmar tomando minhas mãos nas suas. — Nestor confia em você. O clã confia em você. Tân e Gwynt confiam em você. Eu confio em você, assim como Cora, Michii e Axía também confiaram.

Citar os três foi uma estratégia bem usada e agradeço por ela, afinal, sabemos que os dois morreram por minha causa. Acreditando em mim. Na Mulher Dragão. Não que os outros não importavam, apenas não tinha o peso que os três possuem em minha vida.

— Estou com medo — confesso em tom baixo. — Muito. Não sei como ser a eleita e muito menos a Mulher Dragão. E neste exato momento, estou tentando voltar a ser eu.

— Você sabe sim. — suas mãos apertaram as minhas acompanhando um sorriso em seu rosto, correspondi apenas com um sutil puxar nos lábios. — Acredito que já esteja pronta e por isso te chamei aqui. Precisamos retomar os treinamentos, mas com mais precisão, e tive um tempo para avaliar um bom treinador. — meu coração pesou com a última parte. Erus sempre foi o meu treinador. — Não entenda mal. Você precisa de alguém mais similar a você, por isso pedi a Abyss...

— Não...

Não controlei a negação instintiva que saiu da minha boca. Não entendia o porquê de ter negado tão rapidamente alguém que me ajudou, de uma maneira escrota, mas surtiu efeito. Talvez queira entender Abyss antes de colocar a mim e os meus dragões em suas mãos.

— Asha, ele já esteve com os Arfenol e é um sobrevivente. Ele irá te ajudar muito e ele quer isso. — Erus relatou. — Além de que ele é o único homem que aceita estar por perto, sem contar eu e Oem.

Comecei a pensar nas noites quando ele partia da nossa fogueira e lembro de questionar para onde iria, mas logo depois minha birra voltava e ignorava a ausência de Abyss. Algumas vezes, minha mente tomava rumo sozinha pensando nele, fazendo mais parte do meu clã do que eu, mas isso não me importava naquela hora.

Eu mal fazia parte de mim mesma e ainda estava juntando as minhas peças esparramadas por todo o Reino Nefir. E Abyss,mesmo que tenha me despertado de um jeito desnecessário, e diria isso a ele, ainda assim foi o único que conseguiu jogar a verdade na minha cara.

— Qual tenda deu para ele? — questionei num ímpeto de selvageria. Não entendi aonde ela queria me levar, mas estava disposta a descobrir

depois de resolver o meu primeiro problema. Ter mais uma conversa, possivelmente intensa como essa, na situação em que estou, seria pedir para ser levado ao limite emocional, o qual mal tinha, então diria para a selvageria guardar essa atitude para mais tarde.

—Tenda? — Erus rebate.

— Onde ele está abrigado, Erus. — minha voz soou impaciente por causa da carga grande que a selvageria começou a gerar.

— Não estou entendendo. Abyss me disse que você tinha deixado ele ficar com vocês na caverna. — ele parecia tão surpreso quanto eu.

Eu o via toda noite se embrenhar no meio da floresta, indo para a sua suposta tenda. Bem longe de nós, os seres com quem passava a maior parte do tempo. A minha parte marrenta fingia comemorar, enquanto as demais não viam sentido em Abyss ir embora apenas para dormir.

— Por que ele faria isso? — sussurrei a pergunta.

Não me dei conta quando estava saindo da tenda e Erus pegou em meu pulso. Já tinha parado antes de seus dedos chegarem, com a respiração funda integrada em minha rotina ficava fácil prever o próximo movimento das pes-soas, mas fingi que não ao olhá-lo.

— Você vai assumir o seu lugar?

A questão pende entre nós. Conseguia ver esperança em seus olhos. Ele acreditava tanto em mim e queria pelo menos uma poeira dessa crença dele em meu ser. Não fazia ideia do

porquê ser a eleita, mas é o que eu sou há dez ciclos, sem direito à abdicação.

Acreditava que a Revelação de Oem estava errada e que Manteío, o espírito que possuiu o corpo do ancião, era um charlatão. Tudo não passava de uma grande piada engraçada.

Mas parece que estava cometendo um grande equívoco todos esses ciclos.

— Deixa eu consertar algumas coisas antes.

Desvencilhar o meu punho dos dedos de Erus foi mais fácil do que imaginei que seria. Em minha cabeça, Erus insistiria, mas o seu corpo dizia mais uma vez que confiava em mim, e eu não fazia ideia do que fazer com esse sentimento.

Por isso tomei o meu rumo até Amy.

O caminho foi mais longo do que eu esperava. Na verdade, minha mente o tornou enorme,assim que voltou ao passado, no dia em que conheci a pequena versão de Michii feminina. Diferente do irmão, ela tinha os olhos azuis e cabelo roxo. Porém, ambos tinham o mesmo tom de pele bronzeado como a terra. Enquanto o meu amigo era avoado, Amy era elétrica. Naquela época parecia uma boa combinação, e eu amava tanto essa combinação!

Cada sentimento estava batendo no meu corpo e não tinha possibilidade de desviar, eu precisava de ajuda. Como imaginei, Amy estava com as crian-ças do clã, que não eram mais de dez. Ela as amava desde mais nova e sempre teve facilidade de lidar com esses seres menores, enquanto eu tomava dis-tância até hoje. Por conta do seu próprio dom, ela deve ter sentido a oscilação dos sentimentos do pequeno círculo de pedras em que estava.

Seus olhos azuis claros como o céu matutino encontraram os meus, surpresos. Vejo ela se levantar e chamar alguém para ficar de olho nas crianças. Provavelmente estava em um momento descontraído depois de uma manhã repleta de treinos, o pouco que lembro dessa época repetia a pequena Asha na floresta ou animais do que com seres da mesma espécie.

— Você aqui. — ela disse como um cumprimento, já pousando a mão em meu ombro junto de uma carga de

tranquilidade.

Sem hesitação o dom dela anulou todas as emoções que pareciam bater em meu corpo sem piedade, como se fizesse um escudo ao meu redor. Era exatamente disso que precisava, mas não podia depender de Amy por toda a minha vida. Ia contra a minha mais nova regra.

— Parece que derrubar um muro traz diversos sentimentos à tona — confessei.

Amy nos guiou até além da floresta, longe o suficiente do restante para conversarmos. Nada me alertava pela intuição, então não tomei tempo ficando preocupada com um possível ataque, na verdade apenas me sentei no chão junto com ela. Seus olhos estavam atentos em mim e nada mais.

Ela me conhecia tão bem que tive medo de estar tudo tão óbvio em minha cara. Se bem que me pouparia muita explicação e seria mais fácil, já que desde que o seu irmão faleceu acabei me afastando dela. Tudo nela me lembra ele e mesmo sabendo que Amy não tinha nada a ver com isso, fugir parecia mais fácil do que lidar.

Exalo forte ao perceber que cometi o mesmo erro duas vezes.

— Você não precisava falar, se não quiser — Amy chama a minha atenção de volta. — Sei como é sentir demais.

Ela realmente sabia. Lembro como se fosse ontem de uma Amy tremendo compulsivamente quando o seu dom aflorou, alguns ciclos depois de Oem declará-lo, em uma expedição em busca de comida, apenas eu e ela, além de outras crianças do nosso clã. Mas isso não me importava na época, na verdade a única coisa que importava era proteger Amy.

Lembro de vê-la chorar na mesma intensidade em que seu corpo tremia, parecia estar fora do seu corpo. Mesmo que eu a abraçasse, não parava. Ela dizia que sentia cada parte de mim gritando que estava com medo dela. Porém, não era dela, era de que algo pudesse acontecer com ela.

Na época, apenas Tân estava comigo e ele se colocou entre nós e o restante do grupo da expedição. Queria dar

privacidade a ela, para que entendesse o seu dom. Sabia que essa parte não era uma coisa fácil.

Amy declarava o que cada um sentia sem titubear, com certeza em cada palavra e dizia que não sabia o que fazer e me fez lembrar de um momento com Tân, que tentava me ensinar movimento com o fogo, o qual só saía sem controle,me fazendo querer desistir dele. Mesmo que o dragão de fogo seja o mais brincalhão, ele sabia dizer as coisas certas no momento certo.

— Paciência é como se fosse um dom, totalmente indomável, mas presente quando você a entende — repito as palavras dele novamente.

Disse essas palavras para ela na expedição e as repito agora, o rosto dela se iluminou.

— É o meu mantra pessoal toda vez que perco o controle. — ela confessa com um sorriso sutil nos lábios. — Depois que Michii cumpriu o seu multum, foi o momento que comecei a falar essas palavras em voz alta também.

— Para tornar real — afirmo por ela, que acena com a cabeça. — eu perdi o meu controle, Amy. Antes os sentimentos não gritavam como agora, e é enlouquecedor.

Seu sorriso se tornou acolhedor, assim como seu toque em minha mão.

— E é mesmo. — ela concorda. — Muitas coisas são enlouquecedoras, mas quando a gente as entende...

Suas palavras pesaram no ar. Retomando as palavras de Tân mais uma vez, entretanto não conseguia conecta-las a essa situação, e Amy pareceu perceber isso.

— Os sentimentos sempre estão presentes, Asha. Eles não pararam de existir apenas porque você não quer lidar com eles, provavelmente acabam te afundando ainda mais, te empurrando e empurrando. — ela apertou a minha mão sem quebrar a ligação em nossos olhos. — Você precisava aceitá-los. Não os abrace porque não são os seus sentimentos, mas estão à sua volta como o ar está.

Meus olhos são atraídos para a direção da Caverna. Não consigo vê-la, mas sei que está ali.

— Aceitá-los como o ar?

— Lembro que o ar representava sua fé — Amy constata. — E quando foi que você perdeu a sua fé, Asha?

A pergunta é pesada e me deixa sem fôlego. Quando encontro o seu rosto, ele não está embaçado por conta das lágrimas, Amy se encontra nítida, com os olhos presos em mim. Sua mão continua na minha esperando a minha resposta, mesmo que o ar pareça pesar em minha volta, que a respiração pare, e sabe que assim que fizesse aquela pergunta o meu autocontrole não existiria mais. Sem perceber, minha voz sai embargada:

— Como poderia ter fé se me tiraram tudo?

CAPÍTULO 10

Não houve questionamento, Amy me embalou enquanto eu chorava. Parece que estávamos ali para proteger uma à outra quando os sentimentos explodiam. De alguma forma, as lágrimas derramadas selaram nossa amizade e percebi que tinha mais alguém. Eu não estava tão sozinha como pensei esse tempo todo.

Tenho pessoas em minha vida e elas tem sentimentos, os quais aceito e respeito. Uma reverência mental para cada pessoa, para cada sentimento to-mou o meu caminho de volta para a caverna, mesmo que eles não sumissem de imediato, as suas vibrações diminuíam a intensidade.

Levaria tempo, mas o tempo levaria.

Não era um mistério onde Abyss estaria. A verdade é que ele só ia para um lugar desde que chegou aqui, e guardou isso para si. Enquanto passava pela pequena floresta entre o acampamento e a caverna, reparei ao redor para ver se tinha algum rastro dele, se dormia por ali ou na clareira.

Nada.

Era a mesma cena de sempre. Abyss sentado no tronco, Gwynt flutuando no ar e Tân deitado no chão me esperando. Ele estava mostrando um dos seus truques do seu dom desta vez. Esferas roxas saíam das suas mãos e circundava um Tân hipnotizado.

Não fazia ideia de como funcionava os ciclos de um dragão, mas Tân parecia ser uma criança hiperativa, ao passo que Gwynt era uma adolescente sem filtro para a sua sinceridade. Eu, no caso, era a mãe mal-humorada.

Mas isso vai mudar. Só precisava de tempo.

— Você está dormindo na floresta? — indago sem rodeios.

Não esperei chegar perto deles, assim que entrei na clareira soltei a pergunta em alto e bom som. E me pegando de surpresa, Abyss não esconde o espanto e a surpresa que a

pergunta lhe causa. As esferas roxas piscaram e se dissolveram no ar rapidamente, enquanto ele parecia indeciso entre desviar e voltar o olhar para mim.

— Ele não tinha uma tenda?

Tân questiona e passo toda a minha conversa com Erus pela nossa ligação, deixando ele e Gwynt a par do que tinha. Era mais fácil do que ter que contar a eles tudo ao mesmo tempo, que deixo minha selvageria atravessar a razão e o orgulho, liberando a minha preocupação com Abyss. Deixando claro que me importo com ele, como mostrei que me importo com Amy.

— Certo... — ele ponderou por mais um tempo. — Não sei como isso vai soar. — Abyss começa falando mais para si mesmo do que para mim. — Não aceitei uma tenda no acampamento porque não me sinto confortável.

Ele despeja como se estivesse segurando o ar por muito tempo. É a minha vez de levar um tempo para entender o que queria dizer. Retomando o seu passado, realmente era compreensível.

— Então você vai partir? — questiono, o que nós três queríamos.

Não sei de onde tirei coragem para esse momento, mas agora estava lá, e evidente, por mais que uma parte de mim só queria correr desse sentimento. Já bastava tê-lo pelos dragões, o clã e o nome que passei a carregar.

Repasso a conversa com Amy em minha cabeça. Não iria fugir mais de sentimentos. Não, não.

Paro na sua frente com a coluna ereta, querendo demonstrar que aquela conversa era séria. Diferente da reunião, seus braços estavam casualmente nas laterais do seu corpo, seu cenho não estava franzido e parecia surpreso com a minha pergunta. Agora percebo que Abyss é um pouco mais alto que eu. Talvez se colocássemos duas palmas esticadas...

— Por que eu me importo se ele vai ou fica? — levantei a pergunta interrompendo o meu devaneio.

— Por que se importa com ele? — Gwynt devolveu.

Minha reação foi a de sempre: revirar os olhos e bufar mentalmente.

— Eu me importo com todos os seres vivos! — retruquei em voz alta, cruzei os braços e olhei para Abyss, a parte que não quer se importar florescendo. Pa-recia que uma pequena luta interna estava acontecendo dentro de mim. — Desculpe, não quero me intrometer. Só me avise para que eu possa preparar alguma trouxa de coisas necessárias...

— Asha — Abyss me interrompe, calmo, o que chama a minha atenção. Ele não é calmo. — Não queria que entendesse desse jeito também. — ele passou a mão pelo seu cabelo desviando o olhar brevemente, olhando ao redor e depois voltando para mim. — Só não sabia como agir. Não estou perto de humanos confiáveis há ciclos e não sei... — sua voz se perdeu em um suspiro pesado. — Eu ia perguntar, mas eu tive receio.

— De quê? — emendei antes que ele parasse.

A luta interna estava sendo ganha e o resultado me assustava.

Pude ver em seus olhos que ele não responderia o tanto que eu queria e, por enquanto, bastava. Então sustentei o seu olhar triste, querendo dar força para liberar o que ele tinha prendido dentro dele. Uma das coisas, ao menos.

Ele abaixou a cabeça, cortando nosso contato visual e me deixando frustrada. Um silêncio reinou e fiquei a ponto de desistir de tudo. Não sabia como fazê-lo falar e tampouco queria obrigá-lo, não sabia como ajudá-lo.

Abyss suspirou forte e voltou a encontrar os meus olhos.

— Queria saber se tem problema eu ficar na Caverna com vocês. Não me sinto confortável perto de muitas pessoas e apesar do meu jeito infeliz, você e os dragões me fizeram me sentir... — sua voz se perdeu enquanto nos olhávamos.

Tân e Gwynt parecia surpresos pela ligação, me enviando diversos sentimentos bons. Eu os senti, assim como o senti em meu coração.

Abyss é um desajustado como nós. A garota rejeitada pelo clã e pai, os dragões que voltaram a existir depois de ciclos e

agora um garoto perdido. Só faltá-vamos vestir as mesmas roupas.

— Bem-vindo ao lar, Abyss.

Não demoraria muito para perceber que nenhum treino poderia ter me preparado para esse tipo de ataque, de dor. Não quando o grito ficou sufocado na garganta, as lágrimas escorreram pelo meu rosto sem permissão alguma, apenas correram, e sem notar não percebi que estava aliviada. Completamente aliviada ao escutar as respirações, as que começaram a ser o meu bálsamo há um tempo.

Não os procurei com os olhos. Sabia que se fizesse isso, qualquer tentativa de me recompor não existiria mais. Apenas ouvir suas respirações bastava, por ora.

O desespero me fez sentar, o meu rosto se encontrava completamente lavado por causa da forma insana que acordei chorando. Consegui tomar fô-legos longos para acalmar a selvageria no meu coração, procurei me abraçar com as mãos em meus ombros, tentando de alguma forma conter aquele sentimento avassalador dentro de mim. Bati levemente com uma mão no ombro e depois com outra, uma mão e depois a outra, uma mão e depois a outra...

Repeti o movimento sem pausa e com os olhos fixos em algum lugar específico e nada importante.

No sonho parecia que eu os perdia, os dragões. Posso já ter perdido duas pessoas muito importantes da minha vida, mas nada se equiparava com aquela dor. Era diferente, e só de pensar que estava os empurrando para longe, mantendo a distância do muro, dizendo que seria por segurança. A maior mentira que já tinha contado a mim mesma. Mais uma vez não impedi as lágrimas de me invadirem junto com o desespero, chegando a me faltar ar. Mesmo já tendo acertado toda essa situação, não impedia o peso da culpa aparecer novamente.

A minha maior vontade era de gritar. Lembro que fiz isso no sonho, de forma louca e fora de controle. Por alguma sorte, não lembro da cena da morte, mas eu sabia com todas as fibras do meu ser que eles tinham morrido. Tân e Gwynt estavam com Cora e Michii, e soube que jamais estaria pronta para me despedir dos meus dragões.

No sonho, eu me encontrava em posição fetal e chorando sem parar, gritando ao vento as últimas palavras que trocamos, lembrando do pequeno costume de acariciar seus narizes antes de dormir, como uma ligeira demonstração do meu sentimento por eles. Era grito atrás de grito, e por alguma razão a pessoa que tentava me alcançar não era Erus, nem Oem ou Amy, e sim Abyss. Ele me chamava, chamava, chamava e sua voz parecia tão longe, e eu não me importava.

Observei o seu corpo agora; relaxado em um monte de peles abaixo da plataforma de pedras que eu ficava. Limpei o meu rosto mais uma vez, banhado pelo desespero. Não conseguia entender de onde vinha esse sonho e o que poderia estar querendo me dizer, até porque, depois das aparições de Nestor em meus sonhos, tendo a achar que qualquer informação sonhada possa ser alguma espécie de dica.

Que dica teria esse vazio no meu coração?

Em meio a esse questionamento, tenho apenas uma certeza: era como se tivessem tirado uma enorme parte de mim. Na verdade, não restava Asha alguma, além daquela chorosa, que não tinha noção ou intenção de limpar as lágrimas e seguir em frente como estava tão acostumada.

Não. Eu só me mantinha chorando, sem pausa e gritando nossas lembranças, e isso doía ainda mais. Lembrar nossos momentos era doloroso demais.

Ainda parecia que existia alguma mensagem ali, espreitando o meu corpo e motivando a terceira crise de choro, mas não a vi.

Voltei ao movimento, batendo no ombro direito, batendo no ombro esquerdo. Direito, esquerdo. Direito, esquerdo. O choro entalava em minha garganta e voltava aliviando a tensão que se espalhava em meu corpo. Direito, esquerdo. A repetição se

tornou constante e virou a única coisa em que estava concentrada. Apenas ela e eu no Reino. Direito, esquerdo.

Sentia em todo o meu corpo como se uma grande parte de mim foi tirada à força, como se tivessem arrancado o meu órgão vital e me deixaram sangrando até a morte. Em posição fetal, o sangue, na verdade, escorria em forma de lágrimas sem a intenção de parar, e apenas uma sequência de fatos passava em minha mente sem pausa.

A gente sempre falava que nos amávamos, todas as noites.

Eu ainda consigo escutar eles me chamando.

Eu os vi ontem, ontem mesmo.

As frases se repetindo novamente da mesma forma em que minhas mãos se mexiam. Direita, esquerda. Direita, esquerda. Cada batida, um pensa-mento. O ritmo me trazia paz e era satisfatório, conseguia vê-los e senti-los agora, e mesmo permitindo que as lágrimas caíssem, desta vez entendi os sentimentos. A aceitação que invadiu a minha madrugada.

Tristeza. Desespero. Desamparo. Todos demonstrados de maneira excessiva através de lágrimas e só pude ter apenas uma certeza: independente do que esse sonho significasse, eu não queria testemunhar essa dor mais uma vez.

Apenas quando amanheceu percebi que mesmo com os sentimentos avassaladores e ruins, não existia abismo me abraçando nessa noite. Ele sempre vinha acompanhando dessas emoções, mas os meus ombros não pe-savam pela primeira vez em algum tempo.

Mexi-os apenas para ter certeza.

Incomumente leves e doloridos.

Sabia que uma sombra do que aconteceu na madrugada iria serpentear em breve, porém aceitei aqueles sentimentos depois de um tempo, alternan-do as batidas em meus ombros. Aceitei porque eles eram meus. Independentemente do tipo de

negação que poderia entrar dizendo que eram apenas de um sonho, ainda assim seriam meus sentimentos.

E agora, alongando o meu corpo percebi que o sonho me deixou em um estado vulnerável e suscetível ao abismo, se ele ainda estivesse ali; era ques-tão de apenas ser empurrada, mas não mais. O abismo já não estava mais ali Assim que Tân impulsionou o peixe para o ar com o nariz, baforou nele até cair tostado, da maneira que gosto, em minhas mãos resolvi contar. Depois de um agradecimento e de uma mordida, contei a ele e Gwynt sobre o meu sonho.

Pela primeira vez, Abyss parecia favoravelmente dorminhoco e atrasado para o nosso encontro matinal, talvez por, enfim, dormir em algum lugar confortável e seguro. Nesse pequeno tempo oportuno contei a eles sobre o sonho, querendo que me dissessem o que achavam.

— Nem todo sonho tem um significado.

Tân resmungou esquentando mais uma pequena porção de peixes, enquanto Gwynt se enroscou em minha volta. Não muito perto porque sabia que contato físico não era bem-vindo da minha parte, mas o suficiente para ser confortável.

— Ou tem. Talvez possa ser um presságio ou apenas sua mente te alertando de algo. Aconteceu alguma coisa do tipo antes de dormir?

Neguei com a cabeça rapidamente, arrancando um pedaço do peixe e pensei... Não sabia se era exatamente isso que tinha acontecido, mas algo havia acontecido.

— E os sentimentos? — questionei antes que eles perguntassem sobre o que poderia ter acontecido.

— Sentimentos bons e ruins...

Tân pareceu ronronar ao encontrar a sua comida, claramente satisfeito.

— Todo mundo tem.

Ele esclareceu depois de salivar pela carne.

Encarei o dragão vermelho abocanhar e se satisfazer sem pudor algum. No começo achava totalmente enjoativo, mas depois me acostumei e, de certa forma, até me divertia, porque vê-lo feliz era contagiante.

— E o que tem isso?

— Que sentimentos podem ser bons e ruins, e vão aparecer em sua vida de forma constante, e não tem problema algum em senti-los — Gwynt rela-tou desviando o olhar do Tân e encarando os meus olhos, agora o ar lhe deixava suspensa, alto o suficiente para que os olhos roxos fitassem o meus. — O grande segredo, Asha, é como lidamos com eles. O resultado dos sentimentos

o grande divisor de caráter.

Não demorou para Abyss acordar, levou o tempo de eu comer dois peixes. Diferente das outras manhãs, ele parecia relaxado e não alarmado com cada folha que voasse, o que acabei considerando um grande avanço, já que, assim como eu, ele tinha um muro ao redor de si que por algum motivo deixou ruir comigo e os dragões. Mas não falarei isso em voz alta.

Ele nos cumprimenta sutilmente, e logo depois me despeço, montando em Gwynt para buscarmos mais peixes no Oceano Rae. Acredito que, de alguma forma, seria um bom momento para Abyss e Tân formar um laço. Ou não. Estavam por conta do Nestor.

— Nestor?

Gwynt indagou sem esconder o seu contentamento.

É, Nestor. Voltarei a dizer o seu nome, e que ele me ajude para que não repita em cada momento de desespero, como agora. Tomo o ar de uma forma profunda para levar esse pensamento para longe, enquanto sinto a brisa úmida do oceano esbarrar em meu rosto. Fazia tempo demais que não fazia isso e aproveitava, de verdade.

Foi inevitável plantar os meus pés nas costas oscilantes de Gwynt e estender as mãos para o seu. Com um pequeno pedido, o ar me sustentou enquanto o dragão deslizou sob as águas para buscar alimento. Eu permaneci suspensa desfrutando todos os sentidos.

Ar úmido. Vento fresco. Meu corpo leve e também podia sentir o sal da água em minha língua. Era divertido aguçar cada sentido, não me lembrava disso.

Ainda não conseguia deslizar pelo ar como Gwynt fazia, então ela não demorou em voltar para baixo de mim com as garras segurando as pontas dos tecidos com peixes capturados, além de ter um bocado na boca.

Deixamos as remessas das garras no acampamento antes de voltarmos para a caverna, onde encontramos um Abyss observando um Tân baforar fogo. A cena parecia interessante para ser interrompida, então eu e Gwynt nos mesclamos no ar e os observamos.

— Você só consegue soltar fogo? Ou é como o de Erus? — Abyss disparava as perguntas para Tân, que só respondia com o próprio elemento. — Pode-mos combinar o seu fogo com o ar de Gwynt.

Não pude deixar de admirar como Abyss parecia empenhado em nos ajudar, mesmo tendo voltado agora à vida normal. Acredito que sabia que só ele poderia nos auxiliar nesse aspecto, afinal, é o único que sobreviveu aos Arfenol para contar história, a qual ainda não sabíamos inteira.

— O fogo faz parte dele. Ele pode soltá-lo, baforá-lo, manipulá-lo, extingui-lo e tudo que desejar — informei ajudando Gwynt, que abria a boca para soltar os peixes. — Tân é o fogo.

Minha explicação é bem simples porque é o que é. Tân é o fogo. Gwynt é o ar.

E você é os dragões.

Desta parte já não sabia, mas pensar neles como a personificação de seus elementos tornou mais fácil assemelhá-los a algo em mim.

— E Gwynt é o ar — continuei, agora indo para perto dos dois. — Eles já combinam os seus elementos, e antes estávamos cogitando em combinar nós três, porém, ainda não sabemos como fazer isso, treinador.

Salientei a última palavra para quebrar qualquer possível gelo que se estabelecesse.

— Estava pensando, se conseguisse chegar no ponto certo para derreter Gormes... — ele soltou a informação parecendo que não sabia como fazer. — Você acha possível?

— Talvez.

Pensamos os três juntos, mas respondi:

— Exigiria muita concentração e não sei se teríamos tempo hábil para derreter todos. Não acredito que Cig tenha feito apenas algumas, e sim várias...

— Cig? — Abyss me interrompe.

— Sim, o Senhor das Trevas. Irmão do Senhor da Luz, o Nestor que nos deu os dons...

— Rae e Perii nos deu os dons. Nestor apenas foi um dos agraciado por elas, na época. — ele cruza os seus braços enquanto me olha entre curioso e incrédulo.

Esses nomes de novo.

— Rae e Perii. Você dizia esses nomes quando estava desmaiado...

As palavras saem antes que possa filtrá-las. Não que fosse um erro, já que

Oem não teve nenhuma informação sobre os três nomes que Abyss falava.

Então, talvez dizê-los de uma vez traria alguma informação importante.

— E Brydion — completei arriscando o pequeno laço que se formava. Laço. Linha. Eu não a vi mais, a linha vermelha tinha desaparecido e involuntariamente olhei para os nossos dedos. — Você amaldiçoava Rae e Perii, e pedi desculpa para Brydion. Você a perdeu, não foi?

Abyss congelou. Seus olhos antes salpicados de roxo e divertimento agora estavam anuviados com aquele tom de azul escuro, pude ver quando ele engoliu em seco e desviou o olhar dando as costas para nós.

— Acho que você foi além, Asha. — Gwynt sussurrou o que eu temia.

— Eu diria que ela acertou em cheio. — Tân retrucou.

Não ousei respirar para não chamar a sua atenção e deixar que processasse qualquer coisa que sua cabeça estive maquinando. Daria tempo a ele como fez comigo, assim que me disse aquelas palavras pesadas, tão pesadas como aquela pergunta que fiz.

Não precisava ter o dom de Oem ou Amy para saber que tinha tocado em uma ferida antiga ou não. Mas ele poderia começar a falar algo sobre o seu passado para conhecermos mais quem era o Abyss.

— Como já disse, eu conheço a mente das pessoas, Asha. E sei que não teve maldade em me perguntar isso. — ele começou ainda de costas para nós. — Entendo das coisas ruins e das boas também. Mesmo com tanto tempo preso pelos Arfenol, presenciei momentos de alegria e parece que foram há ciclos atrás. — aos poucos virou para nós com o vis-lumbre de um sorriso. — Os gatilhos são simples se você observa bem a pessoa, e eu pude te observar, assim como você me observou. — desta vez ele constatou sustentando o meu olhar curioso. O azul escuro clareou de leve. — Mesmo não podendo entrar em sua mente, ainda assim posso te influenciar com ações. E já tinha entendido que você era como eu: responde bem a provocação e examina cada palavra que a pessoa te diz depois. — o sorriso se tornou real em seus lábios, como se gostasse de poder me ler daquele jeito, e não estava brava, e sim admirada pela sua observação. — Usei isso ao seu favor e ao deles também — apontou os dragões com a cabeça. — Imaginei dragões sendo gloriosos e ignorante perante a nós, humanos, mas jamais fiéis a alguém. E eles são a você até o último suspiro. — ele me deu tempo para digerir enquanto caminhava até nós. — Eu acredito, sabe? E se elas acreditam em você, se Brydion acreditava em você como eleita, então eu também acredito em você, Asha. Farei o que posso para te ajudare honrar as palavras da minha irmã. — a revelação escapou dos seus lábios, assim como o lampejo de dor passando pelos seus olhos. Abyss pressionou forte os olhos e respirou fundo antes de me dizer: — Você só precisa permitir, Mulher Dragão.

Na Foz do Rio, você vai me encontrar.

A minha comemoração de dezessete não poderia começar melhor do que Nestor me fazendo uma visita por sonho. Meus olhos estavam focados de- para olhar para qualquer outra coisa que não fosse a parede de pedra da Caverna, logo à minha frente.

Bom, agora não sabia quem sussurrava. Rae, Perri ou Nestor? Elas são os seres divinos da história ou era Nestor? Ou ele era eleito como eu sou?

Na Foz do Rio, você vai me encontrar.

O coral de vozes femininas voltou a ecoar em minha mente. São apenas duas e soavam amigáveis e até familiares, e por Nestor ser homem anulava ele da possibilidade de estar sussurrando a melodia para mim a noite inteira. Duas vozes femininas e Abyss falando com elas. Ele referia-se a elas como Rae e Perii.

Se elas estivessem me chamando para a Foz do Rio, talvez estivessem dispostas a me dar respostas que Nestor não me deu... Sejam elas divinas ou não, eu precisava de respostas para ontem.

CAPÍTULO 11

Pelo o que percebi, os nossos costumes não são diferentes dos de Abyss, mas o que realmente divergia era a sua crença em Rae e Perii. Ele dizia com toda a certeza de que Nestor era apenas um mensageiro, e não o Ser Divino que eu acreditei por todo o seu tempo.

Ainda sentia um pouco de remorso em ter tirado essa informação dele de um jeito bruto ao invés de esperar que me dissesse. Por outro lado, Abyss parecia aliviado por ter divido com alguém, e eu não esperava por isso, tampouco imaginava que ele me puxaria pela mão e me levasse para o círculo de dança.

Sim, passei a comemoração inteira do meu ciclo remoendo nossa última conversa, além de ficar criando teorias sobre Rae, Perii, Nestor e Cig. Não conseguia encontrar um jeito de encaixá-las, sem contar aquelas vozes ecoando em minha mente: Na Foz do Rio, você vai encontrar. Apenas os dra-gões sabiam e contaram que essa foz ficava logo abaixo do Monte Vero.

— Você poderia voltar para o Reino Nefir por um estante, Asha? — Abyss me chamou, e mal tinha percebido que meus pés se moviam com os seus na batida que os membros faziam nos troncos. Dançávamos sempre a mesma dança, ainda mais em comemorações como essa e geralmente acompanharia com Erus por ser a dança comemorativa do dom. Oem não conseguiria me acompanhar, entretanto estava dançando com Abyss, e Erus ostentava um sorriso orgulhoso nos lábios. — Não sei se os outros perceberam a sua ausência espiritual, mas Erus sabe que na maior parte do dia sua cabeça estava viajando por aí.

De fato, estava e mal tinha reparado quando o fogo tinha sido aceso na fogueira maior. Tinha sido eu, Tân ou Erus? Não me lembrava, tampouco me recordava de vir para o meio do

acampamento, e se for para me vangloriar de algo, poderia dizer que sabia muito bem que as duas vozes femininas es-tavam ecoando em minha mente desde mais cedo. Ótimas companheiras, se em breve não enlouquecessem.

Mesmo que as linhas em minha visão se fizessem mais presentes, por algum motivo elas pareciam se realçar mais. Presentes como se tecessem cada parte do Reino. Talvez elas fossem isso mesmo, linhas que tecem o Reino Nefir. Mas por que consigo vê-las?

O acampamento estava normal e diferente da clareira, aqui tinha algumas árvores, o que Erus gostou, porque dificultaria o ataque, e no espaço entre as moradias, tinha um círculo de pedras que centralizava a fogueira maior celebrando os dezessetes ciclos do meu dom sem preocupação, porque Gwynt dissipava tanto a fumaça, que o fogo exalava como o som. Demoramos para aperfeiçoar essa tática e eu poderia ajudar, caso não fosse o motivo da comemoração.

As crianças estariam se esbaldando no banquete, os adultos dançando como eu e Abyss estávamos, e os idosos estariam batendo palmas acompanhando a batida do som. Um fio vermelho parece passar na minha frente, enquanto o domador do abismo me rodou, me trazendo de volta para a rea-lidade. Fio vermelho. Abyss.

— Como você sabe os passos? — indaguei sem filtro.

— Não é tão diferente da minha época, mas Amy e Lena me deram uma aula rápida. — ele contou com um sorriso enviesado que roubou uma batida do meu coração.

Nossas mãos unidas se apertaram, ao olhá-las consigo ver o fio livremente dando volta nelas.

— Da sua época — solto um riso que soa natural, mas por dentro sei que de nervoso. — Quantos ciclos você tem?

Solto a pergunta com um sorriso audacioso,voltando o meu olhar para ele. No meio de passos, braços e piruetas, Abyss continuou me guiando na dança mesclando com desvios graciosos de árvores e pedras, e me concentrei nisso até finalmente fincarmos os pés na terra. Não me sentia exausta e a selvageria coçava querendo mais movimentação, mas minha

mente pedia para contar sobre as vozes, mesmo já sabendo que não tinha explicações, então iria atrás delas.

— É bom tratar os mais velhos com respeito, Asha. — ele tentou soar como uma repreensão, mesmo não escondendo o sorriso dos seus lábios.

Seus olhos, por fim, encontram os meus ao dizer:

— Dezenove ciclos. Minha comemoração costumava ser no meio do ciclo, mas isso perdeu a graça faz um tempo.

Apenas assinto imaginando Abyss preso em plena comemoração do seu dom. Sem sua família, sem o seu clã e rodeado dos seus inimigos. Olhei as nossas mãos ainda unidas e percebo que fugi inutilmente daquele fio, agora ele tinha feito um laço. Voltei a olhar Abyss, mas ele estava alheio àquilo, olhei as mãos de novo e não via mais o fio vermelho.

Acordei em disparada para a tenda do líder. Não tive tempo para tar melhorar a situação em minha cabeça, que mesclava vozes femininas e o ar anuviado que a laranja ardente sempre deixava. Não era uma sensação boa, por isso Oem trouxe três copos com uma mistura, a qual nunca ousei perguntar, que geralmente expulsava essa sensação, e não hesitei em virar o copo de pedra, enquanto Erus e Abyss tentavam traçar os possíveis lugares em que os outros Aliar estavam, como os juntar, como poderíamos vencer os soldados do Rei Rimas, sendo que possuem a Gormes.

Erus disse que mais tarde iria apresentar Abyss à Guarda e fiquei contente pelo novato. Agora vê-lo se encaixar era algo bonito porque ele nunca mudou sua essência, e não sentia mais aquela inveja. Abyss continuava o ra-paz reservado de antes, de poucas palavras e que não contava muito de si mesmo. Ele estava aprendendo a confiar em pessoas novamente, e o fato de ser apresentados não indicava que iria fazer parte da Guarda, e que sim conheceria novas pessoas. E acredito que Erus iria

pedir para dar algumas dicas de treinamentos para eles, especificamente sobre Gormes.

O Rei Rimas era também conhecido como o grande domador dos Aliar, o nome que o clã Arfenol carinhosamente o deu. Não me recordo de quando ele tomou posse do Reino Nefir, e muito provavelmente foi antes de eu ter nascido, mas sei muito bem que nós, Aliar, nunca exigimos nenhum poder sobre ninguém por causa dos nossos dons. Nunca nos achamos superior a eles.

Mas sabíamos que para eles não era bem assim. Somos uma ameaça por termos dons. Pela pouca história que sei, demorou alguns ciclos até acharem a Gormes, a tão temida lâmina. Ironicamente, o metal apareceu em dois lugares: no cume da Torre Celestial e nos Desertos Desconhecidos, perto do Mato Vedado. Gormes inibia nossos dons retirando nossa maior força, e mesmo que tentássemos usar a força do corpo, não adiantava, pois a sensação é de que não existisse.

Acredito nos relatos porque já senti na minha própria pele.

— Seria ótimo podermos treinar com aquela lâmina, criar alguma resistência. — Erus ponderou.

Oem se encontrava sentado na pedra ao meu lado. Tân estava caçando enquanto Gwynt fazia a ronda matinal, a qual poderia estar participando, mas por algum motivo os três me queriam ali.

Não fui treinada para ser líder de nada. Acabei sendo a única curandeira e o título veio junto, mesmo assim não tinha muita coisa para agregar em uma reunião. Sempre fui isolada do clã, porém, quando era necessário sabia me fazer presente no recinto.

Aos meus dez ciclos, Nestor apareceu para mim em sonho querendo explicar o que eu era. Lembro de me sentir importante e que Oem completou a ideia dizendo que o Senhor da Luz disse o mesmo a ele na Cerimônia do Dom.

"Você é a eleita que vai libertar esses pobres humanos."

Eram essas palavras e desde então venho procurando essa eleita dentro de mim.

— É praticamente impossível. Eles me tinham à mercê deles. — a voz de Abyss me traz de volta, balanço a cabeça para espantar o pensamento. — Não precisavam fazer um corte para me sentir fraco, só de passar noite em uma jaula feita do metal já me deixava sem força alguma. E quando me cortaram com ela, posso dizer que respirar parecia impossível.

— Como? — meu questionamento os assustou.

Permaneci tão quieta desde que acordei. Provavelmente ambos achavam que estava como ontem, longe daqui, mas lembrei de como Abyss relatou a presença do metal. E era revoltante fazerem isso com a gente, sendo que não queremos essa matança. Queremos apenas viver em paz.

— Nestor nos criou antes de ser derrotado por Cig, e este, por sua vez, criou Gormes para que não vençamos o seu povo. — Oem narrou, soava normal até que seus olhos cinzas ficaram enevoados e fixos em um lugar. Levantei instintivamente acompanhando o seu corpo se erguer e voltar a dizer, com a voz muito profunda desta vez. — Existirá um eleito dos dois lados e a grande verdade vai aparecer.

Eu me arrepiei por inteira. Em meus dezessete ciclos jamais tinha visto Oem fazer uma Revelação, e apenas sabia que poderia ser isso porque Axía me contava as três histórias que o ancião revelou. É uma parte do seu dom que o exaure muito rapidamente, ainda mais para os seus ciclos.

— Não há como evitar Gormes, mas um Aliar irá. Fruto do amor e do ódio, do perdão e da vingança.

As últimas citações consumiram o seu corpo de uma maneira invisível, mas ele sucumbiu ao cansaço tombando de encontro ao chão. Em puro de-sespero, convoquei o ar para segurá-lo, seu corpo parou no ar totalmente inerte e com toda a concentração que pude reunir, pousei o seu corpo de barriga para cima no chão.

— Muito bem, Asha! — Erus elogiou enquanto umedecia um pedaço de tecido na água para colocar na testa do nosso ancião. — Consegue checá-lo?

Seu questionamento foi mais para me analisar e saber se o uso do dom não tinha consumido alguma parte da minha

energia. Verifiquei o meu corpo e mal tinha me sentido balançada, e nem uma tontura como sentia no começo de domar o ar. Uma parte de mim ressoou, orgulhosa, em dose dupla. Minha e da Gwynt.

Sem responder, chequei o coração e respiração do ancião.

— Ele está bem.

Minha resposta foi sucinta, enquanto eu o ergui mais uma vez com lufadas gentis de ar para deitá-lo sobre as peles. Nem Erus e muito menos Abyss me questionaram, apenas observaram muito de perto a facilidade com que gesticulava e o ar obedecia, além de verificar o meu rosto em busca de algum traço de cansaço.

Não me lembrava direito de como era usar o dom com urgência. A última vez que fiz isso foi tentando salvar Axía. E mesmo naquele momento, não me sentia cansada. Isso foi apenas no começo do treinamento com Gwynt.

— Uma revelação? — Erus levantou a questão que pairava entre nós. Concordei com a cabeça enquanto mudava o lado do tecido úmido. Ele parecia estar em um sono profundo e tão tranquilo, que me questionei se eu parecia assim quando Nestor me convocava.

— Ele desmaia porque a revelação é algo surreal para o corpo humano, algo que vai além da nossa compreensão — repito as palavras que Axía um dia me disse. Sabia que Erus já entendia sobre isso, mas provavelmente Abyss não. — Quanto mais velho ele fica, mais exigente a revelação é.

Revivi a cena em minha mente sem muita certeza do que realmente queria dizer. Eu não entendia muito bem como desvendar as palavras que ele proferiu, Axía saberia muito bem lidar com isso.

— Parecia que alguém estava o usando para falar aquilo. — Abyss quebrou o silêncio. — Já existiram outros como Oem?

— Sim. — Erus concordou. — O único dom que nosso clã jamais viu foi o da Asha. — ele abandonou a pequena mesa de pedra em que ambos estavam tramando o nosso próximo passo e saiu da tenda erguendo o dedo, como se pedisse um tempo.

Erus foi rápido ao voltar com um tecido cheio de perga-minho e apoio no chão ao meu lado. — Deve estar aqui em algum lugar.

Com diversas coisas para lembrar, Axia e Oem, assim como outros anciões, fizeram as suas próprias anotações. Tentaram salvar as informações da queima desenfreada do Rei Rimas. O pergaminho já tinha os seus ciclos e mapeava todos os dons já vistos na vida dos Aliar desde a Grande Batalha. Realmente já existiram outros como Oem, uns mais fortes que o outro, cada um com o seu grau de desenvolvimento e relato. Realmente, apenas o meu dom não estava lá.

Voltei o meu foco ao tópico de Dom da Visão e seus domadores. Li cada um, enquanto vez ou outra umedecia de novo o tecido com água fresca para Oem. Seria um jeito de acalmar o seu corpo e prevenir uma possível febre, isso soava como algo que Cora diria. Existiram quatro Aliar com esse poder, mas foi o primeiro que chamou minha atenção com as informações, e seu nome soava tão familiar para mim.

Manteío | • • • • • •

Relatou acontecimentos que iriam acontecer. Salvou vidas com uma vi-são quando tinha sete ciclos, e que veio acontecer só depois de dez ciclos

Consegue amaldiçoar e abençoar em nome de Rae e Perii Olhos ficam anuviados

Fica desacordado depois de algumas revelações, não todas Revelou o futuro incerto, sem evidências da conclusão Oráculo

Manteío, Rae e Perii. Minha mente parecia coçar com esses três nomes rondando, sendo que os dois pareciam impossíveis de serem pronunciados. Não por serem difíceis, mas como se fosse errado dizer o nome em vão. Com certa relutância questionei sobre eles para Abyss.

— Manteío. — Abyss parecia testar o nome em seus lábios e soltou um suspiro sentido antes de encontrar os meus olhos. — Brydion morreu por causa dele.

Suas palavras foram frias e carregadas de um remorso antigo.

— Minha irmã tinha o dom dos espíritos. Para ela, eram como pessoas, então os seguia, conversava e fazia o que pediam. — Erus parecia prestes a questioná-lo, quando ele continuou. — Ela mal tinha completado seis ciclos, mas Brydion acreditava plenamente nesse Manteío.

Ponderei as informações e uma parte de mim latejava com a certeza de que esse Manteío usou Oem para proferir aquelas palavras. Ele foi o único a se tornar um Oráculo, e os outros três não chegavam aos pés do seu nível, o que me faz questionar qual é o de Oem.

— Quem são Rae e Perii? — Erus questionou, mas o meu pensamento estava longe.

— Como Brydion morreu? — questionei ignorando o líder.

— No primeiro ataque Arfenol, era para protegê-la, mas Manteío pediu para que me protegesse, dizendo alguma besteira sobre eu ser importante.

— Abyss estava controlado em sua fala, porém percebi engolir em seco antes de continuar. — Minha irmã perdeu a vida enquanto eu só consegui um ar-ranhão no corpo.

Sua mão acariciou sua lateral esquerda do corpo.

— Mas, Abyss, lógico que você era importante para a sua irmã...

— Não era para ela. — Abyss cortou Erus. — Era para esse exato mo-mento. Manteío disse que eu era importante para a Mulher Dragão e como domador do abismo saberia como te ajudar quando fosse necessário. — as palavras me congelaram. — Manteío era o Oráculo, de acordo com Brydion me dizia, e ele disse que me via te salvando.

E tinha me salvado.

Um Oráculo pode ir a ciclos para frente com uma revelação e voltar, sofrendo ou não sequelas disso. Dependia de cada corpo ou de cada revelação, mas só tinha as informações de Manteío e de mais ninguém para comparar.

Depois da pequena discussão interna, li novamente as informações, mas desta vez em voz alta para ver se fazia mais sentido, se estava perdendo algo.

Ninguém ousou dizer nada depois da confissão de Abyss, que se encontrava de costas e com as mãos na cintura, enquanto Erus oscilava entre ele, eu e checar Oem como se cada um precisasse de um tempo para digerir tudo, porém eu não tinha esse tempo hábil. Não, eu sabia o que tinha acontecido ali.

— Oem incorporou Manteío. Parece que o Oráculo ainda vive, de alguma forma.

CAPÍTULO 12

Nenhuma palavra foi dita para o nosso clã sobre a Revelação. Não vimos necessidade de colocar mais um fardo neles, além das perdas recentes e possível fuga, caso tenhamos que fazer.

Ainda não pretendíamos sair da Cordilheira do Bico Fino, os Puas estão sendo bem receptivos conosco. Não faço a comunicação entre clãs, mas de acordo com Erus parece que esses Arfenol já se declararam contra os atos do Rei Rimas, o que não lhes custou nada, desde que continuassem com o trabalho de alimentar o Reino e não os atrapalhar na sua devoção. Entretanto, nada dizia sobre esconder Aliar. Os Puas assumiram um papel de continuar a alimentar o povo, mas não deixariam que mais de nós morressem. Eles não tinham um exército para enfrentar a Guarda Celestial, mas fariam o que estivesse ao seu alcance.

Esses pensamentos estratégicos deixei com Erus, Abyss e a nossa Guarda. Certa vez me disseram que eu era uma figura para nosso clã, que me ver com os dragões era um símbolo de esperança. Estava me sentindo exatamen-te assim, uma figura de esperança que é chamada quando bem entendem. Não queria ser um boneco nessa situação toda.

E então haverá um eleito dos dois lados, a grande verdade vai aparecer.

Não há como evitar Gormes, mas um Aliar irá.

Fruto do amor e do ódio, do perdão e da vingança.

As palavras pareciam cravadas em minha mente. Vez ou outra apareciam como quem não quer nada. Mas sabia que não era bem assim que funciona-va. Elas vinham para me lembrar e me fazer entender a sua mensagem, o que me causa arrepio e medo.

Não acumulei muita informação em meus recentes dezessete ciclos, porém uma coisa estava bem clara para mim:

eu era a eleita de um dos lados, e do outro, bom, só poderia ser Samael. Só poderia ser ele e sua clara obsessão em tentar me destruir pelas beiradas, como se quisesse me encurralar.

Oem confirmou nossa suspeita mais tarde. Manteío tinha realmente usado o seu corpo para revelar aquelas palavras, as quais pareciam selar um destino. O meu destino.

— Parecia uma verdade dita há muito tempo e nada poderia mudá-la. Queria perguntar a ele a quanto tempo exatamente ele acredita que tinha sido isso. Afinal, A Grande Batalha tinha acontecido há 700 ciclos atrás ou mais. E não temos registros de um tempo antes disso tudo, mas ele não soube me responder.

Ao menos fizemos duas reuniões desde aquele dia e a verdade vem se agarrando em mim nesses últimos dias, se misturando com aquelas duas vozes. Parece que tudo resolveu desaguar em um momento só, sem pausa alguma. A Exaustão dos treinos não parecia o suficiente para me apagar, então com auxílio de Gwynt, tiramos o ar do meu corpo, o suficiente para o meu corpo desmaiar.

Era o único momento de paz que tinha, por um tempo. Até as vozes começarem a sussurrar de novo. Existiam perguntas que nunca foram respondidas, e por azar, começavam a surgir mais.

Um calafrio percorreu a minha coluna com uma certa lentidão e inconscientemente olhei aquelas cicatrizes em minhas mãos, minha garganta fechou em busca de ar e meus olhos começaram a arder. Virei para ver se Abyss estava testemunhando isso, mas parecia dormir sem preocupação.

Era a quarta noite desde a aparição das vozes e a revelação de Manteío, e não queria me induzir ao sono mais uma vez. Limpei os meus olhos e pedi para Tân me deixar no cume mais alto que existia na Cordilheira de Bico Fino.

Falar sobre Cig nunca era fácil, ainda mais sem Cora para me emprestar seu ombro e seus abraços. É difícil. Ela sempre me dizia que eu era a eleita e acreditava tanto nisso que todos os demais também acreditavam, e depois de Manteío reafirmar

isso, um medo começou a se acumular em meu coração, pesando cada dia mais.

Tomei um bom tempo apenas para ficar sentada abraçando minhas pernas, encarando o céu escuro dominado por estrelas. Antes era doloroso fazer isso, meu pai me ensinou tudo sobre esses pontos luminosos. Sabia me direcionar para qualquer lugar por causa dele. Puxei o meu cabelo para frente, eles batiam um pouco além da cintura. Já tinha passado da hora de ser cortado pensando no nosso costume, entretanto, o meu pai de verdade não vinha de costumes normais. Nós criamos o nosso próprio.

Sorrio ao pensar em Erus, ele me acolheu em seus braços como se ele mesmo tivesse me gerado, e mantive o meu cabelo grande por ele. Um gesto de honra para um homem honrado e o meu verdadeiro pai.

Voltei a encarar minhas mãos. O homem que me gerou não merecia. Mesmo me ensinando sobre as estrelas, ele me perdeu quando me amaldi-çoou. Consegui sentir a sua presença naquele abismo com promessas falsas e um conforto ilusório. Agora conhecia bem demais esse lado da maldição, e mesmo morto, não sabia se seria capaz de perdoá-lo por fazer sua própria filha passar por isso.

Eventualmente meu pescoço coçava e averiguava se não tinha nenhuma planta por perto que causasse coceira e ardência ou até um bicho pousando.

Não. Era coisa da minha cabeça para fugir do que estava realmente acontecendo. E, de fato, eu quero fugir mesmo. De todo esse drama que envolveu minha vida, das possibilidades que começaram a surgir depois da revelação de Oem, e o peso que se estabeleceu em meus ombros, tão pesado que parecia me empurrar cada vez mais para baixo.

Sussurros ameaçavam passar pela ligação, mas bloqueei o lado de Tân e Gwynt com muros fortes como montanhas. Queria um tempo para mim sem Tân tentando me fazer rir e nem Gwynt com suas sábias palavras. Eles são os únicos que sabem onde estou e conseguem chegar aqui sem atrapalhar os Puas.

Por isso a vantagem de subir no cume mais alto era minha, graças aos dragões. Ninguém subiria aqui e eu poderia apenas assistir os primeiros raios de sol querendo reivindicar o céu de volta.

Observar o céu sempre tinha sido um jeito de me manter calma, mas depois da maldição não surtia o mesmo efeito. Agora tentando entender o que estava acontecendo em minha vida, a visão simples do céu escuro sendo iluminado lentamente me trazia certa tranquilidade e sentia se espalhar em meu corpo.

Eu sou a eleita, isso não tinha como negar, mesmo não entendendo o que acarretaria e ainda não fazia ideia do que o resto da revelação dizia, mas poderia tentar descobrir enquanto rumava em direção a Foz do Rio. Talvez ali...

— Pensei que nunca iria chegar aqui com todos aqueles escombros no caminho. — estava tão concentrada em meus próprios pensamentos e no céu que não escutei um Abyss ofegante chegando perto de mim. — Será que coisa dos Puas?

Desviei rapidamente o olhar dele, com sua imagem fresca suando e visivelmente cansado em minha mente. Talvez ignorá-lo fizesse ele entender que estou aqui para ficar sozinha, mesmo que uma coisa em mim despertou quando comentou dos escombros. Minha curiosidade ficou atiçada, afinal, ainda não desbravei essa floresta, porém a mantive quieta enquanto voltava a encarar o céu e trazer meus pensamentos de volta.

— A vista é linda aqui. — ele elogiou sentando ao meu lado na grama, sendo impertinente. Era possível ver os outros cumes da Cordilheira agora, o sol já começava a iluminar. — Se importa que eu roube esse seu lugar secreto?

Só percebi que ele estava tão perto de mim quando ousei olhá-lo. Nossos ombros se esbarram, assim como nossas pernas. O sol não o iluminava por inteiro, mas ainda assim conseguia destacar bem o roxo luminoso escondido em seus olhos. Seu rosto estava tomado por um sorriso travesso e uma ex-pressão brincalhona, o que me fez desviar os olhos.

Abyss é igual a mim em algumas partes. Sua pele é bronzeada como a de qualquer Aliar, mas o sol nem fazia cócegas na minha. E seu cabelo e olhos são diferentes do usual

do clã, talvez no seu fosse normal. Não sabia dizer, mas me confortava ele ter o cabelo com o tom parecido com o meu, mesmo que o azul chamasse mais atenção que o preto em si.

Ele me trouxe para o momento presente esbarrando o ombro no meu mais uma vez, abri um sorriso fácil apenas para o distrair do meu pequeno devaneio.

— No que pensa tanto? — ele perguntou e tomei mais um tempo para respirar fundo, tentando entender o que quero que ele saiba de mim. — Erus comentou que esse assunto é um pouco desafiador para você e pediu para ficar de olho.

— Ele pediu? Mas você estava dormindo... — minha resposta se perde, assim que pensei que ele poderia estar apenas fingindo para me deixar con-fortável e sozinha com os meus sentimentos. Se Erus comentou com ele, o entendedor de mente humana com certeza faria isso. Suspirei frustrada pen-sando em como ele conseguia me ler sem dificuldade. — É realmente difícil.

— Difícil não. Desafiador — pisquei os olhos confusa, sem entender, e ele se endireitou ficando de frente para mim. — Desafios você sabe que pode e vai superar. Quando fala que é difícil, você mal tem vontade de fazer algo sobre. — dando de ombros ele se explicou: — Minha mãe costumava me dizer isso.

Concordei com a cabeça apenas para dizer que tinha escutado e estava presente, enquanto minha mente tentava caminhar para onde ele queria chegar. Realmente fazia sentido.

— Usei por todos esses ciclos. — ele continuou explicando e eu queria dizer que fazia sentido. — Minha mãe foi uma mulher guerreira, Asha, assim como você. Você consegue superar tudo o que quiser.

Abyss confessou, me deixando sem palavras, apertei meus lábios segurando um choro que parecia querer aliviar toda aquela tensão, mas ele se manteve entalado em minha garganta, dediquei meu olhar para o sol, que ganhava ainda mais território no céu.

Ouvi essas palavras apenas das pessoas certas e próximas de mim, e escutar de alguém novo em minha vida era algo também novo e bom. Pensei que Abyss era apenas alguém

que precisava ser salvo,e assim fiz, como fize-ram comigo no passado.

Uma espécie de dívida sendo paga. Eu o salvei, mas mal sabia que quem realmente estava sendo salva era eu.

— Com apenas seis ciclos, meu pai me levou no limite do Mato Vedado. Não lembro de muita coisa, só de árvores retorcidas, escuridão e dor. Muita dor — ressaltei a última frase e comecei a contar a minha história, mantive o olhar longe fixo no céu e abraçando forte minhas pernas contra o meu peito.

— Era para ser uma suposta expedição em que geralmente o pai ensina tudo o que sabe para os seus filhos, mas ele me levou para me amaldiçoar. Não havia tochas, apenas eu e ele. Seu olhar estava iluminado com fogo profano e aquilo me dava medo, mas confiava em meu pai. Que filha não confia, não é? — dei de ombros e deixei as lágrimas escorrerem. — Com uma Gormes, ele cortou as palmas das minhas mãos. Não senti dor nenhuma com o corte, exatamente nada do que você chegou a sentir. — Desta vez soltei minhas pernas e me virei para ele mostrando os cortes mais pálidos do que minha própria pele. — E então começou a entoar um cântico desconhecido e logo o medo me dominou. Comecei a tentar fugir, mas ele me segurou forte demais e fez questão do meu sangue cair no solo morto daquela floresta — limpei as lágrimas só para mais escorrerem ao dizer: — A dor nunca foi física. Não para mim.

Uma pausa foi exigida para me recuperar da lembrança forte e da onda de sentimentos que tomaram conta de mim. O braço de Abyss encontrou o meu ombro, embalando minhas costas e me trazendo para mais perto. Seu corpo quente me confortou, seu contato me acalmou e uma parte de mim ficou feliz por ele não fazer questão de olhar para as minhas cicatrizes, sua mão livre envolveu as minhas duas mãos, virando as palmas para baixo e transmitindo um carinho reconfortante.

— Oem os guiou diretamente para nós. Levaram o meu pai — respirei fundo e fechei os meus olhos já encostada em seu peito, me aninhando mais.

— Nunca mais o vi — neguei com a cabeça e suspirei a fim de finalizar logo:

— Ele colocou uma maldição em mim, que é ativada por sentimentos ruins quando deixo eles me dominarem, espécies de garras pretas saem das cica-trizes junto com um formigamento forte no meu corpo,como se alguém qui-sesse me dominar...

Minha voz está presa em uma linha tênue entre chorar e contar a histó-ria, e talvez gritar.

— Então você precisa se controlar — concluiu para mim e me apertou levemente contra ele. — Assim como estava tentando fazer quando nos co-nhecemos — assenti sem dizer mais nada. — Você é realmente uma mulher guerreira, Asha. Você é livre. Pode até existir uma maldição, mas isso não te controla. Não, se você não quiser.

Jamais imaginei que precisava ouvir essas palavras até ouvi-las.

O silêncio que veio foi completamente acolhedor. Até pareceu que simplesmente estar com Abyss é bom. Conhecer essa parte dele foi uma expe-riência diferente,quando conheci o domador do abismo nunca imaginaria que ele poderia me embalar enquanto choro como um bebê.

— Permita-se.

Ousaria dizer que com esse tom de sabedoria, Cora estava sussurrando no meu ouvido, mas sabia que tinha deixado minhas muralhas caírem, assim que ele me embalou em seus braços e Gwynt deixou o ar levar suas palavras até mim.

O peso que habitava em meus ombros se desfez como nuvens em uma forte rajada. Não tinha como negar, Abyss com o dom do abismo tinha, de alguma forma, me ajudado a sair e fechar o meu próprio abismo.

— Obrigada — sussurrei antes que o orgulho segurasse a minha língua, e sua resposta foi mais um aperto, mas sabia que ele estava sorrindo e a imagem me fez resfolegar.

— Não sei muita coisa sobre o dom dos dragões. — ele começou de forma repentina. — Eu só tinha quatorze anos quando fomos levados e tínhamos um ancião em nosso clã também. Ele contou que o seu dom é raro, que apenas existiram

dois seres extraordinários com ele e ambos eram abençoados pelas Criaturas Celestiais.

Uma euforia passou pelo meu corpo como ligeiros choques. Existiram outros com o meu dom, então em algum lugar pode existir tanto relatos como pergaminhos falando sobre eles e sua trajetória.

E sobre essas Criaturas Celestiais...

— As Criaturas Celestiais criaram o Reino Nefir e você as conhece como

Rae e Perii.

Ele respondeu como se lessem a minha mente, até o encarei por alguns instantes para ter certeza antes de voltar a olhar o céu, e ainda eufórica demais com a possibilidade de achar respostas sobre o meu dom e o que queria dizer ser eleita.

— Seu clã sabia a história desses domadores de dragões? E sobre as Criaturas Celestiais?

— Eu sei algumas histórias, posso contá-las. E não sei se alguém do meu clã ainda está vivo.

Foi a minha vez de abraçá-lo pela cintura tentando dar algum conforto para ele. Perder duas pessoas muito importantes para mim já me levou a sal-tar em queda livre para um abismo, imagina perder um clã inteiro. Não fazia ideia de como Abyss superou tudo o que passou ou se superou.

Só pensamos em descer quando Tân me avisou que a comida da manhã estava pronta e Gwynt viria nos buscar. Uma parte de mim ficou um pouco desapontada por ter que sair daquela espécie de bolha que criei com Abyss e mal tinha percebido que o sol já tinha saído completamente, concentrada demais nas palavras e sensações que ele trouxe para acalentar a minha noite.

Abyss me encarou ligeiramente curioso, assim que nos acomodamos nas costas de Gwynt. Tinha um contentamento em seu rosto e então apontou para o meu pescoço e depois para a minha têmpora, sem pressa levei a mão para o meu pescoço.

Gelado e áspero. Sabia que as escamas roxas estavam bem ali na lateral esquerda do meu pescoço, e ao subir para o

lado direito da têmpora encontrei a mesma sensação nas mãos, mas essas escamas eram vermelhas.

— Eu gosto das suas escamas. — ele disse e, mais uma vez, o coração perdeu uma batida.

Na Foz do Rio você vai encontrar.

A voz melódica começou a ficar insistente, como se meu tempo estivesse acabando e comecei a entrar em um leve desespero. Parecia como um canto desconhecido e totalmente proibido, como se ninguém pudesse saber.

Já se passaram sete dias que era minha companhia, enquanto recebi permissão para revirar todos os pergaminhos de Oem e Axía. Acontece que não existe mais nada relacionado a Foz do Rio, além de que é a montanha mais baixa, que fica logo abaixo do Monte Vero, o qual é conhecido como um local sagrado e sem explicações acrescentadas com essa informação. E também dizia que o meandro Perii corria pela região.

Relutei muito para fazer a reunião, não por conta da confiança, mas sim porque queria resolver isso sozinha e só chegar com a grande solução. Mas como já disse, não fui treinada para isso e também precisaria de alguns membros para fazer a expedição comigo. Sei me proteger e aos dragões, também sei me direcionar, assim como sobreviver, mas isso não queria dizer que ajuda não era bem-vinda. Faço parte de um clã e deveria levar isso para o grupo cabeça, vulgo Erus e Oem. Incluí Abyss e Amy nessa por motivos de que são meus amigos, apenas.

Temos essa mania de ficar exigindo coisas maiores do que somos capazes de fazer e também de achar que devemos carregarum fardo sozinho, mas isso não é verdade.

Teorizei comigo mesma que existem nuances do meu dom que ainda não sabíamos os seus limites. Até agora o fogo e o ar habitavam em mim, assim como Tân e Gwynt, e nos treinos

tentávamos combinar cada vez mais as nossas habilidades. Abyss pegou pesado comigo em relação à luta e com a ajuda de Erus.

Algo me dizia que eles já tinham abraçado a confirmação — que não foi muito bem uma confirmação — de Manteío. Eu sou a eleita. E já fazia um tempo que o líder contou sobre a Revelação para o restante do clã, e agora todos me veneravam.

Eu não queria e nem deveria ser venerada, só queria ser a Asha.

— Você precisa ir!

Tân exclamou quebrando o silêncio que se estabeleceu tanto entre a equipe como em minha mente. Todos pareciam de um tempo para processar sobre a Foz do Rio e o que poderia encontrar lá. Não demorou muito para todos quebrarem o silêncio falando todos no mesmo instante, passei a mão no rosto tentando entender o que diziam. Gwynt agitou o ar perante a todos os presentes no círculo improvisado na clareira. O silêncio mais uma vez reinou e quase pude rir das suas caras de estupefatos, mas apenas acariciei a lateral do nariz de Gwynt em forma de agradecimento e ela voltou a deitar ao meu lado.

— Tân está gritando para eu ir, Gwynt concorda com ele. E agora vocês falem cada um de uma vez — informei-os e olhei para o meu lado esquerdo.

— Erus.

— Consigo formar um grupo para você ir para uma expedição amanhã mesmo — confirmou de forma objetiva o que eu queria. — Só me dê o sinal.

— Essa voz tem algo a te mostrar, então deve ir, Mulher Dragão.

A única pessoa que usava essa nomenclatura com frequência era Oem, e devo admitir que não a acho ruim. Toda vez tenho a mesma sensação de pertencimento, meu coração dá um pulo em expectativa. Talvez eu não deva ser simplesmente a Asha...

— Sinto que você deve ir. — Amy interrompe o meu devaneio. — Mas não digo isso por mim ou pela minha curiosidade, e sim por causa dessa mistura de sentimentos que

essa voz lhe causa. — sua voz está firme e soa convicta, diferente da pequena Amy insegura de alguns ciclos atrás. — Ela parece uma velha amiga. — ela conclui e, como sempre, conseguiu traduzir o que sinto, e a única reação que tive foi sorrir levando a mão no coração em forma de agradecimento.

Era exatamente isso. A voz realmente parecia uma velha amiga querendo reatar o contato e algo dentro de mim parecia louco para isso também. Colo-co a culpa do último na selvageria que não aprecia parar, correndo por todo o meu corpo como um pedido eufórico por ação.

— Eu quero ir com você. — essas foram as únicas palavras de Abyss antes de vislumbrar um sorriso contido da minha amiga.

Por algum motivo, eu tinha medo e não queria que ninguém soubesse. Por falta de resposta da minha parte não demorou muito para emendarem em outra conversa, e a atenção em mim ser dissolvida. Sentia uma expecta-tiva no ar, ainda mais por parte de Abyss. Ele parecia eufórico, como se essa expedição fosse mudar algo em nossas vidas.

Poderia me deixar contagiar por esse ânimo.

Foquei minha atenção em assar e comer a carne, enquanto assistia o sol subir até estar sob as nossas cabeças. Gwynt e Tân falavam sobre coisas aleatórias me dando o tempo que preciso para pensar, mas mal sabia por onde começar.

Na Foz do Rio você vai encontrar.

A voz surgiu de novo e me ergui ignorando os olhares em cima de mim. Precisava focar na voz e se ela tinha alguma outra mensagem além de uma promessa de mais noites sem dormir direito.

Dentro de mim, sabia o que tinha que ser feito para decifrar isso. Só existem dois seres que podem me ajudar nisso. Prometi a mim mesma que essa seria a última resposta, a última desculpa que tinha para fugir do meu destino. Então, sem dar brecha para qualquer interrupção, ergui-me em direção aos dois dragões e pedi:

— Me levem ao cume e desta vez não deixem que ninguém me siga. Preciso de tempo.

Deitar na grama me trazia lembranças boas, apesar das más, e deixei que me invadissem. Foi durante uma das nossas fugas do clã Arfenol que meu pai passou a noite me ensinando sobre estrelas, enquanto minha mãe passava o dia observando as nuvens comigo, apenas para me tranquilizar, falando o formato de cada uma.

A noite me lembrava meu pai e o dia a minha mãe, e eu parecia perdida entre eles. Parece que existe Ashas perdidas dentro de mim e não fazia ideia de como juntá-las. Ou se deveria realmente fazer isso. Já tinha aceitado o meu dom, os dragões. Mas ainda faltava algo. E lá se vai uma Asha correndo, correndo, correndo até se perder.

O vento no cume estava frio, o que favorecia um leve frescor em minha pele, me trazendo para o atual momento mais uma vez. Não sei quantas ve-zes divaguei e voltei desde que Tân tinha me deixado ali. Meu corpo na grama, meus olhos no céu e minha mente vagando por aí, sem qualquer rumo.

Esperava que de alguma forma Nestor aparecesse na minha frente e me explicasse tudo o que aconteceu e acontecerá na minha vida, quem eu realmente sou, para onde devo ir e como desempenhar esse papel que me deu. Ou seria Rae ou Perii. Ou até Manteío, qualquer pessoa!

— Seria pedir muito? — questionei ao céu.

Um estalo em minha mente me fez ficar sentada.

Não fazia isso desde que minha mãe completou o seu multum, mas não teria um porquê não tentar agora. Todas as noites nos embrenhávamos nas árvores em busca de silêncio para assim cruzar nossas pernas, endireitar nossas colunas, fechar os olhos e deixar a mente vazia apenas esperando por alguma resposta.

Para mim, nenhuma resposta realmente veio, mas eu gostava da quietude e paz que aquele exercício fornecia. Um espaço leve no meu dia, era assim que via aquele momento.

Então, com a luz do sol me iluminando, fiz exatamente tudo o que eu e Cora fazíamos juntas, e com uma inspiração profunda peguei todos os meus pensamentos e com uma expiração forte joguei eles para longe. Esvaziando minha mente. Quieta permaneci.

Apenas os sons da natureza e eu. Tomava respirações profundas sempre que meu corpo pedia. Passei a sentir cada parte do meu corpo; minhas mãos estavam relaxadas assim como o resto dos meus membros, minhas costas me sustentavam sem muito esforço e o ar parecia fluir até mim com facilidade e leveza, a grama não me pinicava, graças à calça de tecido leve.

O que eu preciso fazer? Sussurrei em minha mente parecendo mais com um suplica.

Reivindiquei mais algumas respirações calmas e ritmadas. Meu corpo parecia não existir, apenas minha consciência parecia flutuar pelo Reino Ne-fir. Cada membro meu estava inerte dando a sensação de que estava flutuando para longe, bem longe. Falaria que estava fora de órbita neste exato momento, tão longe que ninguém conseguiria me alcançar. Flutuei para longe com a paz que reinou em mim.

A sensação era dominante e me fazia querer ficar assim para sempre, porém sem aviso, meu coração gelou e minha respiração parou subitamente. Acontecimentos desconexos passavam em minha frente rapidamente; um dragão branco e outro preto, e depois uma cachoeira. Cercada por uma gra-ma verde esmeralda, possuía um pequeno lago que dava vida para um mean-dro e a voz me invadia com força total, me assustando.

Na Foz do Rio você vai encontrar.

Minha respiração acelerou e eu despertei com a selvageria dançando em minhas veias. Sem entender o que tinha acontecido. Olhei em volta apenas para me certificar do que estava em volta, ainda estava no cume. Senti as gramas assim que pousei minhas mãos nela. O ar parecia quente demais para ser respirado. Pássaros cantavam alheios ao que aconteceu comigo e o cheiro de sal dominava o meu nariz.

Eu tinha visto algo. Lembro de branco e preto, e água. Tinha muita grama, e a voz...

Calma, me mostrem devagar.

Não sabia mais com quem estava conversando, mesmo assim retomei a posição: pernas cruzadas, costas eretas, olhos fechados e respirações leves e profundas. Desta vez não demorou para o sentimento de que a minha mente parecia caminhar sozinha por um lugar a tanto tempo conhecido, me preenchendo.

Dois dragões grandes, lado a lado. Um oposto do outro, branco e preto, e emanavam tanto poder que me fazia sentir pequena demais perto deles. De alguma forma, eles pareciam superiores aos dragões que conhecia, como se fosse algo mais do que apenas as criaturas que aparentavam.

Criaturas.

Meu coração estava gelado mais uma vez, porém começou a se aquecer gradativamente assim que a cachoeira, a grama verde-clara e a voz melódica tomaram o lugar daqueles dois dragões. Algo que não tinha percebido antes se estabeleceu dentro de mim aos poucos, me inundando com a paz que aquele lugar transmitia.

Onde estou?

Na Foz do Rio, você vai encontrar.

Quem é você?

Meu corpo parecia ser puxado de volta para o cume. Ofegante, olhei para os lados em busca de algo, de alguém, de qualquer coisa. Medo, medo ainda deixava um pedaço do meu coração gelado.

Podia ser aquelas criaturas me chamando esse tempo todo.

Apertei meus dedos na grama e tentei recuperar o fôlego. Bloqueei minha mente assim que senti algo vindo da minha ligação com os dragões. Ne-guei com a cabeça.

Fazia um pouco de sentido. Meu dom, minha ligação com os dragões. Será que poderia me comunicar com aquele branco e com o preto também? Por isso eles apareceram quando perguntei sobre a voz.

São Criaturas. Dragão branco. Dragão preto. A cachoeira. A voz.

Cenas completamente aleatórias, sem sentido. A resposta parecia estar em minhas mãos, mas fragmentada. Esmurrei a terra gritando completa-mente frustrada.

— Quem é você?

Esbravejei de joelhos para o céu, e desta vez o sol estava mais distante. Em breve os últimos raios de sol se despediriam. Não me importei e gritei contra a mudança do dia para a noite, gritei para qualquer um que estivesse ouvindo. Eu só queria gritar.

— Eu quero respostas!

O vento me açoitou bruscamente, me derrubando para o chão. Eu já estava de pé e pronta para revidar quando a sensação gelada dominou mais uma vez o meu coração, o meu corpo e o ar pareceram se extinguir em mim, enquanto me atacou pela direita, depois pela esquerda, me impossibilitando de pensar em qualquer coisa, a não ser tirar o meu cabelo preto da minha cara.

Quaisquer que fossem minhas palavras, minhas perguntas tinham sido descartadas quando o frio foi embora e o ar parou de bagunçar meus cabelos. Meu coração pareceu voltar a bater, quente e saudável como nunca e a minha respiração voltou. Arregalei meus olhos ao ver poeiras douradas flutuando em minha volta. Ergui minhas mãos tentando pegar, enquanto meus olhos se inundavam de lágrimas.

— “A presença divina é tão forte que seu coração mal consegue bater e os pulmões não conseguem respirar. Você parece congelar, e depois, rapidamente, tudo volta, porém mais forte, mais quente, mais vivo. Se você se sentir assim algum dia, algo divino esteve com você naquele momento.” — falei em voz alta exatamente todas as palavras que minha mãe um dia me disse sobre a presença divina.

Nunca perguntei se ela algum dia tinha sentido ou apenas estava falando o que foi contado, mas independente disso naquele exato momento, eu sabia. Eu tinha sentido. O dourado

era do Nestor, mas aquelas criaturas, aquelas eram Rae Perii. Não sabia como, mas tinha certeza.

Mesmo que tenha sido apenas para esfregar o vento na minha cara, para que eu parasse de arranjar desculpas, de questionar quando a resposta que já estava tão clara em minha frente, quando elas já tinham me respondido antes.

Eu já sabia para onde tinha que ir.

CAPÍTULO 13

E lá vai ele me perguntando pela terceira vez em espaço curto Ede tempo: — Você tem certeza que pegou tudo?

Apenas lanço um olhar para Erus sem ocular um sorriso satisfatório. Ele estava preocupado por não me acompanhar, seria a primeira vez que iria por conta própria junto dos dragões, Abyss, Amy e mais dois guardas escalados especialmente por ele, Consolio e Ita. Pensei em chamar Lena também, mas os seus olhos permaneciam tão perdidos quando chegamos, e quando arrastava o olhar entre mim e Abyss, ela corria antes de começar a chorar.

Tinha feito uma anotação mental de passar mais tempo com ela quando voltasse. Ela precisava de uma amiga, e agora, com uma boa quantidade de pedaços meus juntos, acredito que possa ajudar ela de verdade. Ao menos essa é a minha esperança. Porém, não parti antes de abraçá-la. Uma exceção necessária, além de pedir para que cuidasse da Caverna, enquanto estivesse fora pensando que isso mantivesse a sua cabeça um pouco ocupada. Longe de Liw e Nye.

A culpa não tinha ido embora, não. Ela se mantinha grudada em mim, e desde que fechei de vez o abismo, prometi que fugiria de qualquer possibilidade dele se abrir de novo, e aos poucos vejo que o melhor jeito de fazer isso é não me render. E isso significava não abrir mão de mim e de ninguém, incluindo Lena e todos que puder alcançar.

— Ei, vocês! Cuidem dela.

A voz de Erus me trouxe de volta. Verifiquei as últimas bolsas em Tân, por ser o mais robusto, ele conseguiria levar a minha pequena invenção da madrugada. Com uma pequena ajuda dos Puas, consegui uma boa quantidade de couro para fazer uma base e amarrá-la nas costas do dragão. Prometi que iria devolver, mas tive que dar um jeito e fiz furos para conseguir unir as duas pontas com um pedaço de caule. O mais forte que

consegui achar, enrolando nos furos para conseguir unir, e assim, com mais caule e tecido fiz as bolsas para carregar nossos suprimentos. Não quis sobrecarregar ele, caso precisássemos levantar voo, então cada um de nós também carregava uma bolsa junto de armas.

— Eu sei bem me proteger — entrei na conversa cruzando os braços. — Eu e meus dragões mostramos os dentes e as pessoas correm.

Tentei fazer uma brincadeira para distrair o clima de despedida que se instalava. Erus tinha feito esse pedido especial para Consolio e Ita, dois irmãos e soldados pessoais dele, e que sabia que não iriam me irritar como os outros. Ambos não são muito mais velhos que eu e já os vi treinando, suas habilidades serão muito importantes, caso apenas o meu senso de direção não me ajude. Na verdade, sei que essa parte não vou me preocupar e esse era o intuito de Erus: montar uma equipe perfeita para não ter ponta solta. Consolio tem o dom da estratégia e Ita o dom da orientação. Qualquer coisa que eu pensar, Consolio já vai ter pensando, e se eu penso que sei me orientar apenas olhando para o céu, bom, a Ita iria rir da minha cara.

— Você não pode me culpar por me preocupar, baixinha. — Erus bagunça o meu cabelo e de forma demorada acompanha o comprimento dos fios. Ele sabe muito bem a mensagem que quero passar por não ter cortado ele. — Sua mãe estaria muito orgulhosa.

Ele volta a me olhar com um sorriso sem mostrar os dentes. Há muita coisa não dita aqui. Não aceitei Erus no começo porque era apegada ao meu pai de sangue, até aquele dia. Eu era uma criança e não tinha como entender o que tinha acontecido e também optei por acreditar que ele ainda estava vivo. Isso durou até os meus seis ciclos, quando todos do clã começaram a gritar heresia após Oem declarar o meu dom.

Erus não quis que eu escutasse o que todos diziam, assim como minha mãe, Oem e Axía. Mas ele foi o que não hesitou, me pegando pela mão e puxando para longe do tumulto.

Naquela época, ele já era o líder do clã e deixou a tarefa de calar os membros com os anciãos.

— Você não é nada disso que eles dizem. — ele disse segurando o meu pequeno rosto. — Você pertence a esse clã, Asha. Preciso que diga que me entendeu.

Ele chegou a balançar os meus ombros acompanhando o desespero espelhado como o fogo em seus olhos. Antes de saber da verdade dos dragões e do meu dom, foi aquele fogo que me abraçou e me criou. Em meio aquele calor descobri que se fosse para chamar uma pessoa de pai,seria ele, mas não o fiz por medo. Os sentimentos sempre foram assustadores para mim, e agora, depois de chorar na madrugada, criar um vínculo — mesmo que simples — com um garoto conhecido recentemente e fechado um abismo. Acredito que eu possa lidar com isso.

— Meu pai também está. — as palavras saíram de forma mais fácil do que previ, só esqueci de preparar os meus olhos que já marejavam. Claramente não sabia lidar com as emoções ainda. — Prometo que vou me cuidar e você faça o mesmo.

Estendi a minha mão porque é assim que se sela uma promessa. Ele a apertaria e depois uniríamos os nossos punhos ao coração, e assim ele fez, mas ao invés de apenas seguir o costume, Erus me puxou para um abraço, apertando como se não houvesse amanhã, me deixando sem ar e sem saber o que fazer.

Abraçar não é algo que fiz muito, na verdade corria dele como uma corça fugiria de Tân. Mesmo em meio ao pequeno desespero, quando o escutei resfolegar, meu coração se apertou e a selvageria expulsou o desconforto.

Levando as mãos para as suas costas fiz um movimento leve para que me acalmasse, da mesma forma que fiz naquela madrugada, só que desta vez apenas arrastei as mãos de um lado para o outro. A pequena atitude custou mais algumas respirações descompassadas, até ele me pegar pelos ombros para afastar nossos corpos e os olhares se encontrem.

— Com certeza estou orgulhoso de você, filha. — Erus soltou a palavra com o choro entalado em sua garganta.

Como uma palavra podia significar tanto?

Sentindo que aquele momento podia muito bem durar uma eternidade, Abyss soltou um pigarro proposital fazendo nossos olhos se desconectarem, e os sentimentos acharem os seus devidos lugares em nossos corações. Esse momento estaria, sem dúvidas, marcado.

— Realmente precisamos ir. — ele disse apenas para justificar sua intromissão necessária. — Alguma notícia de Gwynt?

Sua pergunta fez com que Erus beijasse minha testa e fosse conversar com Oem e Amy. Levei um tempo para voltar minha cabeça para o treino e o nosso próximo passo, os olhos de Abyss estavam na grama como se me desse um tempo de privacidade para voltar tudo no lugar.

— Podemos prosseguir.

Gwynt se pronunciou assim que consegui controlar a selvageria dentro de mim, que gritava uma palavra: pertencimento. Eu pertencia aquele clã como Erus tinha dito ciclos atrás. Não quero repetir nada do passado, já vi que posso muito bem acabar perdida em minhas próprias águas desconhecidas, longe demais para ser alcançada, e agora eu só queria dar o melhor de mim. De algum jeito. Por isso iria para a Foz do Rio, talvez lá encontrasse algumas respostas.

Seus cabelos eram longos e escuros, ao sol era possível ver alguns fios cobres, outros azulados. Normalmente só era possível ver os cabelos negros dela ao vento, caso não prestasse muita atenção. Mas ela sabia e via cada cor representando uma parte sua.

Por algum motivo desconhecido, ela foi presenteada com um dom. Apenas ela e ninguém mais de seu clã possuía, e muito menos conseguiam entrar em contato com Nestor como ela. Com os dragõese Nestor havia paz. O Reino Nefir não guerreava havia, ao menos, 10 ciclos.

Até aquele dia.

Vozes femininas, enviadas por Nestor, a avisaram sobre os desastres na-turais que aconteceriam, porém não disse quando. No topo das Oito Montanhas, viu um ponto azul claro e outro escuro bem longe dali. Nunca presenciou energias tão fortes em seus ciclos de vida. Mesmo com a visão avantajada dos animais, ela não conseguiu discernir o que acontecia naquele lugar.

Os nós dos seus dedos estavam brancos de tão forte que segurava o pequeno corrimão. Estava no topo da Montanha Três e temia o que estava por vir. A única certeza que tinha era que precisava proteger todos.

De forma repentina, o ar pareceu ficar denso e as energias começaram a brigar, como se suas existências dependessem daquele momento. E para a confundir mais, havia muito ódio ali. Ela não precisou de muito tempo para gritar:

— Todos desçam!

O chão começou a tremer com uma intensidade desconhecida.

— Tiare.

As Oito Montanhas se interligavam por corredores feitos de madeira como as plataformas em volta das montanhas, feitas para as casas dos membros do clã de Tiare, que começaram a descer as escadas com medo e urgência. Eles não faziam ideia do que estava acontecendo e o que fazer, apenas confiavam em Tiare e fariam o que ela pedisse.

Assim que a garota olhou para o lado, viu sua mãe de cabelos platinados por conta da idade, segurando a mão de uma criança... Se permitiu admirar a nova cor dos olhos e do cabelo, hoje estavam roxos. A garota conseguia criar uma nova versão de si mesma a cada dia e Tiare amava cada versão.

— Leve Salang e Samir e os outros para longe, mãe.

Os seus olhos começaram a arder ao ver os olhos castanhosda sua mãe a atingirem com lágrimas. Sabia que ela queria salvar os filhos gêmeos, assim como sabia que a filha não sairia dali até todos estarem a salvo, então, que pelo menos seu irmão, Samir, saísse dali vivo. O pesar em seu coração aumentou quando mãos pequenas envolveram suas pernas. O

soluço travou em sua garganta. Por mais que apenas queria envolver sua filha em seus braços e correr para bem longe daquela guerra, Tiare sabia que não podia. Tudo e todos dependiam dela agora, afinal, ela é a escolhida.

Como em resposta da sua obrigação para com o Reino Nefir, o ombro direito de Tiare ardeu. Ela controlou a vontade de passar a mão em cima daquela marca, duas pontas se unindo e formando uma espécie de redemoinho e com detalhes contornando. A garota nunca teve a oportunidade de olhá-la por tempo demais por estar na parte de trás do seu ombro.

Se obrigando a não arranjar mais desculpas, se despediu com um beijo na pequena testa de Salang, afastou a filha e chamou a própria mãe.

— Nysthia.

O nome saiu como uma súplica para tirar aquela dor, aquela possibilidade de não ver mais as diversas mudanças físicas da mente criativa da menina. Salang nasceu com o dom raro de se transformar, podia se metamorfosear para o que bem entendesse.

Nysthia pegou a criança no colo e correu escada abaixo, sem olhar para trás. Tiare agradeceu por isso com uma despedida silenciosa e uma prece para Nestor manter Salang e todos salvo. Ela pediu com todo o seu coração que a filha sobrevivesse. Assim que terminou, não se permitiu pensar em mais nada e apenas pulou sem hesitação no meio das Montanhas, sentindo o vento na cara, e erguendo os seus cabelos, mergulhou com fervor.

Ela sabia que ela estaria lá.

Lux a apanhou no ar. Com seu tamanho enorme ganhou o céu, reluzindo suas escamas brancas com diversos tons amarelados.

— Precisamos nos certificar que todos saiam e se protejam. Algo ruim está para acontecer.

As palavras foram ditas através da ligação que Tiare possuía com os dragões, graças ao seu dom. Não foi necessária uma confirmação para Lux tomar o seu caminho, e assim monitorar todas as oito montanhas. Contava com a ajuda da

Guarda, pessoas que Tiare mesma treinou. A garota conseguia ver seus elmos prata sem muito esforço, eles estavam auxiliando e tirando as pessoas das Oito Montanhas.

Lux fez uma curva bruta quando se deparou com um esguicho do único vulcão que habitava naquele Reino. A lava expelida foi intensa, tomou território rápido demais para um vulcão há tempos dormente. Um frio percorreu a coluna de Tiare, mas ela ignorou.

Em poucos instantes, os olhos de ambas percorreram a fuga do clã e fizeram a primeira coisa que ocorreu pela ligação: em um golpe duplo projetaram seus raios combinados em uma parte da plataforma condenada pela lava. Assim ganhava um pouco de tempo para o restante que descia.

— Pensei que nunca fosse chegar!

Lux exclamou pela ligação.

Pela primeira vez desde o primeiro tremor, Tiare conseguiu respirar normalmente. Era Gaorth, o dragão branco surgiu ao lado das duas devolvendo o ar que parecia tão escasso para a garota, como um bom domador do ar.

Wai apareceu com suas cintilantes escamas azuis jogando água em toda a extensão da lava, acalmando um pouco as coisas na Montanha Seis e também libertando Tiare e Lux para verificar as outras.

— Preciso que todos estejam em segurança.

Gaorth e Wai desceram as pessoas feridas, enquanto o restante tomava rumo em direção a parte em que o chão parava de tremer, sem motivo algum aparente. Uma linha clara de segurança.

Enquanto o vulcão ainda expelia lava, Tiare mandou todos para um pouco além daquela região ilesa, que no momento, parecia a mais segura que podiam fornecer.

As duas presenças ainda digladiavam tanto física como mentalmente. Algo dentro dela dizia que a mais clara era Nestor, o Senhor da Luz, e a mais escura Cig, o seu irmão e Senhor das Sombras. O pouco que sabe da história dos dois é que se tornaram os Irmãos Celestiais por causa da Maldição Geminiana lançada neles.

Os dragões de Tiare despertaram fazia menos de vinte ciclos. Primeiro foi Lux, depois Wai e por fim Gaorth e Mea. Parecem jovens, mas o crescimento de um dragão é bem mais rápido do que um humano. Os quatro eram grandes e corpulentos, menos Mea.

Ela não estava mais ao lado deles, ela fora perdida para os seguidores de Cig. Em uma invasão, Mea se fez de escudo para proteger Gaorth, o seu eterno companheiro, o qual carregava crianças para longe do ataque. Era uma lâmina da cor da caverna mais escura, e atravessou o peito dela sem piedade. Mea caiu, assim como metade de cada umligado a ela.

Mea possuía as escamas vermelhas como sangue, seus chifres eram retorcidos e grandes. Um grande orgulho entre os dragões. Sua passagem já completou dois ciclos.

Era o que Tiare pensava.

O tremor da terra se intensificou e desta vez o vulcão explodiu, causando uma chuva de lava para todos os lados. Mais uma vez aquele frio na coluna.

— Pelos Dragões, não. — Tiare resmungou baixo, sem ignorar a sensação desta vez. Esse pequeno calafrio sempre vinha acompanhado de algo vindo de Cig.

A construção em volta das Oito Montanhas começou a queimar em partes distintas, os olhos da garota procuraram o restante do clã com urgência, e conseguiria pensar melhor assim que visse todos, além daquele limite da terra, mas sua atenção foi desviada para mais uma explosão do vulcão.

— Eles estão seguros.

Wai confirmou tomando a retaguarda juntamente com Gaorth. Os dragões não são expressivos e jamais alguém conseguiria decifrar algo apenas olhando para eles. Mesmo assim, possuem emoções mais intensas que um próprio humano.

Não sabia de onde tinha vindo aquele sentimento, porém ela o conhecia tão bem. Quis sentir a sua presença de novo desde o dia de sua passagem. Aquela sensação conhecida, entretanto, não mais amigável e reconfortante. O seu coração parece estilhaçar ao ver escamas vermelhas ardentes surgirem

de dentro do vulcão. Seus olhos amarelos não eram mais calmos e solícitos, só existia fúria e ódio naquele olhar pálido.

Em sua morte, Mea parecia indestrutível e impiedosa.

Prontamente, Tiare se levantou de Lux e correu em direção aos outros dois dragões. Sentia seu coração em frangalhos e sabia que o sentimento era parte seu, só que estava intensificado entre os dragões. E especialmente em um. Mais uma vez, sem hesitar, com movimentos rápidos com as mãos usou o ar para se impulsionar em direção a Gaorth, que a pegou de imediato.

Ela conseguiu suspender a ligação entre os outros por alguns instantes para ter uma conversa privada com Gaorth. Conseguia fazer isso com facilidade, mas precisava ser rápida. Uma grande batalha estava à sua frente e não poderia brincar, apenas tomar as rédeas da situação.

— Ela não é mais a nossa Mea.

O dragão branco disse, sucinto, querendo não demonstrar como realmente se sentia. Todos faziam isso,e querendo ou não a ligação delatava tudo.

— Gaorth, ela ainda é Mea. Ela foi corrompida, precisamos libertá-la.

Tentou explicar de forma rápida que Cig deveria teraprisionado a alma dela e a estava usando ao seu favor agora para os destruir. Mesmo sendo a menor de todos os dragões, Mea ainda assim era a que tinha o melhor controle sob o seu elemento e era a mais forte.

— Tiare...

Ela não deu tempo para Gaorth responder. A intensidade do poder de Mea parecia a mesma, talvez intensificada por Cig, mas se trabalhassem juntos conseguiriam contê-la. Já tinha testado essas teorias antes em pequenas lutas entre os dragões e ela.

— Precisamos atrasar ela.

O dragão azul planou até o branco, que permaneceu estático, apenas lutando contra o seu sentimento primário. Ele não queria acreditar. Se fosse para vê-la novamente, nenhum

deles queria que fosse desse jeito, principalmente o domador de ar.

— Gaorth, você precisa distrai-la.

Lux se aproximou deles depois de atrasar o avanço da lava, criando crateras com seus raios. Ela manteria essa estratégia enquanto o dragão branco distrairia Mea. Um laço de companheirismo jamais seria ignorado. Tiare e Wai tomariam à frente, convocando todas as fontes de água nas imediações ou não. Grandes e intensos lançamento de água combinados, com o dom de ambos possivelmente poderiam pará-la.

— Todos sabem sua posição.

Suas palavras soaram como uma declaração, um comando. Todos precisavam de tempo para digerir o ataque que iriam executar, então deixou o silêncio reinar, enquanto Wai e Lux começavam a ir para as suas posições.

O dragão branco retesou e urrou. Não era uma visão fácil, mesmo ela estando ali agora, a algumas batidas de asas longe, ainda só existia o coração Gaorth sem o de Mea.

— Precisamos de você.

Tiare acariciou o longo pescoço branco dele e depois deu duas batidinhas. Gaorth voou e planou até estar uns poucos metros acima da grama ainda intacta, a garota se atirou em queda livre sentindo mais uma vez o vento pelo seu corpo. Ela herdou o dom de cada dragão, tinha a dobradura de cada elemento, uns melhores que os outros, mas conseguiria se virar.

Convocou o ar para ampará-la até chegar no chão, sentia o ar em cada curva sua como se a segurasse para não se machucar. Assim que seus pés tocaram o chão, aproveitou a presença do ar e o jogou para cima da lava, causando um retardamento de um mísero instante.

Por algum motivo, o magma em si não avança rápido, no entanto, devasta tudo em que toca mesmo assim. Manteve as mãos para baixo agachando-se até conectar suas palmas na terra e ajudou Wai a convocar toda a água. Sentia o fluxo sereno, mas urgente, vindo bem pelo centro de suas mãos e correndo pelas suas veias energizando todo o seu corpo.

Sabia que agora, os seus olhos castanhos-mel estavam completamente azuis, como sempre mudava de acordo com o elemento que invocava.

Independentemente do que Tiare e seus dragões estavam enfrentando, as duas presenças continuavam lutando sem descanso. Era nítido que aquela batalha estava sendo travada em dois lugares. Uma era onde a Tiare se encon-trava e outra era lá, com Nestor e Cig. A única angústia, além de ver Mea não sendo Mea, era que não sabia o real motivo pelo qual estava lutando.

CAPÍTULO 14

Aquele vazio ecoou por mim mesmo depois da quinta noite tendo o mesmo sonho. Na primeira vez acordei com a mão em cima da marca, pedi para Amy trabalhar em um desenho dela em um dos pergaminhos que trouxemos. Também não sei os detalhes dela, assim como a menina do sonho, então iria atrás de uma solução para isso porque a sua filha tinha o mesmo nome da minha parente, que carrega a marca. Salang.

Claramente por cinco noite seguintes estive no meio da Grande Batalha, repetindo as mesmas cenas e acabando igual. Tiare era uma peça importante, e domadora dos dragões também.

— E se houver uma geração de eleitas?

Ponderei a sugestão de Tân por um tempo, mas não entendia o porquê disso, já que há 700 ciclos atrás Nestor estava em sua forma plena e não precisaria de uma representante humana com o seu próprio corpo aqui. E outra coisa que entrava sempre em conflito era o passado dos Irmãos Celestiais, como as Criaturas Celestiais. Não encontrava uma forma de se encai-xarem.

Graças à lembrança de Tiare, eu pude entender que os irmãos foram amaldiçoados por algum motivo. Maldição Geminiana, foi desse jeito que a chamou.

Nestor sempre apareceu em pessoa nos meus sonhos com conversas prontas para me entregar as mensagens necessárias explicações objetivas, porém jamais me trouxe em uma lembrança de alguém.

— E se não for ele? E se sua intuição esteja tão aguçada que possa ter sentido tudo isso?

Gwynt começou a se indagar sobre a “celestidade” de Nestor, pendendo para acreditar mais nas Criaturas Celestiais. De qualquer forma, não acredito que o meu dom esteja nesse nível, foi o que respondi a Gwynt e ainda acreditava nisso. E que

raios eu poderia ter sentido? Estou caminhando há seis dias em direção a vozes que nem conheço.

Vozes.

Na terceira noite acordei com as vozes dizendo as mesmas palavras de antes. Na Foz do Rio, você vai encontrar. Femininas como sempre, e Tiare mencionou de uma mensagem de vozes femininas desconhecidas, que foram enviadas por Nestor. Poderiam muito bem ser as mesmas.

Vamos supor que sejam então.

No sexto dia estávamos passando por um trecho mais íngreme fazendo com que cedêssemos por instantes na colina de grama verde esmeralda. Uma dose de água apareceu em minhas mãos graças a Abyss, que estava bem à vontade com o nosso grupo. Consolio e Ita não foram um empecilho para ele, na verdade, discutiam de forma direta e profissional esua desenvoltura me surpreendeu, fiz questão de dizer isso a ele.

— Passei muito tempo apenas observando planos serem executados. — ele começa com o olhar perdido na vastidão do Reino Nefir. — E eu poderia simplesmente me afundar. Você sabe. — ele fez uma pausa para trazer os olhos salpicados de roxo para a minha figura deitada na grama. — Eu realmente poderia me afogar em meu próprio abismo.

— Eu, com certeza pularia — falei sem pensar.

A sinceridade arrancou um sorriso dele. Uma piada, talvez cedo demais, para fazer sobre o meu próprio mergulho inconsequente.

— Você está mais forte agora, Asha. — ele tenta arrumar o tom pejorativo que se instalava, querendo lembrar que eu tinha escapado daquela situação. — De qualquer forma, eu prometi a Brydion que não me afogaria em meu próprio dom.

As palavras pesaram contra cada parte do meu corpo. Brydion, sua irmã falecida. Até a terra pareceu sentir e os pássaros se aquietaram também, to-mei o tempo que Abyss pareceu precisar para me sentar e tomar a água.

Tínhamos andado bastante durante aqueles seis dias, mas não sabia o quão distante estávamos. Não trabalho bem com medidas, apenas com o visual, e observando agora o mar de

árvores que nos separava da Cordilheira de Bico Fino fazia com que realmente acreditasse nas palavras de Consolio sobre estarmos adiantados. Sabia que atrás de nós conseguiríamos ver Monte Vero e seu pico alto escondido por nuvens, mas algo me chamava para olhar o nosso atual lar.

A Cordilheira era algo que poderia ficar observando por dias. As pontas se erguendo de encontro ao céu, umas maiores do que as outras. Não sabia o que responder a Abyss, então contei em voz alta as pontas da Cordilheira, ele pareceu prestar atenção em minha voz, assim como os dragões.

— Sete, oito — finalizei e me ergui para poder enxergar melhor. — Oito cumes, então — apoiei minhas mãos na cintura, antes de repetir a numera-ção mais uma vez, como se soasse parecida com algo. — Oito.

— O que foi, Asha? — Ita questionou, claramente interessada, mas para mim sua voz estava longe demais.

Minha visão tinha sido trocada para a de Tiare. As Oito Montanhas ali na minha frente. Com quatro na frente e quatro atrás junto de um sistema para conseguir caminhar entre elas. Mantiveram as suas casas escavadas no topo, onde era mais difícil de serem surpreendidos. Estabeleceram caminhos feitos de madeiras, cordas e cipós dos mais fortes. Contornavam as montanhas e as interligavam, e suas moradias foram escavadas nas montanhas, acredito que algum domador da terra estava junto para que não causasse dano à cordilheira.

Assim como veio, a visão se foi. Pisquei algumas vezes querendo ajustar os meus olhos à minha visão, olhei para os lados identificando coisas da minha época.

— Você está bem?

Primeiro foi Tân com a sua voz, descendo o pescoço para ficar na minha altura, Gwynt se prontificou ao seu lado também me analisando. Apenas ace-nei com a cabeça enquanto deixava a visão passar para eles pela ligação, do mesmo jeito que fiz a lembrança de Tiare passar para eles no primeiro dia.

Eles são os únicos que realmente sentem tudo que sinto mesmo, eles sabem, então não vi ponto algum em omitir isso deles como fiz com o restante da equipe.

Para dizer que não houve nenhum humano que reparou, Abyss me perguntava todos os dias se eu estava bem, e na noite passada acordei desesperada por conta da lembrança, e lá estava ele em seu turno fingindo não ver, mas podia sentir o seu corpo querendo virar em minha direção, assim como Amy também conseguia prever algo estranho, tanto por conta dos meus sen-timentos como do domador do abismo.

— Eu tive um vislumbre de como foi a Grande Batalha — confessei mais baixo do que pretendia.

— Agora? — Consolio perguntou exaltado.

— É, praticamente — falei rápido, antes de direcionar para eles. — A Grande Batalha ocorreu na Cordilheira de Bico Fino, que antes era chamado de Oito Montanhas. Mas não é só isso.

Os irmãos sabiam o básico sobre mim. Não tinham ideia de como funcionava todo esse lance de Mulher Dragão — e nem eu. Acredito que Oem tinha explicado sobre os meus sonhos, os quais chegavam a me fazer ficar desacordada por alguns dias. Nestor tinha muito o que mostrar porque ele não é um cara que conversa muito, e quando faz, soa um pouco estranho.

Enfim, expliquei sobre os meus sonhos e depois tentei dar o maior número de detalhes sobre o sonho para eles.

— Não tinha muita informação sobre outros domadores de dragão nos pergaminhos de Oem e Axía — informei enquanto aproveitávamos aquele tempo, que ficou maior do que apenas um descanso. — E então tem essa garota do sonho, o nome dela é Tiare. Soa familiar para vocês?

Não tinha falado o nome dela, por opção mesmo, queria ver a reação deles, os detalhes e deixar livre, caso alguém tivesse algo para acrescentar, mas ninguém me interrompeu, então resolvi dizer o nome na esperança de des-travar alguma lembrança.

— Sim. — Abyss chama a nossa atenção. — O ancião do nosso contou uma história da Tiare e seus dragões, dois brancos e um azul. Ele não incluía essa de escamas vermelhas. E não tem muitos detalhes, apenas sobre o seu domínio sobre os dragões e que ela lutou ao lado de Nestor, que estava

tentando quebrar a maldição dos Irmãos Celestiais para enfim se juntar com Rae e Perii.

— Rae e Perii? — foi a vez de Amy questionar.

Tinha esquecido que eles não sabiam sobre as Criaturas Celestiais e ainda estavam presos a acreditar que Nestor criou todo o Reino. Ainda não existiam provas concretas para mostrar, e sim apenas contar. E eu só acreditava porque as vozes delas estavam em minha cabeça com uma certa frequência e pelos vislumbres que tive. A história possui muitas pontas soltas, assim como a do próprio Nestor e de Cig.

Deixei que Abyss assumisse o posto de contador de histórias enquanto comia uma maçã e dobrei a fiscalização ao nosso redor, assim que Gwynt foi buscar alguma caça boa para os dois dragões, enquanto Tân emanava des-gosto para a minha fruta.

O domador do abismo contava a mesma coisa que me contou no cume, mas era algo simples, sem muitos detalhes.

— Você acredita nisso, Asha? — Amy quis saber.

— Não tem como não acreditar, as vozes delas estão em minha cabeça — confesso encarando os olhos azuis dela. — Não tenho provas para mostrar a vocês, apenas esse relato mesmo, e é opção de vocês acreditar ou não — paro de sustentar o olhar apenas da minha amiga e encaro todos um pouco. — Eu não vou forçar vocês a acreditarem no que eu acredito. A vida é de vocês, mas peço que pelo menos acreditem no dom que me foi dado.

Quase deixei o choque escapar para o meu rosto, tentei deixá-lo de forma impassível. As palavras saíram como um fluxo de uma correnteza, a água se-gue um caminho certeiro, sem questionamento, apenas continua indo, e foi assim que aconteceu. As palavras pareceram seguir um fluxo assim que abri minha boca e, o maior choque, foi que tudo o que disse fazia sentido bem no fundo do meu coração.

Eu queria que eles acreditassem em meu dom, em mim, assim como eu acreditava.

— Acreditamos em você, Asha. — Ita declara, chamando minha atenção com um sorriso sutil desmontando sua feição

séria de sempre. — E acredito que essa lembrança tenha sido algum tipo de mensagem para a nossa eleita.

CAPÍTULO 15

Depois das palavras de Ita senti o Reino inteiro cair sobre mim, mas não me deixei levar por esse sentimento. Conseguimos chegar em mais um início de floresta, assim que o sol caiu.

Antes de começarmos a montar o nosso acam-pamento improvisado, vi que o Monte Vero se erguia logo acima das árvores à nossa frente. Acreditava que assim que passássemos por essa floresta chegaríamos a ele e os irmãos confirmariam como um incentivo.

Mesmo com um peso estranho dentro de mim, consegui me sentir eufórica para atravessarmos logo. Existem poucas histórias sobre o Monte, como os humanos que tentavam subi-lo e não retornavam, a maioria eram Arfenol. Nunca soubemos o motivo.

Reino Nefir não é um lugar rico e próspero, bom, não mais. Graças as nossas habilidades de caça e plantação conseguimos sobreviver com o mínimo que um ser deveria ter, mas nada em abundância. Nem mesmo na Torre Celeste, pelo pouco que sei e vi naquele único sonho sabia que era um lugar pobre de todas as maneiras possíveis. Exercem o poder apenas porque possuem uma Gormes em mãos e Cig ao lado, propagando mal a quem quer que interferisse no dia a dia dos seus filhos.

E Nestor? Desde que sua essência se aprisionou em um Dragão Dourado, o seu poder parece que ficou limitado ou ele simplesmente não consegue usá-lo em outra forma, a não ser a humana. Ele não me ajudava a defendê-lo. Queria encará-lo e fazer todas as perguntas que tinha.

frustrante pensar que tudo o que se conhece é uma mentira. Nestor não parece ser o maior Ser Celestial, não mais. Rae e Perii pareciam vir primeiro, como se existissem categoria de dons. Mas aonde cada um se encai-xava, era um mistério.

— Como posso ter fé e medo ao mesmo tempo? Esses sentimentos não deveriam se anular? — fiz a pergunta em voz baixa para os dragões.

Era a nossa vez de montar a guarda e não queria acordar os outros, sabia que estavam dormindo pelas suas respirações e batimentos. Não é que não queria compartilhar com eles, mas é que pedi para confiassem em mim e agora que tinha essa confiança, eu estava morta de medo.

— Acho que não, afinal, medo é bom. Quer dizer que você pensa, não?

Tân tenta me animar. Ele se encontra deitado do meu lado direito, en-quanto Gwynt está no lado esquerdo.

— Eu concordo. São sentimentos que podem andar juntos e te ajudar a ser o melhor que pode ser.

As palavras da domadora do ar parecem flutuar com o elemento. Mas ainda assim o sentimento pesava em meu peito e eu queria arrancá-lo de lá. Levar a minha mão para o meu coração foi uma ação impensada, apenas sentida.

— Ser a eleita me torna diferente — confessei mais baixo do que antes.

Sabia que podia conversar apenas com a nossa ligação, mas eu queria falar com a minha própria boca o que estava sentindo.

— A última vez que fui diferente resolveram me excluir e inventar fatos dolorosos para mim. Não foi uma época legal — passei as mãos nos olhos e troquei olhares com os dra-gões. — Não quero ser diferente, eu só quero ser eu.

O vermelho e o roxo de seus olhos estavam intensos porque, além de ter dito, também senti cada palavra pesar e cravar em meu coração.

— Nós nascemos quando você nos chamou e não vimos nenhum outro dragão nesses ciclos vivos, e nem sentimos o chamado deles em todo o Reino. Somos ligados a você, Asha, apenas você. Então realmente não tem como você ser normal.

Tân refletiu.

— Já tentamos e sabemos que pessoas normais não conversam com dragões em suas cabeças.

Gwynt finalizou e deixei escapar uma risada divertida. Neguei com a cabeça e com as mãos acompanhando o movimento em suas laterais, depois deixei os meus olhos demorarem no céu, nas árvores até voltar aos dragões. Parece que eles fizeram o meu chão tremer até que eu caísse em um meandro gelado, que levou qualquer sentimento de medo de ser diferente embora.

Cada um em sua essência é diferente. Não somos iguais, mas se algo sai forado suposto comum ficamos com medo e queremos expulsar essa divergência sem pensar nos efeitos colaterais. Eu sofri com isso, diversas vezes, e agora me tornei o que sou hoje.

Não que seja uma justificativa, não mesmo. Mas eu não tenho como tar no tempo, esse não é o meu dom. O meu dom é dos dragões, de união de contrários como o fogo e o ar, humano e dragões. Então eu só poderia fazer duas coisas: arrumar a bagunça que isso causou em mim e não deixar que aconteça com mais ninguém.

Agora uma certeza se instalava lentamente em mim. Alguma força se unia com a selvageria dentro de mim. Eu não sou normal e não quero ser. Quero ser quem eu sou.

Como era de se imaginar, Abyss não me questionou diretamente na hora em que aquela inquietação serpenteava minha cabeça, mas, de alguma for-ma, acordou mais cedo que os outros e soltou aquelas palavras, que pareciam pertencer apenas a ele:

— Você está bem?

Até o tom da sua voz fazia um formigamento surgir e acabar extravasan- em um sorriso preguiçoso ou relutante, dependia. Hoje estava realmente bem, depois da minha noite com os dragões, parecia uma nova mulher. Renovada. Era estranho pensar assim, mas de qualquer forma sempre me

sentia assim quando era mais nova, e simplesmente fugia para alguma floresta ou mato apenas para respirar. Renovar.

Acredito que seja algum traço draconiano.

Depois de me certificar que estava bem, acordei o restante da equipe e comemos algo rápido para voltarmos a andar e compensar o tempo em que ficamos discutindo ontem. Era para termos atravessado essa floresta e chegado ao Monte ontem mesmo, entretanto, a junção de realidade e lembrança precisava ser falada. Precisava de mais cabeças pensando sobre isso.

Já conseguia ver o fim da floresta e mais uma colina que se erguia logo em seguida, assim como o vi apenas me encarar e isso me deixava inquieta.

Na primeira noite em que tive o sonho com Tiare e acordei assustada e suada, Abyss fazia a vigília e um lampejo passou em seu olhar, que não consegui discernir. Ou tenho apenas medo do que pode ser. Ele não disse nada, porém se manteve presente nas outras noites como se me desse apoio. Eu sei que um dos meus maiores medos em relação a Abyss é que ele me olhasse com pena. Eu não suportaria, porque quero ser forte para ele, que perdeu tanto. Ele não podia me olhar com pena, não queria ver isso.

A lembrança me sufocou e me vi apertando o passo para tentar respirar fora da floresta. Ele não tinha feito por mal, entretanto não era algo que eu gostaria de ver de novo e, graças aos Dragões, Abyss só permaneceu ao meu lado sendo ele mesmo. Eu agradecia mentalmente por isso.

Os dragões ficaram no local em que dormimos, onde podiam vigiar e se camuflar, caso fosse preciso. Viriam ao nosso encontra assim que víssemos que não tinha ameaça alguma. A floresta que atravessamos não é muito grande, então Gwynt conseguiria deixar ela e Tân invisíveis até pousarem.

Era nisso que apostávamos.

Tornei os meus passos rápidos para que pudesse deixar Abyss com aquele vislumbre para trás, e tentar desvendar o motivo de terem me chamado aqui. Como uma boa filha de Cora, meus olhos passavam pela vegetação, e quando percebi, tinha alguns bolsos com pacotes com plantas, e não tinha

notado quando estava fazendo isso,só queria manter minhas mãos ocupadas e minha mente longe. Ninguém protestava quando pedia uma pausa para fazer isso, e às vezes até usavam a flor de camomila para dormir, principalmente Ita. Ela diz que as direções pareciam gritar para ela, mas não fiz muita questão de entender e fiz um chá para ela. Já tinha minhas próprias vozes para tentar entender.

Já sabia que Abyss é um cara observador, mas estava se tornando — quase — chato o tanto que passamos a nos conhecer desde o dia em que apenas o observei dormir. Não tinha dúvida que ele percebeu a oscilação recente e sabia que estava arranjando alguma desculpa para retardar a nossa chegada a Foz. Todas as noites, ele fazia questão de ficar ao meu lado, caso eu despertasse sobressaltada, mesmo que eu não contasse nada. Ele sabia que isso ia acontecer e realmente não se importava comigo bufando, revirando os olhos ou qualquer outra atitude que normalmente afastaria qualquer pessoa. Tinha impressão que ele conhecia minha alma, assim como eu passei a conhecer a dele. Ainda mais quando a linha vermelha que surgia unindo nossas mãos aparecia.

Isso me assustava, só os dragões me conheciam assim.

— Se nos apressarmos chegamos lá antes do entardecer e acamparemos lá, se for seguro. — ele jogou as palavras no ar, fingindo conversar com Ita.

Estava abaixada colhendo o pouco de lavanda que achei. A planta que salvou a pele dele daquela queimadura. Não disfarcei quando bufei e terminei de guardar as plantas cuidadosamente em minha bolsa. Passei por ele esbarrando propositalmente, talvez para ter uma desculpa para tocá-lo ou ter sua atenção. Ainda não sei o que me levou a ter esse comportamento.

Ou apenas por birra.

O sorriso lateral travesso que deu fez uma eletricidade percorrer meu corpo, e roubou um sorriso meu, como se trocássemos uma brincadeira silenciosa e que só nós sabíamos. Não fazia ideia de onde estava pisando ou onde isso iria me levar, mas não me importava. Eu queria.

Balancei a cabeça e tomei a frente do grupo e a visão draconiana precisou de duas piscadas para se estabelecer, tornando o começo do entardecer mais escuro e comecei a procurar por calor humano. Como bons carnívoros, dragões procuram por sangue fluindo. Meus passos se tornaram sorrateiros, en-quanto caminhava em direção ao fim do emaranhado de árvores e observava qualquer movimento em volta, até chegar ao pé da próxima colina.

Mesmo Foz do Rio não sendo um lugar hostil usei a visão com precisão. Conseguia ver a algumas milhas ao longe, certificando de que não estávamos em perigo. Também conseguia escutar com atenção os passos em volta. Mas a colina em minha frente atrapalhava um pouco a minha visão, então comecei a avançar mantendo a calma. Não sabia o quanto os Arfenol sabiam sobre nós, se tinha noção que existia alguém com o meu dom, alguém que fazia parte do clã dos Dragões, assim como dos humanos, então preferia achar algum lugar para Tân e Gwynt se acobertarem.

Por precaução, assumiria a visão dos dragões por tempo indeterminado. Realmente não era um lugar hostil visualmente falando. Saímos do lado direito do meandro Perii proporcionando uma visão de tirar o fôlego. Não conseguia ver a Foz direito ainda, mas podia ver que não era grande como uma cachoeira, acredito que seu tamanho deixaria Tân um pouco mais alto perante a foz. A água corria com urgência no pequeno riacho em volta de uma grama de um verde vivo como uma esmeralda no sol. Existiam plantas e flores mais espaçadas do que antes. Em cima da Foz conseguimos ver o Monte Vero proeminente, com sua leveza e poder, como se a acolhesse. Assim que subia, se conseguia ter um vislumbre ainda melhor.

— Bom, e agora? — Amy indagou e um peso se instalou em meu estômago. Parei na metade da colina.

Não fazia ideia do que deveria ser feito agora. Algo ou alguém deveria ser encontrado aqui, só não fazia ideia do quê. Olhar para os lados e não ver os dragões, mais uma vez pesou meu coração, a presença dos dois dragões era reconfortante.

— Calma, Asha. Você acabou de chegar.

Tân tentou me acalmar, mas foi interrompido por um barulho de algo caindo na água, enquanto uma urgência roubou a minha atenção fazendo o meu corpo ficar eufórico de imediato, sem saber o motivo. Meu sangue bombeava alto o suficiente, como se pudesse escutá-lo, a respiração se tornou ofe-gante e meus olhos procuravam por algo sem eu saber o que era.

Água. Precisava chamar a água.

— Água.

Minha voz parecia um sussurro, enquanto sentia minha boca completamente seca. Olhei o meandro logo ao lado e apenas pensei e, sem cogitar, agi.

Não precisei que me dissessem, eu sabia que eles tinham levantado voo, assim que comecei a correr ao lado do meandro. A razão não estava presente naquele momento, apenas minha intuição seguindo aquele chamado. Eu assistia e fazia com que meu corpo funcionasse como se tivesse certeza do que precisava ser feito. Mas a minha parte racional parecia apenas gritar para tentar ter controle sobre mim.

— Água.

Continuei chamando-a mentalmente. Sentia algo fluir em minhas veias com certa intensidade gelada. Selvageria estava ali junto com algo novo.

— Asha! — Abyss me chamou, mas sua voz estava longe, bem longe. Como se montanhas de terra se erguessem entre a gente.

— Água, água! Terra, terra se erga!

Peguei-me pedindo e um leve tremor passou pelos meus pés fazendo com que perdesse o equilíbrio. Pousei minhas mãos no chão e dei um impulso para voltar a subir correndo. Tudo parecia muito irracional e me questionei se era assim que os animais agiam quando a intuição deles dizia apenas uma palavra: corra!

— Água.

— Terra.

Chamava-as com urgência e sem entendimento nenhum. Parecia que eu precisava convocá-las de imediato, senão isso custaria minha vida.

— A água está vindo!

Escutei uma voz feminina diferente em minha mente, e parei abruptamente ao chegar ao topo da subida e ver um dragão mediano de um azul pálido. Parecia cristalino, porém suas escamas eram perceptíveis, assim como seus múltiplos chifres e asas grandes. Tinha mais um, só que verde, e se apoiava apenas em suas patas traseiras e as dianteiras se emendavam em asas, seus chifres eram os menores dos quatro que já tinha visto. E tinha um corpo entre eles.

Não, eles não tinham...

— Não!

Gwynt exclamou flutuando apressadamente ao lado deles. Seu corpo branco era maior que o deles, parecia uma mãe protetora, mesmo assim ignorei e derrapei com os joelhos até chegar ao lado do corpo querendo checar o seu coração e respiração. Inesperadamente, levei um choque, assim que encostei nela. Analisei a menina com cuidado em busca de alguma dica, mas não tinha nada além de alguns arranhões simples de tratar.

— Ela engoliu muita água. — o dragão azul pálido explicou; essa é a voz feminina de agora pouco. Seus olhos cristalinos estavam concentrados em mim como se soubesse que eu a entenderia.

— Ela é um de nós. — Ita apontou para os tornozelos dela.

Não tinha percebido que eles tinham vindo em meu encalço, pareciam ofegantes, mas atentos aos dragões novos. Tân se erguia atrás deles e percebi que a estrutura do dragão azul era parecida com a dele, e depois segui com os olhos para onde Ita tinha apontado.

— Relâmpago? — questionei vendo essas formas irradiarem tanto do seu tornozelo como dos seus pulsos.

Não tinha reparado antes, e com certeza é por isso que estou levando choque, é um sistema de defesa. Em nosso clã não tinha nascido ninguém com esse dom e não sabia como poderia lidar com isso.

Voltei a minha atenção para a garota, enquanto raciocinava alguma coisa para fazer. Seus cabelos loiros estavam molhados

e sua pele bronzeada estava pálida. Os dragões devem tê-la tirado da água assim que caíram. Respirei lentamente tentando fazer o meu corpo diminuir a dosagem de selvageria que corria, agucei os meus ouvidos em busca de algum sinal do coração dela. Aproximei meu rosto o suficiente para não levar choque.

Estava bem fraco, e pelo tom da sua pele, com certeza estava com frio. Teriam ficado muito tempo na água? De qualquer forma, apenas pense, Asha!

— Precisamos esquentá-la, Tân, e ajudar ela a respirar, Gwynt.

Ambos concordaram e fizeram o que eu pedi enquanto analisei os outros dois. A fêmea é domadora da água e o verde possivelmente terra. Olhei o pequeno monte de terra que segurava as costas da garota.

— Eu fiz para ajudar Eira a conseguir expelir a água dela. — ele, um macho, me explica. Dois dragões novos.

Apenas acenei com a cabeça enquanto meus olhos buscavam por possíveis respostas que Cora poderia me dar nesta situação. Precisava dar um empurrãozinho para a pulsação dela pegar força e não falhar, geralmente um despertar assustado ou fazer com que o corpo entre em um estado de adrenalina ajudaria. Mesmo fazendo o tônico, não teria como fazê-la tomar sem tomar um choque. Sua respiração melhorava, assim que Gwynt a ajudava, e aos poucos, sua pele iria começar a aquecer lentamente, mas o seu coração...

Água não ajudaria e nem Terra, não agora. O que mais eu tinha? Encarei a garota em busca de respostas de novo.

Parte de mim queria entrar em histeria e dizer que não conseguia, mas a maior dizia que eu precisava salvá-la e o desespero real viria se ela começasse a sucumbir. Apenas porque eu queria salvá-la.

Estado de adrenalina.

Minhas próprias palavras voltaram em minha mente. Eu tinha o sistema de defesa dela, talvez fosse um pouco arriscado para mim, afinal, precisaria ser mais hostil do que apenas chegar à pulsação dela. Precisaria fingir ser agressiva.

— Preciso que todos se afastem.

— Por quê? — Consolio indagou.

— Não tenho tempo para explicar — prendi meu cabelo em um pedaço pequeno de tecido e vi que ninguém se moveu. — Eu preciso que vocês se afastem ou eu mesmo os obrigarei.

Um rosnado abafado saiu do meu peito, e para minha surpresa, Eira e o dragão verde fizeram o mesmo, se colocando em posição de defesa e Tân e Gwynt se afastaram também, porém mantinham seus elementos na garota. Abyss tentou me chamar, mais como um pedido de explicação, e os dragões rosnaram. Sabia que não seriam capazes de fazer mal a nenhum dos humanos, e se tentassem, eu impediria e faria entender que é errado machucar os outros. Mas eu precisava confiar nos novos também. Eles estavam protegendo o corpo dessa garota. Isso deveria ser levado em consideração.

— Certo — balancei os braços querendo, de alguma forma, me preparar para o que estava por vir, e respirei fundo sussurrando para a garota. — Isso vai doer mais em mim do que em você.

Soltei um grito de puro encorajamento e ataquei a garota. Com o olhar focado no pescoço com o objetivo nítido de esganá-la. Tudo aconteceu muito rápido. O choque percorreu o meu corpo sem demora e senti a sua presença como pequenas cócegas pelo meu corpo. Nada mais. Talvez seja culpa da selvageria, mas mantive as mãos em seu pescoço de forma insistente, como se não fosse me dar por satisfeita até vê-la morta, até subitamente o meu corpo ser jogado contra a parede de pedra da Foz.

O impacto reverberou em meu corpo.

Minhas costas reclamavam um pouco, mas não o tanto quanto deveriam.

Mantive os olhos fechados apenas o suficiente para perceber que todo o meu corpo estava intacto, tirando o pequeno incômodo que se instalou nas mi-nhas costas. Entretanto, o resto parecia apenas dolorido, como se tivesse tido um treinamento muito intenso. Assim que consegui ao menos me sentar, chequei o meu corpo visualmente.

Primeiro os braços...

— Asha!

Pequenas formas apareceram e desapareceram de forma gradiente. Pareciam escamas, passei as mãos em meu braço e estava liso. Nada áspero como os dragões ou... Passei a mão em minha têmpora e pescoço: áspero.

Isso nunca tinha acontecido antes.

Abyss estava em minha frente, estalando os dedos e batendo palmas para chamar minha atenção, parei suas mãos com as minhas e ele me ajudou a levantar, já sustentando o meu corpo com um braço na base da minha coluna. Sabia que seus olhos estavam presos em mim, mas pousei os meus além dele.

— Você enlouqueceu?

Escutei ele questionar enquanto constatei que a garota acordou e os dragões e Amy cuidavam dela, enquanto Ita e Consolio pareciam embasbacados me encarando. Se isso era bom ou não, já não conseguia discernir com Abyss me puxando para olhá-lo. Suas mãos tomaram o meu rosto e ele passou a verificar cada possível espaço do meu corpo.

— Estou bem.

— Não deveria. — ele respondeu, ríspido. — Você tomou um choque que nenhum ser humano normal sobreviveria e depois foi arremessada a milhas contra rochas. — parecia que a qualquer instante ele iria arrancar os meus cabelos de tanto que passava a mão neles. — Você poderia ter morrido, Asha!

Abyss soava completamente desesperado com os olhos arregalados. Conseguia ver que o medo o assombrava, sem dar espaço para o alívio deme ver inteira, na sua frente. Não pude deixar de sentir um leve divertimento com aquela situação e um calor se estabeleceu em meu peito. Então ele se importava. Coloquei as minhas mãos em cima das suas e sustentei seu olhar.

— Sorte sua eu não ser normal. — ele ri sem humor, como um ato de desespero e aos poucos começa a rir de verdade. — E agora não tenho certeza do que pode me matar.

— Você me assustou! — ele explodiu sem me escutar. — Quer dizer, assustou a todos nós... Espera, o que você disse?

Não hesitei em sorrir com o misto de sentimentos que passou por ele em poucos instantes, e ergui o meu braço para ele.

— Olhe o meu braço. — o gradiente não tinha sumido ainda, como se ainda estivesse absorvendo o impacto. — Minha pele é feita de escamas.

Ele pareceu hipnotizado pela forma lenta que as escamas surgiam e sumiam de forma organizada e satisfatória de se olhar. Curioso, ele passou a mão em meu braço, e com o cenho franzido passou em minha têmpora direi-ta, exatamente como eu fiz.

— Você sabia? — questionou ainda seguindo as escamas com os olhos.

— Por isso se arriscou desse jeito?

— Eu não fazia a menor ideia.

As palavras saíram como um tornado de sinceridade. Estava extasiada demais para selecionar o filtro em minha mente. Abyss respirou fundo pa-recendo contar até um número inalcançável, antes de me puxar para os seus braços, me apertando contra si, repetindo a respiração mais uma vez, mas desta vez em meu cabelo, como se quisesse memorizar o meu cheiro, pousando levemente o seu queixo em meu ombro. Abyss é maior que eu, mas não se importa em curvar-se para fazer isso. Seu corpo parecia cobrir o meu, já que eu batia um pouco acima de seu ombro.

— Não faça isso de novo. — ele pede, baixinho.

— Não posso prometer isso — confesso e exalo o ar, que não sabia que prendia. — O sol não me queima, não sinto frio e não me machuquei. Tudo por causa dessas escamas. O Relâmpago não conseguiu ultrapassar e nenhuma batida em uma parede de pedra me abalou como deveria.

Abyss parece me olhar como os irmãos me olhavam instantes antes. Tentando juntar os pontos que acabei de lhe entregar. Então sorrio calmamente ao pegar em sua mão e apertá-la, chamando sua atenção para dizer baixo:

— Abyss — chamo o seu nome e seus olhos encontram os meus. Ainda com o rosto perdido, simplifico: — Eu sou a Mulher

Dragão.

CAPÍTULO 16

Um cheiro salgado impregnou meu nariz, logo veio o cheiro de mofo arruinando a experiência como um todo. Tinha a sensação de que estava em um lugar muito apertado para mim.

O som da água caindo em cascata me preenchia e me dava paz junto com um sentimento de que pertencia àquele lugar. A luz é pouca, mas pude ver um caminho aberto logo minha frente. Atrás de mim tinha uma cascata, de onde vinha o som de água, e ao encará-la reconheci como a Foz do Rio, não que eu conseguisse ver através da cortina. Não, na verdade era mais como uma certeza de que se eu caminhasse naquela direção iria encontrar com o pequeno acampamento que montamos mais cedo.

Mas o que eu estou fazendo aqui?

Reconheci o local todo sem me mover direito, como se já conhecesse o local há muito tempo, mas jamais tinha entrado ali. Meu pescoço parecia rígido e ao movimentar minhas mãos senti um peso incomum, parecia que tinha dez de mim tentando se deslocar, e sentia a mesma sensação em minhas pernas, o meu corpo todo parecia ter sido feito com mais dez Ashas. Não fazia sentido.

A única opção seria se a descarga de choque do dia anterior.

Com cautela movimentei meu corpo até o pequeno lago em que a Foz se desembocava, tinha uma pequena margem para dentro da caverna. Estava de noite, conseguia perceber pela luz do luar rala que entrava pela cortina de água, o ritmo harmonioso dos pequenos impulsos da cascata batia levemente contra a borda de terra. Tinha pensado em mergulhar o meu corpo na água, talvez ajudasse de alguma maneira com esse sintoma estranho. Talvez tenha danificado meus músculos ou algum bicho me picou nesse meio período.

— Ah! Pelos Dragões! — brandeei.

Tinha um dragão branco no meu lugar no reflexo. Suas escamas levemente amareladas nas extremidades e de olhos da mesma cor ali, me en-carando. Olhei para trás e nada, ao voltar o meu olhar para a água o dragão ainda estava ali. Os seus olhos tranquilos me lembram de Gwynt.

— Lux, o que está fazendo aí? — uma voz masculina soou atrás de mim e paralisei.Lux. O nome daquele dragão de Tiare. — Estão todos te esperando.

Por algum motivo, eu sabia que essa conversa estava acontecendo em minha mente, mas parecia tão natural como se as palavras saíssem da boca deles. Parecia a ligação.

A voz pertencia a outro dragão, que estava posicionado na frente daquela abertura e sua vibração pedia para que o seguisse. E assim fiz, ele me parecia familiar pela sua voz e a estrutura, a escuridão da caverna o abraçava, não me dando tempo de reconhecê-lo. O corredor era bem alto para que esses corpos grandes passassem, talvez tenha sido escavado por esse motivo mesmo.

Cada passo, o corredor ficava mais estreito e as tochas eram posicionadas longe uma das outras, caso alguém tentasse entrar enlouqueceria no grande espaço entre elas, esperando a próxima luz.

Luz.

Lux. Lux doma o relâmpago igual àquela loira da Foz.

Como seria a sensação do choque dentro da minha própria pele? Será que por eu domar dois elementos, conseguiria domar esse também? Fiz como faço com eles; concentrei minha atenção no elemento que habitava Lux. Queria trazer para fora. Relâmpago. Relâmpago. Relâmpago. Tentava achá-lo como fazia com o fogo e o ar. Trazê-lo para a borda e...

Um grande chiado invadiu a caverna e relâmpagos rebateram nas paredes, inconscientemente acabei me encolhendo em busca de proteção da minha própria arte. Dois rugidos assustados ecoaram até o silêncio reinar mais uma vez.

— Já começou? — o dragão da frente questionou, claramente preocupado.

Porém não disse nada, encarando as marcas que deixei no túnel de pedra. Não tinha justificativa plausível para relâmpagos e muito menos enten-dia o que ele quis dizer. E não queria explicar a minha motivação para soltar os relâmpagos. Essa parte ele não precisava saber.

— Tiare se foi. — o pesar em sua voz me chamou a atenção. — Precisamos proteger e esconder os ovos antes que seja tarde. — ele completou deixando certa informação de fora da explicação, como se Lux fosse enten-der. — Sei que é doloroso e que nós estamos morrendo aos poucos. Primeiro Mea, depois Tiare e agora nossos dons vão começar a ficar descontrolados.— o dragão suspirou forte, sem medode mostrar seu sofrimento. — Ela era o nosso centro e agora se foi. Mas precisamos fazer isso por ela. Não Tiara, e sim para a verdadeira Mulher Dragão. — ele voltou a olhar para Lux e depois disse: — Wai está nos esperando.

Lux, doma o relâmpago. Wai, doma a água. Gaorth, doma o ar. Verdadei-ra Mulher Dragão?

Os três dragões do sonho de Tiare, menos Mea, mesmo sabendo que estava morta, não sabia o que tinha acontecido depois daquele ataque e tampouco o que deve ter custado a Tiare. Será que ela tinha morrido por um dos seus dragões?

A ideia me fez segurar minhas emoções e querer colocar elas de lado para poder entender o porquê estava aqui, nessa lembrança. Eu estava, de alguma forma, habitando o corpo de Lux, de um dragão, mas onde estaria ela?

— Junto com você.

A voz dela ressoou em minha mente, do mesmo jeito que acontecia com os meus dragões.

— Eu sei que você é a reencarnação dela, mas a sua Graça é maior. Você tem os seus dragões, você precisa terminar o que começamos.

— Como isso é possível? Estamos no passado e conversando. E o que vocês exatamente começaram?

— Você é a reencarnação dos domadores de Dragões, a terceira geração.

Estamos ligados de qualquer forma, mas quem torna isso possível é o Monte Vero, onde tudo começou.

— O que começou?

A pergunta foi feita, mas esquecida assim que saímos do corredor e demos de cara com paredes de pedras altas, e o chão era dominado por terra e grama, o espaço era gigante como uma grande clareira dentro de uma montanha. Abrigos foram escavados nas paredes dando lugar para casas, pequenos comércios e espaços de cura. Também fizeram corredores para conse-guirem subir pelos degraus de pedras que esculpiram. Uma pequena vila se estabelecia no meio daquelas enormes paredes de pedra.

O local era grande o suficiente para um dragão como eles, mas tanto Lux como o Wai pareciam andar curvados e devagar, como não fosse necessário muito espaço para eles. O peso que senti antes não foi por ser um dragão, e sim porque eles estavam enfraquecendo sem Tiare.

Um calafrio percorreu minha coluna. Isso queria dizer que sem mim Tân, Gwynt e agora os outros dois dragões não sobreviveriam, mas eu sobre-viveria sem eles?

— Mal, mas sim.

Lux me respondeu tomando controle do corpo e seguindo Gaorth até um portal do outro lado. Deixei que guiasse enquanto pensava e tentava entender o que ela tinha me dito. Pensando agora, Tiare realmente se parecia comigo desde os cabelos negros, o corpo, as escamas e o dom, talvez eu realmente fosse sua reencarnação. Não sei a outra geração, mas pelo menos com Tiare existiam semelhanças.

— Você parece tanto com ela como com ele, mas desta vez as Criaturas...

— Lux! Ainda bem que achei vocês. — uma moça de cabelos acinzentados entrou no campo de visão, nos interrompendo. — Aqui, toma. — ela entregou uma pequena trouxa de tecido bege. — Coloquei todas as especiarias que vocês possam precisar nessa expedição.

Especiarias. Ela parece a minha mãe falando.

Lux deixou que ela amarrasse a trouxa firmemente no suporte que atravessava as suas costas, que também guardavam... ovos grandes e envolvidos-por escamas. Ela virou a cabeça e agradeceu em um pequeno aceno, mas a moça de olhos dourados acariciou o seu focinho dizendo:

— Traga ela de volta.

Eu acordei com o mesmo cheiro salgado, mas dessa vez pude ver os raios do sol pela cascata de água. Testei meus membros e pareciam normais. Para ter certeza, fui até a pequena fonte de água e vi o meu rosto. O rosto de Asha.

Ou de Tiare. Cabelos longos e negros, mas as escamas excêntricas. Únicas. Não éramos iguais em personalidade ou em qualquer outra coisa, a não ser nossa fisionomia, dom e termos sido selecionados em meio a tantos Aliar no Reino Nefir.

Tiare é Tiare.

Asha é Asha.

Repeti isso para o meu próprio reflexo. Mesmo podendo ser a reencar-nação dela e de outro domador, isso não quer dizer que seria eles. Somos pessoas diferentes, de gerações diferentes, de acordo com Lux. O que Oem diria sobre isso?

— Que você é a eleita.

Gwynt ponderou pela ligação e olhei em volta a procurando, mas eu estava sozinha naquela caverna.

— Como vim parar aqui dentro? Onde estou?

Desta vez falei pela ligação. Quando fui me erguer vi algumas bolinhas na água, e sem entender nada, pendi minha cabeça para um lado enquanto observava as bolinhas intensificarem.

— Pelos dragões! — brandeei como no sonho. — Que susto, Eira! — estrondei tombando o corpo para longe da água quando ela apareceu do nada.

— Desculpe. Você veio aqui dormindo. Eu a segui por segurança, mas Tân disse que você precisava de um momento

sozinha, então fiquei por aqui.

Se ela fosse humana, jurava que ela estaria sorrindo de maneira atentada agora, mas como sempre, os dragões mantinham o rosto impassível. Mesmo o tom de voz arteiro, Eira se sentia culpa pelo susto, então eu sorri de forma apaziguadora.

— Imaginei que estava tendo um daqueles sonhos.

— E estava.

— Os outros estranhos queriam ir atrás de você, mas os obriguei a esperarem.

Uma voz masculina desconhecida me atualizou. O dragão verde.

— Como assim? — quis saber, me levantando para ir de encontro a eles.

— Dadaer criou paredes de pedra ao redor deles. Não vão conseguir sair tão cedo.

Eira explicou bem orgulhosa do amigo e mergulhei de imediato. Não me importei de me molhar, caminhei até a parte mais rasa do pequeno riacho encarando a cortina de água atrás de mim. O som da cascata parecia me chamar como se fosse aquela voz em minha cabeça, o ritmo parecia me lembrar daquela melodia.

— Asha?

A voz de Abyss soou preocupada e distante, seguida de algumas batidas nas pedras, parecia que minha mente estava enevoada. Por instinto ergui minhas mãos e as desci lentamente sentindo a terra vibrar em meus pés, sem tirar os olhos daquela cascata, totalmente hipnotizada, e escutei novamente:

Na Foz do Rio, você vai me encontrar.

A cascata estava cantando para mim, cada gota parecia o tom de Rae e Perii. Vozes começaram a me chamar, não perto o suficiente, e minha mente estava longe, há ciclos dali, daquele momento. Procurando alguma ligação...

Lux. Lux que me chamou até aqui. Eles se esconderam do outro lado, eu só preciso... Saí da hipnose da queda d'água decidida a entrar lá de novo. Uma mão segurou meu pulso. Um formigamento irradiou, mas era diferente. Não era ruim como o

da maldição, frio e solitário. Era quente e tinha preo-cupação, compaixão.

Meus olhos esbarram em olhos azuis escuros, que irradiavam roxo, preocupados e desesperados.

— Você não pode fazer isso. — ele me repreendeu com a voz autoritária.

— Onde você esteve?

Uma parte de mim ferveu com sua repreensão, me fazendo lembrar das maldades que as crianças do clã faziam comigo e os seus pais não as repreendiam, de alguma forma, me tornavam a culpada da situação. Como se eu quisesse chamar atenção. Uma grande mentira.

Cresci com o total de quatro atenções, desejando uma quarta perdida, entretanto, fui independente na minha vida toda e os únicos adultos em minha volta nunca duvidaram dos meus sonhos, da minha intuição. Pelo contrário, sempre me apoiaram, mesmo que soasse loucura conversar com um Ser Divino por sonho. Então não aceitaria que alguém me limitasse, que me repreendesse por algo que vai além da minha própria compreensão. Eu apenas faço porque querem me mostrar algo, seja Nestor ou Rae e Perii. Além do simples fato de que não devo satisfação a ninguém.

— Que bom que você consegue controlar o seu dom, Abyss, mas o meu não funciona assim. Não controlo quando as lembranças ou minha intuição draconiana desperta — cuspo as palavras, irritada e salientando bem o seu nome em minha boca ao puxar o meu punho das suas mãos. — Entendo que esteja preocupado, mas isso não te diz respeito. Vai além da sua compreensão, assim como da minha. — realmente não reparei quando empurrei o peito dele com o dedo indicador, depois apontando para mim e depois o usando para enfatizar. — Então não. Não venha com esse tom para cima de mim. Nunca, jamais ache que tem o direito de me tratar assim antes de sequer tentar entender o que aconteceu. — Abyss se encontrava estático e dando um passo para trás conforme eu dava um para frente. — Aceito sua preocupação, mas não aceito essa sua atitude de merda. Nem o meu pai banca o macho protetor e não vai ser

você que vai, nem quero. E outra, se você diz que acredita em mim, no meu dom, então aja como tal.

Minhas costas estavam eretas, meu rosto duro como uma pedra, sem expressão, espelhando a dos dragões, meus punhos cerrados e meu maxilar trincado. Algo dentro de mim queria gritar, mostrar que eu conseguia lidar com tudo, que não precisava de um homem para me proteger. Naquele momento, Abyss me lembrou o jeito que a Guarda dos Aliar se comportavam. E eu não os suportava, com aquele hormônio masculino tóxico exalando e a crença de que apenas os homens pudessem fazer algo a respeito, por serem a maioria do clã.

Agora que tomei posse do meu dom e de mim mesma, queria mostrar quem eu sou e o que represento, e não aceitaria nada menos que isso.

Parecia com raiva, o sentimento que queimava no meu abdômen e voava ao meu redor. Estava realmente irritada com Abyss. Esses sentimentos, geralmente, despertavam a maldição, mas por algum motivo nada formigava, sentia apenas a selvageria irradiar por cada veia, por cada fibra do meu ser. Como se estive me edificando.

— Essa é a Mulher Dragão? — foi um sussurro. A voz é diferente de todas, mais melódica e solícita, como a do meu sonho.

Lux.

— Eu te conheço.

— Definitivamente não. — ela respondeu convicta. — Eu não me esque-ceria de você, das suas escamas, dos dragões, desse poder flamulando ao seu redor. — assim que acabou de falar suas bochechas coraram, então estendeu a mão. — Eu sou a Lynn, domadora dos relâmpagos.

Tomei um tempo olhando em minha volta. Fogo estava realmente flamulando, graças ao ar parecia uma espécie de bandeira enfrentando uma tempestade de vento. O fogo estava em filetes finos espalhados ao meu redor, mas nada realmente perigoso, apenas estavam preguiçosamente em prontidão, caso fosse necessário.

— Eu os senti — consegui responder e apertar sua mão trazendo meu dom de volta para dentro de mim, e encareios olhos amarelos de Lynn, parecidos com os de Lux. Sorri com a semelhança e curiosidade. — Sou Asha.

Agora me diz, como veio para aqui?

Por um instante seu olhar vacilou. Estava com medo, então desviou sua atenção, foi para alguém atrás de mim, fixando nos dois dragões menores, os quais mesmo com as suas feições indiferentes moveram o focinho querendo incentivá-la, e pela ligação pré-estabelecida senti um receio coberto de alívio.

Eles podiam me contar, porém queriam que ela contasse.

— Eu os encontrei em um acampamento próximo da Torre Celestial. — ela começou e de imediato procuro machucados em seu corpo. — Eles não me machucaram, assim como não fizeram nada com os dragões. — Lynn tratou de se explicar rápido e cruzou os braços. — Rei Rimas disse que éramos importantes para a Mulher Dragão.

— Como ele...

— Ele está te procurando. — Consolio resmunga com uma negação de cabeça.

— Precisamos voltar. — Ita exige e logo nego com a cabeça. — Agora.

— Precisamos vasculhar lá — aponto para a Foz do Rio.

— Não hoje, Asha. — Abyss me interrompe dando um passo à frente para chamar a atenção de todos. Ele não me olhava nos olhos, encarava todos, menos a mim. — Faz um tempo que eles te procuram, sempre soube disso. — ele faz uma pausa nervosa, olhando para todos em busca de compreensão, mas não a mim. Meu coração pesou. — Oem disse para não me preocupar e Erus tomou as suas medidas, mas nunca contei a ninguém, além dos dois. — ele tentou explicar depois de encontrar os meus olhos. — Os Arfenol te procuram desde que me conheço por Aliar. Falavam dos dragões nos campos de captura, mas nunca dei bola porque acreditava que queria nos ludibriar. — os dragões bufaram e ele pediu desculpa com o olhar. — Na maioria das vezes que me obrigavam a criar o abismo nas mentes eu escondia muitas

informações, mas tinha que dar algumas,então contei sobre você não ter as-cendido em seu dom e depois sobre seu encontro com Tân. Não disse sobre o dragão em si e nem o local, mesmo sabendo. Sendo torturado ou não, não deixaria que eles ficassem em vantagem, e se o que Brydion falava era verdade, eu tinha um papel de te proteger, independente de onde e como me encontrava.

Meu coração parecia estar sendo puxado por pedras e mais pedras, afundando, afundando em um mar desconhecido. Meus joelhos estavam no chão quando respirei fundo e me virei de costas olhando a Foz do Rio.

Não consigo deixar de me sentir decepcionada e traída, ao mesmo tempo que um leve formigamento no centro das minhas mãos se faz presente. Balanço elas de imediato, enquanto balanço a cabeça em busca de alguma explicação lógica para essa situação. Meu dom e a maldição respondiam pelo emocional, mas era o racional que me ajudaria a controlar e fui em busca dele.

Por que ele não me contou?

— Pensei que ele fosse nosso amigo. — Tân resmunga pesando ainda mais meu peito, passo a mão por cima do meu coração querendo arrancar aquele buraco que se formava e deixar o ar entrar. Queria me livrar dessa angústia.

— Ele pensou que ajudaria.

Dadaer tenta estabilizar a situação e eu entendo o que quis dizer, mas Tân rosna indo em direção a ele com direito a fumaça saindo das suas nari-nas. O dragão vermelho estava espelhando meu lado emocional e o ver o racional. Naquele momento entendi que por mais que a ligação seja conjunta, era diferente com cada dragão. Gwynt tentava não demonstrar sua insatisfação, enquanto Tân deixava escancarado. Deixando claro a personalidade de cada dragão.

Não percebi quando tinha levantado e meu corpo estava entre Tân e Dadaer, negando sutilmente com a cabeça. O sentimento de traição pesava forte, enquanto escutava Abyss chamar o meu nome e meus dedos pareciam coçar, querendo

prendê-lo em um círculo de fogo e exigir respostas. Mas apenas ergui uma mão para ele.

Tiraria satisfação com ele, Erus e Oem depois. Agora eu queria entender. A decepção só vinha porque confio em Abyss, que não me decepcionou até então. Acredito que não tenha feito por mal, assim como acredito que mereço saber quem está atrás de mim, mesmo querendo contar com a ajuda de outro, merecia isso. Não sabia qual seria a reação da Asha na beira do abismo, mas a Asha de agora gostaria de ser tratada como a tal Mulher Dragão, que tanto gostam de chamá-la, e não como uma donzela precisando ser salva, até porque não tem nenhuma donzela em perigo aqui.

A voz racional se fazia presente, mas queria apenas ignorá-la e deixar a voz emocional gritar. Poderiam ser explicações plausíveis, mas eu não queria o real sentido agora. Apenas controlar minha vontade de prender Abyss e o instinto protetor de Tân.

Mesmo não querendo dizer que não ficaria assustada e nem com medo de saber que os Arfenol estavam atrás de mim, com certeza ficaria, porém, encontraria o melhor jeito de lidar com isso. Acreditava que com os empur-rões certos poderia encontrar o caminho certo, assim como Abyss fez comigo.

Independente de entender ou não o motivo dele, queria deixar claro que poderia muito bem resolver os assuntos com o meu nome no meio. Sei que meus antecedentes não são dos melhores, mas ainda sim tenho direito de decidir o que acontece ou não na minha vida.

Puxei Tân por um dos seus dentes protuberantes até que me olhasse. Acariciei suas escamas querendo que ele ficasse tranquilo para não descontar em Dadaer e nem em ninguém. O dragão verde não tinha nada a ver com isso.

Tân fechou os olhos e respirou fundo, deixando mais fumaça sair novamente.

Eu sabia que ele estava fazendo isso para não colocar fogo em tudo que visse pela frente. Concentrei alguns instantes com ele, para nós dois não afundarmos naquele mar de emoções e muito menos na escuridão. Já fui uma pessoa que não confiava

em ninguém, além dos dragões e um pequeno círculo de pessoas. Michii e Amy foram exceções, uma durou pouco, muito pouco, e outra, mesmo perto, a empurrei para longe.

Era o que julgava mais seguro para mim e para Tân naquela época.

O domador do fogo se manteve em minha frente,e apenas com um olhar, Gwynt flutuou e nos enrolou com o seu corpo, e com a mão estendida Eira e Dadaer se aproximaram, tímidos e receosos. Aquele abraço draconiano esta-va se aperfeiçoando com o tempo.

Depois iria conversar com Abyss, entender o que se passava na cabeça dele e fazê-lo entender o que me fez sentir. E com todas essas pontas bem amarradas conseguiria tomar uma decisão sobre o domador do abismo.

Em um relance, vi quatro pessoas se comoverem com a cena e uma desolada, querendo se explicar. Se tem algo que aprendi de bom com a maldição é que não devo deixar os sentimentos serem engolidos ou ignorados pela vida. Não. Os sentimentos devem ser sentidos.

Então iria sentir essa dor que Abyss me causou, depois sentar e tentar entendê-la e como curá-la. De forma fácil descobri o que Dadaer e o seu ele-mento representavam em mim: a segurança que adquiri em me permitir sen-tir os meus sentimentos sem medo do que podia acarretar; eu conseguiria lidar.

CAPÍTULO 17

O silêncio reinou após a revelação de Abyss, e mesmo entendendo o porquê de ele omitir aquilo de mim, meu coração o rejeita com toda força. Dizendo que ele podia confiar em mim, acreditar em mim enquanto minha mente retru-ca com o belo argumento de que eu não ousaria colocar a vida do meu clã em risco, caso soubesse desta procura. Talvez seja verdade. Uma grande verdade. Mas nunca vamos saber, já que essa opção foi tirada de mim!

Concordamos em procurar algo para comer, assim ocuparíamos nossas mãos e mente, porém escolhi ficar conhecendo Eira e Dadaer. Os dois jovens dragões mostraram seus dons e até que ponto os entendem; Eira consegue manipular a água em si, extrai-la da própria terra e congelá-la também, en-quanto Dadaer consegue manipular a terra, acelerar o crescimento das plan-tas até comandá-las em um ataque, convocar terras aos montes, provocar um terremoto.

Contaram um pouco sobre o acampamento perto da Torre Celestial.

— O Gormes não faz tanto efeito em nós, mas colocar cem barras puras em volta da gente, e como não somos dragões formados ainda, acabamos enfraquecidos. — Dadaer começou.

— Eles estavam com medo de nós. Podiam ter enfiado uma estaca que o efeito seria mais rápido, porém, nossas escamas anulam o poder da Gormes, só que em grande quantidade não resiste e dentro do nosso corpo ficamos igual qualquer ser Aliar. — Eira confessa.

O que faz um pouco de sentido, se juntar com a minha única experiência com Gormes.

— Não sabemos quantos dias ficamos presos até Lynn aparecer desacordada. Não a vimos, mas sentimos a presença dela. Não tínhamos visto um ser Aliar antes, então resolvemos criar uma fuga — o dragão verde movimenta suas asas como se

fosse suas patas dianteiras, e realmente são, mas sua estrutura me chama atenção por ser diferente.

— Dadaer precisou reunir muita força para que plantas o ajudassem, enquanto eu convoqueiágua para jogarna Lynn. Precisávamos acordá-la, tínhamos pouco tempo e nem contamos com o cansaço que íamos sentir. O pouco de energia e do dom acabou nos custando muito — enquanto Eira relata não posso evitar ao procurar por sinais da Exaustão neles.

— Estávamos sem força, mas precisávamos sair. As raízes conseguiram derrubar as barras e a Eira me ajudou a colocar Lynn em minhas costas en-quanto tentava achar água por perto.

— Se estivéssemos no meandro Perii, eu ficaria mais forte e a água podia nos levar. Eu a senti para o Sul, depois de um tempo Dadaer os sentiu atrás de nós, mas já estávamos perto e pulamos no meandro — o olhar dela está na cascata como se a cena passasse em sua mente.

— Só que Eira não contava com a água tão brava e angustiante, conseguiu nos impulsionar para longe, mas nenhum dos dois não viu a Exaustão chegar.

— Eles seguiram vocês até o meandro?

— A água nega qualquer perseguição.

— A terra confirma que eles seguiram o meandro, mas eles se dispersaram tentando nos rastrear. Não há clareza quanto a isso.

— Precisamos sair daqui. — eu sabia que Tân estava certo sobre isso, mas meus olhos não conseguiam ignorar a Foz do Rio. Também entendia que um dos motivos de vir aqui era encontrar os três, pelo menos, por ora.

Mesmo assim algo não me deixava largar aquela caverna por trás da cortina de água. Tinha algo ali e esse era o real motivo daquela voz.

— Depois podemos voltar, Asha.

Como de costume, Gwynt age como minha irmã mais velha, empurrando minhas costas com seu nariz enorme.

— Precisamos garantir a sua segurança.

Ela endossou e eu retruquei:

— A nossa segurança.

Ela bufou. Tân estava chamando atenção de Abyss com o seu fogo, pequenas baforadas.

Arfenol! A ideia passou rápido em minha cabeça fazendo com que me sentisse exasperada, uma neurótica pela nossa segurança. Uma euforia es-tranha percorreu o meu corpo, um medo agonizante de os Arfenol estarem por perto e causarem algum dano aos dragões ou à equipe.

A adrenalina tornou tudo fácil; olhar e me concentrar no elemento.

Cesse.

O fogo fez exatamente o que eu pedi enquanto caminhei para o meio dos outros. Todos estavam assistindo e tentando entender o que Tân queria dizer com aquele fogo para então me olharem.

— Peguem as suas coisas. Precisamos partir agora — declaro com firmeza, todos estão sem entender a minha mudança de posição, em busca de uma explicação. — Eira, Dadaer e Lynn fugiram do acampamento. Com a água chegaram aqui milhas mais rápido que eles, mas não demoraram até aparecerem. Precisamos voltar, avisar Erus e acharmos um lugar mais seguro para acamparmos.

— Como assim? — Abyss questionou.

— Não precisa de mais explicação. — Amy respondeu sucinta e continuou: — Ita, Consolio comecem as estratégias.

Não pude deixar a surpresa de lado por essa atitude. Amy, a domadora de sentimentos, geralmente é quieta, carinhosa e fala baixo. Mas agora, ela me lembrou... Me pareceu... Michii.

Ela caminhou em minha direção, tomou meus braços, então a surpresa se transformou em coragem e determinação. Em suas feições consigo vê-lo e Amy sorri porque sabe que me deu muito mais do que os sentimentos. Ela sabe.

— Você precisa fazer o que precisa ser feito, Asha. Só você pode fazer. Michii tinha o dom da verdade, o que me causou dores de cabeça. Podia ser um dom, mas não quer dizer que seria claro e objetivo, então quando a verdade vinha e precisava ser dita, ele costumava dar voltas e mais voltas, só que com palavras, que não era para serem entendidas naquele

momento, mas em qualquer outro dia, como mágica, você entenderia.

— Obrigada — sussurrei para Amy, lágrimas invadiram os meus olhos. Estava numa luta interna. Uma parte de mim queria gritar, esbravejar com Abyss por questionar a minha decisão. Querendo ou não eu ainda era a líder dessa expedição e a explicação de tudo incluía a omissão dele, e achava feio ter que esfregar esse tipo de coisa na cara de alguém, então apenas disse o que Eira e Dadaer relataram.

Sabia que precisava enterrar esse sentimento ruim, não gostava do gosto amargo que ele deixava quando minha boca queria soltar palavras pesadas. Poderia ser uma pessoa impulsiva, de personalidade forte e até questionar certos pensamentos e comportamentos meus, mas nunca revidei. Mesmo que só tenha recebido atitude ruim em uma boa parte da minha vida.

Eu corria em busca da libertação desse sentimento.

Precisava achar o encontro desses dois sentimentos, que parecia uma linha muito tênue. Um passo em falso e um lado meu mostraria mais os dentes.

No primeiro dia caminhei com Amy e Lynn, que pareciam muito comunicativas para o estado em que me encontrava. Mas como líder, deveria assumir o papel de deixar a novata confortável ou algo do tipo, e por isso chamei a Amy. Mesmo com o seu dom me ajudando antes, meu humor estava um caco.

— Não existe essa de sorte ou coincidência. — Lynn rebate quando Amy fala algo sobre ter tido sorte de me ter quando seu dom apareceu. — As coi-sas simplesmente acontecem quando precisam acontecer, são as linhas das Criaturas Celestiais.

— Então você as conhece? — quebro a troca de olhares delas, quis pedir desculpa logo em seguida pelo olhar invocado que Amy me lançou.

Já tinha percebido algo no ar, mas aquele azul mais brilhoso em seus olhos confirmava minha teoria. A parte mal-humorada queria ir embora dando lugar a uma parte em que queria sentar e perguntar tudo para Amy. Eu queria detalhes! E

fazia tanto tempo que não sentia essa vontade de conversar com ela ou qualquer outra pessoa.

— E tem como não conhecer? — Lynn indagou confusa. — Rae e Perii teceram o Reino Nefir com os próprios dons, assim como a elegeram.

— Você fala de Asha como se a conhecesse há ciclos. — Amy pontuou, curiosa.

— Escuto história dela desde de sempre. A eleita que iria libertar o clã Aliar. — o tom de Lynn chegou a ser melódico. — Todo o Reino sabe da eleita.

Foi a minha vez e de Amy de trocarmos olhares, preocupados.

— E qual é a sua história? — Amy questionou-a e o silêncio se tornou palpável. Estava claro que a domadora dos relâmpagos não queria conversar sobre isso. — Não tem problema, eu entendo.

As palavras de Amy estavam carregadas de sinceridade, atrasei um passo para dar uma certa privacidade. Minha amiga acariciou o ombro de Lynn de forma breve e carinhosa, enquanto trocavam um olhar cúmplice, como se carregasse diversas palavras não ditas ali. E eu queria ficar mais para trás, entretanto, aquele fio vermelho me fez parar. Estava em um lugar diferente agora, pendendo entre as mãos delas e, sem entender o motivo, um sorriso brotou em meus lábios.

Ainda não entendia o que era esse fio vermelho, mas existia um princípio que era inegável: ele liga duas pessoas como se fosse algo mais forte do que apenas a amizade, afinal eu e Amy não tínhamos esse fio.

Nunca pensei que um dia eu iria querer tanto puxar minha amiga de lado para ela me contar detalhes da companheira dela. Só poderia ser isso.

Gwynt apareceu no meu lado e coloquei uma mão em meus lábios para conter um risinho eufórico e ela pareceu compartilhar daquele momento. Amy merecia ser feliz em ter alguém.

Michii iria querer isso e sabia que ele não iria ver a questão do sexo da pessoa que a irmã amasse. Desta vez, eu e Gwynt

trocamos um olhar cúmplice e caminhamos de forma animada atrás das duas garotas ligadas pelo fio vermelho.

CAPÍTULO 18

Naquela já fazia dois ciclos que Michii e Amy entraram no círculo das pessoas que eu confiava. Minha mãe tinha me deixado com o tratamento de ferimentos simples, que eram raros e ainda me encontrava com Oem todos os dias, queríamos ver o desenvolvimento do meu tom, além de também tentarmos entender os contatos ocasionais de Nestor.

E a noite nos ocupávamos com momentos de contemplação para o Senhor da Luz. Eu estava tão crente nele que queria passar para o meu clã a tranquilidade em meu peito. Com essas tarefas, acabei conhecendo mais os membros do meu clã, passava mais tempo com eles, mesmo que isso não me fizesse sentir tão inclusa, ainda assim era bom estar perto de outros humanos.

Conseguimos ficar mais um ciclo sem precisar migrar para outro lugar. Talvez os Arfenol tinham apenas parado, devem ter percebido que nos caçar e sacrificar em prol a Cig era algo horrível.

Esse era o sonho de do meu clã. Uma vida tranquila. Um tanto distante porque eles atacaram naquela noite. A trombeta de ataque soou de repente.

O sono tinha sumido e Tân e Gwynt já estava tão apostos quanto eu e minha mãe. De costas um para o outro, Cora com seu arco e flecha com Gwynt ao seu lado, e eu com a minha lança e Tân.

Ainda era novo o sistema de batalha que tenho com os dois dragões. Não estava preparada para realmente aplicar, depois de Erus apontar as falhas no dia anterior e não termos melhorado. Assim que o líder me pediu para que sobrevoássemos, neguei. Não iria simplesmente anunciar nossa localização tão fácil, primeiro que Gwynt ainda oscilava na sua forma invisível, e segundo, hoje um terror parecia ter substituído a selvageria.

Não estava preparada.

O caos se espalhou pelo pequeno acampamento. Tanto Aliar como Arfenol estavam caindo e guerreando enquanto lutamos pela saída mais pró-xima, mas não sei empurrar alguns invasores com o ar e fogo nas roupas mais próximas. Mantínhamos Cora atrás de nós e lutávamos para executar o plano, que era chegar no limite da floresta, a partir dali seria mais fácil nos esconder entre as plantas e a escuridão.

— Olhem, é ela! — um dos soldados Arfenol chamou a minha atenção. Estava apontando sua espada de Gormes para mim e mal tivemos a chance de nos embrenhar na floresta. Precisávamos de, pelo menos, vinte ou mais passos para tentarmos despistá-los.

Em uma fuga sempre deixávamos algum ponto de encontro marcado e desta vez seria a lateral do Monte Vero do lado dos Deserto Desconhecidos, já que montamos acampamento na divisão radical da vegetação.

— É! E tem dois dragões!

— Rei Rimas ficará contente se o levarmos para ele.

Rei Rimas. Esse nome me causava náuseas e um arrepio pelo corpo. Não precisei de mais motivo para mandar os dragões correrem pela ligação e empurrar Cora, que já disparava flechas na direção dos três soldados inimi-gos. Eu estava usando o meu corpo como escudo entre eles e os soldados.

Sem olhar para trás, disparamos pela floresta com minha mãe na frente e eu atrás, protegendo-a e Tân, que corria com dificuldade enquanto Gwynt flutuava facilmente entre os galhos.

Meu único objetivo era proteger aqueles três e rezar para que Nestor tenha protegido o restando do clã, com essa infeliz atenção para mim, não existia possibilidade de resgatar mais ninguém, e talvez seja bom que venham me pegar, assim conseguiriam fugir.

— Gwynt, sobrevoe com Tân. Fiquem invisíveis para...

Não percebi quando uma corda com duas pedras amarradas em cada ponta enrolou em minhas pernas, me fazendo cair em um baque, atraindo o olhar dos três à minha

frente. Não sabia quantos estavam atrás de nós e não podia nos dar ao luxo de...

— Nem pense nisso.

Tân reprovou pela ligação o meu pensamento em pedir para irem sem mim. Eles conseguiriam se salvar e isso bastava para mim. Conseguia lidar com os Arfenol ou tentaria ao menos atrasá-los. Erus me ensinou bastante sobre luta corpo a corpo antes de nos aprimorarmos no meu dom. Eu conseguiria me virar nos dois lados.

Consigo sentir Tân atravessando a floresta, o seu corpo estava ficando enorme e já beirava a ultrapassar as árvores, então por isso acabou derrubando algumas no caminho. Com o som delas caindo, percebo que ele está à minha direita, suas patas ressoam na terra vindo em minha direção até parar. Pelo canto de olho vejo que foi interceptado por soldados, enquanto outro se fazia presente prendendo os meus braços e me virando de barriga para cima. Aproveito o pequeno momento para procurar pela minha mãe e Gwynt.

Não conseguia vê-las em nenhum lugar. Usar a visão do dragão já era algo presente em todo o meu dia. A situação eufórica e mãos estranhas em mim, não deixaram me concentrar o suficiente para achar uma saída. As chances diminuíram quando o soldado jogou a minha cabeça na terra atingindo uma pedra em cheio.

Minha visão ficou turva e soltei um resmungo. Travei minha mandíbula sentindo a raiva me invadir, correndo pela minha veia como a própria mistura de fogo e ar, um rugido escapou em minha garganta enquanto o meu coração começou a bater em um descompasso frenético.

Estava me sentindo completamente inútil. Não conseguia salvar ninguém que eu amava. Não deixaria isso acontecer! Já tive que deixar Erus, Oem, Axía, Michii e Amy para trás, não deixaria nada acontecer com minha mãe, Tân e Gwynt.

— Será que essas criaturas precisam de você para viver? — o soldado chamou a minha atenção e fez uma pausa olhando os dragões. Um esquivando do metal escuro com facilidade, Gwynt estava ali, enquanto outro empurrou soldados contra

árvores. — Acho que você é inútil, Mulher Dragão. — o meu nome saiu com certa ironia da sua boca e mexi meus pés localizando a corda em meus tornozelos.

Ele estava fascinado com a própria voz e os dragões para notar qualquer movimento meu. Mesmo prendendo minhas mãos, o joelho do lado direito do meu corpo e o outro no pescoço me prendendo contra o chão, consegui alimentar o fogo até os meus pés. A corda começou a queimar no momento em que o Arfenol resolveu se ajeitar para vir falar no pé do meu ouvido.

— Vamos eliminar você e depois vemos o que fazemos com suas criaturinhas.

A corda cedeu e um sorriso presunçoso invadiu o meu rosto, enquanto alimentei a selvageria que queria me invadir. Eu permitiria, então sussurrei de volta:

— Eu gostaria de ver você tentar.

O soldado esperava que soasse abatida, com medo dele e sua espada feita de Gormes. Era essa a sua expectativa, e comprovei assim que encontrei os seus olhos espantados. Eu não entendia o porquê de não estar me sentindo nem próxima de abalada perto do metal, mas não estava em um momento para questionar a vitória.

O fogo e o ar estavam me rodeando de modo invisível. Não queria ser como eles, mas sabia que qualquer soldado viria com tudo que tinha e eu teria que corresponder na mesma intensidade.

— Por Cig. — ele sussurrou com o rosto ainda perto do meu e sua pele ficou cada vez mais pálida. — Os seus olhos...

Aproveitei o seu espanto e bati minha cabeça na dele, o seu corpo tombou para o lado e o impulsei empurrando com o meu próprio corpo enquanto erguia. Tive tempo o suficiente para me preparar pegando minha lança no chão e bloqueando o seu golpe com a adaga. O Arfenol me empurrou para trás fazendo o pé escorregar na terra úmida e ele sorrir como se descobrisse o meu ponto fraco.

— Se fazendo de forte mesmo perto de uma Gormes.

Ele é um adulto e eu apenas uma criança de quatorze ciclos, nossas forças não se equiparavam, se fôssemos olhar pelo lado humano. Mas eu não era apenas humana e não tinha mais tempo para cogitar as falhas que Erus tinha apontado. Seguiria meu instinto. Então voltei uma parte da minha atenção para a respiração profunda.

Sabia que isso tornaria qualquer golpe eficaz, mas nunca tinha tentado conjurar as linhas em meio a uma batalha de verdade. O que parece um tanto estúpido, mas verdade seja dita, eu apenas treinei com Erus. Talvez tenha sido minha determinação, não sei ao certo, mas as linhas apareceram como velhas amigas ao meu socorro.

Por Nestor, sem intenção alguma uma risada saiu dos meus lábios.

Em um ímpeto, o soldado correu e me prendeu contra uma árvore com a adaga contra o meu pescoço aplicando apenas sua força bruta. Deixei que fizesse isso para que achasse que tinha mesmo descoberto o meu ponto fraco. A adaga se aproximou mais da minha garganta, senti a lâmina enquanto percebia o medo em seu olhar ao escutar o meu riso continuar. Gormes real-mente não me afetava.

O brilho agressivo em seu olhar começou a se esconder atrás de uma névoa pálida e densa e qualquer indício de medo foi embora, deixando o seu rosto impassível. Algo está errado.

— Ainda não é a sua hora, querida.

Aquela voz. Rouca, vazia e familiar. Instantaneamente, as minhas pal-mas das mãos começaram a formigar e um grito conhecido demais ecoou pelas árvores. Meu coração gelou e um sentimento feroz invadiu meu coração.

Ele não.

— Mãe!

Exijo que o ar flua em mim, não podia deixar isso me atrapalhar agora.

As linhas começaram a tremeluzir.

Forcei minha garganta contra a adaga sentindo uma ardência começar e um sorriso satisfeito surgiu nos lábios do soldado, olhando com certa devoção para a linha escarlate que

se formava. Depois de muito tempo, mostrei os dentes e rugi para ele.

Mantive minha cabeça firme ao inclinar o corpo para ele e mostrar meus dentes. Senti o fogo percorrer minhas veias mais uma vez e o vento agora erguia as folhas fazendo-as giram de forma desgovernada.

— S-Seus olhos...

O soldado gaguejou perdendo a névoa em seu olhar e sendo tomado pelo medo novamente, o inclinar se tornou fácil, assim que ele cedeu sua posição. Quando percebi sua mão ceder, a peguei em um movimento rápido torcendo para as suas costas, impulsionando seu braço contra as costas, os seus joelhos cederam e o derrubei contra a terra. Todos os movimentos intensifiquei com o ar para que encontrasse uma baixa resistência, e o fogo invoquei depois para queimá-lo, como uma mensagem de que não estava para brincadeira.

Escutei o grito mais uma vez.

Não me permiti vacilar mesmo sentindo minha pele começar a queimar, fiquei cega e meu único objetivo era ir atrás dela. O Arfenol começou a gritar e se debater contra o meu joelho nas suas costas, e mesmo com um dos braços torcidos para traz sendo queimado, ele fez menção de pegar outra arma.

Vendo uma linha brilhar a puxei sem hesitação; intensifiquei as chamas em minha mão e joelho. Não queria matá-lo, isso já estava claro em minha mente, mas precisava que ele simplesmente não me atrapalhasse.

Os seus gritos aumentaram à medida que deixava o fogo queimar mais forte em sua pele. Com a minha mão esquerda livre, resolvi acelerar o processo, por conta das aulas de cura com a Cora sabia quais partes dos corpos são as mais sensíveis à dor. Envolvi sua testa com a mão livre e com a outra encontrei os seus dedos quentes, concentrei o calor do fogo nos dois lugares em busca da temperatura certa até que o corpo do Arfenol desmaiou embaixo de mim.

Não vou precisar mais me preocupar com ele.

Ao me virar vejo dois dragões com três corpos cada, sabia que aqueles soldados não iriam resistir à brutalidade deles e

nem sabia que tinham chegado mais. Uma parte de mim chega a ficar triste, mas logo balanço a cabeça.

Éramos nós ou eles.

Como uma boa aluna de Erus, vou atrás de rastros. Abaixada, observando a terra, percebo que ela lutou, mas depois só tinha pegadas de apenas uma pessoa; devem tê-la carregado.

Caminhei abaixada e Tân alcançou as nuvens para não ser visto, enquanto Gwynt sobrevoou as árvores, invisível. Tentamos ser os mais despercebidos possíveis, seguindo o rastro do raptor de Cora. As minhas palmas das mãos não formigavam mais, na verdade estavam bem aquecidas, como se o fogo ainda estivesse lá. Ainda não entendia o que tinha acontecido, porém não iria tentar entender isso agora.

— Deixem ela em paz! — pelo tom da Cora, qualquer dúvida do que tivesse visto nos olhos daquele soldado, não existia mais. — Você já fez mais do que deveria! Por favor, apenas suma das nossas vidas.

Era ele, e ela está implorando.

— Eu nem cheguei perto de fazer tudo que deveria.

Eles estavam logo à frente, em um pequeno espaço em que as árvores eram mais afastadas. Minha mãe tentava empurrá-lo para longe, ao passo que era segurada pelas vestes. Cora nunca foi uma boa lutadora, mas naque-le momento parecia ser capaz de tudo para mantê-lo longe de mim.

Minha mãe não suportava olhar para o rosto dele sem derrubar uma lágrima, e eu nunca tinha visto ela tão frágil. Ela não merecia passar por isso. Estava na hora de acabar com aquilo e eu sabia o que ele queria de verdade.

— Você quer a mim, então solte a minha mãe.

Meu lado impulsivo não deixou que eu planejasse nada, me fiz presente com as chamas rondando minhas mãos e o ar rodeando meus pés, apenas para mostrar o meu dom. Muitas coisas passavam pela minha cabeça. Ou ele estava aproveitando o ataque para vir em busca de mais algo relacionado mim, como sempre, ou simplesmente se aliou aos Arfenol.

— Agora deixe-a ir, Samael.

O sorriso dele era frio e debochado.

— O Reino não gira em torno de você, Mulher Dragão. — seu comentário era para soar gracioso, mas deixei a minha feição inerte a qualquer resposta dele. — Na verdade, vim deixar o resto do meu coração.

Tudo aconteceu muito rápido, ele puxou Cora e a beijou. Mesmo espantada, ela reagiu rápido e o empurrou, saindo de perto dele. Avancei sem pen-sar e ele me encarou em cada passada, sem mover um dedo, parecia analisar cada movimento meu. A selvageria já voltou a correr pelas minhas veias.

Ele bateu palmas.

— Olha só os seus olhos! — ele apontou para eles. — Agora eles vão real-mente te achar ainda mais estranha.

— Como nos achou? — questionei querendo fazer com que falasse en-quanto pensava em alguma coisa.

— Ah, querida. — ele começou. Samael ama ouvir a própria voz. — Não foi difícil, sabe? Qualquer pessoa pode te dizer o que você quiser, basta saber onde apertar.

Deixá-lo falar foi um erro. O tom desprezível me arrepiou e deixou um gosto amargo em minha boca. Ele fala como se pudesse torturar qualquer um sem consequências. Isso fez com que o meu instinto parecesse queimar junto do meu corpo. Uma vibração parecia ressoar em cada parte de mim, gritando, querendo ser impulsionada para longe. Apenas uma linha brilhou, mas parecia fraca perante as outras vezes, e mesmo assim a puxei.

Minhas mãos se ergueram com as palmas viradas para o meu alvo, um urro saiu da minha boca, tomando conta de mim e impulsionei o fogo pelas mãos com uma quantidade de ar para que fosse mais intenso. O elemento pareceu um jato das minhas mãos, mas logo tomou força e se transformou em uma bola grande girando em direção ao Samael. Seu corpo foi impulsionado para trás com a força do meu dom e o dos dragões.

Tân rosnou noite adentro enquanto Gwynt se manteve apenas em movimento. O nosso alvo bateu em uma árvore e

meus joelhos cederam, apoio uma das mãos na terra apenas para recuperar minha respiração. Nunca tinha usado algo do tipo, levei um tempo olhando para a mão livre querendo me examinar, até que Samael tossiu por charme e tirou a sujeira de sua rou-pa ao se levantar.

Observei aquela situação com uma calma fria e Cora me puxava para trás, de forma protetora, mesmo eu sendo a que poderia protegê-la. E Samael parecia se deleitar com aquela situação, com um grande sorriso de satisfação. O sentimento não chegava aos seus olhos. Pude ver que queimamos suas vestes e que ali tinha uma queimadura, a qual ele fingia nem ter feito cócegas, entretanto pude ver o seu rosto vacilar poucas vezes. Será que ainda existia uma parte humana nele?

— Meu pai me disse uma vez que não é assim que se trata os mais velhos.

— suas palavras pouco vacilaram, conforme o movimento afetava a queimadura. — Acredito que, pela primeira vez, vou te ensinar uma lição, querida.

Uma criatura de forma humana banhada em um líquido negro viscoso e com seu bico retorcido, surgiu entre as árvores com Michii preso na sua frente, à mercê da garra na garganta, como eu a instantes atrás, e mesmo assim o garoto ousou:

— Não importa o que faça, Asha. Chegou a minha vez e você precisa lembrar de ouvir, sentir, viver. Você é a chave. Eu acredito nisso e aceitei meu multum, por você.

Michii resmungou com o tranco que a criatura deu. Meu amigo estava com uma garra escura como a noite em sua garganta e falando sobre a sua própria morte. Naquele momento não queria tentar entender a verdade que ele me disse agora. Não quando sua vida dependia de qualquer movimento meu.

— Samael. — desta vez ousei chamá-lo pelo nome. — Largue ele e pare com tudo isso. — minha voz soou mais firme do que imaginei. O nó estava entalado em minha garganta. — E-eu vou com você.

Os dragões reclamaram pela ligação, Cora me repreendeu e puxou o meu braço para voltar para perto dela, mas me forcei a ignorar os três. Não queria perder ninguém, não depois de

tantos ciclos para conseguir me sentir parte de algo. Não podia perder isso e o único multum que aceitaria seria o meu, caso precisasse acabar tudo ali.

— É uma pena mesmo. — Samael declarou enquanto eu dava passos sutis e pequenos em direção ao Michii. — Mas eu fiquei muito desapontado em saber que esse rapazinho nem quis pedir minha permissão.

— Permissão?

— Sim, querida. — ele disse com desprezo e voltou o seu olhar para Mi-chii dizendo: — E esse tipo de garoto só merece uma coisa...

Com um movimento simples, Samael lançou um fogo azul em direção ao Michii. Gritamos juntos, mas, de repente, sobrou apenas a minha voz quando a criatura passou a garra pelo pescoço dele e o seu olhar estava fixo em mim.

O sangue latejava em meus ouvidos e eu corria em sua direção. A criatura se dissipou no ar e eu não me importei, meu único objetivo era salvar o meu amigo. Meus joelhos rasparam na grama quando derrapei e consegui pegar o seu corpo desfalecido.

Michii sempre foi um garoto mais alto que eu, mas agora, deitado ali, parecia pesar muito mais do que alguém do seu ciclo. Seus olhos verdes como a grama estavam perdendo o tom para um verde gélido, mas continuou a me olhar tentando afagar o meu rosto banhado de lágrimas.

— Isso é para o nosso próprio bem, Mulher Dragão.

A voz de Samael passou pelos meus ouvidos com um zunido fácil de ignorar. Naquele momento só existia a pequena possibilidade de Michii sobreviver. Seus olhos estavam arregalados e meu colo estava encharcado, enquan-to o fogo azul começava a diminuir.

Sem sentir e nem pensar direito, coloquei minhas mãos no meio dele, querendo absorvê-lo. Não sabia se isso era possível, mas se posso domar o fogo, talvez haja alguma chance de domar esse também.

Então desejei que sumisse, pedi para a selvageria puxar aquele fogo para si, meu coração clamou para salvarmos Michii.

E o fogo azul realmente foi se extinguindo, enquanto minha pele assumia um tom de cintilante de brasa, mas ao invés de emitir um vermelho brilhoso, estava com um azul cálido sendo bombeando para todo o meu corpo.

— Mãe! Mãe, coloca as mãos nele!

Ela tem o dom da cura, vai salvá-lo e estaria tudo bem.

Acariciei o rosto dele e só então realmente percebi o seu sangue em mim, olhei em volta, e sangue, muito sangue. O olhar verde gélido de Michii estava em mim, mas ele já não estava. Seu olhar estava vendo além de mim.

— Não, não, não, não!

Era a única palavra que fazia sentido, abracei o seu corpo e nos envolvi em um balançar, enquanto a negação parecia não desgrudar da minha boca.

Não sei quanto tempo levou, mas alguém me forçou a soltá-lo e logo o ar me envolveu, e fui levada para longe do corpo. Sem precisar dizer nada, o ar envolveu Michii, e o depositou nas costas de Tân, que o carregou até pararmos mais a Oeste. Eu acho.

De repente estava na beira do meandro, jogavam água no meu corpo de-pois de me despirem. Esfregavam pedaços de tecido em meu corpo com vigor, mas eu não sentia nada e o meu olhar estava turvo. Só via sangue e o azul cálido em minhas veias.

— Eu absorvi o fogo... — minha voz era um fio. — Mas o sangue, era muito sangue.

— Sim, querida. — a voz da minha mãe me chamou atenção e mãos molhadas acariciaram o meu rosto. — Aquele fogo não é natural.

— Então... — agora soluços tremiam a minha voz e um sentindo de inca-pacidade me atingiu. — Foi o fogo?

— Sim. — mais água em meu rosto e meus olhos conseguiu encontrar os seus, verdes claros. — Foi o fogo de Samael, não o seu fogo. — ela segurou as minhas bochechas me obrigando a olhar apenas para ela. — O seu fogo é bom. O seu ar é bom, Asha.

O seu fogo é bom. O seu ar é bom, Asha.

Essas palavras ficaram flutuando na minha mente e na dos dragões, os quais estavam tão tristes quanto eu. O sentimento de incapacidade rugia dos três lados da ligação e estava me consumindo. Não consegui conter as lágrimas, os soluços, e muito menos as tremedeiras ao contar para a família Tattus.

— D-desculpe.

A culpa morava dentro de mim e de mais ninguém, afinal Samael estava atrás de mim, seja qual fosse o motivo.

Uma mão segurou o meu pulso e a paz me invadiu. Meu coração desacelerou, minha respiração se regularizou, o choro cessou e eu procurei o dono da mão. Era a mãe deles, acho que se chamava Joelin. Os olhos verdes vinham dela e transmitiam tanta tranquilidade e sabedoria! Ela tinha o dom dos sentimentos como Amy, o que não era normal porque os dons não eram hereditários.

— A culpa não é sua por ele ser algo maligno, Asha. Sabemos que ele a usou também. — mesmo com as palavras de Joelin, sabia que não eram todos que pensavam como ela e que, provavelmente, se afastariam.

E estava tudo bem, não estava animada para fazer novos amigos, ainda mais agora vendo as pilhas de madeira que sustentavam os corpos, que sucumbiram a essa invasão. Cora me abraçou pelos ombros e os dra-gões se faziam presentes ao nosso lado. Erus acendeu as tochas com o seu elemento e os soldados se dispersaram para acender as piras.

Minha mente estava leve, serena e com uma estranha paz trazida por Joelin. Deixei que esse momento me levasse, seguindo a minha intuição segurei o braço do soldado que iria acender a pira de Michii.

Hesitei por um momento de consciência e olhei para os três membros restantes da família Tattus. Joelin e Amy entenderiam o sentimento que estava emanando de mim e com um aceno sutil e cheio de significado apenas curvei o meu corpo na direção deles.

Dispensei o soldado e me mantive ao lado da pira do meu amigo. Em um lampejo sorri brevemente deixando as

lembranças vivas em mim, depois respirei fundo para dispersar as lágrimas que ameaçavam a cair.

— Tân, Gwynt — convidei meus dragões em voz alta e não pela ligação, assim seria um ótimo jeito de mostrar a nossa união.

Lado a lado, queimamos a pilha do nosso amigo com um fogo mais intenso e claro do que os outros. Nesse momento, também aceitei o multum dele, afinal, o Michii já tinha me alertado que independente do que eu fizesse, Samael iria matá-lo apenas para mostrar que podia.

O fogo não tinha terminado seu trabalho quando minha mãe caiu em um baque surdo no chão. Erus, como sempre, chegou rápido o suficiente e imediatamente parei a minha chama, enquanto Tân e Gwynt sustentavam firme em seus lugares para Michii completar o seu multum.

Sem demora, como a única curandeira, sem contar minha mãe, examinei-a rápido; estava respirando e seu coração batiamais lento. Então pedi para a levarem para nossa tenda. Erus e Oem foram juntos e Axía apenas precisou assentir para mim.

Não sabia ao certo se ela estava aprovando minhas ações ou me incentivando a tomar mais uma. Com o Oem ausente, alguém precisava encerrar o multum dos soldados levados e essa pessoa geralmente era ou os anciões ou Erus, entretanto mesmo com Axía presente, ela parecia me incentivar a tomar o lugar de encerramento. Vejo Joelin também assentindo para mim. Um frio subiu pela minha espinha.

Que Nestor me ajude.

Consigo pedir em uma prece silenciosa, enquanto trato de ter alguma reação.

— Vamos ajudar você.

Tân avisou e andou entre as piras lançando uma faísca da sua chama em cada uma,enquanto conversas baixas surgiam às minhas costas. Nós não somos muitos, então não conseguiríamos fazer um círculo em torno das pilhas.

— Agora você pode parar o fogo de todas de uma vez só. — Gwynt me explicou.

Fazia sentido, mas não sabia como fazer isso acontecer. Axía tomou uma respiração profunda chamando minha atenção e, por pura reação, fiz o mes-mo caminhando para o centro.

— Nada é forte o suficiente para nos separar e vamos nos reencontrar.

Deixei que o momento me dominasse mais uma vez, estendi os braços

sentindo cada pira de fogo sendo queimada. O multum de cada um já está completo. E então pedi para que o fogo viesse até mim, para que cessasse de vez e o elemento respondeu; cada fagulha de chama tomou o seu caminho até minhas mãos, e pararam de consumir, assim que chegavam ao centro das minhas palmas estendidas. Para me certificar de que iria dar certo, convoquei o ar para extinguir qualquer fogo que quisesse ser insistente.

Levou um tempo até todas pararem e só ao abrir os olhos percebi o restante do clã, que me observava surpreso.

CAPÍTULO 19

Mais uma noite suando no meio da mesma expedição, que estaria marcada mais pelas lembranças do que pela descoberta em si. Já fazem algumas viradas de noite que abandonamos a exploração da Foz do Rio. Uma parte de mim ficou lá, ou sempre esteve lá e precisaria voltar para pegá-la.

E pele primeira noite, não consegui fingir que não tinha acordado e a guarda era de Abyss. Ele estava do outro lado e eu em emaranhado de patas, rabos e chifres dos dragões. Criamos o hábito de dormir perto um do outro, isso tornavam as noites mais quentes e fazia com que me sentisse mais segura.

A noite está especialmente quieta, o que é estranho. Nenhum som, nenhuma criatura parecem serpentear por perto. Como Nestor ou as Criaturas Celestiais pareciam sempre estar bem-humorados, Abyss está me encarando em minhas roupas encharcadas.

Ainda entrava em conflito quanto a que nome usar ao me referir a alguém celestial. Ao perceber, imersa em pensamentos, que estou encarando Abyss, desvio o meu olhar dele, não quero relembrar o que ando escondendo.

Como a lembrança da morte de Michii, aos poucos comecei a fazer algumas conexões que não estava muito feliz em dizer em voz alta.

Se souber onde apertar.

As palavras de Samael passaram pela minha cabeça mais uma vez. Acabei decorando cada maldita palavra. Ele nunca disse como nos encontrou naquela noite, apenas soltou a informação.

Michii.

Algo dentro de mim grita negando, mas a outra menor dizia que não custava questionar. Se Abyss realmente revelou sobre mim para os Arfenol como disse então ele poderia muito bem ter indicado alguma localização nossa para irem atrás da Mulher

Dragão e isso causou uma invasão, que ocasionou a morte de Michii.

Sinto uma certa raiva com a suposição, mas minha mão não formigava como esperava. Igual a sensação na Foz do Rio. A maldição agiria se o sen-timento negativo tivesse uma intenção negativa, mas não queria machucar Abyss.

Eu só queria a verdade e o custo não seria a vida do domador do abismo. Toda lembrança passa como um relâmpago em minha mente. Vejo o meu amigo encharcado de sangue por ter se aliado à Mulher Dragão. Um peso já conhecido se aloja em meu coração. A culpa pela morte de Michii ainda estava em mim, mas não sei como Samael sabia da nossa localização.

Nossa localização.

Agora eu encaro Abyss, aperto os meus lábios e meus pulmões parecem exigir mais ar. Comecei a pensar nisso no terceiro dia e mal consigo olhá-lo pelo o que criei em minha cabeça. E às vezes sua presença parecia pesar na mesma intensidade da minha culpa, e ele tinha percebido a minha mudança e mesmo assim continuou me questionando se estava bem,como se independente do que tivesse acontecido queria mostrar que ainda estava ali comigo.

O meu coração implora pela verdade.

Já estou de pé com a selvageria pronta para explodir em cima dele. Mas a controlei. Não queria tomar essa abordagem. Não queria ser essa pessoa.

— Alguma vez revelou a nossa localização? — questionei alto, sem conseguir controlar a dor. — Quando vasculhou nas mentes e me viu, você chegou a relatar para os Arfenol a nossa localização? Alguma vez revelou para eles isso?

Minha voz parecia sair cada vez mais alto, sem autorização e mesmo sabendo que já tinha acordado os outros, não me importava. Nada me importava agora, só precisava saber essa verdade, que parecia fazer o meu coração bombear cada vez mais rápido.

— Asha, se acalme...

O pedido dele faz os meus olhos arderem. Talvez eu parecesse descontrolada mesmo estando controlada, mas falar

o que pensava em voz alta fazia com que doesse mais. Em um movimento com os dedos; erguendo levemente no ar, as raízes das árvores mais próximas começaram a se mexer e envolver as pernas de Abyss, que ameaçou levantar. O movimento fez com que esbarrasse na pequena adaga em minha cintura.

Não, eu não recorreria a ela.

— Você revelou?

Minhas palavras eram fortes, mas contidas com uma pausa para sugar o ar entre os dentes. Não queria parecer descontrolada porque dentro de mim sentia que estava plenamente no controle da situação. Afinal, sem formigamentos, sem manchas nas mãos, apenas uma ânsia pela verdade.

Na minha cabeça só tinha: se Abyss tivesse revelado a nossa localização então ele era o responsável pela morte de Michii. E juntando essa ânsia com a dor anterior, a traição de Abyss atingiria um nível, que me quebraria em mil pedaços.

Não o conheço há muito tempo, mas foram mais de quarenta vezes o nascer do sol juntos. Dividindo uma caverna, nos aprimorando, dividindo lutas, comidas, turnos, treinos, olhares, risadas, palavras, segredos... Parecia uma vida juntos. A linha vermelha agora, ela estava prestes a se romper, esticada entre nós como se estivesse no limite.

Meu corpo, minha mente e meu coração não suportavam o fato de ele ter me tirado daquele abismo, sendo que se fizesse qualquer movimento afirmando, me jogaria de novo em uma queda infinita.

— Do que você está falando?

Gritei para o céu e senti o fogo fugir pelas mãos, convidei a água para extingui-lo de imediato. Não queria ferir Abyss, mesmo que uma parte minúscula gritasse por isso, só que já tinha escolhido bani-la há muito tempo.

Minhas mãos não estavam formigando, tinha o controle quase perfeito do que estava fazendo, era só não ter outro objetivo,a não ser apenas conseguir a verdade, então foquei em seus olhos azuis, os quais aprendi a gostar tanto.

— Está tudo bem sentir os sentimentos ruins, pequeno dragão. — uma daquelas vozes femininas pareceu soar pela

noite e por reflexo olhei para o céu.

— Você precisa ouvir e viver tudo. — outra voz completou antes que eu pudesse contrariá-la, então sussurrei em minha mente:

— A maldição... Vou acabar me tornando ele.

Consegui sentir compaixão pela ligação, os dragões estavam alternando os olhares entre mim e o céu noturno. Não fazíamos ideia de onde vinham aquelas vozes.

— A sua atitude. — a primeira voz voltou.

— Ou a falta dela vai decidir isso.

A segunda voltou e elas pareciam dançar pelas estrelas soltando palavras para mim. Pareciam ser trazidas pelo vento, mas também pareciam saber exatamente o que se passava dentro de mim. Com essa ideia, olhei para Gwynt e os outros três.

Nada na ligação, além de compaixão e um leve receio. Estavam assim por conta do meu comportamento. Eles já sabiam de tudo, Eira e Dadaer preci-saram de alguns dias para se atualizarem na história e por conta disso não conseguiam se aproximar do domador do abismo. Estavam o vendo como possível traidor.

Estou sentindo raiva e meu coração vai despedaçar se Abyss confirmar, mas ainda assim não desejo mal algum a ele. Aprendi a amar cada traço dele desde o maxilar quadrado até o seu mau humor logo de manhã.

Então sussurrei, e acredito que mesmo com o misto de cores em seus olhos, Abyss conseguiria ver a súplica.

— A resposta é sim ou não.

Mãos quentes tocaram os meus ombros irradiando tranquilidade, mas eu não precisava disso. Eu estava bem, apenas queria que ele respondesse a segunda opção.

Neguei com a cabeça calmamente para Amy. Suas mãos ainda estavam quentes, mas nada irradiava mais. Ao olhá-la por cima do ombro, consegui ver a minha pele com as escamas mais uma vez, porém não tornei esse assunto relevante. As escamas estavam me protegendo de um dom que declinei.

Os dragões me assistiam com certo entendimento e preocupação. Queriam saber até onde iria.caso não me controlasse, e o que poderiam fazer para evitar isso. Não fazia ideia de como me conteriam, mas mandei a men-sagem clara de que estava no controle.

Enquanto isso, Lynn, Ita e Consolio pareciam tão espantados, porém não ousaram se aproximar.

— Abyss — chamei-o abaixando em sua frente para observar bem os seus olhos. — Eu quero apenas sua sinceridade — comecei a soltar os caules dele repudiando a ideia de ser como Samael para obter informações. — E não se engane, eu saberei se estiver mentindo. Você já revelou a nossa localização para os Arfenol?

A sua demora me consome aos poucos. O azul dos olhos cintilava com o roxo conhecido e a sua cara assustada ficou séria, talvez por tentar perceber a profundidade da minha pergunta ou apenas porque aquela resposta seria um ponto decisivo na minha vida.

— Por que eu faria isso? Por que eu revelaria?

— Abyss...

A súplica está ali de novo, entalada em minha garganta. Senti seu dom roçar minha mente, a qual estava muito bem protegida por quatro dragões e minha própria defesa. Ele parecia querer realmente me entender para tentar esse tipo de contato. Pela cor cintilante sabia que Abyss não mentiria, mesmo que o seu rosto estivesse severo agora. De tanto observá-lo e conviver com ele, sabia que o roxo era a cor que destoava do seu abismo como se fosse a esperança.

— Eles assassinaram a minha família, porque, raios, eu os ajudaria, Asha?

As palavras foram duras e sem nenhuma hesitação. Ele ainda parecia não entender, mesmo assim não evitei o alívio de me invadir, deixando o corpo ir para trás e me sentando na terra, permiti respirar fundo em uma enorme lufada de ar. Também senti os dragões relaxarem e os membros retomarem o fôlego, já se afastando para nos dar privacidade.

Tân empurrou a lateral do meu corpo com o nariz. Seus olhos transmitiam compreensão e passei as mãos pela sua escama antes de retornar para os outros três dragões, que também me olhavam com serenidade.

De uma coisa eu estava certa, não iria dormir mais hoje.

— Ei — chamei Abyss, que já estava liberto das raízes. — Vai descansar.

— Você não pode simplesmente explodir assim e achar que está tudo bem.

O seu olho agora estava em um misto de roxo e azul. Sabia que essa se-ria uma versão minha que seria necessária para assumir o posto de Mulher Dragão.

Nunca fui de dar explicação a alguém, nem à minha própria mãe, e mesmo depois, a nossa pequena discussão na Foz do Rio, nesse momento sentia que devia isso a ele, Abyss. E eu estava sendo hipócrita.

Possivelmente a minha desconfiança o machucaria, assim como a dele me machucou, e queria deixar claro que não fiz isso como vingança, mas sim porque doía demais imaginar ele do outro lado. Do lado inimigo, sendo que o lugar dele era ali, comigo.

Para isso acontecer, eu precisava ser mais transparente com quem eu queria do meu lado. Principalmente falando de sentimentos.

— Se você tivesse revelado a nossa localização, muito provavelmente você teria levado os inimigos até o nosso acampamento e ocasionado a morte de Michii, e a causa da morte da minha mãe.

Ele acenou com a cabeça, claramente pensando. Consegui ver um vis-lumbre de dor em seus olhos. Apontei para minha têmpora chamando a sua atenção.

— Posso te mostrar?

A questão era um convite. Ele iria entrar em minha mente e ver tudo que eu permitisse, saberia que fazer isso seria como ter uma conversa privada com um dos dragões. Abyss assentiu levemente e senti o seu dom roçar, e desta vez abri os portões das cinco forças que protegiam a minha mente e lhe mostrei a

lembrança, desde o momento do ataque até o final do funeral de Michii, à minha mãe inconsciente.

A sua saída foi tão sutil quanto sua entrada. O gesto de mostrar tudo teve como objetivo de mostrar que confio nele o suficiente para deixá-lo entrar em minha mente. Aprofundei bem a minha respiração para detectar qualquer parte do seu corpo que reagisse de forma negativa.

— E sua mãe? — ele me questionou confuso.

— Samael queria provar que podia tirar as pessoas da minha vida apenas porque podia. Ele levou Michii e com apenas um beijo... — respirei fundo enquanto organizava os pensamentos. — Tenho quase certeza de que com aquele simples beijo, ele fez com que minha mãe adoecesse. O que quer que ele colocou dentro dela, acabou consumindo-a de dentro para fora e mais uma vez saiu vitorioso tirando mais uma pessoa de mim.

Lágrimas embaçam a minha vista e olho para o céu querendo contê-las. Não tinha percebido isso até essa noite, e estou aliviada por estar errada de pelo menos duas clarezas que recebi com essa lembrança. Descobri que al-gumas coisas tinham praticamente se apagado da minha mente com o decorrer do tempo. Mas, pelo menos, no final disso tudo, Abyss escondeu uma informação tentando me proteger e não revelou nada que acabou levando as pessoas que amei ao multum.

— Está tudo bem?

Sua pergunta não exige uma resposta, consigo saber disso pelo seu olhar azul sereno salpicado de roxo. Durante a caminhada até aqui, ele não tentou conversar comigo ou alguma intimidade com os dragões. A única coisa que saía da sua boca eram essas três palavras, dizia como se sua vida dependesse disso.

Isso me ajudou a entender um pouco mais o lado dele. Depois da minha pequena reunião com os dragões antes de partirmos, conseguia ver o objetivo mais claro sem deixar que as angústias, medos e dores me levassem para algum lugar distante. Então coloquei toda a minha energia em voltar para casa e assim não precisava lidar com Abyss. Até agora.

O cara que respeitou os meus sentimentos e os dos dragões, e que no fundo só queria me proteger. Mas aqui, agora, olhando para a pequena mecha caída em sua testa, a lua iluminando o preto azulado do seu

cabelo, real-mente entendo alguns sentimentos. Só não estou pronta para falar.

— Está tudo bem — respondo com as três palavras que ele tanto almejava, ao invés do leve aceno de cabeça que dei por dias. — Mas você precisa me prometer que qualquer assunto relacionado a mim, vai falar comigo. Eu sou a Mulher Dragão e consigo lidar com qualquer coisa desde que não me esconda, e sim que esteja lá comigo.

Seu rosto foi invadido por um sorriso ligeiro, seu olhar tomou um tom amável assim que me encarou. Deixei que acariciasse a minha bochecha enquanto sustentávamos o olhar um do outro. Meu coração ameaçava sair da minha boca e um frio parecia sem fim na minha barriga, mas foi tão fácil ignorar porque queria tanto viver aquele momento.

— Eu prometo.

Não via a hora de chegar logo e ver Erus. Queria contar tudo, ouvi-lo dizer algo especial como semp refazia e questionar sobre algumas partes da lembrança que não encaixavam. Ele teria as respostas.

— Você não precisa contar tudo que há em sua mente e em seu coração.

— Gwynt soava aconchegante como a lembrança que tinha da minha mãe.

— Não faço ideia do que tem dentro da minha mente e muito menos em meu coração, Gwynt.

Já vivi bastante tempo enclausurada dentro de mim mesma. Sempre fui irracionalmente racional, talvez por causa do dom e daquele tempo em que acreditei ser uma Arfenol. Foi fácil acreditar neles, nutrir a rejeição que aplicavam em mim. Então

me tornei a Asha racional, que grunhiu para os que provocavam, que não falava com ninguém, além da sua mãe, Erus, Oem e Axia.

Quanto mais rejeitava o meu ser, mais longe de tudo ficava.

Minha mente era a maior oficina de Cig. Mas Nestor cuidou muito bem disso. Depois de mais ou menos cinco ciclos conheci Michii, o meu primeiro amigo e a única pessoaque conseguiu cavar e chegar até o meu coração. Nunca foi fácil entender o que se passa em meu coração.

Agora mesmo, eu sabia exatamente o que sentia por Abyss, porém, apenas não queria falar. Ou não sabia ao certo, afinal jamais senti algo assim.

Minha mente dizia que precisava entender mais sobre o meu dom e os dois dragões que surgiram, mas meu coração clamava por Abyss.

Amor.

O que é isso afinal?

— Está limpo. Pode vir. — a voz do próprio Abyss me tirou do meu transe pessoal.

Assim que meus pensamentos dissiparam e meus sentidos voltaram ao presente, bastou um passo em direção ao Abyss para o meu corpo travar e arrepiar por inteiro. Não seria possível que ele nos achou tão rápido.

— Que Rae e Perii nos protejam — sussurrei e escutei Abyss formular uma pergunta, mas eu já estava correndo em direção ao nosso acampamento.

CAPÍTULO 20

Como se o acampamento estivesse envolvido em uma cortina assim que dei o primeiro passo, uma energia negativa parecia engolir todo o lugar. Minhas pernas corriam por instinto próprio, e sabia com toda certeza que Tân e Gwynt já estavam sobrevoando para o mesmo local que eu, e os dois novos dragões também já tomavam suas posições.

Era arriscado deixar os dois lá cima com apenas o elemento de Gwynt e as nuvens ao seu favor, mas Tân chamando atenção derrubando árvores tampouco era uma opção. Estava com duas opções horríveis e teria que escolher uma das duas porque ele não concordaria em ficar para trás, então Gwynt os ocultaria até chegar às nuvens; eles conseguiriam ver através da minha visão.

Passei rapidamente informações necessárias para Dadaer e Eira, que não sabiam muito sobre o meu passado ainda. A pequena distração dessa ação fez com que Abyss conseguisse me puxar. Entre os arbustos ele tampou a minha boca, e pediu para me manter quieta com o dedo entre os lábios e depois o girou querendo confirmar o que havia sentido.

Sabia que ele e os outros apenas me seguiram reagindo àquela sensação que dominou o nosso acampamento, mas eles sabiam estratégias de combate e não eram bobos.

— Precisávamos de um plano. — ele não emitiu som, apenas moveu os lábios de forma lenta para que eu os lesse.

Não precisei ver para saber que um intenso poder estava sendo acumulado. Um olhar entre o arbusto em minha frente pude confirmar o que mais temia. Um frio desceu pela minha espinha, mas minhas mãos não formiga-ram. Mexi meus dedos querendo que o sangue circulasse, não tinha percebido que tinha cerrado os punhos tão forte.

Consegui ver as tendas espaçadas exatamente como as tinha deixado, e apenas alguns membros com aquelas criaturas

viscosas, apenas seus rostos eram diferentes mudando de bico de ave para cabra com chifres, tigres com dentes enormes dentre outros. Os membros estavam sendo feitos de reféns e Samael estava logo ali, com uma bola de energia escura entre suas mãos movendo-a, e Erus estava à sua frente, com um escudo falho feito das suas próprias chamas. Sangue escorria do seu nariz, boca e têmpora.

Ar pareceu inexistente enquanto observava aquela cena e más lembranças invadiram a minha mente. Precisei de um instante para voltar com a mi-nha respiração normal para que eu tentasse reduzir os danos que já tinham se instalado. Não tinha visto nenhum corpo e pretendia deixar exatamente desse jeito.

As linhas logo se destacaram em minha visão.

— Fique aqui. — Abyss pediu ao perceber a mudança em minha respiração e dediquei apenas um instante para olhá-lo pedindo desculpa.

Eu não podia ficar parada, com ou sem plano iria salvar Erus. Mesmo com o desespero querendo me dominar, mantive minha respiração ligada na intuição.

— Ela não está aqui. — Erus grunhiu entre os dentes, claramente querendo ganhar tempo para descobrir o que era aquela bola de energia.

Eles estavam se enfrentando no centro do acampamento, onde sempre fazemos um círculo grande de pedra para os nossos treinamentos, competições e casos como esse: A Batalha. Existem dois jeitos de definir um líder Aliar. Ou o atual nomeia um herdeiro ou é desafiado por outro para lutarem até a morte, e quem sair vivo é o novo líder.

— Ah, ela está. — sua voz saiu como um rosnado enquanto erguia o rosto, cheirando o ar em busca do meu cheiro. — Ela sempre arranja um jeito de se intrometer.

Seu riso sem sentimento algum voou pelo vento como se fosse folhas casuais. E apenas sabia que o plano que ele tinha em mente não podia acontecer.

Corri antes que Abyss pudesse me olhar nos olhos. Saí dos arbustos com a respiração alarmada, mas pronta com os elementos e os dragões. Pareceu fácil demais desviar dos

corpos das criaturas e dar uma olhada nos membros para ver seus ferimentos, até mãos grandes segurarem meu cabelo com força fazendo meus joelhos cederem, batendo no chão, e mesmo que não tenha sentido dor nenhuma, fingi que senti. E arfei surpresa ao sentir uma faca afiada e negra em meu pescoço. Gormes.

Escutei um riso ao sentir a mão enrolar as pontas do meu cabelo para manter mais firme, forcei o meu olhar para o lado e consegui ver pés humanos e não viscosos como os daquelas criaturas. Era um humano.

Percebi que ao redor havia mais daquelas criaturas segurando e apertando garras no pescoço dos membros do clã. Uma parte minha ficou aliviada ao ver todos vivos e outra queria gritar para as criaturas soltá-los. Olhando para cada um deles, percebi que pareciam cansados como se tivessem perdido muito sangue, assim como o nosso líder.

Com o pouco tempo não consegui identificar Lena, vasculhei mais uma vez e torci para que ela tivesse conseguido escapar...

— Não vamos ver a Caverna enquanto você estiver em perigo! — Gwynt rosnou e senti o mesmo vindo dos outros três.

E também faltava o nojento do... O risinho de instantes atrás, prepotente só poderia ser de uma pessoa; o líder da Guarda. Consigo ver os seus fiéis escudeiros sendo subjugados pelas criaturas. Não havia dúvidas de que elas eram feitas de Gormes derretido, mas como ele resiste?

Apenas a presença do metal já os deixavam cansados, sem os dons. E Erus conseguiu obter uma distância mínima dos metais, apenas conseguiu conjurar o escudo falho de fogo.

— Erus, pare! — gritei.

— Não se meta nisso, Asha! — ele vociferou em retorno. — Tân e Gwynt apenas fujam.

Ele gritou para o céu, mas não havia sinal dos meus dragões. Neguei a cabeça e comecei a estudar minhas possibilidades.

— Olhem em volta, certifiquem-se de que não há mais nenhuma surpresa.

Pedi pela ligação. Os dragões ainda não tinham se mostrado e só iriam com o meu sinal. O traidor puxou o meu cabelo por divertimento e me obri-guei a resmungar.

— Asha...

A voz de Abyss terminou com uma arfada pesada atrás de mim. Pegaram ele e eu torcia para ser parte do seu grande plano. Aproveite a pequena distração do meu nome para avaliar o quão forte eles eram e ver se possuíam algum ponto fraco.

As linhas tecendo aquele momento desesperador. Samael bateu as palmas na bola de energia, e ao esticar um fio negro apareceu. A cada movimento dele percebi que Erus, de certa forma, estava hipnotizado, o fogo parando de queimar e o escudo se dissolvendo. Seu olhar estava perdido por causa daquele pequeno gesto de Samael, então gritei o seu nome para tirá-lo daquele transe, ignorando os puxões de cabelo. A dor era nula, mas a irritação estava fervilhando, então fingi que era a dor totalmente presente quando gritei de raiva.

Ninguém precisava saber sobre o detalhe da dor, das escamas.

— Asha, por favor, facilite.

A voz do Samael soava como um deboche. A lateral direita do seu rosto ostentava uma cicatriz da testa até o final do lado esquerdo do seu pescoço, e não tinha nenhuma reação, nenhuma emoção. Exatamente nada.

Foquei no que importava. Em Erus, que não fazia nenhuma menção de se defender, então gritei o seu nome mais uma vez. O fio de Samael tremeluziu como uma chama gélida azul.

Não, não, não!

Minhas mãos começaram a formigar contra a terra e meu corpo esfriou com a lembrança. A raiva desta vez clamava por vingança, ameaçava me do-minar, então puxei minhas mãos para mim como se pudesse me livrar daquele sentimento. E, sem querer, esbarrei numa pequena adaga na minha cintura, dentro da calça. Tão sutil que mal reparava nela.

Uma chama quente faiscou no meio daquele sentimento frio. Resfolegando olhei para os lados, aproveitando enquanto o ataque parecia apenas um flerte de Samael, e empunhei a

adaga e posicionei meu corpo para levantar o mais rápido possível.

— Fiquem alertas.

Não tinha muitos comandos para dar ao ver uma linha brilhar. Já tive uma lâmina de Gormes em minha garganta antes, conseguiria lidar com esse tipo de porcaria. Puxei a linha.

Korpus, o líder da Guarda, segurava forte o meu cabelo, enquanto eu escolhia a melhor posição para o meu corpo e fingia prestar atenção, receosa pelo o que realmente estava acontecendo e acelerei o pequeno plano quando vi Samael soltar o fio no ar, que flutuou e rodopiou, se transformando de volta em uma bola até se dissolver mostrando uma pequena chama azul bruxuleando.

O ar em meu peito parecia congelar.

— Aposto que se lembra...

A voz de Samael ficou muda, assim que coloquei a mão livre na terra.

Convoquei caules fortes para prender os inimigos em seus lugares, procurei por Dadaer. Como solicitei, estava do outro lado do acampamento e iria me ajudar a manter os caules fortes enquanto eu faria o resto do plano.

O fogo azul tomou o seu caminho para o alvo. Se eu conseguisse extinguir a origem, o dom também seria extinguido.

Sem medo, forcei minha garganta contra a lâmina com os olhos cheios de lágrimas acumulados com a ideia do que poderia acontecer. Forcei o meu corpo sem sentir uma gota de dor, prestando atenção apenas no cumprimento do meu cabelo. Assim que estava totalmente esticado e uma leve ardência em minha garganta começou a surgir, subi a adaga em direção ao meu cabelo. Uma vez em que Korpus ficou apenas com os restos dele consegui me erguer e correr em liberdade.

Uma leve fraqueza ameaçava se fazer presente, mas a ignorei ao pegar impulso para correr e projetar o fogo e o ar em direção ao Samael, que estava preso pelos caules. Sabia que a combinação daqueles elementos seriam a melhor opção, o fogo podia ser letal para a pessoa certa e que o ar iria dar

combustível o suficiente para ele queimar por tempo considerável. Além de serem os elementos que mais dominava.

Samael foi direcionado para longe, batendo e derrubando árvores até ceder ao chão em um estrondo. Minha atenção e meus olhos estavam tão focados que esqueci do restante. Meu único objetivo era atingir Samael e impedi-lo.

Com o impulso e a falta de equilíbrio, rolei e acabei sentada com a poeira se erguendo, mas não tirei os olhos dele. Observava a fumaça no meio da flo-resta que cercava nosso acampamento. Olhei para as minhas mãos e depois para o corpo inerte no chão.

Impedimos.

Parece que a combinação deu certo e o fogo queimou o suficiente. Mãos fortes me ergueram e seguraram meu corpo, e sabia que não eram aquelas mãos viscosas, e sim as de Abyss, que de algum modo me transmitia segurança e confiança para o que estava por vir. Instintivamente ele me colocou atrás dele e estava pronta para protestar e dizer que não tinha nada para te-mer. Tudo aconteceu tão rápido que...

A risada ressoou como naquele dia, meu corpo gelou com o grito forte de Erus. Agora tudo pareceu acontecer devagar, meu corpo girava em direção ao som, entender que a chama não tinha parado nem por um instante, que não tínhamos impedido nada. E meu pai estava sendo consumido.

Meu desespero tornou fácil me desvencilhar de Abyss para chegar em Erus, derrapei na terra ao chegar ao seu lado. Sem pensar duas vezes espalmei a mão no meio do fogo azul, puxando-o para mim ao mesmo tempo em que convoquei o fogo na minha mão e ao nosso redor, não permitindo nin-guém chegar perto. Resfoleguei ao pedir parao ar intensificar o meu fogo. Conseguia ver o meu braço em brasa misturando o vermelho quente e o azul gélido, e possivelmente minha garganta estava resplandecendo branco. Ven-do o fogo diminuir devagar, gritei virando a cabeça para o céu, a chuva começou a cair em uma resposta rápida. Escutei três rosnados invadir aquela tempestade que acontecida fora e dentro de mim.

Tân, Gwynt e Eira estavam me ajudando. A chuva tomou intensidade enquanto Tân aumentou a dosagem do fogo no Erus junto comigo. Íamos manter o fogo aceso apesar da chuva, o intuito era Erus absorver o fogo certo e rejeitar o azul. E isso lhe daria força para viver, ele poder se alimentar do nosso fogo. Sabíamos disso.

Nada mais importava, enquanto eu puxava a chama azul para mim e conjurava o fogo com Tân, intensificava o primeiro elemento com o ar juntamente com Gwynt e a chuva para ajudar a cessar o fogo azul com Eira. Eu precisava tirar essa chama dele.

Não iria perder mais ninguém. Eu não podia.

Não sabia mais o que eram as minhas lágrimas e a chuva no meu rosto, e sinceramente não me importava com a vulnerabilidade repentina. Junto com os três dragões sabia que era graças aquela união e aquela amor que me tornara um Aliar tão forte. Dadaer se fazia presente na ligação, mas ainda não tinha convocado o seu elemento, então mantinha qualquer um longe de nós.

Assim que ambas as chamas se extinguiram, eu encontrei os olhos ver-melhos de Erus, olhando para mim. Pareciam assustados. Um soluço forte escapou dos meus lábios enquanto ainda sentia minhas veias queimarem, gelarem e encharcarem. Mantive apenas as chamas ao nosso redor com os olhos fixos naquele vermelho tão conhecido.

Encostei minha testa em seu peito queimado ao perceber que não era para mim que ele olhava. Seus olhos vermelhos não estava mais olhando para mim, assim como os de Michii não estavam. Um peso se acumulou em meu estômago e a dor parecia pesar mais do que conseguia suportar. Estava segurando as vestes queimadas dele, aquele que não olhava para mim, apesar de parecer, mas na verdade seu olhar estava longe, longe demais para conseguir me ver.

A chuva se intensificou quando gritei liberando tanta dor. Não tirei as mãos de Erus, mas livrei uma para esmurrar o chão causando um tremor. Com a mesma mão no chão, conjureios

blocos de terra mais fortes que qualquer poder que Samael poderia ter.

Não precisei ver para saber que Dadaer tomou conta do meu pedido e acrescentou caules mais grossos que antes para prender os membros dele.

— E temos um traidor entre nós.

Acredito que falei tanto pela ligação quanto em palavras, mas por via das dúvidas apontei para Korpus. Eles sabiam quem era, mas não podia deixar jogado no ar. Não sei dizer ao certo, também não sei em que momento desfiz a parede de chamas e muito menos quando comecei a me sentir tão cansada. Mas sei que senti mãos quentes envolver minha cintura. Um aperto no local, um pedido silencioso para soltar.

Raios começaram a ressoar pelo acampamento, relâmpagos e raios tomaram conta do lugar enquanto tirava um dedo de cada vez das vestes de Erus. Minha respiração parecia forte e pesada como se fosse o fim de um treinamento quando tinha oito ciclos.

O ar estava escasso. Meu coração pareceu entrar em uma negação tão forte como sua palpitação. Minhas mãos não formigam, mas meu corpo parecia pesar como pedra, o que me fazia escorar todo o meu peso na pessoa que me abraçava. Eu não me importava. Não conseguia pensar em levantar e muito menos em conter as lágrimas.

Todos me olhavam com rostos chocados, tristes e sem acreditar no que acabara de acontecer. Olhei ao redor, buracos no lugar de onde tinham criaturas, Lynn tinha dizimado cada um deles, mas Samael estava preso entre pedras com símbolos desconhecidos, assim como Korpus.

— Pare a chuva.

Assim Eira fez e Lynn entendeu o recado.

Apertei os lábios ao mesmo tempo que apertei os braços de Abyss em mi-nha volta. Sentindo uma ardência forte em meu abdômen, ele apertou de volta. Estava logo atrás de mim, tinha se sentado e me colocado no meio das suas pernas. E meu povo parecia precisar de força e eu precisava mostrar

coragem... Não. Não precisava. Eles precisavam da realidade nua e crua.

Ameacei levantar, mas a ardência aumentou, fazendo com que eu resmungasse. O quente, o frio, a umidade e a aspereza pareciam passar pelas minhas veias sem gentileza. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo ao mesmo tempo que não entendia os olhares enuviados dos membros, que me encaravam abalados. Ou talvez seja coisa da Exaustão cobrando o seu preço.

— Queime-o e jogue água até eu voltar.

Fiz o último pedido para os meus dragões.

— Não tem como sobreviver à Chama Azul — notifiquei. — Ele já tinha me ensinado isso e eu perdi mais uma pessoa por não aprender.

Minha constatação foi ridícula para quem desmaiou logo em seguida. Como se eles não soubessem o que acabou de acontecer.

CAPÍTULO 21

Eu apaguei por dois dias inteiros enquanto Dadaer se dedicou em manter os blocos em pé. Eles emanavam uma energia antiga, porém roçava a minha pele como se fosse familiar. As pedras já se manteriam de qualquer forma, porém, por cau-sa do prisioneiro e da queimação que pedi era melhor redobrar a atenção.

Os meus quatro dragões se mantiveram em cada ponta da prisão de pedra que criamos para ele, enquanto Abyss, Lynn e Amy cuidavam de Korpus.

Não entendi o porquê Samael se manteve por tanto tempo quieto. A terra não relatava nenhum movimento estranho da parte do nosso prisioneiro, até porque fiz questão de envolver todo o seu corpo com caules firmes e também selei sua boca com um caule mais grosso.

As imagens daquele dia começam a passar diante de mim e a dor invadiu sem aviso prévio, respiro fundo olhando o sol raiar na caverna, o que me deu um vislumbre do lugar e estava impecável. Não sabia se Lena era a doida da organização ou algo do tipo, mas só sei que precisaria agradecer ela, assim que a encontrasse.

Tudo aconteceu tão rápido. Com certeza ela estava lá e não tinha conseguido identificar o seu rosto enquanto tentava salvar o nosso líder. E ele tinha partido. Erus foi encontrar a minha mãe. Nada os impedirá agora.

Em um movimento rápido e doloroso, estava fora da caverna e encontrei um Abyss sentado na beira do pequeno lago. Seu olhar encontrou o meu como um sutil convite para me juntar a ele. Por mais que eu tivesse os meus dragões, tinha Abyss também. E ele é tudo o que me resta, tudo que me resta de humano. Sei que também posso contar com Lynn, Amy e o restante do clã, mas tenho total ciência de que existe algo nesse garoto de olhos arroxeados. Algo nele reflete em mim e não

queria me prender nele desesperadamente, mesmo que meu coração gritasse por isso.

Não quero depender emocionalmente de alguém. Não de novo.

Sentei ao seu lado, colocando os pés na água. Deixei o toque gelado me refrescar e tentei clarear minha mente para o que poderia vir. Dois dias apa-gada, sem sonhos. Se Nestor e nem Rae e Perii não tinham me chamado...

Isso me preocupava um pouco. E o mais chato era a dor que pesava minha cabeça como se o descanso não tivesse sido suficiente.

— Completamos a passagem dele. — Abyss começou olhando para a grama enquanto eu olhava para a água. — Tân o levou para o multum. Você não acordava, não deu para esperar por você. Desculpe. — desta vez sinto o seu olhar sobre mim. — Você apagou em meus braços e Oem te vigiou na maior parte do tempo, enquanto eu e Lynn cuidávamos de Korpus e Amy juntava os seus pertences. Precisamos sair daqui.

Peguei em sua mão e apertei assim que alcancei o seu olhar temeroso. Ele estava sendo sincero e podia ver o seu olhar com um carinho genuíno. Eu sentia o mesmo por ele, mas não era hora.

— Você chegou à Exaustão. Pude ver pela oscilação de cor em seus olhos. Praticamente usou todos ao mesmo tempo. — ele narrou como se eu não lembrasse, entretanto, bastante partes eram um borrão. — Sei que é difícil, mas tente ser cuidadosa da próxima vez.

Seu pedido final foi feito em voz baixa e assenti lembrando de todas as sensações no meu corpo antes que finalmente apagasse. Esse era o preço então.

Meu clã estava sem direção e precisava conversar com Oem sobre Samael. E permaneci assim com Abyss por um tempo, degustando esse momento sem precisar criar alguma conversa para ficarmos confortáveis porque só com a presença um do outro já bastava.

Mesmo sabendo que não duraria muito tempo, ainda assim aproveitei a caminhada até o ancião para observar. Eu estava

em busca de respostas para inúmeras perguntas. O caminho foi estranhamente silencioso, uma parte do clã já tinha partido em reconhecimento para o nosso novo acampamento, o qual ainda não me falaram aonde seria.

Entretanto, os pássaros não cantavam como se tivessem voado para o Norte, longe de nós, o vento não soprava e o sol parecia tímido. Uma má sensação roçava a minha pele.

— Cadê vocês? — questionei por segurança. Conseguia sentir onde cada um estava, mas algo parecia estranho aqui.

— Vigiando Samael.

Assenti sem mais o que falar, enquanto vagava o olhar em minha volta, querendo reparar qualquer coisa anormal. Não somos um povo espalhafatoso, mas sempre existe conversa entre os membros, que viviam zanzando de um lado para outro no acampamento. E nunca existiu esse silêncio pesado entre nós, até nos funerais a quietude era diferente dessa.

Os membros do clã pareciam normais, mas não interagiam entre si como de costume. Quase podia jurar que não se conheciam. Parei quase chegando na tenda de Oem e gritei para ninguém em específico, querendo ver suas reações.

Pararam por um mísero instante me analisando e depois voltaram às suas tarefas. Pareciam fora de órbita. Estavam com as mentes bem longe dali. A mão de Abyss envolveu o meu pulso me puxando para dentro da tenda.

— O que está fazendo? — ele questionou, mas não consegui tirar os olhos de onde meu povo estava.

Eles não reagiram.

— Tem algo de errado.

— Tem e estamos tentando descobrir.— Oem apareceu com um copo. — Beba, vai se sentir melhor.

Ao pegar o frasco, nossas mãos tocaram infimamente. Felizmente meus reflexos estavam bons, segurei forte a mão de Oem quando o vi soltar o reci-piente sem que eu tivesse pego, e seus olhos ficarem distantes. Ele não tom-bou porque o segurei e Abyss tomou as suas costas.

Logo posicionei uma cadeira de madeira cheia de peles um pouco atrás de Abyss. Quando a Visão acontecia não tinha

muito o que fazer, além de esperar, e quem sabe uma prece, se tomasse muito tempo.

Com cuidado meticuloso, desviei dos cacos do copo no chão e colocamos Oem na cadeira, e tomei certa distância dele, o suficiente para não o abafar e fiquei abaixada na frente com os olhos atentos a qualquer movimento dele.

Eu estaria preparada.

Ou achava que estava, até ele se inclinar para frente e agarrar o meu braço, arrancando um som de surpresa em meus lábios. Seus olhos não estavam como nomeia da Revelação, não. Eles estavam cravados em mim. Sua inten-sidade me intimidou e, por instinto, me encolhi um pouco, com receio do poder que seu corpo emanava.

Não era sensitiva como Amy ou Joelin, mas meus sentidos eram aguçados o suficiente para sentir cada energia destoando do usual, e Oem parecia estar transbordando uma energia muita mais poderosa do que a que conhecia.

— Grande mal irá se apoderar de vocês, eleita. Precisa sentir e emergir das cinzas.

Assim como me agarrou de repente, soltou. Respirou fundo ao se encostar na cadeira, e meus olhos encontraram olhos azuis escuros preocupados, enquanto já tinha me levantado; tentei me recompor para demonstrar confiança enquanto tentava digerir aquelas palavras.

— É tão horrível, Asha. — Oem se lamentou esticando a mão logo à frente. — Eu não consigo ver nada!

Ele esfregou os olhos e percebi. Nunca tinha visto os olhos de Oem ter duas cores ao mesmo tempo: branco e preto por um mísero distante. Não sabia o que significava, apenas que se um mal estaria por perto, então isso explicaria a má sensação que sentia.

Aquilo tornava tudo real. A profecia de Manteío, ele usou a palavra exata.

Eleita. E pelo olhar de Abyss, ele sabia o tanto que aquilo significava como eu.

O medo que senti se tornou uma certeza. É real e me dizia que esse suposto grande mal já estava aqui.

Depois de avisar Oem que já voltaria e deixá-lo confortável em sua cadei-ra de peles, respirei fundo e saí da tenda. Precisava de respostas e sabia que poderia me dá-las. Estava há alguns dias sem falar nada, mas agora falaria, nem que eu tivesse que tirar à força.

— Não abaixem a guarda. Eu preciso conversar com ele.

Por algum motivo, o meu corpo quis vacilar e dar meia volta para não ter que lidar com Samael. Sentia a pequena Asha querendo correr para bem longe do homem que tirou tudo dela. Eu nunca realmente senti medo de Samael. Apenas o odiava com todas as minhas forças.

Precisava enfrentá-lo para mostrar a mim mesma que posso me proteger — mesmo não conseguindo proteger muitos. Naquele momento, precisáva-mos de respostas, então tomei aquela pequena Asha nos braços.

Eu sou a Asha, a Mulher Dragão, e não vou vacilar.

Repeti como um mantra pessoal, enquanto caminhava em passos firmes para os quatro blocos de pedra grandes se encontrando um pouco mais acima. Cada um carregava o mesmo símbolo... Um clarão passou em minha mente e o desenho de Amy passou em minha cabeça.

Durante a expedição da Foz do Rio, acampamos uma noite em um lugar com pouca grama, e a minha amiga desenhou o símbolo das minhas costas na terra. Dois lados se encontrando e formando um redemoinho, e também carregava alguns detalhes como três pontos centrais, quatro linhas que acompanhavam o desenho em pontos distintos e mais dois pontos: um na ponta direita e outro em uma curva na ponta esquerda.

Era exatamente esse símbolo que as pedras carregavam, a marca do Dragão. As pedras evidenciavam a sua energia antiga com musgos espalhados pela superfície.

— Dadaer.

O seu nome soou mais como um pedido e o bloco à minha frente regrediu para dentro da terra. Samael parecia tranquilo em seu aprisionamento.

— Ele só pode ser liberto com o seu sangue, Asha. Não sei a história das pedras, mas elas me contaram isso no momento em que as invocou.

Assenti com a cabeça enquanto meus olhos encontraram os de Samael.

Conseguia ver a insanidade ali, mas o seu semblante estava sereno.

— Eu preciso de respostas — declarei sem rodeios.

Pude ver seus olhos perdidos em águas sombrias zombarem de mim, as-sim como o sorriso que tentou dar. Não tinha percebido antes, mas os dentes não eram mais retos, e sim pontiagudos como facas e estavam cravados no caule. Afinei o caule, o suficiente para que ele pudesse falar.

— Você precisa muito mais do que apenas resposta, querida. — ele ronronou para a pequena abertura que Dadaer fez.

Com certa dificuldade, ele mexeu um dos braços presos como se quisesse se ajeitar para conversar comigo e tive um vislumbre da sua mão. Unhas es-tavam quebradas e ensanguentadas como se tivesse tentado achar uma saída enquanto queimavam o seu corpo. Eu sabia que o fogo de Tân não bastaria sozinho porque Samael tem o seu próprio fogo, mas o seu corpo ainda era humano e sentiria toda a agonia de ser queimado. Sua pele pálida estava no máximo chamuscada por conta da sua resistência.

— Não consigo encontrar nenhum traço dele que não foi corrompido. — Eira murmurou temerosa.

Lentamente fechei a mão em punho e ele sufocou sem ar, enquanto mexi meu dedo indicador em sua direção deixando água escorrer pelo caule em sua boca. Poderia matá-lo ali e seria fácil, deixar a água escorrer pelo seu corpo e a causa da sua morte seria um grande mistério: falta de ar ou afogamento.

Nunca tive Samael a minha mercê assim. Os blocos da marca do Dragão o enfraquecem como se fossem Gormes para o meu clã, e o meu dom o afe-tava com efetividade, mas desta vez com mais eficiência. Com a ajuda das pedras talvez o dom de Abyss surtisse algum efeito agora.

— Acredito que os dons combinados tenham mais efeito do que sozinhos ou por você ser a eleita. — Tân comentou.

— Lynn comentou que sentiu os seus relâmpagos mais fortes na tempestade que você e Eira causaram. — Gwynt acrescentou e ponderei a ideia.

Um arrepio forte subiu pela minha coluna e afrouxei o poder que tinha soltado em Samael. Sabia que ele não morreria tão facilmente, mesmo com a encenação dele de ter voltado a respirar tão profundamente junto de um risinho desafiador.

— Quais são os seus planos? Sei que pretende fazer alguma merda por aqui.

Seus olhos opacos e escuros sustentaram os meus, e, como sempre, o meu rosto estava indecifrável como o de um dragão. Em minha cabeça pensava em jeitos de mantê-lo preso até obter toda a informação necessária e matá-lo. Não podia usar muito do meu dom hoje, a sombra da dor que pode acarretar me assombrava. Dois dias não são o suficiente para se recuperar da Exaustão.

Balancei a cabeça como se quisesse espantar os meus pensamentos, mas não ousei olhar, enquanto Samael mantinha um sorriso conspiratório no rosto e virava de lado como se tentasse se ajeitar em meio aos caules.

Foi só agora que notei as pedras marcadas pelo fogo e que as roupas dele estavam queimadas, em frangalhos, e nas costas do seu ombro esquerdo uma meia mancha preta, parecendo o começo da minha própria marca.

Não pode ser...

— Suas suspeitas me machucam, querida. — ele ronronou para mim. — Até parece que não conheceu o melhor de mim antes. — Samael gargalhou observando a minha confusão, não entendia o que ele queria dizer com isso.

— Certo, certo! Cora foi maligna com essa parte, mas eu a perdoo.

— Não ouse falar o nome dela!

O sorriso permanecia em seu rosto.

— Não, claro que não. — ele respondeu submisso. — Sabe, Cora é como uma semente que floresceu lindamente.

Mas, infelizmente, querida, sua mãe era uma planta fraca demais morando em um ambiente que não era digno dela.

O seu tom de voz dava a entender que conhecia a minha mãe como um amigo e essa ideia me enojava. Cora e Samael sendo amigos em um passado distante, e depois ele matá-la? Não consigo imaginar minha mãe sendo má ao ponto de custar a sua morte.

De alguma forma, ele me leu com aqueles olhos mortos.

— Ninguém poderia perceber. E o que uma garota de 17 ciclos, que não entende nada de si e do seu próprio dom, poderia fazer? — ele levantou a questão com uma euforia grotesca. — Não se preocupe. Você é sim a eleita, querida. Elas só não te contaram tudo que envolve esse titulozinho desta vez.

— Você gosta da sua voz? — questiono impaciente, e solto um sorriso de lado. — Você soa patético, Samael. Querendo atenção só para você. Pelos

Dragões, se toca!

Nego lentamente com a cabeça e ergo os dedos de forma sutil e o caule volta a engrossar em sua boca resmungona. Com apenas um olhar para Abyss, ele já sabia o que fazer. Entrar na cabeça de Samael soava perturbador, mas seria um jeito de tentar descobrir algo, já que ele não cooperou.

Uma risada ecoou da sua garganta e uma ira tomou conta de mim enquanto seu olhar me desafiava. Não sei o quanto esse joguinho de Samael era real ou apenas psicológico.

Abyss e Samael ficaram se encarando como se estivessem ligados e, por esse breve instante, estavam. Eu só não contava que poderia demorar muito. A cara de Samael começou a se contorcer em sofrimento, ele gritou e nem uma folha ousou cair. Mesmo com o rosto em fúria, Samael continuou sustentando o olhar de Abyss, mal ousando piscar. Os detalhes roxos no rosto de Abyss começaram a se iluminar levemente.

Nunca tinha visto ele em ação, então não sabia muito bem o que esperar. Com o roxo intensificado, seus olhos tomaram a mesma cor, parecendo agi-tados, como se caçassem a informação. De repente, Abyss fraquejou com as mãos nas têmporas.

— Abyss? — chamei-o.

Ao encontrar os seus olhos, vejo apenas o vazio. O roxo aconchegante ex-tinto, assim como qualquer sentimento. Não podia lê-lo. Não me lembro de uma única vez que ele me lançou um olhar tão frio e indiferente como aquele. Os meus dragões se posicionaram perto de mim.

— Ele é forte demais. — Abyss relatou e ainda mantive o olhar nele.

Eu não acreditava naquilo nem por um instante. Era fácil de perceber o olhar perdido, assim como qualquer movimento do seu corpo. Apostaria minha vida, que se gritasse agora, Abyss não teria reação nenhuma.

O mal que Oem profetizou já se enraizou no clã antes mesmo de Erus perecer.

— Feche — pedi engolindo em seco.

Escutei a pedra se erguendo enquanto uma risada tomou conta do acampamento, encostei no braço de Abyss para chamar sua atenção. O mesmo olhar vazio e indiferente me encarou. Esse não era o garoto de instantes atrás, o garoto que cuidei.

— Você está fraco. Tân vai ficar com você — falei mais para o dragão do que para ele. — Você parece cansado. Deve ter exigido tanto...

Sei que soei repetitiva, mas mesmo assim ele assentiu e parei de falar. Uma parte de mim só queria deixar o meu corpo ser tomado pelo tremor que ameaçava vir. De alguma forma, Samael tomou todo o clã para si. Aprisionou-os em alguma parte da sua mente. Ele tinha domínio sobre eles e ago-ra sobre Abyss. Deveria ter previsto que Samael viraria a situação a seu favor.

Tentei manter o foco nos sentidos aguçados enquanto caminhava para a minha última esperança.

— Gwynt, verifiquem as áreas mais distantes. Tân, não saia do lado de Abyss. Eira, venha comigo. Dadaer, mantenha esses blocos firmes — pedi pausadamente pela ligação, sabia que só podia confiar nos dragões agora.

— Oem — consigo chamá-lo baixinho com medo de ser notada.

— Asha. — a voz de Oem é alta e poderosa como de costume, mas não depois de uma visão.

O dom sempre exigia algo. Os seus olhos cor de prata estavam anuviados, como se estivesse cego. Oem parecia estar sendo guiado por outra pessoa ou ser.

— Você esqueceu de tomar o tônico que fizemos para você. — ele me repreendeu e colocou o frasco em minha mão.

Sempre quando dormia por dias, eles me davam uma espécie de tônico, que me revitalizava, caso passasse tempo demais sem ingerir nada. Algumas gotas enquanto dormia também ajudava.

Mas esses dois dias apagada foram para me renovar, e não acabaram consumindo nada da carga do meu dom como acontecia quando Nestor me convocava. Uma tontura me desestabilizou quando dei alguns passos para trás como um lembrete da Exaustão, me fazendo ir para fora da tenda do ancião. Os poderes que tenho não são infinitos, dependendo de como eu os uso e o quanto estou acostumada.

Precisava fortalecer o uso deles constantemente, e assim, quando precisava usá-lo de forma descontrolada como fiz tentando salvar Erus, o preço não era mais tão alto. Um bom lembrete mental para uma situação como essa.

Tentei mudar a minha respiração para lentar, queria procurar por algum corpo que não estivesse sob o comando dele. Se tinha sobrado alguém.

Escutei rugidos do lado de fora e uma dor irradiou meu corpo. Logo em seguida um grito, que reconheci como sendo da Lynn.

Instintivamente corri, mas mãos fortes seguram meu braço e transformei minha pele em fogo. O grito de Abyss veio seguido da minha liberdade. Continuei correndo para onde escutei o grito, Eira estava em meu encalço. Amy segurava Lynn pelos braços e o antigo líder da Guarda, Korpus, estava prestes a fazê-la engolir algo. O mais agoniante era ver a domadora dos relâmpagos calma, apenas esperando a sua dose de Cegueira.

Isso era obra de Amy, que levantou os olhos antes azuis-claros, agora escuros para mim.

De imediato alguns membros vieram para cima de mim e os empurrei com uma forte rajada de vento fazendo Korpus oscilar por um instante. Lynn pareceu se arrepiar antes de virar os olhos amarelos anuviados para mim.

Engoli em seco e vacilei uns passos para trás.

— Ele pegou todos — sussurrei pela ligação, completamente desesperada, segurando o nó em minha garganta.

Eira rugiu quando Korpus a enfrentou corpo a corpo. Ele possui o dom da força bruta, mas jamais imaginei que ele seria capaz de enfrentar um dragão. A domadora da água não era do tamanho de Tân, mas já ia além das copas das árvores. Um chute na parte de trás do meu joelho me fez cair no chão e Abyss me virou deitada de barriga para cima. Em um movimento ágil dobrou os meus joelhos prendendo-os contra o seu corpo e o meu, enquanto uma mão segurou os meus punhos em um aperto forte, a outra apertou minhas bochechas de forma bruta, assim abrindo minha boca.

— Fujam!

Gritei para os dragões, tentando desesperadamenteme livrar.

— Vá atrás dos outros, fujam.

Abyss parecia impaciente ao trazer meu rosto de volta para o seu. De algum jeito, estava me sentindo traída vendo aquele rosto tão familiar me prendendo e me obrigando a tomar, o que com certeza seria a passagem de entrada para Samael. Meus olhos ameaçavam ficar embaçados com as lágrimas e não via nenhuma reação no rosto dele. Meu corpo parecia ter esquecido como reagia.

Não era ele.

Um grito de dor saiu da minha boca. Uma ardência forte latejada na palma da minha mão esquerda, logo senti algo quente e úmido se empoçando ali. De imediato o cansaço tomou conta do meu corpo, que parecia pesar toneladas agora. O ar parecia nulo e a visão fraca.

Não, não, não!

Mal tive tempo e Lynn deslizou o líquido na minha boca. Eu segurei o líquido mesmo com a domadora dos relâmpagos segurando os meus lábios, logo que Abyss tampou o meu nariz querendo me obrigar a engolir.

De longe escutei pedras sendo movidas e minhas lágrimas escaparam de tanta frustração.

— Eu sabia que seria difícil te enganar, querida. — a voz de Samael soou alta. — Afinal, fui eu que te treinei bem, mas você insiste em amá-los e esse é o seu ponto fraco. — ele apareceu em meu campo de visão. — Pare de lutar, nós vamos dominar o Reino agora, e juntos, como sempre deveria ter sido.

— Fujam. Arranjem um jeito e fujam!

— Sabe esse líquido que você está tentando não engolir? — ele diz de uma forma divertida, enquanto eu sentia meus pulmões clamarem por ar. — São algumas amigas que vão me ajudar a ter vocês do meu lado. — Samael salientou as palavras se abaixando ao meu lado e acariciou o meu rosto. — Agora temos você e os dragões, vamos ver se aquele tal rei tem algo a dizer agora.

A única parte que Samael errou é o meu dom. Ele realmente acredita que o tem, mas existe uma linha tênue entre controlar e ser obedecido. O meu comando é único e ele não poderia se passar por mim para chegar na ligação, mesmo que tenha o meu corpo. Com as últimas forças que me restavam, fortifiquei o muro que existia em minha mente.

Tive êxito, antes da desesperança e frio, muito frio me invadirem. Fui levada às lembranças da morte de Michii, da minha mãe, de Erus, as rejeições do meu clã, Abyss me atacando. Tudo passava pela minha mente dolorosa-mente devagar, revivendo cada sentimento que afundou o meu coração até a escuridão me engolir.

CAPÍTULO 22

Parecia que eu estava submersa de novo, mas ao contrário do conforto falso, encontrei agonia gélida e cortante. Encolhia o meu corpo em busca de calor, querendo me abraçar, entretanto, parecia que o meu calor corporal havia sido roubado.

Mesmo assim não me impedia de procurar por algo quente. Além disso, minha mente parecia presa remoendo os acontecimentos recentes. Samael começou a dominar os membros bem antes de eu chegar da expedição e aproveitou a minha inconsciência para terminar aquele trabalho sujo. E Korpus era o seu infiltrado, o que deve ter dado o líquido escondido para as pessoas.

Pensava que ele me desdenhava por me achar fraca demais para o meu dom, como se não fosse digna. É o que acontecia com mulheres que pos-suíam dons fortes, certos homens não achavam o suficiente para ser a domadora. Acreditei que esse era o caso do antigo líder da Guarda. Uma pequena dose disso somada a outra grande de Samael.

Eu queria entender qual era o plano dele para que pudesse bolar o meu. E também precisava saber como lidar com tantas garras escuras como o cou-ro que usava. Elas prendiam minhas pernas e mãos, dominando uma boa parte. Eu me encontrava de joelhos em uma noite sem fim, até que depois de tempos consegui enxergar grama, que não parecia mais tão verde como antes. Tentei olhar em volta, mas minha cabeça não me obedeceu de imediato. Custou um riso ecoando na escuridão para o movimento acontecer e eu conseguir ver; a natureza parecia me mandar uma mensagem silenciosa com a sua quietude e falta de vida.

Com certeza não apaguei por muito tempo, pois Lynn e Amy se encontram no mesmo local e Korpus estava sentado aonde tinha sido derrubado.

E sem nenhum dragão a vista, meu coração inteiro pesou e as garras avançaram, fincando em meus membros. Ele não teria os matados, teria? Minha mente assume o pior e as garras cravam mais fundo em minha pele em um aviso prévio da tortura que estava por vir.

Samael é muita coisa, menos burro.

Suprimi o grito de dor e o meu corpo começou a se mover sem nenhum comando meu e se dirigiu para Samael com facilidade. Eu conseguia ver e sentir, mas não tinha autonomia sobre o meu próprio corpo. Sem pensar muito, tentei puxar os meus membros jogando o meu corpo para frente, as garras pareceram se estender acompanhando o meu movimento.

— Querida — Samael me cumprimentou. — Você estar comportada deste jeito me traz boas lembranças.

— Ela estava tentando entender como conseguiu dominar todos.

A minha voz saiu sem permissão e sem vida, sentimento ou personalidade alguma. Apenas minha voz crua. Samael riu com deleite.

— Korpus tomou conta de alguns membros antes de você chegar e depois aproveitou a sua Exaustão, mas tinham alguns resistentes. O garoto ali — apontou para Abyss. — Não bebia nada que os outros davam, pareceu erguer uma muralha. Ele já suspeitava de algo ou não, de qualquer forma, muito esperto. Talvez dessa vez tenha escolhido bem. E as garotas — voltou a atenção para Amy e Lynn —, grotescamente ficavam muito juntas, o que não dava muita brecha. Sem contar que uma tem um sistema de autodefesa que parece ter estendido para a outra. — ele disse a palavra com nojo e voltou sua atenção para mim. — E, bom, Oem é velho e me conhece. Entretanto, todos abaixaram a guarda quando você acordou, a eleita, a salvadora deles. — ele bateu as palmas e fez uma reverência para mim. — Dei informações para você sem nexo, como se eu fosse um charlatão, e como previ, você usou o dom do garoto e assim consegui o dominar, o que logo desestabilizaria você, querida. Quando se separou dos seus dragões, viu Oem dominado e uma amiga ajudando a trazer a outra para o nosso lado. — ele

passou saboreando cada parte da lembrança. — E um final majestoso com Oem te ferindo no seu único lugar vulnerável, e depois os seus dois novos amigos te entregando para mim. — Samael colocou as mãos onde supostamente estaria seu coração e sorriu vitorioso. — Eu gosto deles. Sempre importante ter amigos inteligentes. Estão aprovados!

Samael diz de forma irônica e sai do meu campo de visão. Aproveitei o momento para olhar em cada rosto conhecido, todos tinham uma expressão impassível. Acredito que também me encontrava desse jeito, mesmo que em minha mente, onde me encontrava presa, agora estava desamparada e chocada com a perversidade dele. Samael planejou tudo. Desde quando? Samael estava sempre a um passo à minha frente e eu nunca aprendia.

— Eu sou seu novo líder! — Samael comemorou alto. Cerimonialmente, ele se levantou do pequeno trono de pedra na frente da tenda do Líder Aliar, que parecia ter mandado fazer especialmente para ele porque Erus não tinha um desse, e mexeu suas mãos em um floreio para o fogo azul formar uma coroa em sua cabeça e tomar o seu trono sem realmente consumi-lo, apenas para se exibir. — Vocês lutarão comigo na Última Batalha que está por vir. — Mãos em punho se ergueram, comemorando, inclusive a minha. — Vocês obedecerão a mim, servirão a mim. — por um mísero instante consegui ver fios azulados estender de cada membro do clã até Samael. — Vamos derrotar todos os Arfenol e tomar a Ilha da Fissura!

Ele tinha o domínio de todos.

Uma urra surgiu das gargantas do meu povo enquanto tentava observar um por um. Eu sabia que tudo o que eles queriam era um lar seguro e tran-quilo, uma vida normal e sem perseguições, e que seriam capazes de tudo, mas eles não eram assim. Entendia que eram os seres dentro deles que estavam comemorando e nada disso diminuía o horror que sentia com essa cena.

Dragão ou não, espero que Nestor ainda esteja conosco. Não cheguei a conhecer Rae e Perii como o Senhor da Luz, mas acreditava que as criaturas olhavam por nós. Ou não.

No atual momento, presa em minha própria mente, não sabia por quem chamar.

Não fazia ideia de quantos dias os outros membros ficaram desse jeito, o quão dominados estão pelas garras, mas eles precisavam lutar. Querendo ou não, estávamos cegos porque nosso corpo não nos responde e agimos cegamente por Samael.

Tinha a sensação de que algo me espreitava, apenas esperando para dar o bote, enquanto a minha vida passa bem na sua frente, como se não fosse nada além de folhas sendo levadas pelo vento. Sem controle algum.

— Você comandará, Asha. — Samael chamou a minha atenção. — Você com os seus dragões será a nossa chance mais precisa, tenho certeza disso. — Ele sorriu vitorioso focado em mim e não para a escuridão que me do-minava. Queria me testar, queria ver se conseguia retrucar e por mais que trinquei meus dentes, meus punhos se fecharam em minha mente. Mas na realidade não fiz nada além de concordar. — Você sempre foi a mais forte de todos nós. Se não, o Aliar mais forte que já existiu. Omen disse na cerimônia, e é verdade, você é especial. A eleita. — as últimas palavras dançam na sua boca como uma armadilha. — Você irá recuperar aquilo que nos foi roubado a muito tempo, eleita. Você irá representar a minha fúria e a morte virá.

Sabia que o meu corpo não demonstrava nada, mas meu coração foi tomado por desespero. Fúria é um dos sentimentos que despertava a minha maldição e tinha que me controlar. Ele iria muito bem tirar proveito desta situação.

Mesmo com as mãos e pernas presas, lutei contra aquelas garras que me prendiam e procurei pela ligação com os dragões. Eu precisava sair dali antes que fosse tarde demais. Antes que as garras da maldição se prendam em mim de um jeito profundo demais para arrancar.

Grande mal irá se apoderar de vocês, eleita. Precisa sentir e emergir das cinzas.

As palavras de Oem ecoam em minha mente.

"É horrível, Asha. Eu não consigo ver nada!"

Rae e Perii poderia ter usado o dom de Oem para me dar dicas do que iria acontecer? O ancião disse que não conseguiria ver e a Cegueira é isso. Os nos-sos corpos não conseguiam enxergar de verdade como uma pessoa normal, e não uma possuída. Cegueira, era isso que Samael queria. Assim estava à mercê dele e dessa escuridão porque as supostas amigas dele tomaram posse dos nossos corpos.

Precisa sentir e emergir das cinzas.

Ao pensar nisso, a escuridão me derrubou.

Despertei em pura agonia, mas apenas em minha mente, enquanto o meu corpo estava andando na trilha para a Ilha da Fissura. Sabia da nossa localização por causa das plantas. Ao Leste, temos mais árvores e plantas próximas umas das outras enquanto ao Norte a vegetação é mais dispersa e escassa, o que logo começaríamos a ver também, já temos que ir para Leste e depois seguir ao Norte.

Precisa sentir e emergir das cinzas.

Lembrei da frase como se fosse algo urgente, e era. Precisava entender o que Rae e Perii queriam dizer com isso.

Como Samael mandou, eu estava liderando, então assim que o sol se pôs, ordenei que montassem acampamento. Literalmente foi uma ordem e não uma conversa, que geralmente preferiria ter, pelo menos com quem sabia que entendia mais de expedições e seus riscos.

Entendi que a escuridão também poderia me apagar, se assim quisesse, e meu corpo ainda assim continuaria em movimento. Como fez da última vez, quando pensei nas palavras de Oem é algo dentro de mim dizia que Rae e Perii tinham mandado.

Não acredito que a escuridão possa ler meus pensamentos mesmo estando em meu corpo. Não. É como se ela pudesse controlar tudo em mim, menos a minha mente. Então acredito que seja mais a intenção que emano, e naquele momento

estava eufórica sem saber o motivo, ela me apagou. Preciso ser mais cuidadosa.

Olhando em volta, observando a trilha percebo que a escuridão me deixou desacordada por dias. Só não saberia dizer quantos, porque não sei em que parte da trilha estamos. Mas ela tinha esse ponto ao seu favor e eu precisava arranjar um jeito de não dormir mais.

Um assobio chamou a minha atenção e os dragões apareceram na minha frente. O chamado pareceu frio, distante e seco. A minha boca mexeu dando ordens para protegerem o local do acampamento, e se algum inimigo se aproximasse, eles podiam atacar sem questionamento e pareciam apenas acatar as ordens. Ordens que não eram minhas, eles tinham que saber disso. Deveriam.

Consegui ver o descontentamento deles. Matar simplesmente para mostrar que podiam, assim como Samael fez durante esses dezessete ciclos.

Diferente dos outros olhos que vi, os deles não estavam anuviados e distantes. Samael não conseguiria corromper animais lendários. A não ser que... De imediato, balancei a cabeça. Não permitiria que eles tivessem um final como o de Mea, mesmo não sabendo exatamente o que Cig fez.

— Vocês me escutam?

Sem respostas.

— Vocês sabem o que acontece, caso não me obedecerem, certo?

A voz saiu da minha boca e ainda soava estranha aos meus ouvidos. Se eles responderam, não consegui escutar. Curiosa, vasculhei em seus corpos para ver se estavam torturando-os ou algo do tipo, mas nada. Podia não ter a ligação, porém conheço os meus dragões e por isso não conseguia entender o motivo de a obedecerem sem questionar.

Mesmo perante essa situação, um peso dos meus ombros foi tirado. Seja qual foi o jeito que Cig fez com que Mea falecesse, parecia estar bem escondi-do e que ficasse desse jeito. Os meus dragões estavam bem.

Confesso que uma grande parte minha tinha esperança de que, de alguma forma, a nossa ligação estivesse intacta e podíamos sair dessa juntos. Mas não. Fui tola de colocar fé nessa ideia, sendo que Samael me prendeu aqui. Precisava de um novo plano.

O que eles tinham para fazê-los obedecer?

A questão começou a serpentear minha mente e tentei criar hipóteses, enquanto testava mais uma vez as garras daquele lugar. Elas não avançaram ou regrediram em meu corpo. Então existia alguma motivação por trás do movimento delas.

— Temos você, querida.

Uma voz grotesca ressoou fazendo meus ossos gelarem. Suspirei arre-piando o corpo. Então aquela era a verdadeira voz da escuridão.

— Vocês não fizeram nada comigo, além de me jogar na Cegueira.

Dei uma resposta óbvia para conseguir mais respostas, quanto mais me-lhor. Acredito que Samael e essa escuridão possuem um ponto fraco: o ego. Precisava subjugá-los à soberba. O teste oficial seria com essa escuridão que reivindicou o meu corpo.

— Não é isso que eles pensam.

Um riso prazeroso ecoou e me arrepiei.

Com pequenas cenas a escuridão me mostrou o que realmente queria dizer. Uma versão minha presa do mesmo jeito que estou, estava ensanguentada, gritava, chorava e implorava por misericórdia como se tivesse me torturado por causa da desobediência dos dragões, e se repetissem essa atitude ela iria infligir uma dor nova em mim. Para mostrar essa imagem minha, me pergunto quantas vezes os meus dragões desafiaram a eles e quantos dias a escuridão me deixou desacordada.

— Vamos ser boas amigas, Asha. Pode me chamar de Cyffy.

Em um movimento de repúdio, me afastei dela rastejando para trás. Não tinha dúvidas de que os usariam para cometer atrocidades, as quais eles não concordariam, mas fariam por mim sem pensar duas vezes.

Se ela já conseguia mostrar imagens pela ligação, quanto tempo demoraria para conseguir controlar os elementos? Estavam me usando para conseguir o dom dos dragões, e não podia deixar isso acontecer.

Dragões são criaturas divinas. São animais puros e leais, estariam dispostos a fazer qualquer coisa para me manter segura, caso não achassem ou-tra alternativa.

Uma força bruta e uma ira tomou conta de mim me levantando, e me fazendo gritar e correr em busca de assumir o controle do meu corpo novamente. Se conseguisse pelo menos falar com eles, nem que seja por uma fração de instante, eles saberiam de tudo.

O instinto protetor e o ódio por Samael e suas criaturas me invadiu. Peguei minha mente desejando tê-lo matado naquele momento, assim nenhum de nós estaríamos correndo esse risco agora. A culpa pesou os meus ombros novamente.

Mostrava os meus dentes a cada passo contra aquela escuridão. Comecei a preparar o meu corpo para uma possível Exaustão, assim que recuperasse o comando do meu corpo. Desta vez eu não hesitaria em matá-lo.

Aquela espécie de escuridão que me rodeava começou a ser iluminada a cada passo que dava em direção à visão. Subitamente, as garras pareceram cravar dentes em meus membros. Ficando bem mais firmes do que a minha própria ira, o meu próprio ódio por Samael.

Ira. Ódio. Samael.

Fraquejei e mais garras pretas agarraram o meu corpo me puxando para longe daquela luz. Não tive outra opção a não ser deixar que me arrastassem para longe, enquanto me sentia desapontada comigo mesma por ter caído na mesma armadilha de sempre.

Realmente já tinha aprendido, mas naquele momento me vi tão cega por vingança. A única diferença é que presa em minha mente, não tinha o formi-gamento para me alertar, só minha própria consciência.

— Obrigada, Mulher Dragão, pois essa dosagem foi fortalecedora. — a voz apenas endossou o meu

desapontamento e consegui gritar, frustrada.

Tudo bem sentir os sentimentos ruins, mas a diferença está em minha atitude, e a que tomei foi equivalente as de Samael.

A situação fez com que me sentisse derrotada, como se toda a minha energia estivesse esgotada. Cheguei a desejar passar o título de eleita para outra pessoa, uma capaz de aprender o porquê dos seus erros. Nesse curto espaço de tempo eu senti, e senti muito, muito para um lado que não deveria ter ido, e tive uma atitude que só favorecia o meu inimigo. Os sentimentos ruins me arrastaram de volta e Cyffy fez questão de me apagar. E eu permiti, prometendo a mim mesma que tentaria de novo, e desta vez do jeito certo.

CAPÍTULO 23

Era um deserto com a areia da mesma cor que o céu noturno, e era pegajosa. Existiam poucas árvores e plantas espalhadas, mas estavam todas secas deixando o local sem vida. Sussurros acompanhavam o frio deixando uma presença angustiante ali.

O ar parecia estagnado, como se nem ele queria estar naquele lugar. Sem pedras, sem calor e sem dragões. Olhando em volta pude ver que estava sozinha e não demorou para o sentimento pesar em mim. Indigna, suja, nojenta, solitária e sem esperança de sair dali. Os sentimentos foram aparecendo e pesando um por um.

Depois de andar pela areia pegajosa, avistei um lago com um líquido tão espesso quanto e tão escuro como os olhos de Samael. De repente não estava mais sozinha, as criaturas de Samael apareceram e estavam raquíticas bebendo do lago, como se suas vidas dependessem disso, e outras passavam ao meu redor. Mesmo sem me tocar conseguia sentir a frieza, a fome e a expectativa que tinham por eu estar ali.

Ao contrário dos sonhos com Nestor, sentia que não pertencia a esse lugar. Mal ousei dar dois passos à frente quando as criaturas me olharam. Queriam tirar qualquer pedaço de mim, desde os bons até os ruins, e isso me fazia tentar dar dois passos para trás.

Eu queria me esconder.

Mesmo com medo, sabia que tinha que me mover e não ficar estática. Ficar parada seria a pior escolha para mim e a melhor para elas. E eu realmente não queria ser uma presa fácil, então, mesmo com o desespero fazendo meu coração parecer estar na garganta, eu caminhei em passos curtos, mas precisos. Não tinha noção em que parte da noite estava, porque o céu permanecia escuro como se só existisse a noite ali. Única e solitária.

Cada passo fazia a caminhada parecer eterna, enquanto escutava ecos de gritos até perceber que eram pessoas implorando, lamuriando, chorando e pedidos de misericórdia. Procurei por elas e nada. Pareciam estar aqui, em algum lugar, mas não as via.

Os seus sentimentos eram tão intensos que invadiam o meu corpo. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. O sentimento mais puro de tristeza. Cruzei os meus braços em frente ao meu peito, em busca de conforto, enquanto repetia em minha mente os nomes de quem um dia me salvou.

Cora, Erus, Oem, Axia, Michii, Amy, Tân, Gwynt, Abyss, Lynn, Eira, Da-daer. Nestor.

Os nomes se tornaram uma prece silenciosa em minha mente, porém ainda assim sentia medo de morrer ali, de não ver mais meus dragões, meus amigos. De alguma forma, parecia tão certo aquele destino para mim, que assim que esse sentimento me invadia, recomeçava a recitar os nomes com o mesmo fervor de antes, mas algo aqueceu o meu coração e acrescentei em minha pequena lista:

Rae e Perii.

Não fazia ideia de quem realmente era, mas elas já se conectaram comigo e me ajudaram, então o mínimo seria adicioná-las naquela lista.

Pelo raciocínio óbvio, aquele lugar parecia com o dos meus sonhos. Só que ao invés de ser chamada pelo Nestor, talvez Cig tenha me chamado. Era a única explicação que conseguia achar.

— Para um subordinado ínfimo, até que ele fez e marcou alguém digno da minha grandeza. — a voz é forte e cheia de soberba. Não precisei vê-lo para saber onde estava, conseguia sentir o seu ego antes mesmo de precisar ver o seu corpo um pouco mais adiante de mim. — Embora traga os nomes desses traidores para o meu Reino, e ainda tenha esses sentimentos podres, Mulher Dragão, mande meus parabéns a Samael.

— Por ser um subordinado ínfimo?

A risada desdenhosa dele ecoou pelo deserto escuro, silenciando qualquer outro ser. Ninguém ousaria enfrentá-lo.

Não sei exatamente onde está-vamos e o que ele queria dizer com o Reino dele, e queria descobrir no mesmo nível que queria sair dali.

Forcei os meus olhos para conseguir vê-lo. Eu o encararia ali, não seria uma garota medrosa — mesmo que estivesse morrendo de medo! Nestor tinha os cabelos da cor da areia dos Desertos Desconhecidos, assim como os olhos, que possuíam um formato mais anguloso. Cig parecia uma cópia de Nestor, as únicas mudanças eram os cabelos e olhos escuros como o solo do Mato Vedado. De resto, todas as suas feições eram parecidas. Sabia que eram irmãos, mas não que fossem tão parecidos. Será que eram do mesmo ciclo?

— É um enorme prazer conhecê-la e mal posso esperar para te encontrar novamente. — um sorriso tenebroso tomou o lugar da risada enquanto os olhos escuros me fitavam com intensidade demais. Chamei por Rae e Perii, se elas eram mesmo os verdadeiros Seres Celestiais agora seria uma ótima hora para mostrar. — Aproveite o seu tempo com o meu querido irmão, porque quando formos um... Ele não existirá mais.

Ainda estava escuro ou parecia estar. Encarava uma floresta escassa e dominada pela noite. Não sabia quantos dias tinham passado desde que a escu-ridão me reivindicou e eu deixei, sem resistir. Neguei com a cabeça, frustrada com a minha própria reação naquele dia, e logo depois o encontro com Cig.

Por ter sido um chamado parecido com o de Nestor possivelmente não foram poucos os dias que se passaram. Mais um motivo para achar outro jeito de retomar o comando do meu corpo, e com urgência.

— Nossa princesa está se comportando bem? — a voz de Samael soou próxima, mas ele não estava ali.

Era uma daquelas criaturas vindas do meio das árvores secas. Não sei como ele fazia isso, mas tirando como base o

meu próprio dom, talvez as criaturas fizessem parte dele como o fogo naquele dia da passagem de Michii, que encontraram o seu caminho para mim como se fôssemos ligados. E erámos, nossa ponte era Tân. Algo parecido deve ser o poder de Samael, só que ao invés de ser elemento, ele consegue torná-las em algo vivo. E por ter que perguntar, o mesmo não acontecia com a escuridão que colocou em nós.

— Ela está lutando.

— Querida — ele me chamou. —Por favor, colabore — pediu com uma voz dengosa, o que me deu vontade de vomitar. — Estou querendo construir o nosso império da maneira certa. Logo você será a princesa de Cig.

Princesa de Cig.

Desta vez, poderia realmente vomitar, caso não estivesse apenas presa em minha própria mente. Eu não queria ser a princesa dele nem agora e nem em mil ciclos. Pensei em Cig e em todas as suas características parecidas com a de Nestor. Com certeza o Senhor da Luz poderia saber sobre isso, ou Rae e

Perii. Precisava de explicações.

...Quando formos um...

A voz de Cig retornou.

— Ela quer vomitar.

A tal Cyffy disse. Então ela podia transmitir o que acontecia aqui dentro, caso quisesse ou fosse oportuno para ela. Agora só queria se aproveitar com a minha situação, com o divertimento incluso.

Se aproveitar. Será que ao invés de fingirem que eu gritei, ela apenas transmitiu minha agonia de estar aqui dentro para os dragões? Ou apenas criou a imagem com algum tipo dom da escuridão que Samael lhe deu? De todos os jeitos, é uma desgraçada!

— Agora está irritada.

Um riso sombrio saiu do bico da criatura, assim como ressoou em minha volta.

— Princesa amaldiçoada, Cig agradece.

Suas palavras chamaram a minha atenção e me forcei a respirar fundo e tentei fechar os olhos para aquela cena. Ter o controle de ver ou não uma cena era melhor do que ser apagada, então me comportei.

— Cig se encontrou com ela.

— Espero que não tenha chateado nosso Senhor das Sombras. Afinal, vocês serão companheiros de ciclos.

Mais uma risada saiu da criatura. E tentei apenas ignorá-la. Companheiros, esse era um termo usado para pessoas que dividem uma vida juntos porque são ligados a esse ponto. São pessoas que se amam.

Despistei o pensamento. Conhecendo um pouco da personalidade covarde de Samael, ele nos mandou na frente para enfrentar os habitantes da Ilha da Fissura, assim não precisaria sujar suas mãos ou gastar o seu dom.

— Amanhã é o grande dia. Use a ira dela para dizimar a Ilha, eles não foram bons amigos recentemente.

Com isso, a criatura voltou a agir curvada como uma ave humanoide. Samael tinha saído de seu corpo. Ele se foi, me deixando cheia de questionamentos.

Nunca tinha pedido por isso, mas desta vez pedi para que Nestor me chamasse de novo para um dos seus sonhos. Precisava desesperadamente de respostas e já conseguíamos ver um pedaço da Ilha da Fissura, o que significava que não podia me dar o luxo de ficar mais alguns dias apagada.

Com essa decisão, Cyffy percebeu minha esperança e me apagou.

CAPÍTULO 24

Questiono vendo duas sombras em um lugar indefinido:

— Cig mandou vocês?

Eu flutuava, assim como Gwynt fazia, suspensa no ar. Ao dar uma olhada ao redor percebi que estava no mesmo lugar de sempre: na minha mente. Só que não tinha visão e nem garras, apenas eu e as duas sombras, que começaram a bateram asas, e se aproximaram de mim. Dragões. Eram dragões.

— Aquele infeliz... — o dragão cor do céu noturno resmungou. — É mais fácil eu mandar nele!

— Se controle, Perii. — o outro dragão totalmente branco se fez pre-sente.

Ambos tinham uma coisa em comum: o olho vermelho. E suas vozes eram as femininas que cantaram sobre a Foz do Rio.

Periii tinha escamas grandes e grosseiras, os seus chifres são bem maiores que os dos meus dragões. E as suas asas tinham pontas afiadas nas extremidades tornando-as ameaçadoras e sua cauda se estendia com escamas pontiagudas acompanhando até o seu pescoço. Rae era mais delicada aos olhos, com o corpo longo e escamas brancas menores, também possuía escamas descendo em sua coluna, mas tinham as pontas arredondas e o seu rabo tinha apenas uma lateral com uma pelugem também branca.

— Eleita, você precisa despertar da Cegueira!

— Como? — consegui questionar.

— Você sabe como! — Perii se sobressaltou.

— Só fez errado. — Rae tentou amenizar as palavras da outra.

— É, humanos tendem a fazer esse tipo de coisa.

A voz de Perii carregava puro descontentamento com o meu erro. Eu senti isso em cada parte de mim, mas não era algo ruim já que ela só queria me ajudar a achar a saída.

— O que eu fiz exatamente? — realmente queria entender para fazer certo quando despertasse. — Eu estou presa a não sei quantos dias...

— Uns quarenta e poucos. — Perii responde de imediato, mas seu tom distante, como se tivesse perdido as contas.

— Quarenta?!

— Você... — Rae começa a repreender a outra. — Não deveríamos tê-la convocado.

— Ela pediu! — Perii se defendeu.

— Eu pedi — confirmo.

— Desperte logo, Mulher Dragão! — Rae me devolveu.

— Sim, Asha, desperte logo e use aquelas coisas que te fazem humana. — Perii finalizou.

Minha visão captou um movimento circular entre elas como se mesclassem, aumentando a velocidade aos poucos até explodirem em um brilho.

Não foi um sonho. Era como se as duas estivessem ali na mente comigo. E isso não importava, a Ilha da Fissura estava logo em frente. Recebeu esse nome porque um pedaço de terra se deslocou para cima depois da Grande Batalha, e por ter sido um efeito não natural, o pedaço elevado de terra tinha uma fissura que acabou dividindo-o no meio.

— Você vai coordenar, Asha. — Consolio chamou a minha atenção. Percebi que é a primeira vez que escuto a voz de outra pessoa presa na Cegueira e estava sem emoção nenhuma. Geralmente ele me animaria com qualquer que fosse sua estratégia. — Com alguns golpes dos seus dragões dominaremos a Ilha da Fissura sem problema nenhum.

A escuridão parecia se alimentar da expectativa que tinha no ar, da sensação que coçava em minha pele. Meus punhos fecharam.

Dominaremos a Ilha da Fissura sem problema nenhum.

Suas palavras dançam em minha mente, enquanto sentia algo coçar nas palmas das minhas mãos. Lembranças começaram a invadir minha mente, e com todas as minhas forças, tentava expulsá-las. Não queria reviver cenas e sentimentos que iriam intensificar a maldição. Era exatamente isso que eles queriam...

Os Arfenol nos matam, nos perseguiram por toda nossa existência e esse ato que estamos fazendo é sobrevivência também. Sempre estamos em busca de algum lugar para morar, para viver em paz!

Essas palavras podiam ser facilmente da antiga Asha, a que aceitou a exclusão e estava abraçando a maldição. Meu sangue começou a pulsar forte e uma ânsia de poder ameaçou me dominar, mas essas palavras realmente tinham passado pela minha mente certa vez.

Precisava parar aquela tempestade que ela estava causando em mim, de propósito. Eu sentia um acúmulo de sentimento surgindo em meu peito. Eu queria gritar, porém minha voz estava presa. A escuridão parecia me cobrir com um manto, no qual não conseguia escutar, sentir e fazer nada além do que Cyffy queria. E eu estava ardendo em fúria!

Os Arfenol nos submeteram por muito tempo e isso acabaria hoje!

Cyffy estava liberando coisas há muito enterradas, porém os sentimentos endossavam o plano de hoje. Com um sentimento arrebatador correndo em minhas veias, os meus passos em direção ao terreno enviavam pequenos tremores pela terra. Dentro da Fissura, existia uma pequena vila, que tinha as suas casas e lugares todos escavados nas pedras que se estendiam do planalto, com escadas também modeladas por mãos humanas. Era mil vezes melhor que um pedaço de tecido erguido por gravetos.

A vila em si era constituída por um pequeno corredor, que desembocava em suas casas e provavelmente terminava no pequeno castelo de pedra do seu governador, mas isso não era realmente um problema.

Eira e Dadaer ficam ao meu lado e meus amigos em meus flancos. Dessa vez, a escuridão não usou a ligação. Queria que todos ouvissem acima dos gritos que já começaram a surgir.

Esse é o momento em que a Mulher Dragão realmente nasce para o restante do Reino Nefir. A escuridão realmente obrigou os dragões a usarem os seus elementos e era nítido o descontentamento. Não era assim que imaginei a minha primeira aparição com os dragões para o Reino.

— Gwynt! — o berro saiu como um rugido, que os dragões ao meu lado endossaram com os seus.

O dragão branco desceu do céu em uma velocidade alta, surpreendendo ao invadir a pequena vila com redemoinhos gigantescos feitos pelas suas asas. As pessoas gritavam histericamente. Gwynt controlava seu dom para não destruir as construções, apenas atacar o objetivo: os Arfenol.

Ao escutar mais gritos e choros de angústia supus que Abyss já começara a criar os abismos. Com um prazer nojento, conseguia imaginar as pessoas preferindo morrer de qualquer outro modo, menos daquele; na sua própria mente. Por um momento não conseguia discernir de onde vinha a satisfação de matar os Arfenol. Não só eles, mas humanos, e sabia que isso não vinha de mim.

Não sou eu.

Lágrimas inundaram o meu rosto enquanto tentava procurar algum consolo, algum ombro amigo. Cora. Michii. Erus.

— Dadaer!

Um grunhido acompanhou as minhas mãos batendo no chão, causando um terremoto suficiente para as pessoas que fugiram, caírem. Ninguém iria a nenhum lugar, não sob o comando dela.

Cada grito, cada coração que parava enviava uma onda de satisfação pelo meu corpo.

Eu vomitei.

Ela tomou um tempo para respirar fundo e analisar. Os soldados inva-diam casas e todos os lugares para atirar as pessoas em nosso campo de visão. Eles não tinham o comando de executar ninguém, só se fosse de extrema emergência.

Samael queria que a morte dos inocentes pesasse em nós.

Eu parei na frente deles, e observei as casas cavadas enquanto eles imploravam. As moradias pareciam velhas, mas confortáveis. Podíamos morar lá. Cerrei os meus punhos enquanto os soldados confirmavam que já tinham tirado todos das casas.

Cyffy estava usando palavras chaves para atiçar uma parte minha que pensei ter enterrado há muito tempo, quando vi os Arfenol parados, com medo, sem treinamento algum para se protegerem.

Covarde!

Gritei em minha mente. Eu vi a nós mesmos, os Aliar, fugindo para garantir a própria vida e as dos entes. É muita covardia atacar alguém sem motivo algum e sem dar a chance de revidar. Atacar inocentes era fácil demais.

O que adiantava ser a Mulher Dragão, sendo que estou presa e a única coisa que consigo fazer é sentir?

Eles estavam paralisados com medo, os soldados se posicionaram fechando-os e à Cyffy em um círculo. Ela se demorou olhando os rostos pálidos, cabelos e olhos escuros a encaravam com terror. Anciões, homens, mulheres e crianças. A escuridão me deu tempo o suficiente para memorizar os rostos, então, fechando a mão em punho lentamente gritou:

— Eira!

Com um simples comando, Eira os sufocou com água, e logo em seguida congelou. Seus corpos caíram inertes no chão. Mesmo com a onda de prazer rondando o meu corpo, ela estava se sentindo entediada com aqueles gritos, choros e terror. Então fez um último pedido:

— Tân e Lynn, acabem logo com isso.

O dragão vermelho colocou fogo em qualquer humano que restasse, estivesse vivo ou morto, assim como Lynn eletrocutou os que via, torrando os corpos. Logo que viraram pó, então Eira invadiu a cidade com água, o suficiente para limpar o estrago.

Em questão de instantes, tomaram a vila. Ou quase.

Cyffy olhou para cima vendo o simples castelo de pedra, e sem hesitar, ela disse pela ligação dessa vez:

— Me levem lá para cima. Eu escutei.

Efetivamente escutei.

Voltei os meus olhos para as minhas mãos. As antigas garras escuras da maldição estavam tomando os meus braços com agilidade. Uma parte de mim quis enlouquecer com o que estava acontecendo e outra lembrou o que Samael disse à Cyffy: amanhã é o grande dia. Use a ira dela para dizimar a Ilha da Fissura, eles não foram bons amigos recentemente.

Mesmo sabendo dos planos, eu não revidei. Eu não liguei os pontos do que Samael tinha dito, poderia ter tirado proveito, ao invés disso, deixei que se aproveitasse da minha vulnerabilidade escondida, desenterrasse tudo que pudesse atiçar a maldição. As garras em meu braço mostram perfeitamente que aos poucos, estou virando um deles.

A escuridão está me reivindicando, garra por garra.

CAPÍTULO 25

Tân cedeu suas garras para Cyffy se pendurar e depois cair em cima de Gwynt, enquanto os outros dois menores levantaram voo. Escutei berros secos me chamando, mas foram ignorados, enquanto segurava forte nas escamas erguidas que trilhavam a coluna de Gwynt.

Um pouco mais acima de onde tinha as moradas, construíram um castelo para o governador deles. Ele deveria estar lá e ela iria atrás dele. Uma parte minha ainda estava cega de ódio, de raiva, de terror gerado pelos anos agonizantes passados fugindo dos Arfenol, e o governador iria sentir tudo isso em sua própria pele. Era isso o que essa parte e Cyffy gritavam em minha pele.

Gwynt deixou meu corpo pular no topo dos degraus antes de dar meia volta e se posicionar em frente à extensa escada que levava para o castelo jun-to de Tân.

— Fiquem.

Ela ordenou a Eira e Dadaer, que obedeceram, mesmo não gostando da ideia. Os dragões pareciam hesitantes enquanto eu sentia uma pilha de fúria. Se eles pudessem sentir essa parte minha que parecia estar em chamas pela vingança, a que foi alimentada pela escuridão, então também poderiam sentir a outra parte, a minha parte.

Por que não pensei nisso antes? Nossa ligação é grande parte baseada em sentimentos, assim como a maioria das coisas em nossas vidas. Mas muitas vezes não precisamos usar palavras para nos entender, e sim sentimentos. E esse tempo todo dei permissão para ela esconder os meus verdadeiros sentimentos, me espremer em garras.

Não mais.

Mesmo que tenha usado a ira ao meu favor, consegui sair um pouco da escuridão, apesar de ser um sentimento despertado por causa de Cyffy. Deu certo. Só preciso usar o

mesmo ou outro sentimento com outra intenção, e que não a alimente desta vez.

O castelo tanto por fora como por dentro era totalmente de pedra. Primeiro tinha uma câmara com móveis de madeira, como uma mesa grande acompanhadas de cadeiras, as tochas iluminavam o lugar e imaginava que seria assim pelo lugar todo. À esquerda uma escada abria espaço para a área de cima e à direita um portal, a entrada para uma pequena sala de estar com alguns pergaminhos. Consegui ver que existia algo mais à frente desse cômodo, outro portal logo após a mesa, dando acesso ao que seria a sala principal do governador.

Ele estaria lá.

Ampla e iluminada por tochas maiores posicionadas logo ao entrar e perto do trono, escolhido a dedo pelo Rei Rimas, o domador de Aliar. Meu corpo todo se arrepiou, mas afastei esse sentimento.

— Mulher Dragão. — o governador cantarolou o meu nome como se não tivesse assassinado todos os seus súditos, e os últimos soldados se posicionaram à minha volta.

Ela quase riu e eu também, por dentro. Ele tinha dito palavras chaves.

Aquelas coisas que te fazem humana.

Mesmo vendo e escutando o que estava falando, foquei minha atenção em passar uma pequena quantia de amor pela ligação. Mulher Dragão. Se eu tinha escutado Cyffy falar pela ligação, então significa que ela deixou o canal aberto, baixou a guarda.

Precisava fazer isso com calma para dar certo.

— Brenin, certo? — indaguei admirando a chama da tocha à sua esquerda.

— Fico lisonjeado que saiba o meu nome, Mulher Dragão.

— Não...

O fervor cresceu na palma da minha mão esquerda enquanto a mão direita era erguida e fechada em punho fazendo com que raízes imobilizassem os soldados. Ao mover minha mão esquerda diretamente para o meu coração fez com que o fogo da tocha tomasse o primeiro soldado. Ele incendiou rapi-

damente o segundo, o terceiro e até completar a volta em uma fome incontrolável manipulada por ela. E os soldados não conseguiram sair por causa das raízes. Sem querer destruir o castelo, extingui o ar fazendo-o dar voltas no fogo, causando um redemoinho até simplesmente parar de existir, então invoquei água fazendo com que a sujeira tomasse seu rumo para fora. Homens queimados em instantes.

— Não fique.

Em cada evocação que ela fez, eu senti cada um dos meus dragões presentes, o que representavam para mim. Lembrei que o fogo sempre foi tão urgente como meu instinto protetor, o ar é tão presente como a minha fé, a terra firme como meus sentimentos, e por mais que ainda não consegui des-vendar a água, sabia que estava ali.

Tân queimava em minha pele.

Gwynt beijava o meu corpo com uma ventania.

Eira me limpava com uma água fria.

Dadaer me purificava com terra sagrada.

— Asha.

Eles tinham sentido!

Um poder quente, forte e poderoso irradiou do meu coração para o corpo inteiro. O manto da escuridão já tinha se partido quando me ergui e comecei a andar em direção a eles. Aquela coceira em minhas mãos não existia mais, mas ainda tive que forçar as garras que prendiam meus pulsos e tornozelos.

— Asha, volte para nós!

A voz de Tân. Meu coração parecia explodir e lágrimas escorreram, um sorriso roubou a tristeza que se enraizou em mim por todos esses dias. Com os quatro elementos presentes não tinha como ignorar os meus dragões. Eles estavam tentando se comunicar através de nossa ligação. Da ligação que só nós temos e eu não vou abrir mão disso. Do meu dom, deles.

Forcei as garras pretas até a luz.

— Me solte!

Esbravejei enquanto gritava a cada passo em direção à liberdade. Pensando em Tân. Gwynt, Eira. Dadaer. Abyss. Lynn.

Oem. Aqueles que

estavam naquele lado. E também permiti que Michii, Cora e Erus me invadis-sem. Axía e Lena. Eles não são o meu ponto fraco, eles são o meu ponto forte!

O grito saiu de mim, da minha garganta, e foi acompanhado por outro estridente, soando indignado e revoltado.

Antes de tomar consciência das coisas à minha volta, ergui as mãos e soltei todo o fogo que ardia em meu peito naquela sombra que se tornava alguma outra espécie de criatura de Samael. Tinha uma forma de aranha humanoide, com suas oito garras surgindo, e no meio uma forma humana da cintura para cima surgia.

Essa era a verdadeira identidade de Cyffy. Depois da minha expedição com Tân aprendi que elas fogem do fogo, mas agora o nosso fogo era diferente.

Mantive o fogo com a mão direita, enquanto o intensifiquei com o ar sendo direcionado pela mão esquerda. Eu queimaria aquela criatura viva e sabia que precisava fazer isso.

Os sentimentos fortes o expulsaram, mas seriam os nossos elementos que os expulsariam do Reino Nefir. Fogo e ar são as melhores apostas para explodi-lo, mas a terra e a água podiam ser boas combinações também em outra situação. Depois de intensificar os elementos, a criatura enfim come-çou a voar em pedaços queimados.

Uma dor aguda pontuou em meu estômago e cambaleei para trás. A surpresa me fez diminuir a intensidade do golpe. Ela usou uma boa cota do meu dom. Mesmo treinando sempre, combinar os elementos acabava consumindo uma porção maior por falta de prática. Minha visão começou a ficar turva, me fazendo perder o alvo, mas pisquei algumas vezes para melhorar. Não podia sucumbir logo agora, mas vi logo no canto direito da janela central. Um resto...

— Você voltou!

A empolgação de Dadaer era sincera, enquanto Eira fez uma ligeira parede de gelo para eu me escorar. Quando os encontrei, eles já eram grandes o suficiente para alcançarem

copas e, sinceramente, ainda não entendia o crescimento dos dragões, mas os trinta dias ou mais que não os vi surtiu uma grande mudança em sua estatura. Agora eles deveriam se curvar para pegar algo nas copas e não conseguiriam entrar aqui.

Deixei o meu corpo pesar contra a parede de gelo e escorreguei até o chão, recuperando o fôlego e o meu equilíbrio.

— Mantenham a guarda. Apenas me deem um instante — pedi a todos enquanto tentava organizar as ideias.

Consegui descobrir o ponto fraco do meu inimigo, assim como Erus ensinou, e agora só precisava despertar isso no resto do clã Aliar. E como já tinha percebido, Samael não possui um vínculo com essas criaturas, diferente das outras. Mesmo assim não sabia quanto tempo eu tinha até ele ficar sabendo o que tinha acontecido por aquele fiapo de Cyffy.

Então, vi um homem um pouco mais velho que eu sentado em seu trono porque seu rei mandou. Ele estava assustado com o pequeno espetáculo que demos logo à sua frente. Pelo menos, uma parte dele foi feito pela verdadeira Mulher Dragão.

Pensando nisso agora, em nenhum momento a intuição draconiana se fez presente na Cegueira, pois reduziu todos os meus sentidos em nada e não tinha como minha respiração detectar algo, se não tinha nada em minha volta.

Arfei como se algo tivesse sido tirado de mim. Um riso saiu da minha boca, aliviada por ter conseguido retornar ao comando do meu corpo. Mas, ao mesmo tempo, com o coração pesado por causa de tudo que aquela criatu-ra fez. Cyffy dizimou uma vila inteira sem hesitação e usando o meu dom, os meus dragões, os meus amigos e o meu clã. Sabia que não era eu de verdade, mesmo que uma parte entrasse em contradição sobre isso, e o meu coração pesasse tanto.

O governador Brenin estava com os nós dos seus dedos brancos, de tão forte que segurava os braços de seu trono.

Sentindo o coração pesado ainda, empurrei esse sentimento para o fundo dele. Precisava lidar com isso mais tarde, ainda tinha muita coisa a ser feita e consertada. Inclusive eu. Então, com a ajuda da terra, me impulsionei para me levar.

Fingi uma pausa dramática, mas na verdade meu corpo queria descanso, enquanto subia os degraus em frente ao trono.

— Abyss e Lynn estão entrando. — Eira me alertou.

Mal tinha sentido a presença deles. Tinha algo de errado comigo.

Voltei a me aproximar do governador, enquanto as raízes surgiam da terra e enroscavam em suas pernas. Seus olhos se arregalaram e começou a implorar por misericórdia, enquanto eu ficava de costas para entrada e selava meus lábios com os dedos. Pedindo silêncio ao prendê-lo por ora, pela pró-pria segurança dele.

— Você fará um favor para nós — tentei soar medonha como a escuridão.

Seus olhos ficaram confusos com a contradição. Ele realmente iria fazer, mas só depois de eu libertar os meus dois amigos.

— Dadaer, veja se tem mais alguém nesse castelo. Eira, Tân e Gwynt guardem para ninguém mais entrar.

Assim que Abyss e Lynn entraram na sala e avaliaram o estrago feito, envolvi a entrada com caules grossos. Ambos não disseram nada, totalmente estáticos. Ao olhar para seus olhos, confirmei o que já tinha certeza, o vazio. As criaturas ainda estão dentro deles.

— Está tudo limpo. — Abyss se adiantou.

— Amy está avaliando o estado das casas e dos soldados. — Lynn continua.

Eu só consigo olhá-los e desejar que me vissem de verdade.

— O clã Arfenol foi dizimado com sucesso. — Abyss concluiu com um sorriso frio em seu rosto, não chegava aos seus olhos.

— Precisamos de ordens, Mulher Dragão. — Lynn pede.

Assumam o comando do seu corpo! Era isso que eu queria ordenar, mas eu precisava de um plano. Entre os dois, acredito que despertar Abyss seja mais fácil do que Lynn. Temos mais momentos juntos e posso apostar todas as minhas chances neles, e, com a permissão de Rae e Perii, daria tudo certo.

Então assim ele poderia invadir a mente de Lynn e despertá-la. Eu o ajudaria nisso.

Eu só não sei de onde vou tirar energia para tudo isso. Pensando parece bem fácil, mas colocar em prática... Eu cairia em Exaustão assim que desper-tasse Abyss. Que ele despertasse, por favor.

— Vou deixá-lo entrar, mas fiquem atentos. Estou com pouca reserva do dom.

Dei a informação a eles e, como o esperado, assumiram a posição de soldados. Enquanto mantive o Brenin preso, caminhei até Abyss encarando bem os seus olhos e apontei para a minha têmpora. Sussurrei, baixo o suficiente apenas para ele escutar aquelas três palavras:

— Está tudo bem.

O nosso pequeno mantra pessoal. E pedi, silenciosamente com o gesto, para ele entrar em minha mente. A criatura não entenderia isso, mas Abyss, o meu companheiro, iria entender. Essa era a minha esperança.

CAPÍTULO 26

Sustentei o seu olhar e percebi a minha confiança nele osci-lando, e me condenei por isso, mas ao mesmo tempo torcendo para que entendesse aquele sinal simples. Abyss tinha que estar lá dentro em algum lugar e iria reconhecer o gesto, as palavras. Eu preciso acreditar nele. Ele sabe que com a minha proteção e a dos quatro dragões, jamais entraria em minha mente, mas neste instante estou abrindo uma porta para ele como naquele dia.

A única certeza que tenho é que Abyss não cairia sem lutar. Ele é um guerreiro e guerreiros lutam. Assim como eu, aquele cara estava lutando contra a própria escuridão dentro da sua mente naquele exato momento e eu preciso acreditar nele, que vai vencer essa guerra mental.

— Você precisa conseguir. Se não, vou te desacordar e tentar algo na Lynn. — não consegui evitar o tom de ameaça. — Por favor, Abyss.

Não desviei o meu olhar dele por nada, poderia focar totalmente em Abyss, já que Dadaer fazia o resto do trabalho. Precisava de um jeito de manter Brenin e Lynn quietos sem me atrapalhar, então o dragão verde tampou a boca do governador com um caule, enquanto outro se erguia perto de Lynn e liberavam um pólen específico para que desmaiassem, como soli-citei pela ligação mais cedo. E para não se espalhar, Gwynt faria uma espécie de capacete de ar nos dois depois para extingui-lo.

Não importa quão vazio aquele olhar pareça, eu precisava trazê-lo de volta.

Assim que senti sua presença em minha mente, eu o segurei e procurei o que mostrar a ele, algo que despertasse sentimentos o suficiente para acordar. Começando pelo nosso encontro, mostrei cada detalhe em que eu, Tân e Gwynt vivemos para chegar até ele. Depois, quando chegou e todas as

coisas que aconteceram desde a reunião, sua explosão até ele fazer parte da família dos deslocados do clã. A comemoração do meu dom. Nossos olhares. Nossas conversas. Os momentos dele com os dragões, que eu observei. O calor la-tente que sentia em meu peito todas as vezes que seus olhos encontravam os meus. E o fio vermelho que via entre nós, não sabia explicar o que era, então deixei o sentimento explícito.

O sentimento mais puro e verdadeiro que pude transmitir. Já fazia um tempo que sabia e não podia mais esconder. Tanto para mim quanto para salvá-lo. Não sabia se seria capaz de falar, mas mostrar seria mais fácil.

Aos poucos comecei a ver um brilho roxo em seus olhos. Precisava que ele despertasse para colocar todo o meu plano em prática. Eu não conseguiria sem ele. Sentia em cada parte do meu corpo a Exaustão latejando. Estava tão próxima de exigir o preço que não sabia se conseguiria queimar a escuridão de Abyss. Mas sabia que daria um jeito.

Ele estava travando uma guerra. Conseguia sentir a sua agonia pura agora e quando o impasse se fez presente. Ele interrompeu a ligação dos nossos olhares e me abraçou forte. Por um instante fiquei em choque, e no seguinte tomei a atitude como uma oportunidade para mostrar além das nossas mentes; com contato humano.

Naquele exato momento percebi que não podia perdê-lo, por nada. Foi nesse ímpeto que o fio vermelho apareceu e sem pensar duas vezes eu o puxei com força.

— Volta para mim, Abyss.

Sussurrei em seu ouvido, mas não o soltei e também não abri mão daquele fio, que permanecia em minhas mãos. Ele precisava voltar. O fio parecia grande, então continuei puxando, e se fosse preciso enrolaria Abyss comigo.

Consegui sentir não só o meu sentimento, mas o dos dragões também.

Querem ele de volta tanto quanto eu, então deixei eles invadirem a minha mente, como de costume, porém o objetivo deles era o domador de abismo.

— Volta para sua família.

Consegui dizer com os olhos tão apertados que lágrimas voltaram a escorrer. Eu só queria que desse certo.

Mãos fortes seguraram a minha cintura e não consegui distinguir o teor do toque, até que seus dedos cravaram em minha pele. Apertando o meu cor-po contra o seu, me encaixando perfeitamente. Arfei tateando os seus ombros para puxá-lo para mais perto de mim.

— Asha...

O pedido foi um sussurro. Ele estava lutando contra a sua escuridão ainda, apenas o apertei forte como se isso fosse fazer com que aquelas garras pretas o soltassem. Ao mesmo tempo em que pressionava seu corpo contra o meu, puxava aquele bendito fio vermelho sem saber o que realmente significava.

Seria fácil se aquela escuridão fosse como o fogo azul, se eu conseguisse simplesmente extraí-lo dali. Mas era algo pessoal, uma luta individual, cada um tinha a sua própria escuridão para combater e eu precisava respeitar o tempo de Abyss e de todos os outros.

— Você precisa expulsá-lo — voltei a encarar o escasso roxo em seu olho.

— Então eu vou queimar a existência dessa criatura.

O roxo cintilou como se quisesse me responder ou me avisar. Não consegui discernir, Abyss se afastou bruscamente e urrou com joelhos cedendo, espalmou as mãos no chão com tanta força e tive que me conter para não correr ao seu socorro.

Asha, essa luta não é sua. Foque no seu trabalho!

Mais um grito desesperado e ele começou a erguer o corpo. Abyss estava reivindicando, expulsando a escuridão. As minhas veias já tinham começado a queimar a um tempo, mal tinha percebido o brilho incandescente da brasa em minha pele.

Uma sombra bem parecida com Cyffy saiu dele, lentamente desgrudando de seus ombros e indo para trás a fim de se proteger, enquanto já concentrava uma boa dosagem de fogo e ar em cada mão. Os elementos pareciam se enroscar em meus dedos, punhos e no braço como um velho amigo exigindo atenção.

Abyss se abaixou cedendo ao cansaço mais uma vez e eu o agradeci por isso. Minha visão estava livre para focar na sombra. Desta vez, enrosquei caules em minhas pernas para que meu corpo não cedesse e intensifiquei os elementos. Diferente da outra vez, a união dos dois elementos não permaneceu vermelha incandescente, não. Ela começou a escurecer a cada vez que se intensificava.

O grito que ecoou no salão veio da criatura, a qual não dei chance de tomar forma alguma. Não daria chance como acabei dando à Cyffy. As linhas apareceram de novo e não demorou para uma brilhar mais em um tom fechado; puxei a linha e o dom em minhas mãos escureceu por completo o recinto, mas não ousei deixar as minhas mãos cederem. Eu aguentaria.

Quando o grito sessou recuei as mãos e pude ver os restos mortais da tal criatura. Parecia voar pedaços mínimos de papel queimado. Sem aviso prévio, caí de joelhos logo na frente de um Abyss pálido e arfante, enquanto o ambiente voltava a se iluminar apenas com a luz das tochas.

— Ele tinha medo — conseguiu falar baixo — do seu dom. — Abyss retomou o fôlego para explicar: — Quando me ameaçou, os seus olhos ficaram pretos, Asha, e ele se encolheu, grudou mais em mim.

— A outra criatura não pareceu temer tanto.

Gwynt comentou e eu assenti, Cyffy realmente não parecia me temer. Na verdade, estava bem-disposta a me enfrentar até o último instante que fugiu.

Uma pequena ardência começou em meu estômago, despistando qualquer pensamento sobre as escuridões, e se espalhando por todo o meu corpo. Sabia exatamente o que era, só não achava que era uma boa hora para essa cobrança. A Exaustão estava tão perto como um respiro.

— Você precisa acordar a Lynn e fazer com que expulse a escuridão dela.

Enquanto isso vou me preparando para expurgar a próxima criatura.

— Você usou muito o seu dom, não pode usar mais. — Tân me repreendeu.

— Talvez você e Gwynt possam fazer isso. — Gwynt bufou como se reprovasse a ideia de Eira.

— O portador do dom precisa iniciar para que os dragões consigam manter. Mesmo que a Asha lance o fogo e o ar, não sei se eu e Tân conseguiríamos sustentar a força desse golpe porque acredito que é outra extensão do dom dos Dragões. — ela explicou.

Ótimo.

— Então o dom central é a Asha? — Dadaer questiona.

Um silêncio se estabeleceu enquanto sustentava um rosto calmo para Abyss, que se erguia para caminhar em direção a uma Lynn desmaiada. Suspirei assim que senti o sentimento pesado entre nós dois. Não era algo ruim porque seu corpo correspondia tudo o que lhe mostrei, o problema era que, qualquer deslize meu, e Abyss me escolheria.

E os dragões endossariam, me fazendo descansar. Lynn ficaria para o dia seguinte. Precisava me distanciar antes de termos qualquer tipo de conversa sobre o que mostrei. Isso poderia esperar e me daria tempo para respirar e salvar Lynn, depois o clã.

— Parece que sim.

Disse mais para mim do que para Eira e Dadaer, os quais pareciam ter olhares preocupantes em mim. Consigo senti-los tão bem quanto os seus sentimentos.

A ardência ainda pinicava o meu corpo quando direcionei o meu olhar para o governador Brenin, conseguia sentir cada vez que ele lutava contra os caules no seu sono, o que fazia engrossarem cada vez mais. Um mecanismo divertido que Dadaer acrescentou após a nossa pequena experiência com o Samael preso.

Realmente me sentia mais drenada do que da outra vez, mas precisava me concentrar na próxima criatura.

— Está na hora de você conhecer a água. — Eira chamou a minha atenção.

Talvez isso me compraria tempo e, quem sabe com alguma sorte, um pouco do meu dom.

— Não se cobre tanto, Asha. — Dadaer me repreendeu.

Por instante me questiono quantos ciclos ele tem para me repreender, até me lembrar que nem da mesma espécie somos e quero tratá-lo como uma criança humana.

O dragão sendo filhote, em desenvolvimento, adulto ou idoso já nasce com o instinto aguçado para tudo. Uma prova disso seria eu mesma, meta-de dragão, com uma infância difícil perante ao resto das crianças com quem cresci. Deslocada e completamente em volta da natureza, e não dos humanos. Lidar comigo era sinônimo de ter que lidar com um filhote de dragão, que procura por sua liberdade e se irrita por qualquer coisa. Acredito que tive fatores que afloraram mais essa última parte e eu deixei. E um fato importante era que Dadaer não era mais um filhote.

Espanto o assunto e me concentro em meu corpo como se checasse cada parte. Percebo que me sinto confusa, como se estivesse em um corpo estranho, recém atiçado com raiva, terror, medo e violência. Conseguia senti-los, como uma leve coceira pelo meu corpo me lembrando a Asha de ciclos atrás.

Sentada nos dois degraus que davam ao trono, imaginei o Samael ali, reinando, mas a ideia mal surgiu e já balancei a cabeça afastando a possibilidade. Ele se tornou algo sombrio e não sabia como, o porquê, e sinceramente, a ideia de descobrir me assustava.

Queria ir encontrar com a Eira, mas temia tentar me colocar de pé. Não demorou muito para o ar me fazer flutuar até a entrada do castelo, ali no começo o teto era alto o suficiente para ao menos Eira entrar, Dadaer desfez os caules e refez assim que o dragão azul se colocou ao meu lado.

— Fale sobre a água.

Peço em voz alta para calar tanto os meus pensamentos quanto os gritos de Lynn. Abyss conseguiu entrar em sua mente, mas não sabia se o que eu via era ela lutando contra a escuridão ou ele tentando achá-la. Ou qualquer outra coisa.

Com um ligeiro balanço de cauda,Eira se abaixou para seus olhos encon-trarem os meus. Uma esfera de água pendia sobre a minha cabeça, e antes de me deixar questionar, o

elemento caiu em cima de mim. A quantidade parecia pouca ao olhar, mas foi o suficiente para me molhar inteira.

O contato gelado repentino me deixou alerta, meu coração disparou, enquanto minha cabeça tentava entender a situação. O vento passou por mim, se fazendo presente e me arrepiando. Voltei a encarar os olhos azuis e prestes a reclamar quando Eira começou a falar:

— A água é tranquila e fluirá com você se assim permitir. Ela não exige nada, além de um lugar para estar.

As palavras me tiraram do modo de reclamação em que me encontrava. Em instantes percebi que meu comportamento estava sendo escroto. Um tanto exagerado para algo tão simples. As coceiras dos sentimentos ainda se faziam presentes, porém não tão intensas, graças à água.

Se assim permitir.

Repeti as palavras dela em minha mente procurando tranquilizar as batidas do meu coração e buscando a água dentro de mim, o que ela representava.

— Ela é pura e quando usada é incisiva. Você precisa deixar o elemento fluir por você.

Conduzida pelas palavras me permiti sentir cada gota em meu corpo. A sensação gelada já não era pavorosa e sim um convite silencioso para se entregar ao fluxo.

Ela é pura.

Repeti essas palavras e inalei uma boa quantidade de ar.

Estar molhada com as roupas grudadas ao corpo fazia com que me sentisse nua. Mas existia uma ideia maior nesse sentimento. Nua como vim ao Reino com a minha verdade e pura essência. A água em meu corpo não era mais um empecilho, e sim uma aceitação de mim mesma, de quem a Asha dentro de mim procurava tão avidamente. Aquela Asha pura que veio ao mundo.

— Você consegue encontrar água em qualquer lugar. Ela é um elemento tão presente quanto nós mesmos.

Um arrepio percorreu toda a minha coluna. Cenas da invasão mais cedo invadiram a minha mente forçando-me a

fechar as mãos em punhos, senti as unhas contra as palmas das minhas mãos. Aquela não era a verdadeira Asha.

— Você foi corrompida, mas ainda é pura. Sua essência é pura, Asha. Soltei o ar assim que a Eira parou de falar sentindo cada palavra tocando o meu corpo com gentileza. Sem explicações maiores, apenas aceitei que fui corrompida mais cedo, que eu, Asha, não faria, mas que Samael e suas cria-turas sim.

O meu coração pareceu relaxar como o restante do meu corpo. Preciso achar a minha verdadeira essência, e ao contrário do que muitas vezes pensei, não precisava de ninguém para descobri-la. Ninguém, além de mim mesma.

E que eu não era a Cora. Nem o Erus. E nem de perto Oem ou Axia. Também não era Tân, Gwynt, Abyss, Eira, Dadaer ou Lynn. E muito menos a Asha que meu clã impôs que fosse, e nem em sonho seria a Asha que Samael tentou obter. E Tiare, eu não era ela também. Eu sou a minha Asha.

Você é quem você tanto procurou.

Aquelas duas vozes, agora tão conhecidas, me confortaram, e uma certeza aqueceu o meu coração: a água é fluída como a certeza de que eu sou a Mulher Dragão.

CAPÍTULO 27

Quanto mais escuridão tem dentro de você, mais difícil se libertar. Comigo e com Abyss levou tempo, mas acredito que achamos uma ou duas coisas que nos impulsionou para fora. Saímos com dificuldade, entretanto, tivemos coisas boas recentes nas quais nos apoiar para que isso acontecesse. O pior de tudo é que não sabíamos o suficiente sobre a vida de Lynn e a única pessoa que poderia ter alguma ligação também estava na Cegueira.

— Tinha uma parede daquelas garras nos separando, eu podia gritar o quanto quisesse, mas ela não me ouvia. — Abyss relatou enquanto nos esquentávamos com uma das tochas. — A parede me segurou logo que tentei passar e mesmo assim não consegui ver o que Lynn via. Não consegui ajudá-la, enquanto a escuridão pareceu castigá-la por eu estar lá. — Abyss pareceu se encolher com a lembrança. — Como se fosse culpa dela, de alguma forma.

Como se fosse culpa dela.

As palavras de Abyss pareciam cercar o ar ao meu redor. Isso parecia muito com a condição que a escuridão fez com os dragões. Ou eles ajudavam ou eu sofria, e deixando claro que a culpa seria deles, caso a última opção acontecesse.

Como Samael, aquelas escuridões jogam sujo e manipulam, mas possui um ponto fraco: o ego. E se possuem isso, talvez pudessem ser manipulados também. Ou ao menos, incitar Lynn com as palavras certas para que se liberte, eu não podia fazer isso por ela.

— E se ela não conseguir? — Eira quis saber.

Cogitei a possibilidade. E se Lynn simplesmente abraçasse a escuridão? O plano inicial era libertar os dois e assim faríamos um plano para fazer o mesmo com o restante do clã, antes que Samael chegasse, e então procurar algum lugar seguro. Abyss

tinha comentando sobre os outros seis clãs Aliar, eles devem estar por aí e não tenho dúvidas de que nos ajudariam.

Ainda não era um plano sólido, mas tive pouco tempo para pensar e a ideia de ter que abandonar alguns membros ainda estava como última opção. De preferência, com chances nulas de ser usada.

— Quase consigo ouvir a sua mente trabalhando daqui. — Abyss me tira do transe e dá um sorriso preguiçoso quando o olho. — Passei a te conhecer estranhamente bem desde que tentei invadir a sua mente. Então eu sei que precisa dormir agora, Asha.

Asha.

E não Mulher Dragão.

No meio de possibilidades tristes, eu sorrio para Abyss e concordo. Realmente precisava dormir.

Entretanto, não é porque concordei que meu corpo resolveria fazer o mesmo. Perdi as contas de quantas vezes acordei durante a noite. A selvageria me deixou inquieta. Quando acordava, minha mente não conseguia ir para nenhum outro lugar, se não para a questão de como tirar os outros membros da Cegueira. Sabia que estavam sofrendo.

Não poderia deixá-los assim.

Não fazia sentindo ser a eleita e não conseguir libertá-los. Estava tão impotente.

O sol raiou rápido e Abyss não me deixou fazer vigília nem por um instante, dizendo que conseguia repor o seu dom apenas sentado, sem precisar dormir, enquanto eu precisava de um boa noite de sono, o que realmente não tive e sabia que estava mentindo.

Com a ajuda de Dadaer, intensificamos o pólen em Lynn durante a noite, apenas para não termos nenhuma surpresa. Eu sabia que a Cyffy era podero-sa, então precisava de uma boa dose para deixar a escuridão de Lynn. Então, antes de iniciar a noite mal dormida, intensifiquei o pólen me concentrando nas propriedades que queria, sussurrando-as para a terra em uma prece silenciosa. Recentemente aprendemos que o dom iniciado por mim tem mais potencial do que se os dragões fazerem por

conta própria, como se de alguma forma eles fossem canalizadores e eu o amplificador. Se é que isso faz sentido, mas assim que consegui fazer com que o corpo de Lynn voltasse a relaxar, Dadaer conseguiu manter o pólen com a ajuda do capacete de ar que Gwynt mantinha.

Levamos tanto o corpo de Lynn quanto do governador para a antessala, logo atrás do trono tinha uma porta de madeira a fim de escondê-los de possíveis visitas inoportunas. Abyss reclamou, mas apenas apontei o portal da sala do trono para que ele entendesse. Tân já tinha me avisado e desfiz minha proteção de caule antes que as nossas visitas vissem.

Sabia que Samael não iria apenas me deixar em paz após uma grande conquista, e seria de se cogitar que iria me arrastar de volta para o acampamento a fim de escoltá-lo. Sua alegação de que permaneceria com os Aliar “mais fracos” para protegê-los me soava mais como uma desculpa e me fez questionar até onde seu dom ia. E se seu dom tivesse sido dado por Cig, acredito que não tenha sido completo, e sim uma pequena porção para que possa assustar e fazer com que os outros obedeçam a vontade do Senhor das Som-bras.

— Você e seus dragões fizeram um ótimo serviço, princesa. — Korpus parecia bem à vontade na sala do trono, enquanto usava palavras pesadas que soavam como a poeira que limpava das suas vestes. — Acredito que já pode retornar para buscar nosso Gracioso Samael.

Claro que ele iria dizer isso.

Usamos o termo gracioso em relação à nossa graça, quando é agracia por algo divino. No meu caso, o Nestor, e no caso de Samael, Cig.

Os olhos de Korpus sempre foram dominados por um cinza sólido, às vezes salpicado com preto. Sabia que o rosto do antigo líder da nossa Guarda impecável, bem angulado, com lábios finos dando um traço simples para a sua beleza bruta.

Ele mesmo tinha me ensinado todos os truques, inclusive como não cair em nenhuma das iscas. Korpus acabou sendo um dos motivos para eu entender tão bem as mensagens que o

corpo passa. Antes de ser líder da Guarda, ensinou a mim e às crianças do meu ciclo a como se defender.

Ele tinha uns dez ciclos a mais que eu e parece que em algum momento de sua vida tinha se rendido ao lado de Samael. Confesso que não per-cebi quando, mas de qualquer forma, não prestava atenção em Korpus. Ele sempre foi um homem prepotente que me enojava, por isso fugi das aulas.

Consegui sentir a posição do seu corpo na sala de trono graças à ultrassensibilidade que os dragões dividiam comigo. Todos os meus sentidos tinham sido aguçados, e mesmo não usando sempre, sei muito bem como utilizá-los. Ele e mais quatro soldados atrás, dois de cada lado dele.

Suas mãos para trás deixavam dúvidas, mas apenas movi os lábios para Abyss:

— Deixa que eu resolvo.

Assim que ele concordou movi meu corpo deixando que a selvageria tão presente me invadisse, e desse vidaà Mulher Dragão. Não a da escuridão, mas a minha versão, e torci para que Korpus não descobrisse a verdade. Não deixaria que encarasse os meus olhos.

— Você sempre quer tomar tudo para si, Korpus — confessei desdenhando com um aceno breve com a mão. — Como disse, nós fizemos um ótimo serviço e está na hora de fazer o seu. Estou exausta então faça o favor e busque o nosso gracioso.

As palavras saíram fácil da minha boca, sem precisa pensar muito. Desci os degraus devagar para demonstrar o meu cansaço e arfei forte.

— Princesa, não posso deixá-la sozinha. Eles nunca me perdoariam se algo acontecesse...

— Não acredito que eu precise te lembrar, querido Korpus.

Interrompi-o já irritada com o termo “princesa” usado, controlei os calafrios que ameaçavam transparecer minha liberdade ao lembrar do encontro com Cig. Ainda não tinha contado para ninguém, deixando bem guardado em minha mente.

Senti os olhos de Korpus sobre mim e percebi seu corpo tensionar com o tom que usei. Se iria usar aquele termo para se referir a mim, bom, eu ia fazer um bom uso disso. Então procurei não demonstrar fraqueza e coloquei toda a autoridade em minhas palavras.

— Acabei de dizimar uma cidade em nome do nosso gracioso — tomei o tempo como uma pausa caminhando até ele com os olhos fixos em sua arma na lateral. — Como você mesmo acabou de dizer, fizemos um ótimo serviço, sem depender de nenhum dom a não ser o nosso. — Estávamos a menos de dez passos um do outro quando desviei caminhando para um buraco feito na parede; conseguia ver plantas. — Acredito que você possa correr mais perigo do que eu senão se manter em movimento — fingi limpar uma poeira do meu ombro com o rosto completamente enrijecido, como qualquer um dominado pela escuridão. — Então melhor começar a se mover, Korpus.

Seu corpo todo emanava avisos apenas por estar recebendo ordens de uma garota mais nova. Ele poderia estar a mais tempo ao lado de Samael e servindo a Cig, porém Korpus não ousaria mexer um dedo em minha direção, e se percebeu ou não a falta da névoa, não demonstrou. Como princesa, ele deveria acatar as minhas ordens, gostando ou não. Feliz e infelizmente, ele viu do que eu era capaz.

— Você é louca — escutei Eira murmurar pela ligação. Então sorri duramente para a visão das plantas.

— Acho que terminamos por aqui.

Meu corpo tomou o caminho de volta para Abyss. Não conseguia ver os meus próprios olhos, mas acredito que um tom verde tenha assumido a coloração. Convoquei todas as plantas de cura para dentro do meu corpo para que eu pudesse sustentar o olhar dele por um mísero instante antes de voltar ao lado de Abyss, e de canto de olho observei ele vacilar com alguns passos para trás.

Uma reverência foi feita pelos outros quatro soldados.

— Claro, princesa. — ele continuou com o termo e alisou o cabelo platinado. — Mas preciso saber... — quase bufei ao ter

que dar mais atenção a ele.

— E o governador? Samael disse que ele é importante para o nosso grande objetivo.

Minha língua tremeu contra o céu da boca com a informação, como um ronronado de agrado. Senti a selvageria correr pelas minhas veias como uma velha amiga e apreciei a sensação. Apertei os lábios para me controlar en-quanto olhei sob o ombro para dizer:

— Diga a Samael que estou cuidando bem do nosso convidado de honra.

— Eu quase não te reconheci.

Abyss confessou esticando uma pele ao lado da Lynn. Depois de duas rondas de Gwynt, tivemos permissão para trazer nossa amiga para frente e colocar o pequeno plano em prática. Dadaer convocou os caules na porta do castelo novamente. Ficar longe dos dragões era um mal necessário e mesmo assim não gostava.

— Eu me senti ótima — confessei esfregando a nuca. Mesmo não tendo me acostumado, a sensação do vento era constante e a liberdade do cabelo curto bem-vinda. — Como se uma parte de mim tivesse sido finalmente descoberta.

Abyss estava concentrado demais naquela pele, mesmo quando já tinha sentado em cima ainda a ajeitava. Conhecendo bem o seu jeito, ele está pesando cada palavra que acabei de dizer a fim de entender. Abyss tratava as pessoas como mistérios a serem solucionados, inclusive o que diziam.

— Combina com você. — ele me encarou com os olhos azuis escuros salpicados com roxo. — A Mulher Dragão finalmente está se descobrindo. — o pequeno sorriso que deu foi o suficiente para me energizar com suas pala-vras.

Não que estivesse esperando a aprovação de Abyss, e não acredito que tenha agido de alguma forma má. Não. É uma faceta minha que preciso mos-trar os dentes, sempre soubesse disso. A diferença é que agora sabia para quais pessoas deveria

fazer isso. E se Abyss não gostasse dessa minha versão, não iria abrir mão de uma parte de mim por ele.

— Você lembra do que eu disse?

Assenti com a cabeça, mas repeti mesmo assim:

— Você nunca fez algo parecido, então vou avisá-la, e assim que me colocar dentro da mente dela precisarei agir rápido porque não sabe quanto tempo pode durar, e não quer causar nenhum dano colateral, tipo eu ficar presa na mente da Lynn para sempre. Parece moleza.

Um riso nervoso sai dos seus lábios, enquanto ele parece apreensivo ao dizer:

— É, isso.

— Abyss — chamei sua atenção e seus olhos encontraram os meus. — Confia em mim.

Desta vez optei pela abordagem leve. Mesmo com a escuridão, o seu sistema de defesa ainda permanecia bem atento, então peguei em seus pulsos de forma brusca, apenas para alertá-la de que estava entrando. E os relâmpagos fizeram meus braços formigarem e abafaram a voz dele:

— Sempre.

Abyss não fez isso no dia anterior, porém eu já usei o pequeno mecanis-mo para acordá-la e esperava que ela lembrasse de alguma forma. Seja lá como isso funcionasse.

Após manter o choque por alguns instantes, me deitei na pele estendida ao lado da loira. Mais uma vez, sem nenhum incômodo com o dom dela, então me preocupei em fechar os olhos e limpar a mente como Abyss tinha pedido.

Os dragões pareciam de certa forma presentes em minha mente, mesmo que distantes fisicamente. Não foram contra o plano, porém me fizeram pro-meter que qualquer coisa iria puxar pela ligação e eles fariam algo. Nenhum de nós realmente sabia onde eu estava me metendo, só queríamos salvar Lynn.

Com um resmungo do domador do abismo, voltei a limpar a minha mente. A presença do Abyss era familiar e reconfortante, sabia que faria de tudo para que nada de ruim acontecesse. Pensar nisso era bom, mas precisava fazer a minha parte. Com umas lufadas intensas de ar, de repente estava em um lugar

bem parecido com o que escapei ontem, mas uma cortina de garras viscosas bloqueava o meu caminho como já era esperado.

Parecia uma espécie de gosma grudada em cima e despencando aos poucos. Conforme caía a espessura ia afinando, se tornando transparente até se acumular embaixo, e isso possibilitava ver Lynn, presa do mesmo jeito que eu estava antes.

Ajoelhada com as pernas e os braços tomados, as únicas partes livres das garras eram o seu tronco e rosto, o qual estava pálido demais para o seu tom bronzeado, e manchado por lágrimas insistentes. A loira soluçava e queria correr para envolvê-la em um abraço, mas controlei o meu instinto protetor mais uma vez e analisei como Erus me ensinou. Estava em território totalmente desconhecido, deveria fazer testes.

— Lynn!

O seu rosto nem se moveu com a minha voz, com certeza essa parede viscosa inibia qualquer som, por isso não escutou Abyss. Curiosamente passei a mão pela gosma e apenas contornou o obstáculo, tentei sentir sua intenção por alguns instantes, e assim que ameacei tirar, dentes cravaram em minha pele tirando um grito da minha garganta, completamente despreparada para aquele ataque, e por reflexo, puxei a mão fazendo com que os dentes raspas-sem pela extensão até soltarem.

Sangue quente escorreu pela minha mão e fiquei sem entender.

E as escamas?

Uma risada soou e Lynn começou a gritar em desespero.

— Parece que aqui não é a famosa Mulher Dragão.

Coloquei minha cabeça para funcionar ignorando o gelo que passou pelo meu corpo. Assim como em minha própria escuridão, não tive acesso à ligação até ela fraquejar e não tem motivo para aqui ser diferente. Independente disso precisava chegar até Lynn e a cortina viscosa era o único impedimento, e tinha pouco tempo.

— A culpa é minha!

Ela começou a exclamar e lembrei do que Abyss tinha comentando. Lynn, por algum motivo, está tomada pela culpa, e cada dor infligida em nós, ela sente como se também fosse sua culpa.

Certo. Ela teria que aguentar mais um pouco.

Enquanto me afastava, respirei fundo ao menos cinco vezes antes de gritar já, correndo em direção às garras. O primeiro impacto foi fácil e a maioria do meu corpo ultrapassou, se não fosse pelas minhas pernas, das panturrilhas para baixo, não conseguia ver, então apoiando em meus cotovelos me arrastei o mais rápido que pude antes que... Dentes cravaram em meu tornozelo e trinquei os dentes para não gritar mais uma vez.

Espalmei a mão boa no chão mais para frente e puxei meu corpo pressionando as unhas contra o chão. Sentia o sangue quente começar a escorrer dos meus tornozelos e respirei fundo, levantando os olhos para Lynn a tempo de ver a cor amarelada difusa por lágrimas me encarando.

— A culpa é minha!

Ela esbravejou mais uma vez.

— A culpa não é sua!

Transformei a dor em palavras esticando mais uma vez a mão boa com uma pequena ajuda da outra, me arrastei mais uma vez trincando os dentes ao sentir os dentes rangerem.

— A culpa é minha. Toda minha.

— Não é sua! — gritei de volta. — Lynn, a culpa é de Samael! Não sei o que ele está te fazendo reviver, mas a culpa é dele!

— Samael... Não.

Sua voz pareceu, pela primeira vez, confusa, e tomei isso como uma vitória, enquanto respirava fundo mais uma vez para suportar mais uma onda de dor.

— Lynn, se esconda, rápido! — uma voz feminina invadiu a escuridão.

— Não, eu vou enfrentá-los!

— Não mesmo, garota dos raios. Vá, como ensaiamos com o papai, e lembre-se, jamais caia sem lutar, Lynn.

A voz começou com um tom leve e terminou séria. Consegui ver uma pequena loira se embrenhando pela floresta sozinha logo à minha frente, e vez ou outra ela olhava para trás, enquanto caminhava com passos certos até encontrar uma porta escondida entre árvores e arbustos e entrar ali.

De repente, estava no corpo da menina e percebi que o esconderijo era como uma minúscula casa feita dentro de um tronco gigante caído, tinha alguns buracos, o que possibilitou a visão de uma versão maior de Lynn longe de onde ela estava, conseguíamos ver entre as madeiras.

Estava no corpo da pequena Lynn, que observava a sua versão mais velha retornar para a pequena casa feita de madeira, e não demorou muito para perceber os soldados do Rei Rimas invadindo o lar e mandando todos saírem. Duas adultas e mais duas crianças, um menino e uma menina.

— Cadê a domadora dos raios?

Um deles questionava, já erguendo a espada, desta vez o metal era comum.

— Não fazemos ideia do que esteja falando, senhor.

A mais velha disse com uma leve reverência. A mãe deles.

— Claro que não. — outro respondeu rindo seco, até puxar o garoto mais novo pelos cabelos longos e colocar uma adaga em sua garganta.

A imagem era semelhante demais e lágrimas ameaçavam embaçar a minha vista.

— Diga logo. — o primeiro soldado disse mais uma vez revirando os olhos para o pequeno show do seu subordinado. — Se nos disser, ninguém vai se machucar.

— Só a domadora dos raios, certo? — a naturalidade debochada que a adulta, a que tinha deixado Lynn na floresta, disse, me espantou. Sua irmã mais velha.

— Vocês vão nos matar de qualquer jeito.

O espanto apenas aumentou ao escutar a garota mais nova dizer desta vez. A Lynn escondida estava com a boca coberta pela mão e os olhos inundados, ameaçou sair do seu esconderijo, mas uma promessa pairou na sua frente.

— Você vai precisar se esconder e independente do que acontecer, você não pode sair, promete? — ela balançou a cabeça veemente. — As Criaturas me disseram, garota dos raios, você vai ajudar a eleita. Ela precisa de você.

E ao mesmo tempo em que a lembrança soou, os quatro integrantes da família de Lynn disseram juntos:

— Pelas Criaturas Celestiais!

A família da domadora dos raios foi chacinada na sua frente com a dor a estrangulando. O grito invadiu sua garganta, da mesma forma em que os seus raios tomaram a terra exatamente no ponto dos soldados do Rei Rimas.

— A culpa é toda minha!

Cada palavra saiu esganada por conta do seu choro infinito, e a dor nos meus tornozelos agora irradiava para os meus pés ao fazer mais uma vez o movimento a favor de Lynn.

— Lynn! Olha para mim! — gritei com a loira e ela desviou o olhar para o lado o oposto. — Não! Volte esses benditos olhos para mim, domadora dos raios!

Hesitante, os olhos amarelos marejados me encararam sem um pingo da confiança que vi no primeiro dia. Lynn é levemente brincalhona mesmo com o terror do passado, ela mantém um sorriso fácil em seu rosto e também possui uma rapidez em falar fora do comum. Diferente da Lynn abatida que sustenta os meus olhos agora.

— A culpa é somente de uma pessoa e ela não é você. Ei! — gritei quando ela ameaçou desviar o olhar. — Olha para mim! A culpa é de Cig. Você está prestando atenção? — sua cara de choro passou para assustada por causa dos meus gritos e aproveitei sua atenção. — Você é boa, Lynn. Então eu que-ro que você lembre dos momentos mais felizes com a sua família. Eu preciso mesmo que você use os sentimentos para lutar pela sua vida. A culpa não é sua. Lute pela sua vida como eles lutaram, expulse essa escuridão de você e eu faço o resto, combinado?

Minhas palavras foram tão firmes que não me reconheci por um instan-te. Mas sabia que estava sentindo raiva em cada

fibra do meu ser e estava sendo usada para lutar por ela, pela minha amiga.

Senti algo me puxando de cima, parecia um aviso e só poderia ser Abyss, mas para não correr o risco puxei mais o meu corpo trincando o maxilar até os meus pés se soltarem. Desta vez foi mais fácil do que as outras, as garras não foram insistentes. Quando olhei para Lynn, sua coluna estava ereta e os olhos fechados, as garras tinham cedido. Pouco, mas cedido.

Uma sensação quente surgiu em meu peito e um sorriso cansado tomou o meu rosto ao ver que sim, ela estava lutando.

— Jamais caia sem lutar, garota dos raios.

Ousei dizer a frase da sua versão mais velha antes de ser puxada. Voltar para o meu corpo foi como respirar o ar fresco da manhã. Olhei para o teto de pedra do castelo com os olhos arregalados. Um Abyss invadiu minha visão, assim como quatro presenças apareceram em minha mente.

— Ela está bem?

— Ela parece bem, porém mais pálida do que antes. Não tive tempo de discernir as vozes.

— Você parece bem. — Abyss constatou. — Nem pense em se levantar ainda. Tome um tempo.

Ele segurou meus ombros na pele e não reclamei em tomar o tempo para relembrar tudo o que Lynn me mostrou, e questionei o porquê de não ter mostrado a Abyss. Por algum motivo confiou em mim e vou honrar isso.

Meu repouso durou instantes até minha amiga começar a gritar deses-perada em meio à lágrimas, de imediato Gwynt convocou um escudo em volta de nós a fim de bloquear o seu grito. Em um pulo me coloquei de pé causando uma pequena tontura, talvez devesse ter me levantado devagar, mas a urgência em seu grito despertou todos os meus sentidos, mesmo que a falta de descanso e a Exaustão estejam cobrando um bom sono.

Aguente um pouco. Era a única coisa que conseguia pedir para o meu corpo.

Minha veia já começou a ser invadida pela selvageria, o que resultou em um peso nos meus membros. A ardência e

suavidade tão conhecida me in-vadiram de uma forma tão familiar e tentei esticar os dedos por causa da sensação que era confortável e empoderadora, mas eu só me sentia cansada.

A escuridão começou a sair de Lynn como vapor quando tomamos um banho quente. Instintivamente já lancei os dois elementos contra a escuridão, que mal pensou em tomar forma. O grito da minha amiga ainda ressoava quando aumentei a intensidade ao limite, o qual eu já tinha ultrapassado.

Precisava ser rápida. Eu só precisava destruir mais aquela escuridão. Sem perceber, a minha visão foi tomada pelas linhas mais uma vez, e sem demorar uma brilhou naquele tom mais escuro. Antes mesmo de puxar, a tonalidade do meu dom já tinha escurecido e a sombra se extinguido por completo junto do grito de Lynn.

O tempo restante foi curto. Meu corpo caiu inerte no chão. Consegui ver minha amiga respirando e Abyss correndo em minha direção antes de apagar.

CAPÍTULO 28

Diferente de todas as vezes, a voz era fina e convicta e eu esta-va em um lugar desconhecido.

— Você poderia morrer, sabia?

Acredito que nem o Reino Nefir estava com aquele horizonte cheio de nuvens e o chão tão branco quanto, ainda era possível ver pedaços do céu azul.

Será que esse era o tipo de recepção quando se morre?

— Claro que não! — uma risada infantil invadiu meus ouvidos e procurei pelo dono. — Geralmente Rae e Perii fazem essa parte. Sabe, né? Criaturas Celestiais e tal.

— Rae e Perii?

Sussurrei enquanto observava o garoto de pelo menos oito ciclos sentado ao meu lado em uma espécie de beirada daquele chão branco e plano, mas que ao mesmo tempo parecia uma nuvem sobre nós. O cabelo do garoto contrastava com o ambiente, de um preto forte e único, parecido com os meus.

Ao me olhar vi um grande sorriso no seu rosto que subia para os seus olhos angulosos cor de areia. Ele me lembra...

— Sim! Mas não se preocupe, você realmente não morreu. — ele interrompeu meus pensamentos gargalhando mais uma vez. — Não mesmo, mas você podia. Meu dom nem é tão poderoso quanto o seu, mas nunca fui tão burro como você foi agora, Asha.

— Ei! — Repreendi o garoto, mas depois me dei por vencida. — Do que está falando?

— Que você não está sendo legal com o seu dom! Dã! — o garoto revirou os olhos irritado com as minhas perguntas. — Você tem um poder aí dentro — apontou para o meu peito e sussurrou, colando a outra mão no lado da sua boca. — E eu sei que é poderoso, não adianta tentar me enganar. — depois ele voltou a postura séria que estava antes. — E ele é como se

fosse uma árvore. Se você ficar pegando toda hora o fruto dela, sem dar nenhum tempinho para se recuperar, o que acha que vai acontecer?

— Não vai ter mais fruto? — arrisquei a resposta enquanto me levantei para sentar ao seu lado. Minha cabeça latejava.

— Não vai ter mais dom! Você precisa cuidar melhor do poder que recebeu. Assim nem parece que é a eleita, e sim uma delinquente ingrata.

A menção da palavra fez o meu corpo retesar, tensa, e lembrar que preciso voltar o quanto antes para o meu Reino, antes que Samael faça algum movimento.

— Lá vai ela de novo.

— Você consegue ler meus pensamentos? — esbravejei irritada, enquanto ele continuava falando.

— Nem parece que acabei de falar com ela... Sim! — o garoto respondeu interrompendo a própria frase.

— Quem é você? — deixei minha surpresa sair pelo tom de voz.

O garoto era tão solto e sincero que, de certa forma, me assustou, porque não estava irritada com ele de verdade. Na verdade, era satisfatório alguém tão feliz em ser quem é e sem medo do que os outros pensariam. Seria bom ter tido alguém assim na minha vida, talvez como um irmão que nunca tive. De certa forma, senti inveja do garoto.

— Ryu. E nem vem, eu já tenho irmãos.

— Ah! Rae e Perii, certo?

Ele gargalhou mais uma vez, desta vez colocou a mão em sua pequena barriga e quase se deitou na nuvem em que estávamos.

— Claro que não, bobinha. — ele riu mais um pouco enquanto destacava a última palavra. — Meus irmãos disseram que viriam me buscar e estou esperando. Rae e Perii são legais, gosto delas e elas me deixam fazer o que eu quiser! — realmente esse fato conquistaria qualquer criança. — Elas pedem desculpa por não estarem aqui hoje, mas tiveram que sair para fazer alguma coisa importante. — ele deu de ombros e voltou a falar. — Elas me deixam ficar aqui porque entendem

como é ter um irmão. — Ryu volta a me olhar misturando esperança e saudade. — Não é à toa que são as Criaturas Celes-tiais que meu pai tinha tanta fé!

Ryu mudou de um garoto expressivo demais para evasivo agora. Querendo evitar falar dos seus irmãos, e sim das duas criaturas, mas o garoto não parecia magoado, e sim de alguma forma nostálgico, na espera pelos seus parentes, então, pelo bem da minha nova amizade resolvi mudar de assunto.

— E qual é o seu dom então?

Ele me olhou curioso e em seus olhos cor de areia consegui ver um ligeiro sentimento de gratidão lampejar em um tom mais escuro.

— Amor. Meu dom era amar os meus irmãos.

Despertei mais uma vez olhando para o teto, e de imediato meu corpo se sentou, me levando a procurar amparo. Uma tontura me invadiu forte, assim como o peso em todos os meus membros. Algo me dizia que não tive tempo o suficiente para recuperar o meu dom, já tinha sentido isso antes. E mais uma vez a grande culpa é do meu sentido aguçado que parecia gritar em um alerta, tremendo cada parte de mim, querendo avisar algo.

Abyss e Lynn estavam logo à minha frente, na sala do trono do governador, enquanto Dadaer e Eira estavam na primeira sala do castelo, o único lugar em que cabiam, e Tân e Gwynt ainda do lado de fora. Existia algo mais.

Por precaução, antes de qualquer movimento brusco resolvi sentir cada parte do meu corpo me espreguiçando. Não me sentia nova em folha, mas sabia que ao menos minha árvore tinha restaurado alguns frutos agora.

Ryu.

Lembro do nome do garotinho, enquanto passava as mãos pelos meus cabelos curtos. Eu realmente levei uma bronca de uma criança. Sinto meu lábio fino repuxar em resposta da

lembrança. Ryu era especial e talvez por isso estivesse naquele lugar, junto com Rae e Perii.

De repente o meu corpo é impulsionado para trás e preso por braços fortes e femininos. Não tenho nem como retribuir o abraço de Lynn com os braços também presos em seu abraço.

— Você está bem? — Lynn deixou escapar em um suspiro.

Apoiei minha cabeça em seu ombro e apenas concordei enquanto aproveitei aquele momento. Eu evitava contato, porém aprendi que existem certos momentos que é impossível se negar um abraço. Como agora, e eu queria estar ali.

Lembro do que presenciei e o que Lynn teve que suportar. Toda aquela carga emocional do seu passado sendo desenterrado e repassada diversas vezes, entendia bem o quanto isso abalava.

O que me fazia questionar se os métodos de Nestor e Cig seriam os mesmos, e que isso não faria um deles melhor que o outro. Existe a história deles serem irmãos e creio nisso, possivelmente a criação foi a mesma e por isso as suas ações são parecidas, destoando apenas entre a luz e a sombra. Mas minha teoria não chega tão longe desse ponto.

Sabia que agora iria ver a Lynn de sorriso fácil diferente da versão em sua mente. Talvez ela fosse voltar a ser a versão que conheci na Foz do Rio, mas só queria que se sentisse à vontade o suficiente para ser quem ela é.

Lembrar do local me fez sentir certa esperança. Depois de alocar meu clã livre de Samael, poderia ir para lá e desvendar aquela caverna do sonho. Lynn me soltou como se tivesse levado um susto e por um mísero instante seu olhar ficou perdido, procurando algo até voltar o foco em mim.

— Obrigada, obrigada, obrigada. — ela repetiu diversas vezes tomando os meus ombros em suas mãos. — Vou lutar por eles.

Os olhos amarelos não tinham vestígios de lágrimas. Essa era a Lynn que eu conhecia, só que tinha algo diferente, uma segurança que não existia antes. Provavelmente porque ela realmente viveu achando que era a sua culpa e sem ninguém para te dizer ao contrário até hoje.

Nunca foi culpa dela. Nem por nascer com dom e muito menos pela morte dos seus entes, o segundo só aconteceu por causa de um rei perverso no trono, em busca de sacrificar seres com dom para sustentar Cig.

Desta vez eu a abracei apertado e concordei com ela. Minha amiga, de certa forma, tinha achado sua luz no meio da escuridão e estava feliz com isso. Queria poder dizer o mesmo de mim.

— O momento é tocante, mas vocês precisam comer para bolarmos o nosso plano.

Plano.

Abyss nos interrompeu, de pé a poucos passos de nós. As mãos estavam casualmente largadas do lado do seu corpo e, desde que Samael invadiu nos-sas mentes, ele vestiu o clã todo com um couro roubado de alguma vila Arfenol. Abyss se mantinha com esse couro, enquanto eu peguei uma calça bege e uma blusa vinho de tecidos simples, daqui mesmo. Lynn se vestiu com uma saia longa bege e uma blusa sem mangas branca, e nos pés botas marrons como eu.

Posso dizer que ambas pegamos as roupas com dor no coração e pedindo licença antes de colocarmos em nossos corpos. Afinal, tínhamos massacrado aquela vila.

— Eu posso te abraçar também, não precisa ficar com ciúmes.

Acabo brincando para ambos sorrirem, levantamos para comer.

Precisava fazer com que ambos ficassem tranquilos sobre mim, que estava tudo bem mesmo, que sabia que a minha copa não estava cheia. Mas não iria contar sobre Ryu agora, não antes de entender a camada fina de expectativa tensa que tomava o ar e a terra ao nosso redor.

— Conseguiram ver algo?

Dadaer e Eira estão por perto, dispensei a preocupação de Gwynt e Tân com um leve aviso assim que acordei e senti essa sensação estranha, mas não queria expor minhas preocupações antes de entender o que estava acontecendo.

Deixo Abyss e Lynn conversando, talvez tentando me atualizar do que aconteceu, mas não consigo me concentrar. Em meio à divisão de atenção, descubro que fiquei desacordada por um dia e meio, o que quer dizer que nosso tempo reduziu e não tínhamos nenhum plano para tirar o restante do clã da prisão de Samael. E minha pele começou a coçar a cada instante.

— Samael não está por perto, mas o clã está estranho. — Tân confessou, receoso pela ligação.

Dentre os dragões, ele é quem mais conhecia os Aliar e por conta disso um medo percorreu o meu corpo. Eu queria apenas salvá-los, porém minha cabeça remoía as possibilidades e a minha intuição me fez levantar e caminhar até a entrada do castelo de Brenin.

— Mantenha-os dentro. — Gwynt avisou Dadaer e Eira.

Assim que saía, a escada ficava à direita ladeando a fissura. Por ser a casa do governador, o castelo estava posicionado acima da vila e já sabia que no final das escadas iria desembocar no meio dela. Se caminhar para o lado direito seria por onde viemos e o esquerdo iria se encontrar com um caminho livre, direto para a Torre Celestial, onde o Rei Rimas estaria.

Estávamos no limite do que ousaria chamar de território seguro do Reino Nefir. Encurralada pelos dois inimigos; um quer me matar e outro me escravizar.

Um calafrio insistente percorreu minha coluna, e permaneci no topo da escada olhando o meu clã. Estranhamente estavam todos espalhados pela vila de modo aleatório, mas com o olhar no castelo, e assim que me fiz presente, focaram em mim. Movendo os seus corpos de forma lenta e metódica, deixando claro que suas mentes ainda estavam em posse de Samael.

Engoli em seco pela atenção indesejada.

Tinha conhecimento de pouca coisa, como a escuridão dentro de cada um era individual e sem ligação mental com Samael, diferente das criatu-ras parecidas com aves humanoides, aquelas o criador podia possuir o corpo gosmento para se comunicar e não tinha visto mais nenhuma delas depois da última conversa com Samael. Felizmente para mim, ele não

deixou nenhuma dessas criaturas conosco, subestimando a nossa capacidade de escapar da Cegueira.

Aprisionados em suas próprias mentes, a escuridão fazia com que eles parecessem um bando de animais. Passei ciclos analisando os que habitavam ao redor dos diversos acampamentos, observei sorrateiramente um aglomerado de veados. Cada um olhava em uma direção, e de forma natural alguns miravam no mesmo local. Como se fosse uma votação, o lugar que se direcionariam seria o que tivesse mais membros olhando.

E aqui, olhando todos os membros posicionados tão naturalmente como os veados, os seus olhares passaram do castelo para mim com uma sutileza predatória. Veados não, possivelmente como leões me observando agora, percebi que o alvo seria eu e não o castelo do qual acabei de sair.

Eles queriam a mim, estavam esperando esse tempo todo.

— Vocês precisam sair daqui.

Não ousava mover um dedo para não se sentirem ameaçados, e muito menos queria que eles olhassem os outros. Em partes sabia o que estava acontecendo. Tinha a lembrança perfeita daquele pedaço de escuridão fugindo de mim no momento de fraqueza. Acreditava que ela mesma tinha achado o seu caminho até Samael e o notificado, de alguma forma. Korpus ainda precisava de mais tempo para chegar até a Cordilheira de Bico Fino.

Parece que a minha sorte acabou.

— Qual é o plano?

Tân questionou na ligação e senti a presença dos quatro dentro do castelo, me observando do portal. Não era necessário olhar para saber que os dois humanos queriam ficar ao meu lado, mas invoquei os caules de novo, logo que saí, justamente para não correr o risco de direcionar atenção para eles, então, do jeito mais sutil que consegui ergui a mão mais atrás do meu cor-po, pedindo para pararem, enquanto mantinha os meus olhos nos membros abaixo.

— Não tem um plano.

Confessei temerosa na ligação, enquanto o ar parecia fluir fácil demais perante a enxurrada de sentimentos que meu coração disparava.

Esses olhares parecem ser algo que foge da minha compreensão. Na verdade, sempre foi. Meu clã nunca confiou no meu verdadeiro potencial, e muito menos acreditou que realmente tivesse um, e por um tempo corri por essa linha tênue que dividia a minha verdadeira vida da possível vida que poderia ter com a maldição. Com um sopro mais forte, poderia cair para ambos os lados. Minha mãe sempre produzia um vento constante para não me deixar sucumbir. Não preciso dizer que Michii me trouxe para o lado certo, afinal, ele permaneceu mesmo depois de tudo.

Mesmo livre da Cegueira parecia que uma parte ainda permanecia e sabia que era verdade. Mas ela não estava fisicamente aqui, apenas psicologicamente, enquanto cada um dos membros, que liderei na invasão à Ilha da Fissura, me encarava como se o fato de eu existir fosse errado.

Sim, eu sei que eles estão dominados pela Cegueira, entretanto também sei que o sentimento que eles emanavam não é fruto de algo falso, e sim de algo que já existiu dentro deles. Estivesse no passado, bem escondidos ou não.

E agora estava ali, bem ali.

Eu não sabia lidar com aquilo.

Minha respiração se descontrolou, mesmo que não deixasse transparecer. Queria parecer fria e distante como era na Cegueira. Era assim que es-peravam me ver, mas essa explosão de emoções não bateu de frente comigo antes.

A vibração deles parecia quase sufocante, se não fosse por Gwynt fazendo o ar me ajudar. Minha cabeça procurava por uma saída nesse afogamento de emoções. Era isso, pretendiam me afogar apenas com a sobrecarga de sentimentos liberados por eles.

A opressão fez com que um nó se instalasse na minha garganta.

— Asha, você sabe que eles podem ser manipulados. — Eira retificou pela ligação.

— Esse sentimento é real. Ele existiu, Eira — retruco com a voz ofegante pela sobrecarga.

— Só é real se você permitir. — Dadaer sussurrou e senti meu corpo se acalmar um pouco.

O dragão verde não falava muito, mas sempre que fazia pareceria ter as palavras certas para isso. Eu preciso tomar controle da situação.

As palavras não foram ditadas, e sim passadas pela ligação para tornar ainda mais real, mais possível porque falar podia ser um erro fatal tanto para mim quanto para o restante.

Talvez exija mais do que acreditava ser necessário, mas nada é dado sem que você possa aguentar.

Com a afirmação final do domador da terra, respirei profundamente deixando que o ar levasse qualquer vislumbre da sobrecarga em que me meti em tão pouco tempo, da dúvida que ousei ter de mim mesma depois de conquistar e sobreviver a tanto. Aos poucos as linhas apareceram em minha visão de forma sutil e amigável, então eu tinha um plano.

Sem movimentos bruscos, de um jeito lento e torturante movi dois dedos para a minha têmpora. O pequeno movimento fez alguns membros se moverem para perto da escada, e assim que parei também pararam, ainda com os olhos perdidos focados em mim. Estavam programados para reagir a qualquer movimento meu.

A presença de Abyss chegou como água gelada em minha mente frenética, e claramente ele estava preocupado.

— Vocês precisam pegar os dragões e saírem daqui,Dadaer pode escavar com o seu dom e...

— Não vou deixar você aqui à mercê dele.

— Sou eu quem eles querem, Abyss. Estão me olhando como se estivesse mirando no próximo abate para a refeição. Eu os conheço.

— Eu realmente não vou te deixar aqui, Asha.

Os dragões ressoaram apoiando Abyss. E trinquei o maxilar. Não era exatamente a hora perfeita para fundarem um clube contra Asha.

— E eu preciso realmente que vocês vão e achem um lugar seguro, enquanto eu arranco informações aqui. Não posso sair sem nenhuma pista do próximo passo dele.

— E não podemos sair sem você.

Foi a minha vez de conter um rugido na garganta.

— Samael confessou que o único jeito que achou até mim foi vocês. Deixe-me diminuir as chances dele, por enquanto. Gwynt vai deixá-los invisíveis até estarem longe o suficiente e seguros, e depois voltará para ficar por perto.

Não vou lutar contra eles e Dadaer e Eira ainda não foram treinados comigo — respiro fundo frustrada. — Preciso mesmo que confie em mim agora,

Abyss.

Senti na sua presença algo oscilar. Não conseguia sentir as emoções como a Amy, de forma tão nítida, mas via suas pequenas aparições como vibrações, uma mensagem sutil. E Abyss estava tentando deixar de lado a sua proteção, a qual parecia cultivar especialmente para mim.

— Seremos rápidos.

Ele respondeu tão rápido, mas se demorou para sair me dando oportunidade de vê-lo antes de sumir da minha mente. Abyss estava receoso e não pude tranquilizá-lo, uma vez que nem eu sabia o que iria acontecer.

Sentia suas energias se afastarem para abrirem caminho pelo planalto, mesmo e depois se encontrarem com Tân e Gwynt. Nenhum dos dragões gostava do plano, mas era o único que tínhamos e mesmo não sendo sólido, a parte de Gwynt voltar me dava um alívio.

Precisava confiar que eles iriam fazer a parte deles enquanto eu fazia a minha, sendo a isca em busca de informações até achar outra solução.

Mantive meu corpo congelado até sentir os seis indo embora, com o coração pesado e ao mesmo tempo aliviado por eles estarem seguros. Tentei traçar um plano, enquanto eles pegavam distância de nós, mas não conseguia me concentrar com cada parte do meu corpo querendo coçar.

Não fazia ideia de como abordá-los.

Fechei os olhos por alguns instantes e respirei fundo permitindo o fogo arder, o ar ventar, a água molhar e a terra revitalizar em meu sangue. A selva-geria não era algo que tirava um cochilo, na verdade corria em minhas veias durante dia e noite, sem descanso. Aprendi a domá-la dentro de mim, usando-a para os momentos que realmente interessam.

Ao abrir os olhos comecei a descer as escadas, o que causou movimento de recuo por aqueles que chegaram perto do castelo; euforia em algumas par-tes e outros permaneceram quietos. Mesmo presos em suas mentes, os corpos tinham jeitos únicos de se moverem caracterizando o verdadeiro dono do corpo.

Reconheci a maioria dos rostos, mas não tinha certeza se sabia os seus nomes e nem seus dons. O clã era pequeno, assim como a minha capacidade de guardar os seus nomes. Mas Cora disse que depois de ter me encontrado inconsciente no meio da floresta, minha memória nunca mais foi a mesma e ninguém sabe o que realmente aconteceu pois eu estava sozinha. Independente disso, consegui avistar Amy, Consolio e Ita entre os membros que vieram.

Podíamos ter resgatado eles, se eu não tivesse apagado.

— Gostaram do nosso novo lar? — como era de se esperar, ninguém respondeu.

Quando estava presa vi a escuridão conversar com os dragões e Samael, apenas. Não direcionavam nenhuma outra palavra para outro membro do clã. Mas hoje precisava fazê-los falar. Seria o único jeito de saber o plano de Samael.

— Korpus foi buscar nosso gracioso Samael para que possamos saber o nosso próximo passo — continuei, mesmo sabendo que talvez não estivessem realmente escutando. — Por isso, devo aconselhá-los a descansar.

Não saberia dizer quem estava acordado naquela escuridão ou quem sucumbiu, tomaria um passo mais de fé. Eu tinha que ter esperança de que eles ainda estivessem ali, de algum jeito suportando tudo o que possam usar contra eles, que o meu clã ainda estava lutando pelo seu próprio corpo.

Seus olhos continuam em mim como se fosse uma espécie de alegoria diretamente do palácio. E talvez eu pudesse ser para alguns, infelizmente não me lembrava de todos e isso só me deixava em desvantagem. Se pelo menos lembrasse, saberia quem não se renderia e quem faria isso de braços abertos.

Mesmo olhando em seus olhos, não consigo ver nada, lembrar de nada.

— Cadê os seus dragões, Mulher Dragão?

O jeito que me chamaram foi desdenhoso e aquela voz percorria em um espaço escuro dentro de mim. Minha mente foi rápida em racionalizar e lem-brar o porquê despertar tantas emoções ruins em mim.

— Ela parece não ter mudado nada. — outra voz conhecida continua. — Aposto que agora vai mostrar os dentes de novo.

Não lembrei dos seus rostos, dos seus dons e muito menos dos seus nomes, mas, por algum motivo, das vozes sim. O que mais me marcou, com certeza. Direcionei minha atenção para dois homens mais altos que eu. Sem dúvidas, eles tinham a idade que Michii teria agora. Apenas sei disso porque foi naquele dia que esses dois caras atiçaram a minha maldição. Tocaram no único assunto que era proibido na época porque...

O motivo não importava, mas lembro de encurralar os dois e Michii em uma parede rochosa, minha lança tão pronta para atacar quanto os dentes que mostrei ao rugir para eles. Não sei o que poderia ter acontecido, caso o meu amigo não tivesse tentado me acalmar, e depois me embalou quando desabei ao ver as garras em minha mão, se alastrando para os meus punhos, querendo possuir o meu corpo.

Não entendo até hoje porque Michii fez aquilo. Não fazia sentido, ele estava com eles, aqueles que me menosprezavam.

— Eu adorei vê-los na última linha de batalha — comentei sustentando olhos pardos e outros cor de esmeraldas. Invocando aquela Mulher Dragão que eles deveriam temer. — Quais são os seus dons mesmo?

Os homens pareceram vacilar. Um mexendo nos cabelos pardos e outro coçando a nuca, querendo dar atenção a outra

coisa. Como disse, eles pareciam se comportar de forma única, característica. Mesmo precisando só da voz para identificá-los, consegui perceber que os seus rostos amadureceram, mas o comportamento temeroso de ambos era muito similar ao dos meninos que encurralei.

— Eles eram amigos de Michii, como pode tratá-los assim? — a voz de Amy invadiu o recinto.

Não. Ela não. Ela falando dele não.

Eram essas palavras que eu queria cuspir na cara da escuridão que dominava os olhos, que um dia foram azuis claros. Estava usando-a e eles em um ataque só com as palavras afiadas, não podia vacilar para não dar motivo de desconfiarem de mim.

— Eu avisei que ela não lembra de nós e muito menos dos nossos dons.

— o de cabelo pardo ergueu a cabeça me encarando.

— Mamãe não quer que ela lembre. — as palavras do outro foram afiadas e pude vê-lo articular bem a boca para cada uma com o cuidado de mostrar os dentes no percurso.

Trinquei o maxilar olhando os dois caras sem entender nenhuma palavra. Não fazia sentido nenhum. Mamãe não quer que ela lembre. Lembrar do quê? Deles? A única culpa era eu com a memória péssima para reconhecimento.

Balancei a cabeça espantando a dúvida que eles implantaram em minha mente. Apertei os lábios pensando no meu próximo passo.

— Ela escolheu os dragões ao invés de nós. — a voz de Consolio me interrompeu e ele entrou no meu campo de visão. — Asha não quer nos liderar para um lugar seguro, assim como Samael nos disse.

— Nós ou os dragões, Asha? — desta vez foi Ita que apareceu.

Os irmãos também estavam com os olhos opacos, por mais que seus dons fossem diferentes, os olhos dividiam o mesmo tom de azul marinho salpicado de prata. Talvez esse fosse o elo deles, um elo que estava contra mim agora.

— Eu devo escolher? — questionei realmente confusa. — Nós vivemos a ciclos juntos e os dragões nos ajudaram. Tân os aquece em tempo de frio,

Gwynt nos ajudou a despistar Arfenol com o ar, Eira e Dadaer ainda irão nos ajudar também. — apenas reparei depois, que estava tentando me explicar demais para alguém que deveria estar com a sua essência presa, mas mesmo assim questionei. — Por que eu deveria escolher?

Os membros apenas pararam estáticos me encarando, tentei ser sutil ao colocar o pé atrás de mim. Não sabia se estavam prestes a me atacar ou atacar. Eram as únicas opções. As linhas facilitavam prever os seus movimentos, mas não podia contar apenas com isso.

A pergunta pareceu deixar o clima pesado e a sensação de mais cedo estava palpável, se acomodando em cada poro do meu corpo, e realmente não gostava da expectativa que se acumulava em mim.

A selvageria ainda pulsava em minhas veias, passeando freneticamente em busca de autorização para realmente agir, e a soltei assim que ouvi as últimas palavras de Amy:

— Porque o gracioso Samael quer. — minha amiga confessou sem va-cilar. De repente, os passos começaram a serem dados em minha direção e não hesitei em correr na direção oposta. — Então vamos matar os dragões!

Tive que abrir espaço para passar pela esquerda, em um movimento rápido de mão o ar empurrou os poucos Aliar em minha frente para as laterais, acelerei o passo para ganhar distância entre nós. Olhei para trás e vejo que eles não correm, apenas aceleram o passo e suspiro, aliviada, a ideia de con-tra-atacar o meu próprio clã não me apetece.

Na verdade, me faz reviver tudo de uma vez só. Eu contra eles e uma parte de mim parece se perder para aquela escuridão escondida. Desta vez, eu estava sozinha.

Sem Cora, sem Michii, sem Erus.

A vontade de chorar e simplesmente me entregar correu pela minha gar-ganta, mas a terra começou a tremer de forma insistente sob os meus pés e armas foram apontadas e lançadas

em minha direção. Desviar foi desafiador. O tremor atrapalhava então convoquei Dadaer e seu elemento em minha mente para me dar estabilidade, e assim foi feito.

— Gwynt! — chamei pela ligação sem esconder meu desespero.

— Eu vou lutar por eles — confessei para mim mesma lembrando dos meus dragões.

Eu não estava sozinha. Como resposta sinto o meu dom se agitar dentro de mim e um sorriso contido aparece em meus lábios.

Direita, esquerda, direita, esquerda. Alternei a direção para evitar qualquer arma sendo atirada e ergui uma parede de água um pouco atrás de mim, a fim de fazer com que os lances perdessem a força até ter que rolar ao sentir a presença do domador de gelo. Ele lançou uma estacada enorme de gelo e derrapei tentando pegar estabilidade de novo, mas não rápido o suficiente para encarar outro domador chegando perto de mim.

Agilidade. Sabia que não poderia ganhar dele nesse jogo, então foi a vez de convocar Tân e seu elemento, erguendo um escudo ao redor de mim, escu-tei o seu grito de dor assim que atacou com a adaga em minha direção.

Não deixei o cheiro de carne queimada me atrasar mais e voltei a correr. A intensidade do fogo estava forte, até o domador de gelo insistente não desistir jogando um pedregulho em mim.

— Vamos usá-la para atraí-los — escutei alguém confessando o plano.

— Gwynt!

Chamei mais uma vez, sentindo o meu clã se aproximar e o desespero aumentar.

Não demorou para minhas mãos e rosto começarem a chiar em contato com o gelo, água gelada se tornando quente escorria pelos meus braços até conseguir direcionar o fogo para cima, projetando o que restou do pedregulho na direção deles.

Minha cabeça oscilava entre a minha fuga e a que podia ter dado errado. Gwynt não me respondia e muito menos os outros dragões. Mesmo escapando da armadilha de gelo, o desespero ainda morava no meu peito.

E se mandá-los embora foi um grande erro e estivessem esperando por eles? Minha garganta oscilou com o choro que ameaçava vir.

— Vou lutar por eles!

Aquelas palavras estavam se tornando uma espécie de mantra para mim naquele momento. Uma rápida olhada para trás e sabia qual era a linha de frente dos Aliar. Samael não mudou isso porque montávamos meticulosamente. Mira, gelo, agilidade, força, madeira e pedra. Seriam esses domadores que iriam me atacar de primeira e esperava que não fosse mais que isso.

O meu plano original continua o mesmo: não quero atacar o meu próprio clã. Precisava apenas atrasá-lo para que Gwynt chegasse ou alguma ideia milagrosa surja em minha cabeça.

Mais uma vez o chão tremeu, mas dessa vez me pegando desprevenida. Sabia que quem estava causando isso era a domadora da força, uma boa ba-tida dela no chão conseguia causar bons danos. Agora pedaços de terra subiram e outros desceram, oscilando sem nenhuma ordem e, graças aos instintos, consegui segurar antes de cair no buraco feito além da terra.

Uma vez me contaram que nunca mais via os inimigos que caíam ali.

Neguei com a cabeça e voltei a me concentrar.

Gwynt e o seu elemento se fizeram presentes em volta do meu corpo, soltei do pedaço de terra e o ar envolvendo o meu corpo me ergueu para terra firme. À minha frente tinha um caminho livre para a Torre Celestial, fugindo de um inimigo para cair nos braços de outro. A terra parecia estar à beira da morte ali...

Precisava pensar rápido. Eles precisariam ultrapassar o estrago que a domadora da força fez, mas não demorariam muito.

Voltei o meu olhar para o meu clã, que desta vez está me atacando de verdade e uma parte de mim parecia estar quebrando com aquilo. Minha mente não conseguia raciocinar nada, além de que estava revivendo algo do passado.

Passado. Tantos pedaços em branco, tanta coisa que não lembrava.

Mamãe não quer que ela lembre.

Respirei fundo.

O clã nunca chegou a me atacar fisicamente, mas com palavras já era outra história. Os resquícios ainda me visitavam vez ou outra, mas conseguia lidar com isso agora.

— Nestor, me ajude.

Implorei em silêncio observando eles passarem com certa dificuldade das terras erguidas. Um desespero diferente tomou conta de mim. Acredito que existe um limite para alguém suportar as coisas da vida, e também acredito que já cheguei ao meu. Não conseguia entender como Nestor podia ter permitido que tudo isso tivesse acontecido e não fazia ideia do que significa-va ser a eleita. Afinal, o que era isso?

— Rae! Perii! Me ajudem!

Ainda não entendia quem eram, mas eu tinha fé. Uma fé quase tão forte quanto a que tenho por Nestor, minha intuição seguia com força para essas Criaturas enquanto duvidava da veracidade de Nestor. Algo não tinha sido contado.

A selvageria atingiu outro nível, desta vez conseguia sentir cada pedaço dela em mim, como se cada movimento fosse fácil de identificar. Deixei que subisse até a superfície e me banhasse.

Em um impulso, estendi minha mão para o chão a fim de puxar água para mim. Sem protestar, o elemento me obedeceu e o empurrei em direção ao meu clã. Observei a pequena onda tomar o seu caminho e logo depois com as duas mãos lancei fogo e ar por cima da água, sem dar espaço para hesitação bati as mãos na terra em seguida. Ergui pedaços de terras entre nós, maiores do que eles podiam escalar, e a última escapatória seria destruí-las pelas mãos da domadora da força. Eu tinha um tempo ainda.

Minha respiração estava ofegante. Nunca tinha combinado os quatro elementos de uma vez de forma tão rápida, sem muitos frutos na minha árvore. Não me sentia exausta como deveria estar, na verdade, sentia como se todos me

envolvessem como pequenos dragões fantasmas roçando o meu corpo. Eu me sentia tão eu quanto possível, tão Mulher Dragão como realmente sou.

Escutei os gritos do outro lado do muro que ergui, sabia que não os tinha matado, afinal esse não era o meu objetivo. A onda para afastá-los, o fogo e o ar em sua própria onda para assustá-los o suficiente para criar o obstáculo: os muros de terra. E quem sabe, como alguma sorte, uns deles usasse essa emoção para escapar daquela prisão.

A selvageria implorava por mais ação e mesmo ainda sentindo os elementos me envolverem, senti meu corpo fraquejar tanto física como emocionalmente, e não querendo ceder com medo do risco iminente. Uma linha brilha em um tom escuro igual da última vez, era tentadora, entretanto, o preço de puxá-la me fez entrar em uma luta interna entre mim e a selvageria.

— Aguente firme!

Gwynt exclamou pela ligação e minhas pernas ameaçaram ceder. Minha árvore ainda tinha alguns frutos, mas não tinha deixado ela carregar por completo na última vez. E estava cobrando a minha falta de descanso agora, não deixei o meu corpo relaxar com a expectativa, pois a domadora da força tinha começado a esmurrar a minha pequena muralha.

Por favor, me de tempo.

— Você fez um belo estrago. — Abyss comentou sem nenhuma emoção em específico.

Ele estava montado em Gwynt e estendendo a mão para mim. Com uma casualidade que não compartilhávamos no momento. Estava cansada demais, mas isso não evitou que uma parte em mim se irritasse com ele.

— Você é um teimoso! Eu disse...

— Preciso mesmo que você confie em mim agora, Asha.

Ele me interrompeu usando minhas próprias palavras contra mim. Abri e fechei a boca procurando algo para retrucar. Ao mesmo tempo que apertaria o pescoço dele pela sua teimosia, queria abraçá-lo em busca de conforto.

Com o coração despedaçado, peguei na mão de Abyss, que me puxou com a ajuda do vento e montei em Gwynt. Instantaneamente sabia que tínhamos ficado invisíveis, mas não a minha dor.

Realmente não entendia o que deveria fazer em uma situação como essa sendo a eleita. Como poderia permanecer lá para salvá-los ao mesmo tempo que eles queriam massacrar os dragões?

Eu realmente escolhi os dragões porque eles me escolheram primeiro. Mas aprendi a conviver com os humanos também e não poderia deixá-los daquele jeito, então eu voltaria. Sim, voltaria e lutaria por eles também.

CAPÍTULO 29

Uma parte de mim estava insistente, enquanto eu observava as árvores passarem rápido embaixo de nós. Ela me dizia que tinha acabado de abandonar meu clã, assim como tinha feito com Axía naquele dia. Michii, Cora e Erus jamais me perdoariam.

Ao mesmo tempo em que tentava alimentar a outra parte, que repetia as palavras: eu voltaria e lutaria por eles também.

Parecia que estava presa nessa linha tênue entre permanecer acordada ou desmaiar mais uma vez. Sabia que não tinha me recuperado por completo e agora minha árvore estava bem mais escassa do que quando ataquei Samael pela última vez. Parecia que destruir as escuridões tinha tomado uma boa quantidade do meu dom, só não entendia o porquê.

Uma visão da linha brilhando em um tom escuro e do fogo e ar ganhando uma luz negra. Não parecia os elementos dos dragões, entretanto não existia qualquer outra explicação para isso. Talvez a Exaustão causasse alucinações como uma parte do preço. Mesmo assim estenderia o prazo um pouco mais até ver que estávamos em algum lugar seguro.

Não tinha realmente pensando em algum lugar quando os dispensei mais cedo, na verdade estava concentrada demais tentando entender o que se passava no clã e qual era a possível artimanha de Samael. Desta vez ele colocou todos contra mim, todos aqueles que não consegui libertar da prisão mental dele.

Entretanto aprendi que o poder dele é limitado e que Cig não estava disposto a dar muito do seu dom para ele. As criaturas perecem com a união intensificada de fogo e ar, e precisava saber como administrar os frutos da minha árvore, Ryu poderia ter dado aquela informação também.

Precisaria descobrir como libertar o meu clã e também resolver a questão de que alguns detalhes do meu passado simplesmente não existem, e o por-quê de ter percebido só

quando me questionaram. Por mais que tente lembrar do tal acidente, não consigo.

A mamãe não quer que ela lembre.

Não fazia ideia do que Cora poderia querer esconder de mim.

De qualquer forma, a lista do que deveria fazer parecia não parar de crescer.

Gwynt e Abyss eram companheiros calados agora. No começo tentaram me consolar e obter informações, mas eu estava em estado de choque com a selvageria bem presente, me fazendo reviver desde a partida até o resgate deles.

O meu clã estava disposto a me aprisionar, me usar como isca para pegar os dragões. Que Samael era sádico, isso nunca foi uma dúvida e agora deixou bem claro qual é o seu alvo, o que nunca tinha feito antes. O ataque de Michii foi uma surpresa e Cora junto, Erus também, jamais imaginei. Sempre soube que ele estava atrás de mim, contudo, em nenhuma vez ele me atacou frente a frente. Desta vez ele usou tanto a força física como psicológica. Se aproveitou do meu maior medo de infância.

Samael queria me desamparar tirando todos aqueles que me sustenta- de alguma forma, ao passo que pareceu que Rae e Perii fizeram com que Nestor me guiasse em direção a seres que poderia me ajudar a combatê-lo. Lógico que não são substitutos. Cada ser é único na sua própria essência, mas com eles não caí no abismo e agora não estou sozinha como era o plano de Samael.

Com eles não precisava dividir o fardo sozinha. Meus ombros não pesariam tanto como antes, por mais que eu tenha a mania de pegar tudo para mim e querer resolver sozinha, isso não era mais necessário. Apenas precisava aprender a lidar com isso.

— Eu vou voltar e lutar por eles.

Anunciei com a voz alta para escutarem, mesmo com o ar ricocheteando em nossa volta. Meus punhos estavam cerrados, meu maxilar trincou e a sel-vageria voltou despertando os quatro elementos.

Existe muita coisa pendente ainda dentro de mim, mas encontraria o caminho de algum jeito. Precisava estabelecer as prioridades do momento. Samael sempre atacou pelas beiradas, mas agora ele partiu para ofensiva e no momento precisamos entrar na defensiva até encontrarmos o melhor plano para atingirmos o primeiro objeto: salvar o clã.

— E vou precisar da ajuda de vocês. — minha voz continuou alta, entre-tanto existia um tremor no meio.

Colocar o meu ego de lado para pedir ajuda a humanos é algo grandioso para quem sempre foi acostumada a fazer as coisas sozinha. Minha relação com os dragões sempre foi mais fácil do que me relacionar com a outra parte de mim, a humana. Tân e eu nos tornamos inseparáveis antes mesmo de completarmos um dia juntos. É fácil pensar neles como parte de mim, por outro lado, pensar como humana é desafiador.

Minha relação de mãe e filha com a Cora era simples e fácil. Ela me conhecia desde sempre e mesmo tentando me trazer mais para perto do clã, jamais me empurrou para longe de si mesma. O maléfico era o pensamento deles em relação a mim, o sentimento que essa ação gerava em minha mãe fazia com que me afastasse mais e mais. Oem, Axía e Erus eram os únicos que não causavam esse tipo de sentimento nela, por isso também foi fácil aceitá-los.

— Pensei que nunca fosse pedir. — Abyss me responde com um sorriso no rosto.

Diferente do sorriso travesso ou contido que era de costume, desta vez as laterais da sua boca subiram juntas e iluminaram os seus olhos com um roxo contagiante. Não percebi quando repeti o mesmo gesto, só que um pouco mais contido.

Gwynt não precisou dizer nada ao transmitir alegria pela ligação. Não só isso, estava misturada com amor e... Orgulho. Não demorou para mais três ondas dessa mistura invadirem o meu peito e aquecê-lo, enquanto todos os pelos do meu corpo se arrepiavam. Soltei um gritinho contido com a sensação e Abyss gargalhou ao ver uma Asha encolhida à sua frente.

Muita coisa aconteceu desde a passagem da minha mãe, e aquela Asha jamais imaginaria que estaria sobrevoando o Reino

com um garoto a cami-nho de encontrar os seres que começou a chamar de família.

Antes não existia família além de Cora.

Como eu estava enganada. Abracei a Mulher Dragão e ainda estávamos longe de completar a missão de eleita, e eu tenho tanto a aprender ainda.

— Eu não tinha pensando nela! — pensei alto descendo de Gwynt com a ajuda de Abyss.

A viagem durou um bom tempo, mas não o suficiente para o meu corpo se recuperar dos frutos perdidos. Agora parecia um pouco mais forte do que quando subi no dorso da domadora do ar, mas qualquer movimento brusco poderia me levar para o chão sem pestanejar.

Minhas pernas conseguiam se mover sem tremer e a selvageria parecia mais presente do que nunca, como uma espécie de madeira na qual me amparava a cada passo. Não sentia a necessidade de reprimi-la como antes. Ain-da assim, Abyss me cercava, caso algo acontecesse.

— Estou feliz que tenham vindo para cá.

Confesso encarando a cascata da Foz do Rio. Algo sobre esse lugar me acalma. Enquanto bolamos uns planos para resgatar o clã, podemos explorar e entrar naquele corredor da caverna. Tenho certeza que os dragões passariam por lá. Analisei Tân e Gwynt pensando em Lux e Gaorth. Com certeza passariam.

— Não faça mais isso.

Tân exigiu na ligação e me empurrou com seu focinho, um pouco forte demais, me fazendo segurar em um dos seus dentes protuberantes, que ficavam fora da boca. Não precisava ler suas feições inexistentes para saber que meu primeiro dragão não gostou da separação repentina, e que se demorasse demais para voltarem comigo, ele mesmo voaria atrás sem hesitar. Assim como faria o mesmo por ele.

— Eu estou bem, cabeça quente.

Brinquei com ele chamando-o pelo primeiro apelido que dei, e logo aca-riciando a sua lateral. Perante Tân, agora me sinto uma formiga. Meu tama-nho é praticamente o tamanho de um lado do seu maxilar. Gwynt era um pouco menor que ele, mas o formato do seu corpo também dava a sensação disso, e mesmo assim, se espalhasse todo o seu cumprimento ao redor do dragão vermelho talvez conseguisse um círculo completo.

Dadaer e Eira pareciam ter o mesmo tamanho, mas menores que os mais velhos. Diferente de nós, humanos, que demoramos ciclos para crescer, os dragões podem levar apenas alguns dias. Mesmo estendendo o braço não conseguia encostar nem na barriga de Dadaer ou de Eira.

Independente dos tamanhos, cada um tinha a sua beleza única e espera-va que coubesse na caverna e no corredor, mesmo lembrando que os dragões de Tiare se assemelhavam com Tân em tamanho.

— As Criaturas Celestiais sussurram. — Lynn confessa, tímida, o que raramente acontecia, me tirando do meu devaneio. E eu já não me lembrava de que estávamos falando e Abyss apenas olhava nossa amiga sem entender. — Foz do Rio. Assim que te abracei mais cedo, duas vozes apenas sussurram o local e só entendi quando pediu para irmos. Só pode ser elas.

— Rae e Perii. — minha voz saiu como um teste, saboreando os nomes delas. Não sabia aonde habitavam, mas estava pronta para estender um cumprimento aos céus.

Deixei minha fala se perdendo enquanto encontrava olhos amarelos. Um certo entendimento passava por Lynn, o que me fez lembrar que ela tem um conhecimento maior sobre elas.

— Elas perderam a força a ciclos. Quando eu era mais nova costumávamos caminhar até aqui em símbolo de fé e fidelidade, do outro lado do Monte, acima da Foz. Era ali que fazíamos nossos sacrifícios para as Criaturas Celestiais.

Olhei a montanha que se erguia acima da cascata de água; Monte Vero.

Era assim que o conhecia, o lugar que poucos frequentavam.

— Perderam a força? — Abyss questionou ainda olhando Lynn.

Ela acenou com a cabeça e continuou:

— As Criaturas foram destronadas no quesito fé, não sei exatamente como ocorreu, mas os Irmãos Celestiais ascenderam em seus dons de tal maneira que começaram a contar mitos sobre eles serem os criadores do Reino.

— Lynn contou entrelaçando as mãos. — Mas isso é mentira. Meu pai era um grande seguidor das Criaturas Celestiais, por isso mantenho minha fé nelas. Sei que são irmãs, uma representa a Criação e a outra a Destruição, juntas se complementam.

— Onde Nestor e Cig apareceram nessa história?

— Apenas soube deles quando me aproximei de outros Aliar e na Torre Celestial.

Perderam a força.

Minha fé sempre foi para Nestor porque minha mãe me ensinou, e depois dos sonhos, não teria como não acreditar que ele não é um Ser Celestial.

Abyss e Lynn entraram em alguma espécie de debate enquanto meus olhos eram chamados mais uma vez para a cascata logo atrás.

— Não podem ter sido apenas humanos para criar os dragões também.

— Dadaer pondera.

— Por que não? — Eira questiona representando a minha curiosidade.

— De onde nos tirariam? — o domador da terra retruca.

— Talvez um humano se aprofundou tanto em elemento que se tornou Elemental, mas o seu corpo não aguentaria o dom, então nós fomos feitos até eles suportarem o poder celestial.

Todos ficamos em silêncio considerando o que Gwynt acabara de falar.

Pelo seu tom, estava contemplativa e parecia que tinha pensado alto. Ela sentia que não era uma verdade, mas uma possibilidade que acabara de inventar.

— Eu poderia acreditar facilmente em qualquer coisa que ela fala. — Tân comenta pela ligação.

Escutei os outros dragões concordando, do mesmo jeito distante que ainda escutava Abyss e Lynn discutirem sobre suas fés ainda. Estavam longe, então caminhei até a beirada da água sem medo, testei a temperatura como costumava fazer quando era mais nova.

A sensação era de nostalgia e de perda ao mesmo tempo, não fazia sentido, mas sentimentos não faziam sentido, e mesmo assim estavam ali, pre-sentes.

O fato de não lembrar me incomodava muito, ainda me fazendo remoer e tentar entender o que Cora teria que esconder de mim, sendo que sempre a considerei a pessoa mais próxima de mim. Será que eu poderia estar enganada?

Respirei fundo e caminhei pela água lembrando de Eira me apresentado a água. Deixando o gelado percorrer o meu corpo e acalmar a selvageria que pinicava a minha pele.

Conseguia ver que o dia estava acabando pela posição do sol, quanto mais a oeste, mais rápido a lua dominaria o Leste. Tínhamos pouco tempo até que isso acontecesse e precisamos arranjar algum lugar protegido para dormir.

Com um aceno de mão a água da cascata se partiu ao meio para que eu passasse. A caverna estava do mesmo jeito que me lembrava, a não ser o tamanho, não era tão pequena como pensava. Comportava os dragões com facilidade em largura e comprimento, e mais três humanos.

Girei minha mão brevemente formando um pequeno remoinho embaixo de mim, a fim de me impulsionar para a beira da terra, e assim sair da água que já batia em meu peito e não dava pé. Usei o ar para secar as minhas vestes e olhei em volta.

Poderíamos dormir ali, a água, o ar e a terra estariam ao meu favor, caso alguém tentasse algo. Estaríamos protegidos.

O corredor que percorri com Lux estava mais atrás e era tão alto e largo como a caverna. Para mim tudo parecia enorme, mas para os dragões talvez fosse justo.

Seria um ótimo abrigo para essa noite, se conseguirmos dormir.

Fiz com que a cascata mais uma vez se dividisse para conversar com eles, que encaravam justamente o lugar em que estava. Todos tinham dado um passo em direção à caverna escondida, enquanto Eira já aproveitava o conta-to com a água.

— Vamos dormir aqui dentro esta noite — anunciei chamando todos para dentro.

— Mas e se alguém...

— Água — apontei para baixo e à frente de mim. — Terra — bati o pé e apontei para cima e atrás. — Ar — girei o dedo ao meu redor. — E mais qua-tro dragões. Estamos em vantagem.

Abyss parecia entender, mas não estava satisfeito. Queria sempre estar um passo à frente.

— Não gosto da ideia da água... — Tân reclamou e Eira rosnou.

— Não estrague a minha água!

Ela reclamou ao ver Tân afundar um pé na água e vapor subir. Segurei um riso com um sorriso largo.

— Você adorava nadar quando era menor, Tân — brinquei com o dragão vermelho, que levantou os olhos da mesma cor, enquanto cobria o pequeno lago com apenas um passo e meio.

Fumaça saiu das suas narinas assim que deitou no fundo da caverna. Realmente teríamos espaço para os demais. Gwynt passou por mim flutuando e mostrando que claramente se divertiu com a situação. Diferente do primeiro dragão, Dadaer aproveitou o contato com a água.

— Vou permanecer na água, a terra é de vocês.

Eira anunciou enquanto impulsionava Abyss e Lynn pela água para que chegasse mais rápido na caverna. Assim que todos nós estávamos na parte de dentro, deixei que a cascata caísse. Não contrariei Eira, primeiro porque ela queria ficar com o seu elemento, e segundo porque se não prestasse atenção, não daria para vê-la. Suas escamas escureceram um pouco, assim que fechei a cortina de água, o que mostrava que ela se adaptava à cor, temperatura e ao jeito do seu elemento, independentemente da situação.

Parecia que a cada dia os dragões tinha mais uma curiosidade para me mostrar.

CAPÍTULO 30

Aquela mesma voz invadiu o meu sono.

— Olha só! Você voltou.

De novo estava naquela nuvem e ele sentado na beira, e eu a alguns passos atrás, então encurtei nossa distância observando suas mãos baterem uma contra a outra freneticamente e assim que me aproximei bateu sua mão ao seu lado. Tomei o meu lugar e curiosamente olhei para baixo.

Meus pés ainda calçados com as botas marrons balançavam pendentes em cima do Reino Nefir, logo abaixo de nós. Olhei para Ryu ao meu lado e ele conteve uma risada divertida.

— Não, não é aqui que as pessoas que completam o seu multum vem. Mas sua mãe está bem, pode ficar tranquila. Como disse antes, Rae e Perii são legais. — como antes ele ainda continua falante. — Não precisa se preocupar com isso.

— Quem são elas? Rae e Perii? — questiono o mais novo.

Sabia um conceito total, mas eu queria descobrir a verdade. Tinha diversas dúvidas em minha mente, me fazendo questionar a minha mãe morta, e de algum jeito, eu iria atrás da verdade. Seja ela qual for. Por isso questionei Ryu, ele parece conhecer as Criaturas Celestiais e acredito que não mentiria para mim enquanto estávamos sentados no lugar que diz ser de Rae e Perii.

— São diferentes de nós, sabe? — ele comenta dando de ombros. — Ainda não entendo o que são, mas sei que Rae é a Criação e a Perii a Destruição. Elas são muito poderosas, oh se são! Papai contou que elas criaram o Reino todo, só que não existia Aliar e Arfenol como hoje porque não existia o dom, até elas fracionarem o seu poder e dar uma gota ao meu pai. E foi aí que tudo começou. — Ryu estendeu a mão para o Reino abaixo como se apenas aquilo explicasse tudo. — entendeu? — Desta vez ele cochichou baixinho para mim.

— Na verdade, não — confesso no mesmo tom que ele. — Mas entendi a sua ideia da árvore.

— Até que enfim! — ele ergue as mãos balançando o seu cabelo, conforme mexe a cabeça em comemoração. — Mas não se preocupe, vou te ajudar muito mais.

Sorrio para ele em resposta e logo depois suspiro com todas as dúvidas que andam me cercando em tão pouco tempo. Ele comentou da minha mãe, será que...

— Não, Cora completou o multum dela. Não a incomode, vá viver a sua vida.

Bufei contrariada e me culpando por esquecer da habilidade dele de ler mentes nesse... Nesse lugar, seja lá qual for o nome daqui.

— Também não sei, por isso chamo de Espera. — ele confessa cruzando os braços. — Afinal, estou esperando aqui.

— Faz sentido — solto sem pensar. — Vai ser bom ter alguém tão esperto para me ajudar.

— Pare de puxar saco! Rae e Perii disseram que fiquei muito tempo sem fazer nada e que te ajudar iria também ajudar elas e os meus irmãos.

— Então não é por que gosta de mim? — perguntei para irritá-lo enquanto batia o meu ombro no dele.

— Eca! Sou velho demais para você — ele me espanta com as mãos como se fosse realmente protegê-lo de mim. — Se está falando essas bobagens é porque precisar ir dormir. Vá descansar, garota, e depois a gente conversa.

Sou despertada com o meu nome sendo gritado, me ergo, e em um instante já sinto os quatro elementos ao meu redor e algo mais responder naquele mesmo ponto em meu abdômen. Passo a mão pela região sem entender, enquanto sinto a selvageria percorrer o meu corpo com uma semelhança reconfortante perante a nova sensação, mas de uma maneira mais intensa, como se quisesse despertar minha atenção total.

— Asha! — Abyss grita novamente e vejo esferas azuis rodearem cabelos pretos como os meus, enquanto as mãos do domador do abismo estão ergui-das e relâmpagos passeavam pela mão de Lynn.

Meus olhos mal abriram ainda, entretanto sinto uma presença diferente entre nós. A energia parecia brincar ao nosso redor como se fosse uma velha conhecida de muito tempo e quisesse falar sem parar, exalava euforia, então o velho instinto de proteção se acendeu como puro fogo.

Apenas pensei em protegê-lo, agilmente levei o meu corpo entre o alvo e os meus dois amigos. Ironicamente os dragões não quiseram atacá-lo, ergui as minhas mãos para os lados onde as esferas de Abyss contornavam o pequeno corpo do garoto.

Ainda não tinha visto o domador do abismo em ação, apenas sentido na dominação da Ilha da Fissura e o pouco que mostrava em treinos, e por isso sabia que aquelas esferas eram dele.

As linhas pálidas aparecem espalhadas pela minha vista tecendo a imagem como sempre. Conseguia ver os lábios deles se mexendo, mas o meu sangue latejava em meus ouvidos e tudo parecia estar acontecendo rápido demais para o meu corpo recém acordado perceber tudo com exatidão.

O alvo de Abyss se mexeu alguns centímetros como se quisesse falar algo para apaziguar a situação, e bastou para o domador em minha frente. Meu corpo pareceu arder em brasa quando um fio em específico brilhou em resposta em um tom levemente escuro, e o puxei com um leve movimento dos dedos.

Sentia o Reino girar em torno de mim, ao mesmo tempo que a selvageria corria solta e contente pelo meu corpo. Parecia que tinha o poder nas pontas dos dedos, era apenas puxar aquele fio que se sobressaia ali.

De forma bruta as esferas desbotaram e se despedaçaram, o que não achava que fosse possível, e junto delas senti a energia de Abyss se destoando como se tivesse além do limite da Exaustão. Eu conhecia esse sentimento, mas não era possível. Ele era muito consciente para isso. Não, não.

Convidei a água de forma que esfriasse o meu corpo e a selvageria, preci-sava da atenção de volta e eu parecia alheia ao que estava acontecendo, apenas reagindo. Obriguei o ar fazer com que a minha respiração ficasse mais calma, mais profunda e pisquei os meus olhos para que parassem de vidrar em alguma parte aleatória. Demorou algum tempo, mas consegui focar a minha atenção para Abyss.

Ele estava curvado logo em minha frente e parecia pálido e fraco. Não demorou para que eu me ajoelhasse ao seu lado, logo invoquei água em minhas mãos e jogando em seu rosto em seguida. Sua resposta foi um resmungo fraco e olhos preguiçosos me encararam. Apoiei suas costas em minhas pernas e ergui um pouco o seu tronco envolvendo-o em um semiabraço.

Não sabia o que aquela linha acabou fazendo, mas agora conseguia ver o fio vermelho no meio de nós dois e o puxei, assim como fiz quando estava desacordado. Puxei firme e forte, seus olhos arregalaram e depois focaram em mim. Ainda meios perdidos, mas focados em mim.

— Você... Você...

Ele tentava formular a frase, mas se perdeu quando uma figura pequena apareceu logo atrás de mim, e Ryu pareceu explicar tanto para mim quanto para Abyss:

— Você simplesmente aboliu o dom dele por um tempo. Instintivamente tirei minhas mãos dele, erguendo para cima, e me afastando surpresa ao ouvir o que tinha acabado de fazer. Invoquei pedras fazen-do com que o corpo de Abyss ficasse mais ereto e pudéssemos olhar em seus olhos.

Não fazia ideia do que Ryu quis dizer, mas não queria abolir mais nada de Abyss e de ninguém. Olho para minhas mãos esperando ver algo diferente ou até mesmo as tão conhecidas garras, e acabo me surpreendendo ao encontrar escamas negras como a noite nas costas das minhas mãos. Abro e fecho os dedos ainda observando e permanecem ali.

Olhei para Abyss, que mesmo com as palavras do garoto, não se moveu em nenhum momento. Ainda se manteve com as costas escoradas nas pedras e os olhos em mim. Sua pele

morena estava pálida como se ele estivesse doente e quis tocá-lo, reconfortá-lo pelo o que eu mesma tinha feito, mas recuei assim que lembrei.

— Como? — minha pergunta saiu fraca.

O pequeno corpo de Ryu se deslocou até seus olhos de areia encontrarem os meus, seu rosto pendeu um pouco para o lado direito e isso causou uma sensação conhecida.

— O dom dos dragões é mais elementar fazendo com que você consiga manipular e controlar os elementos deles, porém você foi agraciada e — ele começa a contar e o interrompo gesticulando com as mãos.

— Não, não. Primeiro quero saber como ele volta ao normal. Como posso ajudá-lo...

— Eu estou bem — Abyss me interrompe desta vez, mas sem força para erguer uma mão para gesticular.

— Claro que está — digo ríspida e volto a olhar para o Ryu. — Como?

— Você precisa puxar a linha oposta, enquanto mantém o vermelho esticado. — ele declarou, dando de ombros. — Elas não me falaram muito sobre isso. Apenas que tudo iria se encaixar quando você se lembrasse de tudo.

— Todos querem que eu lembre de tudo! — minha resposta é um resmungo imaturo enquanto me concentro em Abyss.

A selvageria parecia latente agora, latejando. Quase como se estivesse respondendo à energia que acabei de usar, olho mais uma vez para as minhas mãos e as escamas começavam a desbotar aos poucos.

Não, eu ainda precisava daquela energia!

— Eu disse oposta, Asha. — Ryu chama a minha atenção. — Você não vai conseguir.

— Ei! Não diga o que ela pode ou não fazer. Foi por causa de você que tudo isso aconteceu. — Lynn repreendeu Ryu, que a olhou curioso e levemen-te emburrado.

O pequeno colocou as mãos atrás do corpo e o balançou olhando Abyss.

— Isso é verdade, desculpe domador do abismo. — ele diz tímido, o que nunca imaginei que aconteceria. — Mas seria

melhor colocá-lo em cima de um dos dragões, temos um bom caminho pela frente e a Asha já dormiu demais.

Ele apontou para o corredor atrás de nós e então me lembro que estamos na Foz do Rio, e que também estava com o cara, que possivelmente tenho sentimentos fortes. Deitado em meu colo, uma criança quase fazendo bico e minha amiga com as mãos na cintura, indignada com o comportamento do novo membro, enquanto os dragões debatiam em si o que seria abolir o dom de alguém e como eu poderia fazer isso.

— Eu também gostaria de saber.

Comentei rapidamente e senti o reconforto deles logo em seguida. Agora seria uma boa hora de contemplação no cume da Cordilheira de Bico Fico.

Tân cedeu o seu dorso para Abyss, então com um movimento rápido e leve de uma das minhas mãos ergui um rapaz pesado. Meu peito pesou com a ideia de ter causado algum mal a ele. Dei toda a minha atenção em colocá-lo gentilmente em cima do dragão vermelho e peguei uma das poucas peles que conseguiram trazer na fuga, e coloquei em cima dele como se aquecê-lo fosse a resposta para tudo, sendo que na verdade é a única coisa que eu poderia fazer.

— Você é terrível. — Abyss anuncia baixo. — Isso é pior que a Gormes. Sinto um peso no coração mesmo quando ele tenta sorrir sem sucesso

algum. Parece estar cansado, e não com dor como parece quando estamos na Exaustão. Mas ainda assim, do mesmo jeito em que achei força de vontade para acabar com aquelas escuridões, Abyss achou para fazer graça.

Não precisei dizer nada.

Meus olhos encontraram os azuis escuros dele. O salpicado roxo permanecia tão vivo agora que mesmo o vendo todos os dias, toda vez um frio passava pelo meu estômago irradiando para todo o corpo. Sempre precisava conter o arrepio ou o som de surpresa, que entalava na garganta com a sensação que me fazia experimentar.

Independente do que acontecia no meu interior, mantive o meu olhar firme nele.

— Eu estou bem.

Ele reiterou fazendo um grande esforço para passar o dedo pelo meu queixo, suavizou a descida brusca do seu braço com um sorriso de lado. Abyss sabia que nenhum movimento seu passaria despercebido por mim. Nossos corpos se moviam como dança sutil e já tinha me acostumado com isso desde a comemoração do meu ciclo.

Foi-se o tempo em que tentava entender esse sentimento, que na verda-de só deveria ser sentido. Então lancei um último olhar para Abyss e apertei levemente a sua mão, querendo que ele entendesse isso, de alguma forma. Estava disposta a sentir, mesmo sem saber para onde isso me levaria.

Seguimos em uma ordem, assim que encontrei com Ryu, fomos na frente de todos, com Tân e Gwynt logo atrás. Ela conseguia flutuar entre a metade do dragão vermelho e acompanhar os dois dragões menores com Lynn na retaguarda.

Felizmente no corredor coube todos nós, inclusive Tân.

— Você gosta dele.

Ryu constatou ao meu lado. O seu pequeno corpo acompanhava o meu com facilidade. Não tinha percebido naquele tal lugar, na Espera, mas ele batia em meus ombros. Alto para a sua idade, considerando que sou baixa e mirrada perto de outros do meu ciclo.

— E você gosta de falar, então me explique o que está acontecendo. Senti sua energia tremeluzir como se tivesse revirado os olhos.

— Rae e Perii apreciam a ideia de eu vir te ajudar, agora que está descobrindo o seu verdadeiro dom. Como disse, os dragões te possibilitam um dom elementar, mas você foi agraciada mais que qualquer eleito que um dia existiu no Reino. As Criaturas Celestiais te escolheram e deram os seus dons a você para quebrar a Maldição Geminiana. — ele despeja caminhando de forma quase saltitante ao meu lado.

— Eu tenho a Criação e a Destruição dentro de mim?

— Só uma gota. Bem, bem, bem pequena. — ele mostrou unindo o seu dedão com o dedo indicador. — Não comece a se gabar. — Ryu chamou minha atenção, mas na verdade estava

tentando entender o que ele disse. — Coitadinha, tem tanto a sofrer ainda.

— Eu não estava — retruquei apenas para me defender.

— Claro que está. Os seus olhos quase brilharam com todas as cores.

— Todas as cores?

— É, isso acontece com você, seus olhos brilhando com a cor do seu dragão representante, só que pela sua graciosidade toda, seus olhos podem passar de preto para branco.

Falar dos meus olhos me faz lembrar dos olhos dele.

— A genética da minha mãe se perdeu. Por isso não se vê mais ninguém com essa característica. Diziam que eram os melhores estrategistas.

Ryu fez um bico como se estivesse pensativo enquanto afirmava com a cabeça.

— Você está inventando isso.

— Talvez. — ele deu de ombros, mas não acreditei em seu semblante sério. — Mas não inventei quando disse que você precisa se lembrar.

A sua fala me pegou desprevenida, então não respondo como estava fazendo.

Precisa se lembrar.

Disso eu sei, sinto em cada parte do meu ser que existe muito mais do que me foi contado e o que me frustra mais é cogitar qualquer que seja o mo-tivo de esconderem algo de mim.

— E o que você lembra, Ryu? — questiono, assim que fazemos uma pausa.

Comemos o pouco de fruta que Lynn conseguiu coletar enquanto nos esperava. Minha amiga poderia parecer ela mesma agora, mas sabia que metade dela tinha ficado na Ilha da Fissura assim como minha também, entretan-to, a dela era mais intimista e ainda não tivemos a oportunidade de conversar

sobre isso, e iria deixar que ela falasse quando estivesse pronta. Por ora, sua atenção estava sobre a criança faminta.

— Fazia tempo que não sentia algum gosto. — ele respondeu sob os olhos atentos de Lynn. — Posso até comer na Espera, mas tudo tem gosto de exatamente nada. Nadinha. — Ryu termina a sua maçã. — Afinal, eu estou morto e meu corpo não deveria sentir coisa alguma, né?

Ele deu de ombros enquanto digeríamos a sua sinceridade, como se o fato de estar morto e conversando com a gente fosse normal. Vago o meu olhar até Abyss, que se encontra dormindo. Ele resistiu boa parte do caminho querendo se mostrar forte perante ao meu dom de destruição. Já tinha feito uma nota mental de que deveria tomar cuidado até entender e domar.

— Já passou muito tempo! — Ryu dispensou a pergunta com um ace-no. — Rae e Perii me contaram antes de vir para cá. São mais de mil ciclos! Pois é, única coisa que peço é o respeito pela minha idade. — ele gargalhou batendo em seus joelhos.

— Ryu — chamei a atenção dele.

— Desculpa. Estar vivo me intensificou, acredito eu. Quando morremos parece que somos apagados, e pior fica quando ninguém mais lembra de você. É, talvez tenha sentido mais isso porque estou preso na Espera.

— Preso? — Lynn quis saber.

— Sim, algo a ver com o meu antigo dom de amar os meus irmãos. Lembro de eles brigando sempre, papai era alguém importante e mamãe não tinha dom algum, e eu, o mais novo da família, o meu nome era Ury. Não lembro de muita coisa, tudo parece em névoa densa. Mas Rae e Perii mudaram o meu nome para Ryu.

Eu e minha amiga nos entreolhamos. De certa forma, eu simpatizava com o que ele estava sentindo. Também não lembrava de algumas partes do meu passado, sem previsão para a mudança. Precisava me lembrar.

— Como ele pode ter um dom antigo e um atual? — Gwynt quis saber e questionei Ryu.

— O meu dom antigo só existe na Espera porque agora tenho a missão de te ajudar, Asha. Como um guia espiritual, vamos dizer. Assumo o meu corpo normal aqui por algum tempo, acredito que dure o tempo em que o sol desenha o céu. Depois volto para a Espera para recompor a minha árvore.

— Então agora o seu dom é permanecer o dia no Reino?

Ele concordou comigo comendo mais uma maçã. Expliquei o conceito da árvore para Lynn e de onde conhecia Ryu. Não foram muitos encontros, mas sabia uma boa parte da história do garoto, e vendo a sua forma faminta, me pego pensando se ele acabou morrendo com o ciclo que aparentava. Meu coração se aperta com a ideia.

Os dragões tinham pouca comida sobrando, Tân e Dadaer conseguiram caçar apenas uma dúzia de corças e alguns animais menores, enquanto Eira encheu dois tecidos de peixes durante as duas noites que dormi. Percebi que aos poucos os animais estava se tornando escassos como se o Reino estivesse secando, e algo me dizia que o ponto principal disso era a Torre Celestial porque em meu sonho, que Nestor me direcionou para encontrar Tân, foi o local mais seco que já estive, tirando os Desertos, que eram para ser exatamente assim: secos. A Torre era rodeada pelo Oceano Rae, então tornava mais fácil ter uma vegetação saudável, porém isso não parecia importar.

Ryu nos guiou caverna adentro. Aos poucos as paredes iam se expandindo e as tochas já não estavam acesas como na lembrança de Lux, então desde que entramos Tân iluminava o caminho com três bolas de fogo, conseguindo assim vermos o começo, meio e fim da nossa fila. Quando não conversávamos, conseguia escutar os nossos passos, então não foi difícil perceber que um de nós tinha parado.

— Olhem isso. — Lynn chamou a nossa atenção. — Parece que alguém esteve aqui.

Ela passava a mão em um vinco na parede de pedra e não só ali, os vincos estavam dispostos aleatoriamente e pareciam estar dentro de uma extensão correspondente a de um dragão.

— Até parece que foram feitos por relâmpagos. São tão aleatórios...

— Ah!

Interrompi Lynn sem perceber, tampei minha boca por impulso, enquanto desci o meu olhar para os meus amigos, agora todos acordados. Abyss andava sendo amparado pelo dragão vermelho.

— Aconteceu tanta coisa tão rápido que esqueci de contar para vocês...

— Como assim? — Lynn e Abyss questionaram tentando entender.

— Lembra da última vez em que estivemos aqui? — eles assentiram com a cabeça. — Eu tive um sonho com uma lembrança de um dos dragões de

Tiare, a Lux. Ela era domadora dos relâmpagos como você, Lynn.

Apenas os dois me encaravam sem entender muito bem o que estava tentando falar. Os dragões souberam no mesmo dia, e Ryu, bom, ele pode ler mentes e não parecia surpreso com o meu relato como eles.

— Fomos nós que fizemos isso no caminho — tento explicar de maneira simples apontando para os vincos.

— E quando pretendia nos contar sobre isso? — Abyss questionou, chateado pela omissão.

— Não é como se ela tivesse tido tempo, né? — Ryu retrucou ganhando a atenção de olhos azuis escuros.

Não pude discordar do garoto, afinal parecia que um acontecimento tinha puxado outro até agora, sem deixar que eu tivesse um tempo para ao menos respirar. E não é como se tivesse tempo agora, mas ao menos estávamos em um túnel, que parecia seguro e ao menos estávamos no caminho certo.

— E se me lembro bem não estamos longe — tento trazer uma notícia boa para dissipar a chateação que se instalou.

Não me sentia culpada por não ter contado, até porque não fiz por maldade, e também ninguém quis me perguntar o porquê de eu ter ido parar na caverna aquele dia. De qualquer maneira, precisava dar tempo para eles apenas sentirem o que quer que

eles quisessem sentir. Não adiantava impor nada agora, iria só piorar a situação.

— É logo após a curva. — Ryu constatou fazendo a fila voltar a caminhar pelo túnel.

Aquela curva parecia demorar mais que o caminho inteiro que fizemos e não lembrava de ser tão longe na lembrança de Lux, mas assim que vi a cla-ridade daquela pequena vila que criaram dentro do Monte, apresso os meus passos para chegar logo e Ryu me acompanha.

Não tinha como esconder a minha ansiedade de ver novamente o local. Sem contar com a expectativa que criei em minha própria mente de que ali poderia estar um dos seis clãs que Abyss tinha comentado naquela reunião. Encontrar um deles se tornou uma meta pessoal minha.

E para a minha surpresa, a vila parecia abandonada.

As casas escavas na montanha estavam vazias, assim como os comércios. No sonho o local parecia ter alguma entrada para a luz solar, que iluminava tudo sem dificuldade alguma, mas agora a iluminação estava precária.

— O sol vai começar a se despedir, Asha. — Ryu me alertou e apontou para cima. — Eles possuíam um domador de terra na época, assim conseguiam abrir pontos estratégicos para terem iluminação e fechavam durante a noite, por precaução.

Apenas precisei olhar para Dadaer, minha ajuda foi mínima, pois eles não queriam que gastasse o meu dom com algo que eles poderiam fazer, e também porque estavam preocupados com a quantidade de frutos em minha copa. Não queriam que ficasse perto da Exaustão de novo, o objetivo era me ver bem e não andando meio zonza como fiz no meio do caminho. Um dos dons que usei em Abyss tinha sugado um pouco do meu dom e acredito que tenha sido por mau uso.

Localizamos as paredes que poderíamos arrastar e com um som de rocha sobre rocha, Dadaer arrastou os pedaços de pedras possibilitando a entrada da luz solar no ambiente confirmando a sua falta...

— Pelos Dragões! São dragões — escutei uma voz baixa e meu sentido me fez virar para o dono, que colocou as mãos na

boca com a surpresa de ser descoberto.

Eram duas crianças, mais velhas que Ryu, escondidas atrás dos pedregulhos maiores. Tentaram se esconder mais, mas dava para ver os cabelos azuis de um e brancos do outro. São Aliar. Independente disso, de imediato assumimos uma posição defensiva quando mais pessoas começam a aparecer, talvez dez ou um pouco mais.

— Que as Criaturas nos protejam... É ela. — outro sussurro. Meus olhos pulavam de pessoa em pessoa, todas murmurando.

— Tiare. — alguém tentou chamá-la.

O nome começou a ganhar força nas vozes se repetindo, quase virando um clamor, quando um garoto, um pouco mais novo que eu, tomou a frente de todos. Agora, observando bem, consigo perceber que todos são crianças e não existia um adulto entre eles. Um clã sem ancião, foi o primeiro pensamento que tive e minha esperança diminui. Sem alguém para saber as histórias antigas teríamos que ir em busca dos cinco clãs restantes.

— Não sou a Tiare — respondo antes que me perguntem.

— E eu não sou o Samir. — o garoto retrucou como se aquilo fosse óbvio. Eu reconhecia aquele nome de algum lugar.

— Mas ela é a eleita e Rae e Perii nos enviaram para cá. — Ryu replicou.

— A Mulher Dragão! — o garoto soou um pouco aliviado enquanto ainda mantinha a defensiva com o seu clã. — Eu me chamo Wodd. Mesmo com os nossos descendentes escolhendo caminhos diferentes acredito que o nosso seja o mesmo.

Descendentes? O que ele queria dizer com isso... O pouco de energia que Abyss conseguiu de volta começou a se atiçar e não foi necessário um pedido, Gwynt usou o ar para derrubá-lo como um aviso. Não era hora de ser pavio curto e muito menos bancar o macho. Era estranho ele agir daquele jeito, creditei esse ato como um jeito de aliviar a tensão que ele estava sentindo em ser um fardo para Tân levar.

— Do que você está falando, Wodd? — questionei de volta.

— Que somos da mesma família, Mulher Dragão. — ele respondeu sem rodeio.

Wodd é o líder do clã de Monte Vero. E ao contrário do que pensei, existiam dois anciões com ele, que não eram tão velhos quanto Oem, mas adultos, e podiam compartilhar o que sabiam com a gente. Ainda estávamos tentando entender essa interação que estava acontecendo. Logo depois de descobrir que Wodd era meu parente, Ryu se despediu. Duas luzes fizeram com que sua imagem ficasse embaçada para então sumir, era uma luz branca e outra preta. Como Rae e Perii fizeram naquele de dia.

— Você pode me chamar de Asha agora — pedi para Wodd, que ficava repetindo sempre o meu título como se fosse algo legal de se dizer.

Ele não ofereceu explicação depois de revelar nosso parentesco e também não cobrei, por ora. A noite tinha caído e ele ofereceu a caverna logo à frente do portal que passamos, a mesma que vi no sonho de Lux. Lógico que não descansaríamos como herdeiros de um trono, montaríamos guarda. Mesmo que fossem a maioria criança, ainda assim eram crianças com dons. Sabe-se lá quais e não queria descobrir isso no meio da noite.

Antes de nos deixar em nossa caverna, Wodd fez um pequeno relato da situação deles.

— Há ciclos, o clã Arfenol conseguiu capturar nossos pais nas poucas viagens que fazia para fora do Monte em busca de suprimento. — ele come-çou. — E desde que o último grupo não voltou, não saímos. Já se faz mais de sessenta dias e a natureza parece estar sentindo tudo isso. Alimentos estão começando a ficar escasso.

Assim que ele relatava consegui perceber que ele tinha os cabelos loiros claros como os da minha mãe, mas seus olhos eram de um azul pálido beirando ao cinza e eram destacados

por marcas logo abaixo deles. Linhas retas do mesmo tom e se repetiam na ponta dos dedos. Seus lábios eram fartos como o de Cora, sendo o superior um pouco mais fino e o nariz ligeiramente maior que o meu.

— O Samir está conseguindo cada vez mais poder para Cig.

Ótimo! Mais um alimento do Senhor das Sombras.

— Quem é Samir, Asha? — Dadaer quis saber e eu também.

— Quem é Samir? — questionei. — Já basta Rei Rimas nos caçar para alimentar Cig e Samael...

— Samir é o Rei Rimas. — Wodd me interrompeu. Tente falar o nome dele ao contrário, Asha

Demorei um pouco para colocar todas as letras ao contrário e então falar:

— Samir. — um frio percorreu todo o meu corpo fazendo com que me encolhesse. — Eu conheço esse nome. Tive um sonho com uma lembrança de Tiare recentemente...

Minha voz parou em busca dos detalhes que não percebi do sonho.

— Samir é o irmão gêmeo de Tiare. — Wodd me ajudou, e em seus olhos

um traço cinza escuro de pesar. — Graças a eles ainda vivemos a Maldição Geminiana.

— Que seria?

Wodd parecia pensativo.

— Acredito que ele possa nos contar amanhã, não é, Wodd? — Abyss questionou de trás, apoiado em Tân. — Sobrevivemos a uma perseguição e um descaso seria bem-vindo.

Sua energia não estava como antes, querendo reagir à presença do líder. Não. Ele estava sendo sincero com uma boa dosagem de curiosidade. Seus olhos me diziam que precisávamos conversar e era verdade. Mesmo que

Wodd me entregasse todas as informações que queria, não sabíamos se realmente deveríamos confiar neles.

Depois de ser perseguida pelo meu próprio clã precisava averiguar se não estava mergulhando em outra armadilha, mesmo que os olhos de ninguém ali pareciam enevoados. Não poderia depositar a minha vida e da minha fa-mília em uma pessoa desconhecida que me diz ser meu primo.

Precisava ser mais consciente.

— Calma, Asha. — Tân me aconselhou.

— É normal ficar curiosa depois de descobrir que muitas coisas não são exatamente como esperava.

Gwynt completou. Os dois pareceriam sempre interligar as falas para me dar um tapa na cara.

— Eles fazem isso mesmo. — Eira dedou.

— Quê? — questionei alto olhando os dragões, logo depois percebi o que fiz. — Ah, desculpa. Eu falo com os dragões — tentei explicar para Wodd apontando para a minha própria cabeça. — Em minha cabeça.

— Eles têm uma ligação. — Lynn simplificou.

— Claro que tem. — Wodd pareceu se divertir com a situação e depois olhou para Abyss. — Vamos à caverna de vocês. Amanhã podemos conversar com uma refeição e os anciões presentes.

— Seria ótimo. — Abyss concordou.

Estávamos na metade do caminho de volta quando mãos pequenas segu-raram meus punhos. Era uma menina, com ao menos dez ciclos, seus cabelos eram rebeldes, de cor verde-água, com olhos como um ônix intenso.

— Você é a Tiare? — ela questionou.

Minha primeira reação foi ficar em choque e dizer que, óbvio, não seria ela, mas era apenas uma criança! Então procurei o meu lado mais doce para lidar com essa situação porque realmente não gostava de ser comparada com Tiare, mesmo que ela já tenha sido eleita a acabar com a Maldição. Mesmo assim, queria deixar claro que éramos pessoas diferentes, porém não deveria descontar isso em uma menina de dez ciclos.

— Eu sou a Asha — coloquei a mão livre em meu peito enquanto me abaixava um pouco. — E a Tiare é uma amiga

minha. Ela pediu para vir ajudar vocês.

— Ahhh! — ela exclamou junto de mais três crianças atrás dela.

— É que você parece tanto ela. — a de cabelo branco disse.

— Sim, sim! Imagino ela como você nas histórias depois de ver os dese-nhos. — a de olhos roxos completou, animada.

— Mas de cabelo comprido! — a verde-água endossou.

— Histórias? Desenhos? — repeti a informação.

As crianças saíram eufóricas depois de me confirmar. Então eles tinham bastante informação para nos fornecer. Quando voltei a atenção ao meu pe-queno grupo, eles estavam na porta da nossa nova caverna me encarando com indagações no rosto.

CAPÍTULO 31

Lynn questiona:

— Você confia neles?

— Não tive motivo para o contrário. Em nenhum momento Wodd pareceu hesitante ou com medo quando nos deu as informações — constatei me encostando na barriga de Tân. — Os dragões também não sentiram nenhuma malícia nele. E pelo o que aquelas crianças disseram, eles possuem desenhos e histórias sobre o passado. Talvez isso nos ajude.

— Não acredito que eles estejam mentindo, mas também não digo para confiarmos de olhos fechados. Querendo ou não temos que ser cuidadosos.

— Abyss opinou já deitado.

— Como está se sentindo? — mudei de assunto mais por preocupação a ele do que querendo contornar o assunto anterior.

— Estou bem melhor. — ele me tranquilizou. — Era como se tivesse ultrapassado qualquer limite do meu dom porque a sensação me lembrou da

Exaustão, só que muito mais intensificado.

— Tomarei mais cuidado — falei como se pedisse desculpa.

— Você seguiu seu instinto, Asha. Agora só precisa aprender a domar essas vertentes do seu dom. — Lynn me aconselhou.

Eu os atualizei do que Ryu tinha me falado mais cedo, provavelmente Lynn já tinha ouvido, porém não pareceu se importar, enquanto repetia para

Abyss e ambos pareceram acrescentar informações.

— O que querem dizer com a Graça?

— É o toque de Rae e Perii em você. — Lynn me respondeu. — Elas escolheram você para acabar com essa tal

maldição.

Queria cobrir a minha cabeça e me encolher com a ideia. Já tinha a minha própria maldição para lidar e agora tinha mais uma? O que esse Reino tinha com maldições, afinal!

— De acordo com o sonho de Asha, Tiare também era eleita e pelo o que Wodd nos contou, Tiare e seu suposto irmão Samir não conseguiram quebrar essa maldição. — Abyss constatou.

Isso é verdade. Por algum motivo as Criaturas os escolheram para acabar com a Maldição Geminiana e falharam, como elas esperam que apenas uma consiga agora? Apesar das diferenças, ainda assim eu e Tiare tínhamos muitas coisas em comum, ressaltando principalmente o nosso dom, apenas com dragões diferentes.

— Deveríamos descansar mesmo que muitas questões estejam sendo levantadas. — Dadaer pondera pela ligação e concordo.

— Vamos parar agora antes que tenhamos alguma descoberta que não nos deixe dormir? — perguntei aos dois, que concordaram rápido.

Se existia alguma diferença entre os clãs, com certeza era a devoção tanto entre si quanto para as Criaturas Celestiais. Assim que o sol apareceu dentro da pequena vila do monte, me alarmei para fora da nossa caverna. Não tinha fechado as... Jamais tinha visto algo tão lindo.

A ponta do Monte Vero se formava logo acima de nós e as passagens de sol que abrimos ontem estavam fechadas sim, e a iluminação ultrapassava pedras transparentes espalhadas por todos os lugares. Dependendo do ângulo, várias cores apareciam como em um arco-íris, e se saísse do ângulo desaparecia. Era divertido, de acordo com Eira e Tân.

— São cristais criados pela Grande Batalha. — Wodd apareceu do meu lado também olhando para cima. — O poder dos Irmãos Celestiais foi tão brutal que a areia dos Desertos

Desconhecidos voou para cá e com a última rajada do dom de Nestor transformou essas partes em cristal.

Eu estava embasbacada olhando os pontos transparentes.

— O que você sabe sobre a Grande Batalha? — indaguei sentindo o resto do meu grupo se juntar conosco.

— Praticamente tudo. — Wodd respondeu sem hesitar.

Depois nos levou para uma pequena área coberta no fundo da vila, onde tinha uma mesa esculpida em madeira reforçada, sentamos lá e juntamos as nossas mãos, sem entender muito. Wodd lançou algumas preces de olhos fechados, enquanto eu mantive os meus abertos observando os dois adultos do clã. Ambos pareciam ter o ciclo de Cora, um com cabelos coloridos e outro cinza.

Não pude observar muito, pois Lynn tinha apertado a minha mão, então fechei os olhos também. De imediato senti uma corrente passar por mim como se, enfim, tivesse fechado o pequeno círculo que formávamos. Meus olhos estavam realmente fechados, mas podia jurar que tinha visto luz bran-ca e preta circular por nós.

— Você sentiu isso? — sussurrei para Lynn, que me olhava desconfiada.

Jamais tínhamos feito algo do tipo. Estávamos comendo todos juntos e conversando entre nós. Às vezes com alguém do meu lado ou até com alguém do outro lado. Abyss estava contido, mas Lynn pareciam confortável com isso, enquanto eu me senti perdida. Não que não admirasse, realmente gostei, mas meus sentidos começaram a receber muita informação ao mesmo tempo. Estava acostumada à distância misturada com uma frieza educada.

Anotei que era uma habilidade que deveria melhorar. Logo depois Wodd diz que iria nos apresentar aos anciões, que possuíam trinta ou quarenta ciclos. Bem diferente de Oem. A lembrança dele me fez desanimar. Depois que voltasse da expedição da Foz do Rio tinha colocado na cabeça de que, de alguma forma, iria atrás de Axía mesmo que ele estivesse conformado com a decisão da companheira. Mesmo assim sabia

que sentia a falta dela. Não consegui cumprir isso e nem sei se o verei mais.

— Você vai lutar por eles, Asha. — Tân chamou minha atenção.

— Mas primeiro você precisa conseguir informação, então preste atenção. — Dadaer completou a repreensão.

Me senti tentada a fazer um bico, mas Ryu apareceu do meu lado me assustando.

— Não faça mais isso! — era a minha vez de repreender uma criança gargalhando.

Abyss entrou na dele, enquanto Lynn parecia tentar permanecer séria com a mão na boca. E eu queria que ela risse um pouco, por um instante não o tom alaranjado de tristeza nos olhos dela.

Entramos em uma pequena abertura com uma escada escavada a mão, o caminho para baixo era iluminado por tochas seguidas. Os dragões foram obrigados a ficar lá em cima e um Dadaer e uma Gwynt curiosa pediram para que eu não fechasse a ligação, eles queriam saber, enquanto Tân e Eira pareciam curiosos sobre as crianças e seus dons. Tenho dois dragões brincalhões e outros dois fissurados por conhecimento.

Os dois anciões já estavam sentados em uma mesa parecida com a que comemos, só que coberta por diversos pergaminhos. Era uma caverna não muito extensa, ao lado esquerdo tinha um portal, o qual parecia conter diversos outros pergaminhos, e de frente à mesa acompanhada por prateleiras de madeira penduradas na parede de pedra, as quais possuíam mais pergaminhos. O de cabelo colorido se chamava Paentio e o de cinza, Daeth.

— O que estão procurando? — o de cabelo cinza questionou. Wodd ia responder, mas Ryu se apressou.

— Tudo o que os senhores tiverem para oferecer.

Mesmo sendo impertinente às vezes, Ryu sabia conseguir o que queríamos.

— A Criação do Reino deve ser um bom começo. — Paentio, o de cabelo colorido, pegou um pergaminho na prateleira, o abriu e colocou na mesa.

Juntou as suas mãos, sussurrou algo inaudível e colocou a mão direita sobre o pergaminho. Não demorou muito para uma bola subir do pergaminho parando um pouco mais acima. Ela girou de forma frenética até se dividir em duas formas: uma branca e uma preta. Ao se unirem formaram o mesmo símbolo das minhas costas e daquelas pedras, inconscientemente levei as mãos ao ombro direito.

— A essência de tudo é a Criação e a Destruição, as irmãs gêmeas, Rae e Perii criaram o Reino tecendo linhas tênues entre os seus dons e fez o mesmo conosco. Criou humanos, animais, árvores e toda a vida que existe. — o ancião começou a narrar. — Não existe nenhuma prova de que as Criaturas não teceram outros Reinos, mas mesmo assim, o Primeiro Rei era muito devoto às irmãs e passou o ensinamento para os seus súditos e filhos, que são conhecidos como Nestor, Cig e Ury.

O desenho tinha vida própria acompanhando o que o Paentio falava sem dificuldade alguma, mas não consegui raciocinar depois que ele tinha mencionado o nome verdadeiro de Ryu, que se encontrava estático.

— Ryu — chamei. — Seus irmãos são Nestor e Cig?

O garoto não parecia propenso a responder mesmo com todos o encarando. Jamais passou pela minha cabeça que Ryu estaria literalmente no meio da história.

— É. — ele respondeu com simplicidade. — Parece que aquela névoa sumiu, Asha.

— Você esteve esse tempo todo com o irmão mais novo dos Senhores e não contou nada? — Wodd me cobrou com uma intimidade que não tínhamos.

— Eu não sabia — disse sem quer dar explicações, mas ainda surpresa.

— Nem eu sabia! — Ryu completou e sorriu depois. — Morri há muitos ciclos, Wodd, e estou esperando meus irmãos até hoje sem saber o porquê e quem são.

— Você lembra como morreu? — Daeth questionou e Ryu negou com a cabeça.

Abyss deu ordem para que continuassem a narração enquanto eu percebia que agora a névoa estava densa em minha volta. Me questionava até onde eu sabia a história e se o que tinham me contado era verdade ou mentira.

Minha intuição agora gritava e corria em minhas veias, a selvageria queria me contar uma coisa, um segredo escondido e que apenas sentimos desde que enfrentei o meu próprio clã.

Se eu falasse algo desse tipo em voz alta me chamariam de louca ou algo do tipo, e a essa altura da vida não me importava muito, ao contrário de ciclos atrás, a época em que ignorava a minha intuição e a maldição corria solta em mim. Ela era minha guia, porém agora eu era o meu próprio norte.

— Em modo de gratidão pela devoção do Primeiro Rei, as Criaturas Celestiais deram dons para os filhos gêmeos; um com a gota de luz e outro com a de sombras. E o terceiro, que veio ciclos depois, nasceu com a cor que unia Rae e Perii representada em uma linha vermelha. Ury tinha o dom de amar os dois. Mas isso não impediu que Nestor fosse prepotente com o seu dom e Cig o invejasse por não ter herdado o trono, e desafiá-lo pelo Reino. — Paentio continuou narrando enquanto seus desenhos acompanhavam a história. — Os irmãos mais velhos tinham crescido em seu dom e batalharam pela posse do Reino, que seria decidido apenas com a morte de um deles. Ury, temendo perder os dois pontos da sua linha se enfiou no meio da batalha pensando que iria impedir a morte deles, somente a deles. O filho mais novo do Primeiro Rei morreu com os dois golpes. Mesmo que os dons se anulassem juntos, o irmão mais novo foi consumido metade pela luz e a outra pelas sombras.

O rosto de Ryu estava banhado em lágrimas, chorando de forma discreta e eu envolvia o garoto em meus braços, Lynn e Abyss se fizeram presentes ao lado dele. Esse tempo todo ele vem esperando os irmãos que tanto ama e que o assassinaram, mas não fazia ideia.

Não sabia bem o que passava na cabeça do pequeno, mas pedi para Paentio parar a história, e um copo, nele conjurei água

para Ryu, que bebeu sem questionar. Ele sofreu em silêncio.

— Podemos dar um tempo? Tem algum problema, Paentio? — Abyss quis saber e vi de relance o contador de história negar com a cabeça.

Ryu pediu um tempo sozinho mais perto da escada. Abyss acariciou minhas costas, enquanto falava com Daeth e Lynn, eu não estava com cabeça para isso e acabei olhando em volta como se algum lugar iria me dar alguma resposta. Decidi ocupar o tempo vendo os pergaminhos, Wodd não demorou para aparecer com todos os seus conhecimentos.

— Conseguimos salvar alguns de Samir. — Ele apontou para os pergaminhos. — Outros só conseguimos ter porque Daeth e sua família possuem o dom do conhecimento. Com apenas um toque na pessoa, eles conseguem saber tudo o que aconteceu na vida dela e assim foram escritos todos os outros pergaminhos.

Ele apontou para aquela outra caverna.

— Um dom familiar? Só vi um caso.

— A família dele é a única assim, o resto é sortido. Eles carregam esse dom por 1.400 ciclos, exatamente. Desde a Grande Batalha — contou. — Sinto muito por Ryu.

Minha cabeça prestou atenção na primeira informação. Agora sabia em que tempo a Grande Batalha tinha ocorrido e há quantos ciclos meu clã es-tava perdido em detalhes falsos entrelaçados com os verdadeiros. A ideia de poder entender onde eu estava pisando e como conseguir cumprir o papel de eleita me animava.

— Sorte dele que tem você, ao menos. — ele começou a mexer nos pergaminhos, enquanto eu deslizava o meu dedo na prateleira de forma distraída.

— Se os dragões conseguirem animá-lo então sim, ele tem sorte — res-pondo sem entender muito o que ele quis dizer.

— Isso realmente poderia ajudar, mas quis dizer a sua história, Asha. — ele pegou os pergaminhos e voltei minha atenção a ele. — Com o seu pai con-vertido e matando todos em sua volta, bom, deve contar para algo... — Wodd parou assim que encontrou os meus olhos.

— Meu pai nos abandonou e a essa altura deve estar morto — falo um pouco mais alto, sem controlar os sentimentos que emergem.

Não é nenhum segredo entre nós de que o assunto pai não é algo que lido muito bem, e exatamente por esse motivo Abyss parou sua conversa para nos olhar e Lynn veio parar ao meu lado.

Eu não os olhei, senti os seus movimentos com a intuição latejando e minha atenção em Wodd. Seu olhar denunciava a dúvida que se instalava dentro dele, o seu coração batia descompassado e ele ameaçou fazer um movimento, mas segurei o seu punho querendo que ele não desviasse do assunto.

— O que você está falando do meu pai?

O verdadeiro pai para mim era Erus, mas sabia que as outras pessoas não veriam dessa forma. Para elas sempre seria a garota abandona pelo pai, deixada apenas com a sua mãe. Sempre me questionei o motivo, mas jamais duvidei que as nossas vidas estavam melhores sem alguém que amaldiçoa a filha.

— Asha, calma. — ele pediu e meu abdômen ferveu. — Aqui.

Não lidava muito bem com a palavra calma por algum motivo. Wodd me estendeu os dois pergaminhos que segurava, os peguei de forma bruta sem medir a minha força. A selvageria corria em minhas veias. Não tinha aspecto de muito velhos como os demais, na verdade o seu dom bege fraco ainda dominava os dois. O primeiro tinha o meu nome e o outro estava escrito Samael.

Meu estômago gelou e direcionei o olhar a Wodd esperando que ele estivesse sorrindo e falasse que era alguma espécie de brincadeira. O meu pergaminho relatava sobre eu ter nascido da união do clã Aliar e do clã Arfenol da Cidadela do Arvoredo, a diferença física e a maldição que eu carregava e a Cerimônia do Dom. Logo abaixo tinha dois nomes escritos e o meu em destaque.

Minha mãe jamais disse o nome do meu pai.

Os nomes estavam pequenos no pergaminho então o trouxe para frente e logo o soltei em reflexo. Neguei com a cabeça e abri o outro pergaminho.

“A linhagem da família Wyn ramificou em: Esdras, que se casou com Onti, uma Aliar. A união resultou em Rhew domador do gelo, Meddy domador de leitura mental e Samael portador de nenhum dom. Em uma intriga entre a família da Cidadela do Arvoredo e um clã Aliar próximo, o primogênito e o irmão do meio acabaram completando a sua passagem cedo demais. E em prol de uma união entre esses mesmos grupos, o governador Esdras deu o seu filho mais novo e o líder do clã Aliarà sua única filha como o significado da união eles. Samael já tinha caído nas graças de Cora e o casal teve apenas uma filha: Asha, a qual ele amaldiçoou como uma promessa a Cig, e desde então não há informações sobre o paradeiro dele e quais são as suas intenções com o dom que o Senhor das Sombras lhe deu.”

O Reino todo pareceu parar como se estivesse suspenso em uma escuridão que se assemelhava com o encontro com Rae e Perii. Não percebi quando o pergaminho caiu da minha mão e muito menos escutava as vozes que me chamavam, tudo parecia distante demais para que prestasse atenção em algo. E eu não queria.

O casal teve apenas uma filha: Asha.

A lembrança do meu pai veio em minha mente. Apenas uma silhueta coberta pelo céu noturno, apontava para as estrelas e explicava como poderia me direcionar por elas e logo depois a mesma silhueta em outra noite, mas desta vez no Mato Vedado com símbolos desconhecidos no chão com pouca iluminação seguido por dor, dor e mais dor.

Parecia ter passado uma eternidade revivendo as lembranças, as únicas que tinha. Poderia forçar minha mente em pensar sobre o meu pai e o seu nome, mas não encontrava nada, apenas aquelas lembranças.

Wodd me encarava com curiosidade e Abyss já tinha me colocado atrás de si, enquanto ele e Lynn estava lendo os pergaminhos. E eu tentava entender o que estava sentindo,

porque só senti um vazio, porém sabia que estava de pé em um muro que dividia a sanidade da insanidade.

Várias indagações surgiram em minha mente além das que já estava lá. Ryu me encarava de longe com uma cara desolada, mas sabia que não deveria trazer ele para isso, então voltei a olhar para Wodd que ainda parecia não entender a minha reação e nem a de Abyss, muito menos a Lynn.

— Ele só pode estar brincando!

Escuto a voz de Tân. Até as vozes dos dragões estavam a milhas de distância, mas sentia a reprovação deles também. Eles sabem tudo o que eu sei, tudo o que eu sinto.

Neguei com a cabeça e coloquei a minha melhor cara de deboche. Iria escolher forçar até ter mais informações.

— Samael é um desgraçado que me persegue desde sempre! Meu pai me amaldiçoou e depois abandonou eu e minha mãe, Wodd. — me certifico de chamar o seu nome. — Parece que a família de Daeth inventou algumas mentiras.

Escutei o cara se defender, mas eu não me importava porque queria saber até onde eles iriam com aquilo. Não pode se brincar com algo tão desco-nhecido para mim e eu não conseguia juntar as informações e aceitá-las de bom grado.

— Ela te fez esquecer, não foi? — Wodd indagou encarando bem os meus olhos.

— Chega, Wodd! — Abyss esbravejo tampando o líder do meu campo de visão e o empurrando para trás.

Uma mão puxou o meu punho e o contato cálido já conhecido ganhou minha atenção. Os olhos de Ryu ainda se encontravam marejados, mas o seu semblante mudou de triste para sério, determinado. Esperava alguma brincadeira da parte dele, alguma risada mesmo depois do que descobriu porque ele não parecia mais o Ryu choroso, mas também não era o garoto da Espera.

— Você precisa se lembrar, Mulher Dragão.

Ele me disse apenas aquelas palavras e uma dor avassaladora passou por mim. Não disse todas as palavras que eu queria ouvir e não precisava, já tinha entendido. Minha mãe

me fez esquecer sobre o meu pai. O meu medo é real e ela tinha escondido de mim, o que todos pediam para eu lembrasse.

Tinha duas escolhas bem na minha frente: chorar e quem sabe abrir um abismo no qual possa me afogar, ou chorar, me lembrar e tentar retomar a missão de eleita. Tentei fazer respirações lentas para aquietar a selvageria que representava a minha vontade de gritar agora.

Sabia que todos estavam olhando para mim e que as lágrimas já não pediam permissão para escorregar pelo meu rosto. A Mulher Dragão estava totalmente vulnerável.

— Como? — questionei baixo com o soluço entalado na garganta.

— Vamos ter que estudar os seus novos dons e Wodd pode ajudar. — Ryu me informou sem rodeios.

— Primeiro quero saber o porquê ela fez isso — falei antes que o líder tivesse chance de falar. — Desculpe pelo o que falei, Daeth. — me direcionei para o cara de cabelo cinza. — Não queria que fosse verdade, mas você pode me contar quando aconteceu?

Daeth sorriu timidamente como se aceitasse minhas desculpas e estiquei o braço permitindo o acesso livre para que usasse o seu dom em mim.

— Não preciso tocar você, Mulher Dragão. — ele começou e apontou para Abyss. — Sei que o garoto consegue entrar na sua mente. Então ele pode averiguar se houve alguma mudança mesmo.

Olhei para Abyss encontrando roxos reconfortantes. Daeth me fez sentar em uma cadeira de pedra forrada de peles, disse que precisava ser confortável porque não sabia quanto tempo iria demorar. Aprofundei a respiração porque a selvageria estava eufórica demais para apenas ficar sentada, e assim que consegui controlá-la assenti para o domador do abismo, que segurou as minhas mãos apertando de leve como se fosse possível me deixar leve naque-la situação.

— Avisou os dragões? — ele questionou e apenas acenei com a cabeça. — Ótimo, vamos descobrir a verdade, Mulher Dragão.

Ele sabia que sua voz iria me tranquilizar um pouco, ouvi-lo era um bálsamo para mim. Antes de fechar os olhos, eu o vi piscar ao dizer aquele título, respirei fundo abrindo passagem para que Abyss pudesse passar e assim ele fez. O seu dom não precisava de nenhum tipo de contato, sabia que apenas o tornaria mais forte, mas hoje não pretendia resistir.

Não tinha como acompanhá-lo nessa empreitada, mas me senti dormente, suspensa em um espaço desconhecido como em um cochilo, só que parecia eterno para mim, mas para eles de fora pareceram instantes.

— Uma parte da mente dela tinha ervas entrelaçadas e fortes. Não deixou o meu dom ultrapassar mesmo sendo pequena. — Abyss relatou com um pe-sar na voz acariciando levemente minha mão enquanto eu voltava aos poucos com a consciência. Não tinha experimentado uma versão do seu dom mais profunda. — Você está bem?

Concordei com a cabeça enquanto piscava algumas vezes.

— Minha mãe tinha o dom da cura. Tocando alguém sabia onde era o problema e da sua mão irradiavam as ervas necessárias para a cura — infor-mei os outros, parecendo sonolenta.

— Asha... — Lynn lamentou, apoiando as mãos em minhas costas.

Ela sabia que falar tornava tudo real e isso doía.

— Ela fez isso comigo. Ela me fez esquecer sobre Samael.

Lágrimas umedeciam meus olhos de novo e não as desencorajei. Não precisava esconder o que estava sentindo por vergonha ou apenas para não os deixar desconfortáveis. Eram os meus sentimentos e aprendi que deveria sustentá-los e não os esconder.

— Amaldiçoada pelo pai e enfeitiçada pela mãe. Que família! — meu tom estava carregado com uma ironia ácida.

— Cora não queria que lembrasse do seu pai daquele jeito. Ela sabia que mesmo ele sendo maléfico, o seu coração puro ainda o amava, então quis bloquear essa lembrança deixando apenas a boa e a da maldição. — Ryu me explicou.

Tinha a impressão de que ele sempre soube, afinal, o garoto sempre tinha resposta para tudo, menos para seu passado.

— Ela não tinha esse direito, Ryu! Ele me amaldiçoou, matou Michii, ela e Erus! Meu próprio pai!

— E eu não estou tentando arranjar uma desculpa para ela, Asha. — o garoto revidou. — Ela realmente não tinha esse direito.

Mesmo assim, eu preferia continuar sem saber que Samael é meu pai biológico.

CAPÍTULO 32

Ryu avisou, com a luz solar estando já bem fraca:

— Meu tempo está acabando, mas já conversei com Wodd sobre a sua Graça e os dons que possui. Ele vai investigar para amanhã tentarmos de vez quebrar esse bloqueio que Cora colocou em sua mente.

Assenti enquanto o garoto esperou a aprovação de Wodd, antes se virar para mim e erguer o pulso fechado em frente ao seu rosto como uma demonstração de força. Ele começou a fazer esse gesto logo depois de Paentio revelar o seu passado, dissipando a névoa em sua mente. Não pude deixar de pensar que Rae e Perii o mandaram para me ajudar, mas sabiam que ia acabar fazendo o mesmo por ele.

— Então você herdou o dom das Criaturas Celestiais. — Wodd começou logo depois de Ryu sumir. Estávamos em um dos cômodos escavados na parte de térrea e pelo portal conseguíamos ver a vila. — Como diria meu avô: você não quis dividir com o resto da família.

Achava um pouco engraçado como ele se refere aos dois dragões que nos criaram, como se falar os seus nomes fosse algo íntimo demais e preferisse se ater ao nome popular: Criaturas Celestiais.

— Não é como se eu tivesse pedido por isso.

Sabia que ele estava brincando, mas eu não estava no clima e ele precisava entender isso. Tanta informação nova sobre a minha própria vida e os novos dons de Rae e Perii, me dando a sua Graça, o que queria dizer que sempre seria protegida por elas.

— Você tem o mesmo temperamento que eu. — ele comentou contrariado.

— Cora sabia de você?

— Nem sonhava. — Wodd respondeu rápido se inclinando sobre a cadeira. — Você vai entender melhor quando Paentio continuar a história amanhã. Mas vamos desvendar uma coisa de cada vez, que tal?

— É bom — confessei aliviada.

Não sabia quanto mais aguentava de surpresa naquele dia.

— Ryu me contou que você usou o dom da Destruição quatro vezes praticamente e na última conseguiu abolir o dom de Abyss. — ele consta.

Tentei me lembrar de todas as vezes, mas apenas a do Abyss veio em minha mente.

— Quatro?

— Ele disse que você puxou a linha de Destruição para lidar com a escuridão que Samael colocou em vocês. Você as expurgou desse Reino. — a última frase saiu como uma surpresa acompanhada de um sorriso orgulhoso.

Eu tinha feito aquilo?

— Acreditamos que sim.

Dadaer respondeu. Era o único que estava no portal da caverna enquanto os outros tentavam ajudar a vila de alguma forma. Os caçadores do clã tinham prometido carne fresca para os dragões e Gwynt foi com dois deles para fora da Foz do Rio, os três invisíveis. Dadaer tinha aberto um buraco no meio da vila e agora Eira estava o enchendo de água fresca e Tân estava unindo algumas madeiras com a ajuda das crianças para fazermos uma fogueira.

— Eu e Ryu acreditamos que você possa usar a Destruição ao seu favor.

Literalmente destruir esse bloqueio. — sua voz não oscilava, eles tinham firmeza naquilo e eu não. — O seu dom é superior ao da sua mãe. — Wodd quis me tranquilizar.

— Paentio disse que o Reino foi tecido por Rae e Perii, e... — ponderei antes de continuar. — E eu vejo linhas — confesso, mas meus olhos e minha cabeça estão em outro lugar, estava alheia. — Não pude deixar de pensar que vejo as linhas que elas teceram o Reino e uma delas brilha, ao puxar me mostra a melhor forma de lidar com a situação em que estou. Mas quando

usei o dom de Perii, a linha brilhou em um tom escuro, o que me faz lembrar da sua fisionomia.

— Você já as viu?

— Eu só não entendi como consegui buscar isso em mim ao ponto de fazer a linha brilhar no dom de Perii, sendo que nem sabia da existência dessa vertente do meu dom — continuo falando, dispensando a pergunta dele com um gesto.

— Não chega a pensar nela?

— Não, apenas sinto meu instinto gritando... — parei de falar e voltei o meu olhar ao azul pálido de Wodd, tombei a cabeça para a esquerda ao cogitar uma ideia. — Para destruir — constato e nego com a cabeça. — Menos da última vez. Não quis destruir Abyss, senão teria feito isso, eu só quis que o dom dele não atingisse Ryu. Tudo aconteceu muito rápido e me concentrei no perigo: o dom de abismo.

— E como não quis destruí-lo, você o aboliu. — Wodd completou a minha ideia.

Ficamos nos encarando sem entender de verdade o que tínhamos acaba-do de concluir.

— Você precisa achar a destruição em você. — Dadaer fala como se aquilo fosse fácil.

Eu e Wodd não tínhamos muito o que falar depois da constatação de Dadaer. Jamais entenderia o crescimento dos dragões, mas o pequeno indefeso da Foz do Rio estava se tornando um grande ser ligeiro e sagaz e eu não estava conseguindo acompanhar tanta mudança. Mas mesmo assim estava orgu-lhosa do domador da terra.

Caminhei com o dragão verde até a nossa nova caverna. O silêncio era bem-vindo tanto para mim como para ele, ambos tentando digerir todas as informações que foram despejadas hoje. Não sabia onde estava Abyss e Lynn, e no momento agradecia que fosse apenas eu e Dadaer. Tinha certeza que a mente dele maquinava tanto quanto a minha.

Passei mais tempo do que percebi encarando o teto de pedras da caverna a relembrar os momentos em que a linha brilhou escuro. Lembro vagamente de cumprimentar os dragões que chegaram, enquanto ainda encarava as mesmas pedras, eles respeitaram o meu momento e sabia que Dadaer os colocava a par. Deitada encarando pedras, e não estrelas.

Eu tinha uma certeza absoluta de que meu pai tinha me ensinado sobre as estrelas e guardava isso comigo de uma forma reconfortante, então era impossível casar essa lembrança boa com a imagem de Samael. Sua pele mais pálida que a minha, cabelos e olhos dominados por sombras como as escamas de Perii. Sabia que ela não tinha nada a ver com isso, a não ser o seu dom envolvido, claro. De qualquer forma, não conseguia ver aquele assassino como meu pai.

Era angustiante.

Minha mãe sempre criticava o meu pai por ter me amaldiçoado, levando-a sucumbir ao choro sempre. E agora descubro que o que tanto repudiou acabou sendo a sua única solução para supostamente me proteger. Achava errado eu amar meu pai apesar dos seus erros? Ou apenas tinha medo de que saber que Samael é o meu pai faria com que a minha queda no abismo fosse mais precoce?

As questões surgiam em minha mente como pingos de chuva batendo em minha testa, salpicando minha noite de forma rápida, mas eu não tinha as respostas. Imaginava aquelas ervas bloqueando na minha mente e era tentador pensar que apenas com um pensamento, um movimento no ar, poderia destruí-lo. Mas estamos falando da minha mente e sabia muito bem que qualquer dano poderia ser fatal.

Então dispensei o pensamento fechando os olhos e respirando fundo. Precisava tentar dormir ao menos, descansar para amanhã tentar manipular um pouco de destruição. Ênfase no tentar.

Me concentrei em respirações lentas e bem espaçadas, sempre as usava para dormir ou para fazer alguém pensar que estava dormindo. Já era algo habitual meu, mas mesmo assim era gratificante conseguir sentir o ar entrando e saindo do meu

corpo. Os pulmões expandindo e voltando. Estava hipnotizado no movimento, o corpo pesava e minha consciência parecia longe até escutar choro. Tentei voltar a respiração pensando ter ouvido demais, mas soluços soaram. Abri os olhos e me movimentei devagar em busca do dono dos sons.

Ela estava sentada, abraçando suas pernas. Não precisei ver o rosto para identificar os cabelos loiros caídos para frente. Tentando ser silenciosa, me levantei e desviei das asas de Dadaer até chegar perto de Lynn, agachar em sua frente e acariciar os fios curtos.

— Ei — chamei baixinho.

A domadora levantou o seu rosto úmido para mim sem disfarçar o soluço que acometeu seu corpo, dei um sorriso sem mostrar os dentes e limpei o seu rosto, depois sentei ao seu lado. Lynn estava sendo dona das minhas exceções ao se aconchegar na lateral do meu corpo. Acariciei os seus ombros e encos-tei minha cabeça na dela. Deixei que tomasse o tempo que precisasse para limpar a angústia que sentia e eu só podia tentar adivinhar. E isso era bom, ocupar a mente.

Eu sabia e tinha certeza de sentir todos os sentimentos presentes nela e em mim, mas o maior deles é um vazio, sem respostas e sem ter muita certeza de qual passo devo dar, como devo me comportar com aquela informação. E concluí que pensar no dom da destruição era mais fácil.

— Desculpa. — ela fungou. — Você que tem um dia só de surpresas, e eu que estou aqui chorando no seu ombro. Deveria ser ao contrário.

Ela tenta rir da própria piada enquanto se afasta limpando apressadamente seu rosto, como se eu já não tivesse visto. Conseguia ver em seu semblante a perda em cada feição, porém também entendia que não chorava pela família perdida, mesmo que o vazio deles ainda pesasse em seu peito, esse não era o motivo.

— Depende — respondi apoiando meus cotovelos em minhas pernas. — Por que estava chorando?

Em nenhum momento quis achar que os meus sentimentos fossem mais importantes do que de qualquer pessoa. Jamais.

Posso ter meu próprio moti-vo para chorar e mesmo assim não significava que a dor de Lynn fosse maior ou menor que a minha. Afinal, não vivemos para competir quem sofre mais. E por alguma razão, em um simples franzir de cenho sabia que Lynn estava menosprezando o seu próprio sentimento.

— Eu não faço ideia de como funciona o fio vermelho, mas sei que liga pessoas especiais uma à outra, e eu o vi entre você e Amy — confessei chamando sua atenção. — E chega a ser fofo o jeito que vocês se entendem.

Lynn ainda não dava uma brecha para importância do seu sentimento, mas percebi que assim que disse o nome da minha amiga, seus olhos amare-los procuraram pelos meus. Pareciam um pouco alarmados com a ideia dela, o que comprovava a minha suspeita de que o seu choro tinha nome. Amy.

Entendia muito bem a dor da perda. Sabia que independente de quantas pessoas perdêssemos, a dor ainda doía e doeria quantas vezes fossem necessárias. Mesmo tendo perdido a família, perder a Amy para a Cegueira, ainda assim doía sendo intensificado pela linha presente. Nesse ponto, não sabia como ela se sentia.

— Quando éramos mais novas fomos a uma expedição juntas e acabamos presas em uma caverna, o dom da Amy aflorou justamente naquele dia — consigo sorrir com a lembrança. — Ela não parava de chorar, Lynn. Era assustador vê-la sentindo tudo o que os outros sentiam em volta e o pior era que não conseguia controlar isso. E muito menos eu. — foi a vez da minha amiga sorrir. — O que eu quero realmente dizer é que o fio vermelho ligou vocês por algum motivo que desconheço, e você está chorando em uma caverna comigo exatamente como ela fez.

Lynn tomou um tempo digerindo o meu pequeno relato com os olhos perdidos em algum lugar da caverna. Decidi dar mais tempo para ela.

— Meu pai me dizia que Rae e Perii observavam tudo com os seus olhos vermelhos para decidir qual união seria a certa e não tecem o fio vermelho até a Cerimônia do Dom. Ali é definitivo o entrelaçamento. — ela começou a contar. — Era

para ser um fio normal como os que ela teceu o Reino, mas ao brilharem com a escolha definitiva o fio acaba sendo tingido de vermelho.

— Você acredita nisso?

Ela deu de ombros e sorriu timidamente.

— Acredito. Meu pai era bem devoto às Criaturas Celestiais.

— Faz sentido, já que vejo as linhas brilharem também.

— E o seu fio? — ela questionou querendo despistar os seus próprios pensamentos. Demoro para responder, ao erguer a minha mão esquerda e balançar o dedo, consigo ver o fio balançar até Abyss. — Sabia!

Ela fala alto e tampa a boca logo em seguida sem conter o riso, e eu também, enquanto coloco o dedo entre os lábios para que ficasse quieta.

— Ele chegou a comentar comigo que suspeitava. — ela confessou imitando meu gesto pedindo sigilo. — Mas, me conta, como você sabia que esta-va chorando por causa da Amy?

— Às vezes minha intuição é um saco — falo brincando e ela se diverte.

— De tão certeira. — sorrio com ela. — Posso não ser tão falante, mas sou uma boa observadora e vi a sua decepção quando não voltei com ela, assim como vi a sua felicidade com ela antes da Cegueira. No final foi só juntar os pontos...

— Obrigada. — ela me interrompe, me abraçando igual no castelo da Ilha da Fissura.

Depois da noite com Lynn cheguei à conclusão de que procurar por lembranças que estavam presas seria inútil. Entendo muito bem como isso soa óbvio, mas quando parte da sua vida é colocada como uma mentira, a partir daí a razão não existe mais, apenas os sentimentos te derrubando como onda após onda sem dar tempo de se erguer. E eu cai inúmeras vezes, não só agora como antes, deixando que o meu lado

sentimental aflorasse ao ponto de me afogar, porém agora precisava pegar o controle e pensar.

Por esse exato momento acabei mergulhando em tudo que Paentio e Daeth tinha a oferecer, e na tentativa de ativar a destruição mais uma vez com Ryu e Wodd. Nesse processo acabei descobrindo o dom do meu suposto primo — ainda não aceitei muito bem isso, mas é boa a sensação familiar que trazia — e ele podia praticamente ler o corpo humano em busca de pontos certeiros. Em Aliar ele conseguia achar o ponto exato para inibir o dom por alguns instantes, o que dava vantagem para ele e em Arfenol em seus nervo-sos.

— Você sonhou com Tiare? — Daeth quis saber.

— Sim, ela estava na Grande Batalha. Parecia tão épica com todos aque-les elementos da natureza se rebelando e eles lutando... — tentei dar uma explicação, a qual eu também não tinha. — Não sei o motivo.

— O seu povo não contou? — Paentino questionou com os olhos em seus pergaminhos.

— Na verdade, apenas sei que foi nessa batalha que Nestor deu a sua vida por nós — confessei. — Vejam bem, eu e meu clã não temos metade do co-nhecimento que vocês têm. Para nós, Nestor era como o Ser Celestial mais importante do Reino — olhei para os dois anciões. — Acompanhei Tiare até a aparição de Mea.

— Mea? — Wodd desceu as escadas.

Abyss e Lynn vieram junto.

— Certo, já sei por onde começar. — Paentio estava com a mão sobre um pergaminho aberto, e assim que a ergueu lentamente as formas começaram a aparecer. — Assim que Ury foi levado para ficar com Rae e Perii, elas amaldiçoaram os irmãos mais velhos. Eles assassinaram o amor, que deveria uni-los.

Porém, a Maldição Geminiana possui um significado maior; tudo que é criado pode ser destruído e tudo que é destruído pode ser criado.

— Por isso os dons se anulam? — questionei, me debruçando sobre a mesa.

— Seria motivo suficiente — Abyss concordou.

— Não sei dizer se essa é a origem, mas faz sentido. Rae e Perii também são irmãs, dois pontos de uma mesma existência, assim como Nestor e Cig, e Tiare e Samir. Enquanto Nestor tentou de todas as formas remediar a situação auxiliando as Criaturas no Reino, Cig fico cego pelo poder até a Grande Batalha. — ele explicou e as imagens mudaram. Consegui perceber as semelhanças com a lembrança de Tiare, as montanhas e as ligações feitas de madeira. — Tiare tinha o dom dos dragões e foi agraciada e eleita por de Rae e Perii juntamente com Samir, o seu irmão gêmeo, que nasceu com o dom certeiro. Ele jamais errava um alvo. Ambos foram destinados a acabar com a Maldição Geminiana, mas falharam.

— Como? Eles foram destinados pelas Criaturas? — Lynn parecia indig-nada.

— Em seu último golpe, a essência do Nestor ficou presa em um Dragão

Dourado e Cig também teve direito ao seu último golpe, e iria matar todos que seu irmão iria dar dons, mas Tiare não deixou e absorveu toda a energia do golpe de Cig. — Paentio relatou com um leve pesar na voz e suspirou antes de continuar. — Samir estava longe e seguro, mas a distância não impediu que ele disparasse uma flecha certeira para atingir Cig. Ele realmente não errava o alvo, porém não podia fazer nada quando algo entrasse na frente da flecha em andamento e foi isso que Tiare fez, sem perceber. Ao sacrificar a sua vida para parar o golpe de Cig acabou entrando na mira do seu irmão. Perdidos e com medo da perseguição do Rei Rimas por pessoas com dom, os

Aliar se dividiram em clãs para se esconderem e protegerem.

Minhas mãos estavam em minha boca antes mesmo de perceber. Eu es-tava em choque em como a Maldição Geminiana rodava fazendo irmãos ma-tar irmãos, sacrifícios atrás de sacrifício e não pude deixar de reparar que mesmo não tendo um irmão, ainda assim a maldição achou o seu jeito.

— Se passaram 700 ciclos, Nestor jamais visto e Cig preso, mas mesmo assim ele conseguiu trazer Samir para o lado dele naquela época e agora todo o Reino está à mercê dele, ao comando do Rei Rimas. — Paentio finalizou.

— Como ele ainda está vivo? — Abyss fez a questão que pairava entre nós.

— Uma vez cruzei caminho com um rapaz e o toquei em quanto dormia. — Daeth confessou. — Não é o certo a se fazer, mas em nossa situação precisamos de informações. Quanto mais melhor. Não vi muita coisa interessante, mas vi Rimas raquítico sentado no trono com uma espécie de planta negra o envolvendo, e depois outra imagem de ele andando normalmente como alguém saudável.

— Não entendo...

— Nem nós. — Wodd lançou um olhar para Lynn e depois para nós dois.

— Não temos muita informação sobre isso, só que Samir foi para o lado de Cig sem pestanejar.

— Eu não tenho irmão gêmeo — confesso baixo.

— Você só precisa de você, Asha. — foi a vez de Ryu falar.

O garoto andava quieto pelos últimos dias e acaba falando apenas meias frases, meias verdades que me lembravam Michii. Ele e Wodd me faziam tentar destruir objetivos aleatórios e por dias acabou sendo algo inútil e pelas minhas mãos saem todos os elementos, menos o que procurávamos.

— Precisa descobrir o que a destruição é para você. — Gwyn resolveu repetir o que já sabia.

Wodd e seu clã prepararam um jantar especial para nós, o qual compareci tempo o suficiente para não parecer ingrata. Abyss e Lynn ficaram a meu pedido, enquanto os dragões deitaram ao meu redor. Sempre dormíamos emaranhados, mas depois de tentar destruir coisas sem efetividade alguma resolvi correr para um apelo, o qual sussurrei em minha mente o dia inteiro e o tempo inteiro até pegar no sono.

— Rae e Perii me ajudem, me guiem. — a voz do Nestor sempre parecia rústica e grossa. — Parece que você se esqueceu de mim, Mulher Dragão.

Ele foi o primeiro a me chamar assim, antes de Oem anunciar na Cerimônia do Dom. Sempre gostei do título, o que era chato é o peso que vem com ele.

Sabia muito antes de me levantar que estava em um daqueles sonhos dele que aqui pareceriam instantes, enquanto na realidade estaria dormindo por dias. O aspecto mais fácil de descobrir se é um sonho ou não é o fato de que sempre me trazem para lugares, os quais não estou de verdade. E agora eu estava no topo do Monte Vero, onde eu jamais ousaria subir.

Dali era possível ver todo o Reino Nefir; no Norte a Torre Celestial dominada por morte ao seu redor como se tivesse queimado tudo, sem plantas e gramas, apenas algumas árvores secas e percebi que o queimado estava se espalhando como sombras e atingindo logo a Ilha da Fissura, que se erguia e florestas ainda apareciam vivas. Ainda.

No Oeste encontro a Cidadela do Arvoredo coberta por um mar de verde e a Leste os Desertos Desconhecidos e o Mato Vedado, um pedaço de areia e plantas secas junto de terra escura bem na linha final do Reino. Virando o corpo conseguia avistar a Cordilheira de Bico Fino e confirmar os restos de estruturas da lembrança de Tiare. No meio disso tudo os quatro dragões voavam pelo Reino.

Não era só eu que permaneceria dormindo então.

— Você se esqueceu de me contar umas coisas, Nestor.

Agora resolvo olhá-lo e reparo na semelhança com Ryu. A cor de areia dos olhos vinha do irmão mais velho e o cabelo preto do outro. O caçula realmen-te parecia uma mistura dos irmãos gêmeos, o que pesava ainda mais em seu dom. A mistura dos dois, e que amou os dois.

— Veja o meu lado, Asha — começou. — Rae e Perii me falavam o que precisava ser dito e assim fazia.

— Nunca quis contar nada além?

— Minha língua coçava para isso, mas devo seguir ordens. — ele se curvou de leve como se pedisse desculpas.

Nestor estava sentado na beirada do Monte e eu estava bem atrás. Talvez ele e Ryu gostassem de sentar em lugares altos e eu compartilhava desse gosto, então me sentei ao seu lado.

— É verdade? — indaguei e ele se virou para mim como se indagasse o que eu queria saber. O vento bagunçava o seu cabelo cor de areia. — Tudo o que me contaram.

Ele apenas assentiu e fechou os olhos para o vento em sua cara.

— Então como eu invoco a destruição? — carregava pesar em minha voz. A verdade é que uma parte minha não acreditava no que tinham me contado, mas Nestor afirmar era o que eu precisava. Afinal, por que um escolhido das Criaturas Celestiais mentiria? Ele tem o mesmo objetivo que eu, então seria capaz de responder aquela simples questão que passou a me atormentar desde o momento em que descobri sobre a mentira da minha mãe.

— Como fez da última vez? — ele questionou sem me olhar.

— Senti uma urgência em minha intuição e soube que precisava fazer o que tinha que ser feito e não me lembro de saber exatamente o que tinha que fazer. Apenas fiz — confessei para ele.

— Repita isso, mas sem a urgência porque não a tem agora. — ele respondeu de modo simplório.

— Preciso entender a destruição e saber o que ela representa para mim — retruquei.

Nestor deu risada. Uma risada rouca, leve e que me fez lembrar de Ryu.

— Mas você já sabe, Asha. — ele disse antes de voltar a olhar para mim e reafirmar: — Você mesma já se respondeu.

Acordar desses sonhos sempre parecia que tinha cheirado ou comido ervas entorpecentes, que geralmente usamos para

dores mais supremas, e só estou falando isso porque meus olhos pesam, assim como o meu corpo, de tal forma que a selvageria não estava ligada, parecia ainda dormir aconchegada em alguma parte, e a minha vontade de levantar, bom, não existe.

Ao observar o teto de pedra até o portal da caverna percebo que está vazia, o que me faz questionar se os dragões realmente estavam ou se só Nestor os projetou para a visão do Reino Nefir estar completa. A pequena vila está pouco iluminada e quase cedo à ideia de permanecer deitada para aproveitar o final de tarde e dormir até o sol aparecer de novo, porém, me sinto cansada de ficar nessa posição e meu estômago ronca e minha garganta está seca.

Levantar foi acompanhado de alguns estalos doloridos.

— Até que enfim.

Eira murmurou. Os dragões em si são mais quietos que os humanos, mas os meus pareciam não conseguir perder uma oportunidade de zoar com a minha cara.

Todos estavam sentados na mesa como no outro dia e parecia já ter oferecido sua gratidão pelas Criaturas Celestiais. Era uma rotina ali e gostava disso. Agradecer pela proteção que Rae e Perii nos concediam, mesmo em uma época perturbada para ser um Aliar. Para eles, era o único jeito de es-tabelecer algum tipo de ligação com elas, ao passo que nunca cogitei algo do tipo nem mesmo com Nestor, afinal, realmente conversava com eles, então um momento de conexão não parecia tão necessário.

Não tinham percebido minha presença ainda ou tinham e a ignoravam, de qualquer forma fiquei feliz, pois podem observar. Abyss, Lynn e Wodd pareciam discutir algo de forma enérgica, enquanto Paentio parece distrair as crianças com o seu dom de pintura; ele podia literalmente pintar como também podia dar vida à sua arte, e contava com ajuda dos dragões, caso sua arte não fosse boa o suficiente para distrair as crianças. Os elementos se faziam presentes em todos os lados e olhos fascinados os acompanhavam junto com gargalhadas. Parecia

um ambiente feliz e quase sem o horror que nos esperava do lado de fora.

Sabia que estava faltando uma pessoa, Daeth, e meus olhos correram por todos mais uma vez...

— Senti pela terra duas pessoas se aproximando. — Dadaer começou a me informar. — pensei em fechar a passagem na Foz e depois poderia abrir facilmente, mas Gwynt foi fazer o reconhecimento até que voltou com elas. Ela disse que você os conhece e Daeth está na caverna subterrânea para ajudar nos ferimentos e depois descobrir o que sabem.

— Eu conheço?

Não esperei ser notada, apenas tomei o meu rumo para a escada escavada. Gwynt flutuou até estar ao meu lado e seus olhos roxos me encaravam como se me preparasse para algo.

São os irmãos, Liw e Lena.

De imediato os meus passos aumentaram e lembranças apareceram. Liw sendo levado. Axía sendo levada. Nye morrendo. Lena chorando. Parei de su-petão ao ver o corpo esguio de Gwynt na frente do portal que me levaria às escadas.

— Ele está bem ferido e ela em choque, Asha.

Ela me avisou e tive que engolir em seco encarando os olhos roxos claros que representam calmaria.

— Agora eu entendo que a culpa não é minha, Gwynt. Eu estava debilitada e fiz o que pude naquele dia, assim como quero fazer o que posso agora — deixar que as palavras levassem qualquer sentimento daquele dia roubou um fôlego meu. — Devo isso a eles.

Não queria descer por ser minha obrigação ou por algum senso de dever, por mais que sentisse que realmente devia. Mas o que gritou mais forte em mim foi a preocupação, e talvez esse sentimento tenha despertado Ryu, que se materializou ao meu lado em misto de branco e preto.

— Sim, resolvo aparecer por aqui por causa das suas emoções. — ele respondeu a minha indagação. Não é fácil se acostumar com alguém lendo sua mente. — E cá entre nós, dois dias inerte, pensei que tinha morrido.

É lógico que eu não tinha, ele gargalhou mesmo assim.

— Seu humor é um tanto excêntrico, como do seu irmão.

— Você o viu? — a pergunta era cautelosa, como se tivesse medo do que fosse ouvir.

E eu não tinha percebido que realmente tinha falado. Não que isso importasse, já que ele conseguia ler minha mente também, pensando nisso deixei a imagem de Nestor pairar em minha mente.

— Sim, não que tenha sido de grande ajuda, já que ele disse que sei resposta para o que quero saber.

Não controlei o revirar de olhos logo em seguida. Nem fazia ideia quais das opções do que quero saber Nestor quis dizer. Parece que o dom de Michii circulava por todos os seres considerados celestiais.

Me coloquei em movimento e Ryu me seguiu.

— Nestor sempre tem razão, Asha. — ele comenta depois de um tempo.

— Ele era o mais sábio entre nós três.

Não tenho tempo para responder porque meus olhos encontram os de Liw. Marejados e distantes. Eu não sabia nem de um terço do que o garoto poderia ter passado.

— Asha! — meu olhar vacilou de Liw para Lena, que tinha uma pele nas costas e olhar perdido. — Ele está bem, não está?

Talvez Abyss ou Lynn pudessem ajudar o garoto com toda a carga que os Arfenol lhe deram ou tiraram. Como o seu braço esquerdo, que se encontrava com flechas de Gormes atravessadas, e inerte ao lado do seu corpo.

— Lena, olha para mim — pedi à minha amiga. — Você precisa encontrar

Gwynt e ajudar ela, enquanto eu ajudo Liw, tá bom?

Lena não se expressou, apenas puxou as peles para si e sutilmente balançou a cabeça. Com apenas um olhar de Daeth confirmei o que se passava em minha mente.

— Ryu, leve ela a Gwynt e chame Abyss e Lynn, e peça para Dadaer ficar por perto — pedi a Ryu ainda com olhos em Liw, que parecia me reconhecer agora. — Vamos precisar de muitas ervas entorpecentes.

CAPÍTULO 33

Amputar um membro não era algo que escolheria fazer logo depois de dois dias imersa em sonho com Nestor. Dadaer fez um bom trabalho com as ervas, Liw dormia como se não estivesse morrendo de dor instantes antes. Fizemos com que mascasse e Gwynt fez um capacete em volta da sua cabeça para que liberássemos as ervas ali também. Não cogitava nem a dor que seria, então nos precavemos com uma boa dose.

Eu estava um misto de alheia e atenta tentando lembrar de tudo que minha mãe uma vez me ensinou. A minha primeira preocupação foi desacordá-lo e pedir panos, água ardente e uma espada bem afiada. Sabia que depois de Liw dormir teria que fazer com o que seu sangue parasse de correr por aquele braço, senão ele perderia sangue demais e morreria, o que estávamos tentando evitar.

Certo. Estava batendo em minhas têmporas em uma tentativa desesperada de conseguir me concentrar. Ainda com o problema do sangue vazando, teria que arranjar algum jeito de selar as veias dele. Unir suas pontes como o metal que derrete com fogo. Fogo! Esquentaria a espada o suficiente para no momento do corte, a quentura já unir as pontas da veia e assim parar o fluxo de sangue.

Agora estava balançando os braços para aliviar a tensão que se formava em mim. Corte e cauterização. Olhei o corpo pequeno de Liw e questionei como o seu corpo poderia reagir com uma força tão bruta, e precisa ser assim, senão poderíamos correr mais riscos além dos que já estávamos. As minhas palmas chamaram minha atenção e passei os dedos nas cicatrizes, um relevo leve.

— Se eu tivesse colocado gelo antes — lembrei da minha mãe falando enquanto segurava uma toalha com gelos amontoados em minhas palmas. — Teria ajudado mais nessas cicatrizes. — Seu descontentamento era nítido.

— Não sei qual foi a lâmina, mas o gelo ajuda em inflamações porque é água.

Ela sabia qual tinha sido a lâmina.

Mas a lembrança tinha sido válida e eu precisava de muitos gelos para ajudar o corpo de Liw com a brutalidade que iria enfrentar. Depois disso, balancei a cabeça buscando por informações, o corpo vai estar fraco, exposto e mesmo com a lâmina da espada e tudo ao seu redor bem limpo não teria como ter certeza que uma infecção não acarretaria. Precisava de ervas. Daria chá e as próprias plantas para ele mastigar se fosse preciso.

Eu só precisava salvar Liw de alguma forma, mesmo que o resultado seja ele com apenas um braço. Ele entenderia...

— Um problema de cada vez, Asha. — Eira chamou a minha atenção.

— Certo, agora só preciso colocar tudo isso em prática. — meu tom carregava ironia.

— Isso o quê? — Daeth perguntou.

Estava preparada para responder alguma desculpa quando um Abyss, uma Lynn e um Wodd desesperados desceram as escadas. Espada, panos e água ardente.

— Preciso de uma bacia bem grande para colocar água e outra para gelo...

— Como vai desacordá-lo? — Wodd quis saber e expliquei a nossa pe-quena façanha. — Temos Poen, ela tem o dom da dor, podendo causar ou desligá-la.

— Por que não disse antes? — questionei com um tom mais alto do que gostaria. Me sentia completamente desesperada. — Ela consegue trabalhar de longe? Não acredito que muita gente gostaria de ver o que vai acontecer.

— Ela precisa tocá-lo.

Balancei a cabeça algumas vezes enquanto apertava os lábios. Tenho as ervas em andamento, o que deixa a consciência de Liw longe, mas não pode-ria deixá-lo assim por muito tempo. Desligar a sua dor me daria a garantia de não hesitar na hora de cortar o seu membro fora.

— Traga ela e a vendamos, e por precaução Gwynt consegue envolvê-la com uma proteção sonora de ar.

Decidi em tempo recorde e Wodd já subia. Abyss me encarava enquanto eu fingia analisar a espada. Seus olhos roxos transmitiam um misto de preo-cupação e... Orgulho? Não soube dizer ao me forçar voltar ao que devia ser feito.

Sabia que minha mente estava fluindo junto com a minha selvageria e a intuição, que pareciam duas aliadas nesse momento e gostava dessa sensação.

— Preciso deitá-lo — avisei a Daeth, que o escorava pela lateral do corpo.

Ele fez menção de se mover, porém, com apenas um giro de pulso do ar pegou o corpo inerte do garoto sem dificuldade e com mais um movimento os pergaminhos foram sutilmente deixados no portal da outra caverna.

Daeth me olhava embasbacado, enquanto cortei um pedaço do pano enrolado e deixei embaixo do braço de um Liw deitado em um sono profundo, assim estaria pronto para um torniquete, em seguida quebrei as pontas das flechas que tinham Gormes, deixando no pé da escada. Isso não poderia nos atrapalhar agora.

— Você tem algo para cobrir isso? — questionei a Daeth apontando para os pergaminhos e móveis que ficavam perto da mesa.

— Po-Posso arranjar.

Separei o pedaço de pano que julguei mais limpo e mantive os outros na mesa. Nesse processo de arrumar o que tinha, e escutar Abyss afiando a espada não pude desgrudar os olhos de Liw.

Minha mãe não explicou especificamente nada para amputar um braço, porém sabia bem que uma boa infecção e a má circulação poderiam surgir. O braço de Liw estava tomando um tom azulado puxando para o tom mais escuro e a infecção também já estava presente em seu braço representada por pus em volta das flechas de madeira. Tentar achar ervas curativas para isso seria uma perda preciosa do pouco tempo que ele

ainda tinha, com o corte feito as ervas teriam mais chances do que aplicadas agora.

— Asha, me deixe ajudar... — Lynn me pediu segurando em meu ombro.

— Estou aqui.

Encontrei os seus olhos e dei um sorriso sem mostrar os dentes.

— Você precisa ficar de olho no coração dele. Se preciso, você vai ter que ressuscitá-lo com os seus raios.

Wodd chegou com duas bacias grandes feitas de madeira carregadas pelas crianças mais velhas e Poen veio logo em seguida. Esperei que se sentisse confortável para vir até mim, Wodd sussurrava coisas para ela e Abyss descansou a espada na mobília, já coberta, ao lado da mesa. Meu corpo pedia por movimento, enquanto conjurei água nas duas bacias e a parte de congelar uma delas ia além da minha compreensão desse elemento.

— Sinta frio puro, Asha.

Eira brincou pela ligação em uma tentativa de diminuir a tensão em meus ombros, infelizmente foi falha, porém bem-sucedida em fazer cubos de gelo, e pedi para que os conservasse dessa maneira para que não derretes-sem com o calor que iria se instalar naquela caverna.

— Preciso de um ou dois pedaços de madeira — constatei como uma desculpa para conversar com Poen; não precisava daquilo.

Realmente senti frio puro naquele momento em ter que lidar com mais uma criança no mesmo dia, mas ela parecia mais velha que Ryu e Liw, talvez uns doze ciclos. Abyss moveu o queixo para a frente como se me encorajasse e subiu com Wodd e Daeth com alguma desculpa porque sabia que ficaria mais confortável com menos gente em volta e levando as Gormes consigo. Deve ter entendido meu pedido silencioso com o olhar.

— Oi, você é a Poen, certo? — ela concordou rapidamente enquanto eu tentava iniciar de um jeito leve porque sabia que o resto não seria. — Eu sou a Asha. Obrigada por me ajudar e a

Liw, ele está dormindo agora para que possamos ajudá-lo. — ela assentiu mais uma vez fazendo com que os seus cabelos brancos balançassem juntos. Seus grandes olhos eram dominados por um tom de verde intenso e sua íris era contornada por um dourado salpicado que me dizia que sabia muito mais do que eu podia imaginar. — Você pode ficar daquele lado — apontei para o lado direito. — Vamos te vendar para não precisar ver o real motivo da dor e Gwynt vai colocar um escudo de vento ao seu redor para não escutar também. Tudo bem?

— Só me avise quando preciso desligar e ligar a dor de Liw.

Não achava ruim a sua pouca fala porque vi o motivo em seus olhos. Tive a vontade de tirar aquilo dela, mas me contive com um pensamento simplório e de fé: Rae e Perii deram esse dom para ela por algum motivo que não me diz respeito.

Poen se posicionou exatamente onde falei e rasguei mais um pedaço do pano para cobrir os seus olhos e deixei em sua posse. Não a vendaria agora. Wodd e Abyss já desciam com mais troncos do que tinha dito, mas não me importei.

Peguei a escapa e testei o seu peso. Não estava acostumada com essa arma e sim com lança, mas Erus tinha me dado algumas aulas. Eu conseguiria.

— Deixa que eu faço. — Abyss tocou o cabo da espada como uma descul-pa para nossas mãos se esbarrarem e me afirmar que ele estava ali comigo.

— Você não precisa fazer isso sozinha.

— E não irei — respondi soltando gentilmente a sua mão da espada. — Poen já se posicionou — brinquei com os dedos no ar e dois troncos pegaram fogo. — Eu não precisava deles de verdade.

— Eu sei que não — retrucou parecendo um pouco contrariado.

— Wodd, preciso que vende Poen e amarre aquele pedaço de pano um pouco acima do ombro de Liw — surpreendentemente se moveu rápido, seguindo minhas ordens sem questionar. — Abyss, eu preciso que fique ao meu lado —

disse aquela frase querendo que entendesse os dois sentidos. Nesses últimos dias na pequena vila de Wodd não tivemos muito tempo jun-tos e mesmo que seja compreensível, não queria dizer que senti a sua falta.

— Eu vou desferir o golpe e você precisará ser ágil pegando aquele tecido e embebedando ele com água ardente, e logo depois preciso de outro tecido cheio de gelo e você vai colar em cima do ferimento. Precisamos ser rápidos — encarei os seus olhos roxos observando tomar uma tonalidade mais escura. — Por Liw.

Ele também não questionou, apenas assentiu. Tomei algumas respirações profundas de forma intensa querendo me preparar para o que precisava fazer.

— Vamos começar, Poen — observei a garota tocar no pulso direito de Liw e me concentrei nele.

— Certo. Tân, preciso que me ajude a manter o fogo. Gwynt, mantenha o capacete de Liw e faça um escudo sonoro em Poen. Dadaer, mantenha as ervas ativas. Eira, esteja preparada para qualquer coisa.

A concordância deles foi o que bastou para abrir os meus olhos e fogo jorrar da minha mão direita irradiando para a espada, tomando o seu cabo e sua lâmina em instantes. A ardência começou em meu corpo como um convite amigável para o uso do meu dom. Não precisava das linhas, mas ali estava e permaneceriam sem brilho algum desta vez.

Com um grito de encorajamento da minha parte impulsionei o meu braço para cima e logo desferi o corte no braço esquerdo, fazendo o fogo cessar assim que chegou perto da pele do garoto, mas mantive a lâmina quente para que o sangue nem sonhasse em passar por ali. Contei até três e tirei a lâmina cravada na mesa.

— Abyss!

Assim que larguei a espada no chão, o tecido estava na minha mão e em alguns instantes o que restou do seu braço esquerdo estava envolvido em um tecido cheirando água ardente e gelo logo em cima.

— Preciso de ervas, Dadaer. Para combater com uma possível infecção. Apenas depois percebi que tinha falado em voz alta, mas o dragão concordou da mesma forma. Wodd desvendou Poen que olhou impactada o braço esquerdo inerte ao lado da mesa, tentei sorrir de forma tranquilizadora, mas não consegui. Agora precisava pós-amputação. De repente, Abyss segurou minhas costas e só assim percebi que estava cedendo para um lado.

— Você comeu algo desde que acordou?

— E nem irei — confessei depois de negar. Como poderia pensar em comida depois disso?

Daeth e Paentio logo desceram e me mandaram subir dizendo que estava branca que nem uma nuvem, o que não era lá uma comparação, pois que minha pele já é pálida. Uma característica peculiar do meu dom.

Abyss me levou para cima. Sem questionar, logo estava sentada com um pedaço de pão duro e umas frutas em meu colo. Ficamos em silêncio. Pareciam me deixar digerir o que tinha acabado de acontecer, uma das coisas que jamais imaginei ter que fazer. Fingir mastigar foi mais fácil do que imaginei, até Wodd e Ryu se juntarem à gente.

Não é como se aquela dupla fosse ser misericordiosa, mas realmente cogitei que eles fossem me dar uma folga logo após cuidarmos de Liw. Deixar o garoto aos cuidados dos anciões e Dadaer junto de Gwynt, ainda era algo que minha mente relutava e os dragões me certificaram que manteriam as ervas circulando pelas suas vias aéreas e que estavam atentos para qualquer mudança.

— Você pensou em algo, Asha? — Wodd indagou.

— Só em como a minha intuição não sentiu Liw chegando enquanto estava dormindo — retruquei cansada.

Eu simplesmente não queria falar sobre nada. Nada.

— Ela teve uma má noite e um resto de dia e tanto. Nestor não foi tão complacente como ela gostaria. — Ryu avisou. — Temos muitas indagações em nossas vidas e mesmo pedindo por respostas não quer dizer que elas venham fácil.

— Vocês poderiam ao menos tentar serem mais legais.

— Eles não são. — Abyss lamentou.

— Você foi imbatível lá em baixo. — Wodd comentou. — Talvez tenha a cena mais legal que vi em todos os meus ciclos. Seus olhos ficaram vermelhos como se ardessem em brasa e logo depois o fogo tomou conta da lâmina.

— Parece realmente legal como uma história lendária. — Ryu comentou compartilhando da empolgação breve que a lembrança trouxe.

— Como conseguiu fazer aquilo? — meu primo questionou curioso e dei de ombros.

— Eu apenas fiz. Não tem explicação, é como minha intuição, apenas sei do que acontece ao meu redor, o que fazer em algum momento exato.

— Como soube que precisa destruir aquelas sombras senão elas poderiam voltar. — Ryu compara e eu concordo.

Apenas sabia que não podia deixar que se formassem de novo, caso contrário todo o nosso esforço para sair da Cegueira teria sido em vão. Parecia, soava e era simples assim. Do mesmo jeito que sabia que precisava parar o dom de Abyss e não destruir como com as sombras, e que precisaria ser certeiro.

— ...A intuição de Asha sempre parece certeira demais — consegui escu-tar o resto que Abyss comentava.

Pareceu que uma luz escura brilhou no fundo dos meus olhos e me levantei de imediato. Tomei respirações profundas e vi uma maçã, que caiu do meu colo, rolar logo à minha frente e intensifiquei o rumo do ar em meu corpo me concentrando apenas naquela fruta.

Se eu quisesse destruir algo não deveria causar nenhum dano, pois pare-cia errado invadir a existência de outra coisa com a destruição.

A maçã vermelha parou de se mover, e sem perder, em um movimento único estalei os dedos e movi a mão para o lado de forma ligeira. Em instantes a fruta explodiu em fragmentos.

— Asha — escutei vozes me chamando e um sorriso sutil, mas vitorioso surgiu em meu rosto.

Agora eu sabia. A destruição é tão certeira como minha intuição.

Descobrir o que o dom de Perii representava dentro de mim tornou a situação mais simples. Eu realmente conseguia destruir os objetos agora, tro-camos as frutas por troncos, pedras e outras coisas que não fossem comida. E ainda tinha uma questão: será que eu poderia tirar a vida apenas com esse dom? Seria destruir a vida. Fazia sentido, mas não quer dizer que seja uma coisa fácil de executar e carregar nas costas. E o que levava a outra questão: com a criação, eu poderia criar?

Na calada da noite tentava buscar pela criação em algum canto da minha mente, do meu corpo. Queria descobrir como usá-la também, mais por curiosidade do que por necessidade. Ainda precisava romper as ervas de Cora, porém essa questão parecia ser um pouco mais complexa.

Abyss me deu uma aula do que sabia sobre a mente e minha conclusão é de que qualquer merda que eu fizesse ia resultar em uma merda ainda maior e isso me aterrorizava, porém não me impedia de convocar o dom e roçar naquele bloqueio apenas averiguando como poderia fazer algo para destruí-lo.

Acho que a minha hesitação tenha despertado alguma espécie de ira da parte de Perii, porque na noite seguinte elas me convocaram para a Espera, e desta vez pude ter uma clara visão dos seus corpos. Os meus dragões são magníficos, entretanto, as irmãs pareciam ser a própria divindade. Mesmo elas realmente sendo. Parecia quase pitoresco o jeito que suas cores e dons eram opostos.

— Criar é criar, Asha. Destruir é destruir!

Perii parecia irritada comigo. De verdade. Não sei se queria que eu saísse destruindo tudo ou simplesmente rompesse o bloqueio. A sua falta de expressão dificultava o entendimento da sua ira branda.

— Lamentável, Perii, apenas lamentável. — a voz de Rae soou perto. Enquanto o dragão negro estava parado logo à

minha frente com o seu corpo tão potente como o de Tân, Rae deslizou pelo ar querendo tomar uma parte do meu campo de visão. Não tinha como não associar aquela cena à Gwynt repreendendo o domador de fogo. Talvez seja por isso que me sinto tão íntima delas.

— Acredito que a Destruição apareceu primeiro por conta da necessi-dade — tentei argumentar e os seus olhos vermelhos moveram em minha direção. Soa medonho, mas não me sentia ameaçada. — Demorou, mas depois que a entendi tornou fácil manipular. Só tenho medo de usar de maneira errada em mim.

— Você já sabe!

— Não vem com essa! — cortei Perii já de saco cheio daquelas três palavras.

— Cale-se um pouco, irmã. — Rae pediu com tanta tranquilidade que até eu me senti obrigada a parar, e Perii, mesmo não gostando, obedeceu. — Não tente forçar a criação como foi com o primeiro golpe da destruição. — ela me pediu. — O dom virá para você de forma fácil. Apenas idealize e crie.

— O jeito que você fala parece até fácil fazer — confesso encarando o dragão branco.

— Não é? — Perii pareceu indignada. — Mas não se engane, Mulher Dragão, ela está te iludindo.

O encontro foi tão breve desta vez que acordei antes do sol atingir os cristais. Se alguém acordou com os meus movimentos, não fez menção de se levantar. Caminhei até o centro da vila vazia. Agora em meu tamanho normal não achava ela tão pequena como me lembro da lembrança de Lux.

A escavação de cavernas não ia muito para cima, três voltas no Monte Vero. Era satisfatório observar como esculpiram escadas contornando o ambiente e as cavernas. Talvez vinte. Vinte para no mínimo quinze crianças parecia compatível, porém uma caverna comportava o número de membros desse clã vivos.

Meu coração pesou com a perda deles. Quantos rostos conhecidos de-vem passar em suas mentes, momentos vividos em cada canto dessa vila. Não controlei o ar que escapou dos meus lábios. Ao menos eles conseguiam associar isso.

Me sentei na grama batida que faziam leves cócegas em minhas pernas cobertas por uma calça de tecido fino e bege. O sol começa a aparecer de forma tímida esquentando vagarosamente minha pele e o silêncio ainda reinava na Foz do Rio. Fechei os meus olhos e liberei o dom de Perii em minha mente, de forma gentil entrei em contato com aquele emaranhado de ervas.

Entendia a motivação da minha mãe, só não a endossava, entretanto não iria travar uma luta contra alguém que nem estava mais aqui. Precisava me libertar disso e compreender o que viria daqui para a frente.

Com esse pensamento, envolvi as ervas em garras da cor de Perii. Pareciam sombras envolvendo o vibrante verde que minha mãe carregava em seus olhos. Foi como puxar uma daquelas linhas, apenas com um pensamento as ervas se desfizeram em pó.

Antes que eu pudesse sequer cogitar abrir os olhos, as lembranças começaram a invadir a minha mente como uma grande história sendo contada e Paentio manipulando os desenhos. Minha vida passava com detalhes antes roubados.

A silhueta não era mais coberta pelo céu noturno. Ele tinha cabelos castanhos, a pele pálida como a minha, assim como seus olhos de um castanho mel, consegui reparar em suas características antes de se tornar servo e Cig.

Sua aparência de verdade fez com que o meu coração se aquecesse, afinal, antes me achava uma criatura fora do bando com ninguém parecido comigo e lá estava ele. O verdadeiro Samael com o mesmo rosto sério, mas seus olhos brilhavam em tons mais escuros. Era esse homem que amei e mesmo o seu corpo ainda vagando por esse mundo, não era ele.

O meu pai era alguém cuidadoso antes de me entregar para Cig. Ele não me explicou quando me amaldiçoou. Apenas me disse:

— Você deveria ser princesa, Asha. — ele murmurou. — Sim, eu era príncipe e você deveria ser a minha princesa agora. Mas não se preocupe, minha esperança. Eu só quero te dar um mundo melhor e tenho um amigo que pode nos ajudar. — Suas

palavras pareciam tão sinceras, apesar das lágrimas. — Por favor, não chore.

Eu não chorei. Não ali.

Depois daquele dia o Samael cuidadoso, o meu pai, tinha partido e no lugar dele o Samael de Cig surgiu levando Michii, depois Cora e agora meu clã. Não fazia ideia se ainda existia alguma parte da verdadeira essência dele ou se foi preso por uma Cegueira como nós, mas precisava resolver uma coisa de cada vez.

Ao abrir os meus olhos encontro um dragão azul logo em minha frente.

— Onde estava?

Eira questiona de forma brincalhona, alheia ao que tinha acontecido.

— Revivendo a minha vida — respondo de forma simples, me erguendo.

— Você conseguiu?

Apenas um sorriso responde a indagação deles.

Foi uma comoção quando informei o rompimento, o jeito que comuniquei soou tão fácil, que me lembrei de Rae falando sobre o seu próprio dom e como Perii disse que era uma ilusão, e realmente era. Minha mente era invadida com algumas lembranças e não eram coisas importantes ou ao menos não pareciam, e essas intromissões contínuas acabavam atrapalhando o meu dia.

Não que não quisesse lembrar, mas poderia ter vindo tudo de uma vez. Mas não, elas invadiam a minha mente, seja por conta de uma palavra, de uma ação, de um comportamento, de um pensamento. Quanto mais gente ao redor, pior era, então me afastei dos demais com apenas Tân em meu encalço.

— Você está bem?

Ele quis saber, preocupado. O tanto de imagens que pareciam passar em minha frente me deu uma leve dor de

cabeça, nada preocupante, mesmo assim a usei como desculpa.

— Sim, de modo geral.

Respondo assim que chegamos na cratera com água feita por Dadaer e Eira. Era distante de onde eles almoçavam e enfiei na boca o último pedaço de carne que levei comigo. Me sentei perto do suposto lago e encarei o meu reflexo.

— Acredito que posso usar o dom da destruição em nosso clã e soltá-los da Cegueira, mas precisamos elaborar um plano.

— Você tem certeza que consegue? Não vai consumir muito de você?

— Consumir vai, de qualquer jeito. Porém, estou mais forte, e sei com que estou lidando, diferente da última vez.

— Confiamos em você, Asha.

— Mesmo?

— Você ainda duvida?

— Não de verdade, eu só queria ouvir mesmo, estraga prazeres.

Tân me deu a confirmação necessária para fazer uma reunião. Esperei que todos fossem demorar para responder o meu chamado, então fui verifi-car Liw. Antes de dormirmos liberei Poen, que parecia exaurida assim como ele, mas com a respiração branda. Sei que Daeth e Paentio estão se revezando para cuidar dele, mas na hora do almoço deixei que comessem juntos e relaxassem.

Logo de manhã tinha vindo dar um chá de camomila para ele e ver se já tinha trocado o gelo. Pedi para não deixarem sempre, mas não esquecerem de colocar ao menos três vezes ao dia. Ele ainda não tinha acordado, o que me fez lembrar de Abyss. Sabe-se lá o quanto foi exigido do seu corpo nos dias em que estava preso com os Arfenol.

Para a minha surpresa, a minha nova equipe não demorou para descer as escadas levando o tempo de uma pequena averiguada em Liw.

Quanto à Lena, disse que seu irmão está muito cansado e que podia cuidar das crianças enquanto ele não acordasse. Abyss vasculhou a mente dela e não encontrou os neurônios funcionando de forma normal, na verdade parecia falho. A nossa

suspeita é que tentaram colocar ela na Cegueira, porém algo deu errado no processo deixando Lena em um eterno estado de choque. Se assustando e com medo de tudo.

— Está tudo bem? — Abyss quis saber espelhando o comportamento de Tân e arrancando um semissorriso de mim.

— Sim — resolvi verbalizar sustentando seu olhar e logo depois olhei para todos; Lynn, Wodd, Daeth e Paentio. — Eu preciso ir salvar o meu clã. Acredito que posso destruir aquelas escuridões antes que elas saiam do corpo — falei cada palavra com firmeza e certeza. — Afinal, agora não preciso que fiquem no mundo externo.

— Você acha que dá conta? Elas podem estar mais fortes por conta do tempo. — Lynn me olhava com amarelos salpicados de laranja. Eu gostava daquela mistura.

— Pode ser que sim, mas não temos mais tempo, Lynn.

— E Samael?

— Ele tirou muito de mim, inclusive o meu pai. Mas agora o foco não é ele e sim o meu povo, o nosso povo. Prometi que lutaria por eles e é isso que pretendo fazer e estou pedindo a ajuda de vocês.

Sabia quem iria atingir com aquelas palavras até porque Asha não pede ajuda, mas estava pedindo agora. Não iria conseguir fazer o resgate por conta própria sem arriscar perder a minha vida no percurso, eles eram muitos e mesmo com os meus dragões não queria nem correr o risco de perdê-los, e muito menos ter que ferir alguém do clã. Sei que não tem como sair des-sa sem nenhum dano colateral, mas ainda assim poderia tentar ao máximo evitar isso.

— Você sabe que eu estou com você. — o domador do abismo se posicionou.

— Estamos. — Lynn o corrigiu.

— Depois dessa teremos que enfrentar o Samael e mais para frente o Rei Rimas.

— Do mesmo jeito. — eles responderam juntos.

Conter o sorriso para eles não foi uma opção. Sabia que essa expedição significava muito para Abyss, não invadiríamos um território Arfenol, mas resgataríamos pessoas presas e era

uma luta pessoal para ele. E Lynn, bom, lógico que quer salvar todos, porém consegui ver a determinação em seus olhos e sabia que Amy ocupava o primeiro lugar.

Antes os dragões eram a minha única certeza, mas saber que posso contar com mais duas pessoas fez com que os meus ombros relaxassem.

— Temos que estudar um jeito. Queremos ajudar, Asha. — Wodd chamou a minha atenção. Os três tinham se fechado entre si para discutir. — Temos apenas crianças e algumas podem ajudar e outras não.

Daeth e Paentio pareciam ansiosos pela minha resposta.

— Pode ser arriscado para elas...

— Vamos deixar que elas escolham as batalhas que querem lutar. — ele me cortou. — É uma decisão delas.

— Justo, porém precisamos agir rápido. Já perdi um bom tempo. — As palavras descem seco para mim porque a verdade é mais dolorida quando falando do que quando é apenas idealizada.

— Falaremos com eles agora mesmo. — Paentio disse firme logo subindo as escadas com os dois em seu encalço.

Parecia que eu estava em uma mistura da sensação pacífica que a Espera trazia e o terror daquele local com Cig. Sabia que um deles estava ganhando, só não conseguia identificar qual. A selvageria corria solta demonstrando o quanto estava ansiosa com aquilo, quero que dê certo, assim como quero o resultado disso tudo para ontem!

— Poderíamos tentar traçar um plano mesmo que não seja o oficial. — Abyss tentou chamar a minha atenção, mas estava focada em tomar respirações lentas e profundas. — Lynn, você pode pegar...

Ergui a minha mão direita e esfreguei os meus dedos. Queria ter um plano o quanto antes e sabia que precisava deles para isso. Planejamento não o meu forte, e sim o improviso, mas sei que ter algo sólido para invadir um acampamento cheio de corpos roubados por Samael não seria fácil. Pensar nisso ressoava como um latejar pelo meu corpo, a selvageria deixando o bombeamento chegar aos meus ouvidos.

Precisávamos de papel e tinta, idealizei eles e fechei os olhos. Estalei os dedos e só me permiti virar quando a voz de Abyss se perdeu na própria ideia. Um pedaço de pergaminho pequeno e desgastado, um pote de tinta e a ponta da pena estava estranha.

— Será que eu preciso pensar em todos os detalhes? — reclamei com nin-guém em específico, na verdade queria voltar a falar com Rae.

— Você conjurou isso? — Lynn questionou um tanto embasbacada.

— Ela disse “apenas idealize e crie”, mas Perii estava certa. Rae apenas me iludiu, isso sim — desabafei cruzando os braços.

— Asha! — os dois me chamaram trocando olhares entre si e depois me encarando. — Você conseguiu fazer isso! Se dê um pouco de crédito, garota!

— Lynn terminou de me repreender.

— Não quis...

— Ela tem essa tendência de se cobrar demais, colocar o peso do Reino inteiro nas costas...

— Isso é ridículo! — a domadora dos relâmpagos cortou a explicação de Abyss, que apenas deu de ombros como se concordasse com ela.

— Não falem de mim como se eu não estivesse aqui! — tentei chamar a atenção deles.

— E está? — Lynn questionou tomando a frente. — Se estivesse valoriza-ria a manifestação do dom de Rae logo ali.

Ela apontou para o conjunto. Pude jurar que vi relâmpagos atravessando os olhos zangados direcionados apenas para mim. Sabia que aquilo tinha um peso para ela, só não sabia que poderia ficar tão brava pelo meu simples desabafo.

— Só estamos cansados de vê-la se colocando para baixo, Asha. — Abyss chamou a minha atenção e ao contrário da minha amiga, ele exalava calmaria como sempre fazia comigo. Poderia ver Abyss alterando a sua voz com qualquer um, menos comigo. — Você conseguiu alcançar o dom da Criação mesmo

que não tenha saído como desejava, ainda assim ele aconteceu e deve se orgulhar disso.

Me orgulhar disso. Está aí uma coisa que não faço com muita frequência.

— Menos peso e mais reconhecimento. — Lynn falou de uma forma como se exigisse aquilo de mim e descobri que estava disposta a dar aquilo, então assenti.

— Vou colocar em prática enquanto resolvo meu outro enigma — res-pondi despertando os seus olhares curiosos. — O que a criação representa em mim?

CAPÍTULO 34

De quinze crianças, apenas recrutamos oito, que eram acima de doze ciclos e sabíamos que pegariam com facilidade uns golpes básicos. Alguns mais novos queriam ir, mas banquei a chata. Wodd já os tinha treinado e acrescentamos mais algumas aulas com Abyss e Lynn. Estava um tanto nervosa por colocá-las em perigo, porém Poen disse:

— Nós escolhemos estar aqui. Nós escolhemos lutar pelo nosso povo desta vez. — e esse foi o tapa que levei de uma criança.

Não sabia o quanto tinham perdido e nem precisa questionar, dava para ver em seus olhos. Partidos, eles estavam partidos e desajustados.

— Bem-vindos à família — ecoei meu pensamento sem perceber.

O restante do dia foi baseado em treinamento e planejamento e a noite com indagações sobre a criação e o que representava em mim. Esse tipo de questão só sai da minha cabeça quando é respondida e infelizmente não se tem uma data prévia para isso acontecer.

Consegui dormir um pouco ao menos. Assim que acordamos o sol começava a raiar e Gwynt já se preparava.

— Eu dou conta, Asha. Guarde a sua reserva para a Destruição, o ar eu consigo lidar.

Ela me repreendeu após mais uma insistência minha e a sensação era estranha, a de não ser a responsável por tudo. Estranha, mas boa, misturada com um alívio. O que me fez lembrar da promessa que fiz à Lynn ontem.

Eu não precisava carregar o Reino nas costas, tinha seres dispostos a me ajudar. Então Gwynt passou o dia ontem treinando o quanto conseguia cobrir com o ar. Ela aplicava o dom com quem estava com ela, mas desta vez não seria apenas em quem estivesse em suas costas.

Não tinha dúvidas de que ela conseguiria, não estava preocupada com isso, e sim com qualquer variável que poderia atrapalhar o plano.

Liw ainda não tinha acordada e no dia anterior seu corpo parecia arder em brasa, então comecei um tratamento mais pesado. Um combinado de ervas e gelo. Pedi para Wodd me apresentar a criança mais velha que iria ficar e ensinei tudo que Liw poderia precisar a ela, além de falar para Lena também. Deixamos todos na caverna subterrânea, Dadaer fechou o portal que dava acesso às escadas e deixou a rocha com uma espécie de reconhecimento, a criança responsável só precisava tocar na suposta porta para ser aberta. Ele explicou dizendo que a terra tem memória, assim como os outros elementos, sabia que existiam afirmações que ia além da minha compreensão. O meu dom são os dragões e eu entendo muito bem eles, porém os elementos que eles carregam, isso já era um nível totalmente deles.

Somos em um total de quinze humanos e quatro dragões. Wodd explorou o dom de cada uma das crianças e pediu para não me preocupar com isso. Era realmente bem estranho não ter o controle em mãos, mas precisava confiar nas pessoas ao meu redor. Não vou mentir que meus pilares desse assunto eram Abyss e Lynn, o primeiro estava a par do quesito de planejamento como usar dons de cada um, enquanto Lynn mantinha as crianças confiantes e prontas para o que poderiam enfrentar, e eu tinha o meu próprio planejamento com os dragões, que junto dos outros diziam para poupar a minha reserva.

Entendo bem agora o lance da árvore e seus frutos, Ryu me explicou bem, inclusive era a pessoa escalada para me treinar. Sabíamos que a minha copa era bem vasta, ainda mais lidando com o meu dom mais quatro elementos, só que não sabíamos como seria o seu comportamento com o uso da Destruição, então receitou que não usasse meu dom até chegar ao nosso destino.

Eu, Ryu, Daeth e Poen montados na Gwynt, enquanto Tân ficou com Abyss, Paentio e mais três crianças, Lynn e Eira com

mais duas crianças e Dadaer com Wodd mais duas crianças.

Gwynt consegui nos camuflar ao ar com excelência. Montados nos dragões chegaríamos rápido e decidi aproveitar a paisagem, o que me lembrou do sono com Nestor. A vista de cima era sempre algo que me encantava, assim como o céu estrelado. A lembrança do céu noturno sempre me puxava para o meu pai, que agora tinha rosto e nome. Uma parte minha representava a pequena Asha e queria que ele ainda fosse o meu pai, porém, uma parte maior sabia que já não era mais aquele homem e que existia uma criatura dentro dele, e eu precisava enfrentar isso pelo meu clã.

Eu vou lutar por eles.

A Ilha da Fissura logo estava erguida em nossa frente, conseguia ver as pessoas andando de modo nada natural e sabia que todos já tinham chego, pois, a quantidade estava maior do que havia deixado. Vinte pessoas conhecidas estavam ali.

Já tínhamos nos separados para colocar o plano em prática. Os três dragões ficaram ao lado Sul da Fissura, enquanto Gwynt nos guiou para Norte, onde fica o castelo esculpido. Sabia que as crianças estariam escondidas e os três dragões mais os adultos estariam preparados para distraírem, caso necessário.

O primeiro plano era que eu aplicasse a destruição de modo silencioso, mas ao tentar alcançar aquela linha que brilha em um tom mais escuro per-cebi que não conseguiria destruir a escuridão de todos de uma vez só. Tentei puxar o fio e ele travou como se me impedisse de ir além. Fiz uma breve notificação para os dragões e para Ryu, então reduzi de vinte para quinze e nada, dez e nada, então os uni mentalmente em grupo de cinco.

Ao puxar o fio me senti sendo sugada para dentro de cada mente. Percebi que Oem era um deles ao vê-lo se liberar das garras, depois cabelos verdes, cinza, vermelho e salmão. Consegui ver a libertação de cada um, e assim sou-be que seus olhos não estavam mais com névoa e não saberiam o que fazer.

— Consegui! Envolva aqueles cinco, Gwynt.

— Os cinco perto do castelo estão livres.

Notifiquei pela ligação e antes de Gwynt envolvê-los conseguia ver um Abyss indo na direção deles. A domadora do ar deu uma incrementada em sua habilidade que só percebi agora: todos que estavam fora do seu dom não conseguiriam nos ver, mas quem estava dentro conseguia.

Na primeira vez foi fácil me concentrar naquelas cinco pessoas e suas dores para achar a linha certa. As linhas já dançavam em minha vista de forma amigável e mal ligava para eles no dia a dia, mas agora o Reino Nefir parecia de fato tecido pelas Criaturas Celestiais. E eu só orava para que Perii destacasse mais três linhas para mim.

Gwynt deslizou no ar ao meu pedido para chegar um pouco mais perto dos meus alvos, descemos pela Fissura enquanto respirava de forma profunda querendo instigar a minha intuição e minha mente lembrando de Cyffy, procurando outras como ela e para que se tornasse mais fácil para atingir aquele tom mais escuro.

A cor de Perii se fez presente e eu puxei a linha, que logo me sugou mais uma vez para dentro das mentes. Parecia que cada vez que retornava uma tontura me assolava, me fazendo prender os dedos em Gwynt, a única que percebia. Verde Floresta, Rosa, Abóbora e Azul Aço. As cores de cabelos ou olhos invadiam a mente enquanto procurava me manter firme.

Eu não saberia dizer o quanto a Destruição pegava de mim, porém, a única certeza era que a cada golpe a tontura se intensificava e só consegui me manter consciente na terceira vez por causa de Tân.

— Estamos sendo atacados!

Meus olhos encontraram o meu clã atacando o meu novo clã. Precisaria de um esforço a mais para conseguir me concentrar neles em movimento. Antes o andar era despreocupado, enquanto agora gladiava de forma enérgica, por sorte o nosso número tinha aumentado. Eles tinham apenas cinco lutando, então apenas cinco de nós apareceram para lutar enquanto via Eira voar com alguns em suas costas de volta para o Monte.

Tân e Dadaer estavam em prontidão, enquanto Gwynt abaixou mais um pouco para eu tentar alcançar a escuridão naqueles cinco, mas seus movimentos eram rápidos e se dispersavam, então tinha que arriscar e me concentrar em um de cada vez.

A decisão foi fácil de ser feita, mas uma dor irradiou dentro de mim e parecia ter sido quadruplicada. Senti que mãos pequenas arrasaram o braço e quis segurar Poen firme, porque estávamos em queda livre, ao procurar por Gwynt vejo uma estaca negra atravessando a sua pata traseira da esquerda Gormes e por isso o elemento foi inibido dentro dela.

Uma pena não ter efeito em mim.

Projetei o ar para baixo, o nosso pouso seria forçado, então os escudos dos elementos se formaram primeiro abaixo de Gwynt, e depois dos três cor-pos suspensos logo acima. Mesmo chamando-a pela ligação, não obtive res-postas dela. Então me concentrei no chão chegando perto, despejei tudo que encontrei naquela copa de poder para tentar cair em segurança.

— Preparem-se!

Assim que chegamos mais perto forcei os seus corpos rolarem para amenizar ainda mais o impacto. Não conseguiria nos manter no ar, já que o desespero tomou conta e precisava salvar mais cinco pessoas.

Enquanto me erguia e guiada por Ryu e Wodd para o lado do nosso clã, conjurei rapidamente o ar em volta de Tân, que rapidamente atendeu meu pedido. Levitei o corpo de Gwynt até as costas do dragão vermelho e conjurei caules fortes para prender o corpo comprido da domadora do ar e logo ele levantou voo. Não tínhamos muitos aqui para que os mantivessem invisíveis.

— Mas já vão embora? — a voz de Samael urrou atrás de mim.

Agora era ainda mais fácil perceber a diferença dele para a imagem que tinham do meu pai. Os cabelos castanhos agora eram pretos e encharcados de óleo e seus olhos não possuíam mais o branco, o que o tornava ainda mais terrível de olhar, e

eram tomados por preto e íris azuis celestiais. Samael ces-sou o seu tom assim que nossos olhos se encontraram.

— Vejo que enfim se permitiu lembrar, querida — ele ronronou se aproximando. — Agora podemos nos...

— Cala a boca! — interrompi o seu deleite. — Você é tudo, menos o meu pai.

A luta em nossa volta tinha parado e os guardas dele agora se encontravam em formação ao seu lado, do mesmo jeito que os meus fizeram. Abyss, Lynn, Ryu, Wodd, Daeth e Poen seguidos por mais três crianças. Sabia que eles não tinham acionado o restante porque estávamos em vantagem e isso me preocupava porque mesmo que tenha sido difícil liberar o meu clã, ainda assim estava parecendo fácil, como se eles estivessem deixando eu ter essa vitória. E isso não fazia sentido.

— Ah, mas ele ainda chama pelo seu nome. Ele sabe que só existe você agora, a sua vida. — Samael esboçava um sorriso presunçoso, como se deleitasse com a visão do meu pai preso e implorando. — Não se preocupe, já o avisei que é tarde demais. Ele deveria saber quando a entregou.

— Cala a boca! — vociferei de novo prendendo minha raiva em meu maxilar trincado. — Sua voz não tem esse som louvável como imagina.

Não tinha muitas cartas na manga, na verdade meu coração estava pesado com a sua declaração. Meu pai ainda estava vivo então? Independente da resposta, precisava sair logo dali e cuidar de Gwynt e quem mais estivesse ferido.

— Ele pode estar mentindo, igual a sua escuridão fez com a gente. — Dadaer me alertou.

— Espero que tenha se divertido — voltei a falar antes que ele percebesse que aquilo poderia me afetar.

A selvageria corria dentro de mim e eu queria a usar no próprio Samael, mas esse ataque poderia ser muito arriscado, já que não sabia o quão efetivo seria ou se isso custaria a minha vida. É o segundo risco não poderia ocorrer agora.

— Eu estou apenas começando, filha.

Eu sabia. Tinha certeza de que tinha me chamado daquele jeito para me irritar. Sabia que usaria aquilo contra mim, mas não me senti oscilar.

Não deixaria ele me chamar assim sendo que ele é o culpado por tudo. O verdadeiro Samael poderia estar lá dentro, preso ou não. Mas não entraria nesse jogo dele.

As tomadas de respiração eram profundas e se tornaram algo presente no meu dia a dia, tão comum como ver as linhas compondo a minha visão. Aquele brilho no tom de Perii apareceu e eu puxei. No mesmo instante uma mão pegou a minha querendo me puxar para trás, enquanto via mais cinco cores passarem em minha mente.

Despertei assim que derrapei na terra. Uma estaca gigante de gelo estava logo atrás do meu braço que se unia com o do Abyss, nossos dedos estavam entrelaçados e comecei a sentir algo molhado. A estaca tinha passado de ras-pão na minha pele, mas o suficiente para sangue escorrer do braço dele.

Não sabia a ordem que tinha acontecido as coisas, porém, minha certeza que tinha libertado os outros, que agora estavam presos pelas criaturas de

Samael. Ele só as invocou agora. Eu não sabia se teria firmeza o suficiente para acertar apenas as criaturas atrás delas, precisava de mais de tempo.

Mãos me ergueram e me empurraram para trás e meus olhos estavam focados nas criaturas que estavam atrás de Abyss agora, vindo em nossa direção. Eram apenas duas, eu poderia...

— Vamos embora! — o domador do abismo puxando o meu braço, chamando minha atenção, senti algo espesso se espalhando em meu rosto. — Você usou muito, Asha. Precisa ir embora. Use o restante para permanecer invisível.

Eu me sentia atordoada enquanto passava as mãos em meu rosto e percebia o sangue saindo do meu nariz. Samael estava fazendo algum jogo, não entendia quantas criaturas conseguiria invocar, mas mesmo assim não nos ameaçava. Não tanto.

As criaturas tinham suas garras feita de Gormes, o que me fez entender o motivo de Abyss estar tão fraco. Suas mãos pesavam em meus ombros instantes atrás e agora tinha me empurrado dando as costas para mim, ele empunhou a espada. Se ele achava que eu iria sacrificá-lo...

— Não pense nisso...

— Dadaer!

O dragão verde foi rápido em me impulsionar para cima com um pedaço de terra e me pegar no ar. Estávamos todos desesperados depois de ver Gwynt sendo ferida, e isso me fez perder o controle da situação. Não tinha percebido quando tinham levado os outros para longe e se tinha mantido todos invisíveis desde então.

Ao tocar nas escamas de Dadaer consegui nos tornar invisível. Meu corpo estava ali e meu coração estava ficando para trás. Conseguia ver a linha ver-melha se estendendo conforme Dadaer ganhava voo de volta para casa, sem Abyss. Sem a minha outra ponta e eu queria poder protegê-lo com aquele último fruto que poderia dar.

Se fosse para sacrificá-lo também sacrificaria o meu último fruto. Eu idealizei uma proteção para Abyss. Não a estrutura, mas a sua função: proteger ele de Samael e de qualquer coisa. À luz pareceu ficar muito forte do nada, controlei o ímpeto de colocar as mãos nos olhos porque pude ver que estavam puxando aquele fio brilhante juntas, com toda força que me restava.

Mesmo sem ver por conta da distância, tinha uma certeza. Abyss estaria protegido até nos recuperarmos. Ainda deixando o ar correr pelo nosso corpo, conjurei a destruição para bloquear o seu caminho, na verdade funcionaria como um aviso, caso Samael marchasse em nossa direção. Eu ficaria sabendo pelo menos disso porque realmente não entendia o porquê de ele ter me encurralado junto com Abyss, assim como os dragões, ele também escolheria me salvar em primeiro lugar. Era óbvio que não conseguiria me ter a sua mercê. Então por quê?

Minha cabeça tombou levemente para frente, senti o latejar subindo pela minha nuca até as têmporas e logo se

transformava em um puxão em meus nervos, como se estivesse os rasgando. Tentei controlar a dor respirando fundo e mantinha minhas mãos bem firmes em Dadaer, não queria correr o risco de cair e ter que usar mais uma gota do meu dom.

Assim que abri meus olhos, vendo um cristal escuro ao lado Sul da Ilha Fissura, vi alguns fios brancos voando em minha vista. Esses eu não... Instintivamente levei minhas mãos até eles e toquei o meu cabelo. Estava branco. Tentei puxar o pouco de cabelo que conseguia para frente e vi preto.

Ótimo.

Aparentemente Rae ficou enciumada de meu cabelo ter a cor de Perii e me presenteou com mechas brancas. Uma em cada lado emoldurando o meu rosto. Agora eu tinha oficialmente um pouco de cada dragão em meu corpo.

CAPÍTULO 35

Seria mentira dizer que tive algum tempo para sentir falta de Abyss e lamentar não ter salvo os cinco membros do meu clã.

Já faz um dia que voltamos para a Foz e não consegui nem dormir. Meu primeiro foco foi Gwynt, Tân conseguiu tirar a lança de Gormes, assim que conseguimos panos grandes o suficiente para cuidar de um dragão. A domadora do ar me certificou que mesmo tendo ultrapassado a sua perna, a ferida não a impossibilitaria. Talvez ela só mancasse, mas raramente víamos Gwynt com as patas em terra, o que era uma bênção.

Ao mesmo tempo em que amarrava um pano acima do ferimento e estacava, também gritava respostas para as pessoas que cuidavam dos membros machucados. Não eram muito, porém ninguém gosta de ficar esperando quando se está ferido. Eles conseguiam lidar com o básico.

A quantidade de sangue que saía da pata de Gwynt chegava a ser assustadora e me banhava facilmente. Entretanto, coloquei em minha mente que são organismos diferentes e estava tudo bem. Eu orava por estar tudo bem.

Com a ajuda de Eira limpei o ferimento junto com umas ervas curativas que Dadaer invocou. Quando julguei limpo o suficiente, Tân esquentou a espada para eu conseguir cauterizar os dois lados do ferimento e logo depois envolvi com outro pano grande, e Eira se responsabilizou por colocar gelo. Assim que deixou um pedregulho na pata de Gwynr, virou a minha sombra. E eu voltaria em breve para ver se Gwynt não estava tendo nenhuma reação negativa.

Acariciei o nariz da domadora do ar, que dormia profundamente graças ao pólen de Dadaer, fizemos com que ingerisse porque o resto de energia que eu tinha iria usar para ajudar os feridos. Temia usar uma pequena porção do meu dom

e acabar sucumbindo à Exaustão. Ainda mais por ter usado a criação, mal tinha me adaptado à destruição.

— Você precisa descansar.

Eira me repreendeu enquanto me seguia pela pequena vila da Foz.

— Eu irei, só preciso me certificar que todos estão bem.

— Você precisa ficar bem também. — Tân se juntou ao complô.

— Isso é sério, Asha. Você usou a criação e agora o seu cabelo está branco!

Dadaer pontuou e me voltei para os três dragões. Seus tamanhos deveriam me assustar porque precisei dar alguns passos para trás a fim de não ter que erguer tanto a cabeça.

— Estou me sentindo falha. Abyss e mais cinco membros do nosso clã ficaram para trás e isso está me corroendo a cada instante. Então deixem que tenha certeza que todos os que resgatei estão bem, assim poderia descansar com um peso a menos na consciência.

Eles concordaram com um pesar forte. Sabiam o que eu estava sentindo em cada aspecto do que aconteceu e o meu medo do que pode acontecer aos seis. Caminhei pelas cavernas vendo cada um dos feridos, que eram cinco, e não tomou muito do meu tempo.

Cortes, dilacerações não profundas, queimaduras, nada comparado ao que presenciei com Liw. Eira e Dadaer foram bons ajudantes me disponibilizando água e ervas, enquanto Tân fez uma fogueira para eles se esquentarem durante a noite.

Levei o restante do dia seguinte com eles, enquanto o ferimento de Gwynt tinha ocupado a noite inteira e o começo da manhã. Precisei de mais tempo e cuidado com ela por não entender tanto do seu organismo, ao passo que os membros do clã foi mais uma checagem.

Sabia o que eu representava para eles. Esperança. Depois de Tân e Gwynt aparecerem para comprovar o meu dom, eles tiveram esperança.

Avistei Wodd sentado na mesa com algumas frutas e carnes, resolvi comer antes de cair no sono. Assim que me

aproximei, vi um senhor grisalho mordiscando um peixe. Meu coração quase não coube em meu peito com o alívio que invadiu escapando em forma de lágrima dos meus olhos.

— Oem. — minha voz era um sussurro que não o culparia por não me escutar.

Mas escutou, se levantando mais lento, porém os braços que me embalaram eram fortes e protetores. A intensidade daquele momento não poderia ser descrita, apenas sentida pelo tanto que nos apertamos e choramos, o alívio tão presente.

— Você conseguiu. — foi a vez de ele sussurrar. — Você conseguiu nos salvar!

Do abraço, ele me pegou pelos ombros e demorou ao me analisar com os olhos parados nas novas mechas brancas. Não consegui distinguir todas informações que cintilaram em seu olhar, mas uma delas era orgulho. Oem passou a mão em uma das mechas como se precisasse senti-la para ter certeza do que via.

— Você tem uma característica de cada um. — ele afirmou e começou pela têmpora. — Tân. Gwynt. Eira. Dadaer. — Oem nomeou cada um, en-quanto apontava para as escamas. As escamas azuis ocupavam o meu joelho direito e as verdes, o tornozelo esquerdo. — Perii sempre esteve em você e por isso te achavam tão diferente, já que nossos dons vieram de Nestor e os seus vieram delas. Elas te escolheram antes mesmo de Cora dar à luz a você.

— Por que a mim? — quis saber.

Essa pergunta me rondava desde sempre e finalmente fazê-la era libertador.

— Porque você é diferente dos outros. Rae e Perii são irmãs e se complementam em seus dons, a criação e a destruição. Elas pensaram que Nestor e Cig entenderiam isso, o que nos levou à maldição, e logo em seguida optaram por apenas favorecer o dom dos dragões a um dos gêmeos, como aconteceu com Tiare e Samir, mas não conseguiram libertar os dois primeiros. Então elas apostaram em uma pessoa só, que seria o seu próprio complementar. Você teria seres para te ajudar, mas no fundo, você só precisaria de você.

Tentei acompanhar a ideia de Oem e lembrar de todos os detalhes que Paentio nos proporcionou com suas narrações com desenhos. As Criaturas deram um pouco dos seus dons para os irmãos e a soberba deles custou a vida de Ryu. Já com Tiare e Samir acabou causando o sacrifício dela. E agora... Eu estava sozinha, sem irmãos gêmeos.

Você só precisaria de você.

Ryu disse isso também. O que isso queria dizer? E desde quando Oem sabia disso tudo?

— Você descobriu isso com a sua Cegueira?

Oem abriu um sorriso contigo e desviou o olhar por um instante antes de voltar para mim.

— Eu sempre soube.

— Por que...

— Rae e Perii me pediram apenas para te amparar, que a vida iria lhe tornar a eleita que precisa ser. Minha função era cuidar de você.

— Mas e Nestor?

— Ele foi um grande auxiliador e precisávamos que acreditasse nele para assim entender o porquê derrotar Cig.

— Para nos libertar?

— Por causa da maldição, o Reino Nefir se dividiu em Nestor e Cig. O sangue jorrado de Ury trouxe o apodrecimento do nosso Reino porque a criação e a destruição podem até existir em um mesmo espaço, mas jamais usadas para um mesmo fim. Isso causaria o fim de tudo.

— Eu tenho ambas em mim — constatei tocando no ponto em que dá ardência.

— E você não consegue usar os dois juntos, apenas separados. — Oem constatou. — A ideia dos dois juntos seria uma fusão dos dons. Eles se auto-destruiriam de imediato.

Minha cabeça começou a latejar com as informações sendo processadas e o ancião percebeu, me conduzindo para a caverna onde Gwynt estava, com a mão em minhas costas acariciando de uma forma reconfortante.

— Eu voltei hoje, Mulher Dragão. E pretendendo guiá-la para libertar-mos o nosso Reino, mas antes recarregue a sua

copa.

O meu corpo e mente pareceram não contestar o descanso, assim que Oem afirmou que ficaria ali, caso eu ou Gwynt precisássemos de algo. Foram as palavras necessárias para tirar o peso em meus ombros e irem para os meus olhos. Com ele era diferente, o ancião sempre cuidou de mim.

Não sonhei com nada, por mais que quisesse. Algumas palavras de Nestor ou das Criaturas seria reconfortante. Mas passei a noite encarando um muro preto até sentir luzes invadirem as minhas pálpebras e meu corpo parecia pesado por um instante, até me espreguiçar e todos os meus músculos relembrarem as suas funções.

Oem estava em nossa caverna e todos ainda dormiam.

— Você fez um bom trabalho nela. — O ancião constatou. — Ela passou a noite em uma calmaria.

Sabia que poderia viver mesmo que um dos dragões viesse a morrer.

Mesmo assim não conseguia ver uma vida para mim sem a Gwynt. Na verdade, não existia essa possibilidade para mim, então gastei o tempo preciso para cuidar dela. Ao contrário do caso de Liw, que tive que agir às pressas para o garoto não perder mais do que um braço.

Oem sabia dele e da Lena? Nem eu tinha os vistos desde que chegamos.

— Preciso te mostrar uma coisa.

Não quis dizer muita coisa para não lhe dar esperança de que fosse Axía, a qual não fazia ideia se estava viva ainda. Esperava que sim. Assim que aca-barmos com essa história de Samael, vamos atrás do Rei Rimas e resgatar todos os Aliar. Enquanto cuidava de Gwynt pedi para que Wodd trouxesse papel e tinta, ele iria escrever em meu nome.

Assim que adentrei a caverna com a escada subterrânea, escutei alguém chorando de forma contida, então apressei os

meus passos e encontrei Daeth em um sono profunda na câmera com pergaminhos, enquanto um Liw agachado chorando. Seu cabelo antes azul escuro agora estava verde e sua pele adquiriu o mesmo tom, porém parecia ter escamas de cobra bem sutis. Liw abraça as suas pernas envolvendo-as com o braço direito, enquanto o esquerdo faria o mesmo movimento de acordo com a direção que a pequena parte restante tomava.

— Liw? — o chamei, seus olhos roxos captaram os meus. — Sou eu, Asha, lembra de mim? — ele balançou a cabeça timidamente enquanto lágrimas ainda escorriam. — E Oem.

Apontei para o ancião e o garoto soluçou mais uma vez.

— Você está seguro. — Oem afirmou para ele. — Estamos todos seguros aqui.

— Aonde estamos? Como cheguei aqui?

Suas perguntas saíam com sua voz de choro acentuando. Não hesitei em me aproximar dele, porém não o toquei, só quis olhar bem nos seus olhos que mudavam para um tom forte de azul, acredito que representava os seus sentimentos na hora. Talvez o dom de se camuflar estivesse ligado à suas emoções.

Ver que seus olhos não estavam tomados por névoa fez com que meu corpo relaxasse e me sentasse bem na sua frente. Ainda com receio de tocar qualquer parte do corpo dele, me contive em sorrir de forma tranquilizadora.

Não fazia ideia do que os Arfenol fizeram com ele e provavelmente teria medo de ser tocado por qualquer ser vivo, depois que mãos o fizeram perder um braço.

— Estamos no Monte Vero e encontraram você e sua irmã por perto. Gwynt os reconheceu e trouxe para cuidarmos de vocês — expliquei de forma sucinta e ampla, sem muitos detalhes.

— Me guiaram até aqui. — ele me respondeu de imediato. — Uma linha branca e outra preta flutuavam dizendo para que eu as seguisse. Eu tentei até não aguentar mais, puxando Lena. Como ela está?

Branca e preta. Só podia ser Rae e Perii.

— E você fez um bom trabalho — elogiei o garoto querendo acariciar os seus cabelos.

Liw parecia transtornado, mas dando informações de forma livre. Talvez porque nós conhecêssemos.

— Sua irmã está bem, apenas um pouco impossibilitada — confessei.

— Ela estava assim quando a encontrei. — ele completa e depois olha para a esquerda. — O meu braço...

Alguma coisa aconteceu com Lena antes, talvez na invasão de Samael.

— Estava cheio de flechas de Gormes. Se deixássemos daquele jeito, você perderia a sua vida, então tive que tirá-lo — interrompi de novo sem dar mui-tos detalhes. — Desc...

— Obrigado. — foi a vez dele me interromper e levemente sua mão acariciou o seu ombro esquerdo. — Lena me mataria se eu deixasse apenas um braço me levar para a Passagem.

Lembrando das minhas últimas instruções para ela; guarde a caverna.

Achei que faria bem e talvez tenha feito. Não sabia ao certo.

— Samael invadiu o nosso acampamento, Liw. — Oem contou. — Lena não estava entre nós quando fomos capturados. Acredito que ela tenha ido em busca de ajuda.

O ancião pareceu me ler de forma rápida e eu mesma mal tinha percebido o quão alheia me tornei em pouco tempo.

Eu e Oem atualizamos Liw sobre os acontecimentos de forma breve, e subimos com ele apresentando toda a pequena vila e os novos dragões para ele. Em especial, Liw se manteve um tempo perto de Gwynt acariciando sua

lateral com um gesto firme que não oscilava nem quando ela suspirava forte.

Via uma espécie de compaixão ali, eu acho.

— Você parece tranquila demais em relação a Abyss. — Oem comentou ao meu lado.

— Parece que ele não foi capturado. — Lynn completou. — Como se você acreditasse que ele está seguro nas mãos daquele tirano.

Lynn não tinha saído do lado de Amy nem por um instante até agora. Não sabemos ao certo, mas nossas emoções foram

suprimidas quando estávamos na Cegueira, e mesmo que os nossos dons fossem guiados pelas emoções, o de Amy é a emoção em sua essência e o seu corpo está levando um tempo para se ajustar de volta a si mesmo. Lynn não ousava ir muito longe da companheira, mesmo nos ajudando no possível e impossível nesses dois dias.

— Ele está — afirmei aos dois.

— Como? — Lynn questionou.

— Você usou...

A voz do Oem se perdeu enquanto os amarelos de Lynn pareceram se acender com a frase inacabada do ancião. Ela sabia que uma parte do meu dom ainda estava sendo aprimorada.

— Acham que arranjei essas mechas brancas por charme? — indaguei me divertindo um pouco com suas caras surpresas. — Eu criei uma proteção para Abyss como Ryu gostaria de ter feito para os dois irmãos.

— Você usou a criação? Para algo grande? Sem ser folhas, pedras apare-cendo do nada...

— Sim — respondi à minha amiga, me divertindo com o seu entusiasmo.

— Quem é Ryu? — o ancião quis saber.

— Você deve conhecê-lo por Ury. — Lynn respondeu por mim.

Meus olhos estavam vidrados no garoto se aconselhando perto de Gwynt.

— Isso é poderoso, Asha. — Oem afirmou e eu assenti.

— A selvageria me contou — confessei. — Parece que ela é representação da criação em mim.

— A selvageria?

— Sim, corre tão solta como a própria Rae.

Oem parecia de alguma forma atordoado com o meu desempenho com o meu dom, chegou a dizer que não fazia

ideia das proporções sentimentais cabíveis nisso. O que achei estranho, já que ele nos ensinava que os nossos dons são as nossas emoções. Amy despertou logo após isso para intensificar ainda mais Lynn, que despejava perguntas sobre ela, e no final foi tentar arranjar algum ensopado para a dona da outra ponta do seu fio vermelho.

Os olhos azuis de Amy me vasculhavam em busca de aprovação.

— Você está bem?

Foi a única coisa que perguntei querendo sondar ela em busca de algo que poderia lhe fazer mal. Mesmo sabendo que não.

— Fisicamente sim, já o emocional, nunca pensei que viveria esse dia. — ela confessou baixinho.

— Por quê? — ela estava prestes a me responder quando pedi. — Não precisa falar baixo. Ninguém merece ficar escondendo o que te faz feliz.

Os olhos dela tentaram controlar as lágrimas.

— Nunca fui como o meu irmão e me interessei pelo o sexo oposto. — ela disse um pouco mais alto. Existem medos que são só nossos e fazem sentido apenas para nós, e com o apoio certo conseguiríamos superá-los, mas era necessário dar tempo ao tempo. — Como não existem pessoas que ficam com o mesmo sexo achei que eu era alguém bizarro. Nunca pensei que iria ter permissão para sentir algo tão puro como o que sinto por Lynn. Nunca pensei que ia acordar com alguém desesperado para me agradar, me mimar...

— Você tem a minha permissão.

Consegui dizer antes de abraçá-la.

— O que eu perdi? — Lynn questionou com uma vasilha de pedra fumegante em mãos.

Com um riso Amy a chamou para perto e também a atualizamos sobre os acontecimentos recentes e as revelações com mais detalhes do que dei para Liw. Amy já era maior e Liw tinha perdido um braço, acredito que com um tempo perto de alguém que se sentisse confortável — mesmo que nunca tenha imaginado Gwynt nesse papel — iria fazer bem ao garoto antes

de tomarmos o próximo passo. Acreditava que Amy saberia lidar melhor com a situação.

— Então foi o seu pai que matou Michii? — foi a primeira coisa que ela falou depois de alguns instantes encarando as pedras da caverna.

— Sim.

— Que loucura, Asha — sussurrou.

— E agora ele está com Abyss e mais cinco membros do clã. Precisamos recuperá-los e depois ir atrás de Rimas. — Lynn simplificou o nosso futuro antes de morder uma maçã.

— Praticamente isso.

— O Rei?

— Não chamo de Rei aquele que não me representa. — Lynn murmurou para a maçã e não hesitei em concordar com ela.

— De qualquer forma, em breve estaremos em uma situação de vida ou morte — comentei pensando nessa possibilidade. — E não obrigarei a me seguirem.

— Eu vou!

As duas responderam juntas seguindo por uma risada e olhares compartilhados em segredo. Uma intimidade que casais possuem, meu peito apertou com isso. Lógico que estava feliz pelas minhas amigas e nem conseguiria imaginar alguém melhor uma para outra, mas isso não impedia de sentir falta dele.

— Vamos oficializar! — Amy disse erguendo os braços. — Fale com Oem, Asha. Peça para nos oficializar como companheiras. Antes que seja tarde de-mais...

Sabia o que ela queria dizer com aquilo. Antes que não tivéssemos mais chance para isso, mesmo que pareça um ato desesperado — e talvez seja —, ainda assim tinha certeza de que não seria um erro, já que o fio vermelho entrelaçava as duas.

Lynn pareceu tão eufórica quanto Amy depois de sair da surpresa que as palavras lhe causaram. Eu realmente quero que elas tenham essa força e me-recem ser felizes, mesmo que não seja comum entre nós. Não era, pois agora será. As pessoas podiam amar quem quisessem independente do que os outros

iriam achar. Mereciam liberdade de amar e é isso que eu defenderia, e ajudaria elas, caso olhos alheios ousassem discriminá-las por simplesmente amar.

— Eu não posso fazer isso. — os olhos delas vacilaram assim como os seus sorrisos. — Posso trazer Oem aqui e iria apoiar vocês em cada passo dessa caminhada — afirmei com cuidado antes de continuar. — Eu só não posso falar por vocês. É a vida, a escolha de vocês. Não minha. Quero que vocês não tenham medo de falar, quero que as vozes de vocês sejam ouvidas.

CAPÍTULO 36

Oem não foi difícil de ser achado, ele estava do jeito que gostava de estar: rodeado de crianças pedindo para contar algumas histórias. Não tínhamos mais tantos momentos assim em nosso clã, já que de vinte pessoas apenas cinco eram crianças com doze ciclos, o que já cortava um pouco da vontade de escutar e viajar pelas histórias do ancião. Lynn tinha me acompanhado por insistência, disse que queria representar as duas no pedido de Oem atendê-las.

Com um olhar, o ancião já entendeu que queria conversar com ele, e as crianças dispersaram chateadas pela interrupção e já ansiosas pela noite em volta da fogueira.

— Talvez pudéssemos juntar você e Paentio para uma noite memorável de histórias para as crianças. Seria uma ótima última noite antes de tudo...

Minha voz se perdeu com a possibilidade do futuro e Oem não pareceu achar errado a minha ideia.

— Quanto mais pudermos aproveitar, melhor é — endossou. — Não é incomum fazer coisas desesperadas nesses momentos. Meu pai costumava dizer que foi assim que acabei sendo gerado, um desespero de serem atacados por Arfenol e a linhagem prosseguir.

O ancião riu lembrando do seu patrono e acompanhei em um sorriso contido. Não é uma coisa que gostaria de manter em mente, quando Oem foi gerado e nem como eu fui. Era uma das últimas coisas que precisava em minha mente.

— Vejo que querem fazer algo desesperado...

— Sim! — Lynn disse antes de ele terminar e eu pensar em responder. — Se o senhor puder nos acompanhar.

— Sem dúvida.

Oem e Lynn não tiveram muito tempo para se conhecerem, então ainda existe essa formalidade entre eles e o ancião não planeja dispensar até enten-der quem é Lynn, e minha amiga parece entender isso.

Não tomei o controle da situação, me mantive ao lado de Lynn, que vez ou outra me lançava um olhar apenas para checar se ainda estava ali. Esses singelos momentos me fizeram lembrar da garota que vi na Cegueira. Ela não tinha mais família até nos encontrar. E não gostava de pensar no que seria de Lynn se não tivesse entrado em nossas vidas. Não mesmo.

— Você está corada, Garota dos Sentimentos! — Oem comemora ao ver Amy.

Ele trata cada um de nós como se fôssemos os seus próprios filhos. Nunca foi diferente disso, assim como Axía, sua falta ainda é sentida. Consigo ver pelos ocasionais olhares que o ancião lança ao redor com esperança de vê-la ou o tão costumeiro gesto de dar as mãos, agora via sua mão procurando pela dela. Não prometeria trazê-la de volta porque não sabia o seu paradeiro, mas prometeria tomar conhecimento do que lhe aconteceu e se ainda vive. Isso eu poderia fazer, mesmo Oem nunca tendo me pedido por isso.

— Me sinto tão viva, Oem.

— E deveria mesmo. Depois daqueles dias, que pareciam infinitos, trancados. Me sinto tão jovem quanto você. — ele brincou por último acariciando o cabelo de Amy. — O que vocês planejam fazer de tão desesperado para me convocar?

Agora foi a vez de Lynn não tentar controlar a situação ao ver Amy encarar o ancião. Sabia que dizer as palavras poderia ser difícil. Imagine reprimir tanto algo por medo de ser a errada apenas por amar alguém. Falar isso para alguém com medo da reação deve ser algo terrível, mas sabia que não as es-tava forçando a nada. Se elas queriam ter a liberdade delas, precisavam lutar por ela e não me mandar lutar sozinha.

Sei que o pedido delas não teve exatamente essa intenção.

— Gostaria que você me unisse à Lynn como companheiras. — ela pediu como uma lança sendo jogada ao inimigo, sem pausa alguma para respirar.

— Somos ligados pelo fio vermelho de Rae e Perii.

Amy compartilhou um conhecimento que não era do meu povo, mas do de Lynn e Oem não pareceu achar estranho. E eu quase me esqueço de que ele não passou os ensinamentos das

Criaturas a mando delas. Se meu povo não soubesse, então as chances de eu saber seriam nulas. É claro que ele sabia do fio vermelho!

— Mas eu preciso de uma testemunha

A resposta de Oem fez com que os ombros delas cedessem de forma visível e os meus lábios se curvaram para cima.

— Já tem uma. — me fiz presente no campo de visão de Oem.

— E-Eu jurava que você...

— Rae e Perii não veem o sexo de vocês. — Oem interrompeu Amy e pegou em sua mão e na de Lynn. — Elas veem pessoas que podem impulsionar umas às outras, e depois que fui agraciado por ser o ancião do nosso clã também consigo ver os fios vermelhos de cada um de vocês. — desta vez ele lançou um olhar para mim, o que acabou me pegando desprevenida e cau-sando um rubor em meu rosto. — O amor não tem nada a ver com o sexo, e sim com o sentimento.

Sabia que Oem seria a pessoa certa para falar sobre esse assunto delicado desde que conversei com Lena, mas jamais imaginei que ele seria tão certo.

— Então por que não vemos muitos casais do mesmo juntos? — Lynn quis saber.

— Não são todos que tem coragem de seguir o seu coração, Pequena Relâmpago.

Você sabia que tinha caído nas graças de Oem quando você tinha um apelido que só ele usaria, e sem mais delongas me prostrei como testemunha do companheirismo das minhas amigas.

Não tínhamos uma cerimônia muito espalhafatosa e também não conseguiríamos ter na situação em que nos encontramos, então conjurei um fio vermelho e Dader espalhou algumas flores pela pequena vila. Mesmo que Oem tinha concordado em fazer a cerimônia, ainda assim tinha alguns adultos olhando torto para as duas. Ele também nos explicou a causa disso, só existia porque nunca foi falado e realmente não se via casais do mesmo sexo, seja por medo ou não. Mas aos

olhos das Criaturas Celestiais não havia nada de errado ou estranho em duas pessoas que se amam.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — indaguei à Amy. — Vamos recuperar os seus pais...

— Eles vão entender de um jeito ou de outro, Asha. — ela me interrompeu. — Não quero perder mais tempo. Na verdade, o pouco tempo que temos. Vamos em busca da nossa liberdade e eu quero ter a certeza de que eu e Lynn também possamos representar outro tipo de liberdade para as outras pessoas.

Entendia o que ela queria dizer, só não pude deixar de mencionar os seus pais. Sei o quanto ela é apegada a eles e que, de alguma forma, se mantinha firme para a cerimônia de união delas.

— Você também é minha família. — ela pegou em minha mão e sorriu. As duas iam percorrer um caminho de flores até Oem, que se encontrava em cima de um pequeno relevo que Dadaer também tomou providência para aquele momento. Eu iria primeiro como testemunha e depois as duas me seguiriam.

Enfrentamos tanto que aquele pequeno momento de felicidade quase parecia ilusório. Não deixei esse pensamento me rodear por muito tempo e percorri o caminho até Oem, mas não antes de dizer:

— Michii está muito feliz por você. Eu tenho certeza. — assim como para mim, o nome do garoto era um bálsamo para Amy.

O seu irmão, o meu melhor amigo, ainda vivia entre nós, na verdade carregávamos em nós. E quase puder sentir o seu perfume de grama úmida na pequena vila, enquanto observava minhas duas amigas caminhando em nossa direção. Para deixar uma cerimônia mais emocionante Tân e Eira combinaram os seus elementos fazendo um arco de fogo e água, assim que elas subiram no pequeno relevo. Mesmo já familiarizados com os dragões, mas todos pareceram surpresos com os seus elementos, o que causou um divertimento entre eles. Gwynt, já acordada e conseguindo apenas encostar a pata no chão e não andar, estávamos na porta da nossa caverna. Ela tinha se

colocado lá com a ajuda do ar e Liw se encontrava perto da domadora do ar.

A cerimônia não tinha palavras específicas, Oem costuma dizer que cada casal exalava uma aura diferente, então isso o instigava nas palavras.

— Não existem barreiras reais para o amor e se existem fomos nós que as inventamos. — ele começou colocando as mãos delas juntas e as envolvendo com o fio vermelho. — Esse fio é uma representação do amor de vocês. É ele que liga o seu corpo e dom, Amy, com os da Lynn. Você a aceita, domadora dos sentimentos?

— Sim. — a voz dela não vacilou.

— Vocês são duas partes opostas do mesmo fio. Independentemente de onde estiverem sempre terão uma à outra, basta seguir o fio que está ligado ao coração de vocês. — ele continuou após acenar para Amy e voltar o olhar para Lynn enquanto preparava o nó para selar a união. — Você a aceita, domadora de relâmpagos?

— Sim. — Lynn disse antes mesmo da pergunta ser finalizada, o que me fez rir.

— Eu as declaro companheiras — firmou o nó e diferente das poucas uniões que vi, completou: — escolhidas por Rae e Perii.

Os verdadeiros moradores da Foz do Rio descolaram algumas águas ardentes do depósito dos seus pais e mais cedo os dragões — completamente invisíveis por mim — para fazer uma boa caça, a fim de fazermos uma pequena comemoração para a união das duas amigas. E além de que, acredito que todos precisassem de algo do tipo, mesmo que o teor da comemoração era uma felicidade misturada com despedida.

Quando todos estavam dançando lembrei de Abyss e o imaginei ali. Ele estaria feliz pelas meninas, mesmo que o seu semblante continuasse sério como se fosse alguém

inalcançável, como se não tivesse desenvolvido uma amizade com ambas do seu jeito, mas existia.

Nunca pensei que precisaria ver uma Amy alegre por água ardente. Ela sempre foi uma pessoa vibrante, mas quieta, e como qualquer garota queria achar a sua ponta oposta. Uma parte minha me repreendia por não percebido que Amy não se encaixava e ter focado apenas no meu próprio nariz. Eu não poderia mudar o pensamento dos outros tão rápido quanto gostaria, mas pelo menos ela teria com quem contar.

Quando ousei pedir desculpa por isso, ela me cortou.

— Sempre soube que podia contar com você, Asha. — ela me segurou nos ombros e aproveitei a oportunidade para segurá-la pela cintura, Lynn pelos ombros. Iríamos colocá-la na cama. — Você já tinha o clã, o Reino todo em seus ombros e não queria ser mais um peso.

— Você não é um peso.

— Eu sabia que ia pesar mesmo que você me dissesse isso. — ela confessou com bico. — De qualquer forma, por causa de você estou vivendo esse momento. O melhor da minha vida!

Amy virou tascando um beijo em Lynn, pegando nós duas despreveni-das. Não precisei de mais nenhum sinal para achar a minha deixa de volta ao centro da vila. Não pude evitar um riso alegre. Elas pareciam tão felizes e eu estava tão feliz por elas.

Wodd e seu pequeno clã junto com o meu continuavam dançando embrenhados nesse mesmo sentimento que Amy e Lynn espalhavam pela Foz do Rio. Não quis me juntar a eles, apenas observar, e senti a presença dos meus dragões por perto.

— Que tal aproveitar esse momento para eu te contar toda a história desta vez? — Oem me questionou.

Eu poderia recusar e voltar a cair naquela comemoração, porém, não era um segredo que eu estava longe dali com a mão enrolada no fio vermelho. E também sabia que mesmo tendo negado, minha cabeça ficaria se questionando sobre as partes em que Oem tinha sido obrigado a não me contar. Qual a diferença que Rae e Perii teceram para mim e a realidade.

Apenas encarei os seus olhos prateados e nos acolhemos em nossa caverna. Gwynt já estava de volta ao seu lugar com um Liw com semblante mais leve sentado em sua pata dianteira. Sentamos em um círculo e Tân atiçou as tochas para iluminarem mais o local.

Lena ficou responsável pelas crianças e Liw agradeceu por isso. O garoto não conseguia lidar com a perda da mente que a irmã teve e ao mesmo tempo com a perda de um braço. Os irmãos não pareciam ressentidos, se encontravam todos os dias como uma espécie de reunião entre eles, e se estava bom para eles, estava bom para mim.

— Você conhece a história do Reino?

— Que Rae e Perii o teceram.

— Sim e nos criou, os humanos e os animais. Com o passar dos anos a devoção por elas era presente em todo o Reino, mas um homem em específico se sobressaiu, conhecido como o nosso Primeiro Rei e o nome do nosso, Nefir. Os dons não existiam naquela época, a não ser por Manteío, o primeiro domador da Visão e irmão do rei, que recebeu o dom como presente de Rae e Perii. Mesmo depois disso, a soberba não os dominou e em troca Rae e Perii liberaram os dragões pelo Reino, porém, sabia que sua própria espécie podia ser um tanto volátil, precisava de alguém que não deixasse que os dragões saíssem fora do controle; elas deram o dom dos dragões a Nefir.

— Então você conhecia Manteío, e que Tiare não foi a primeira?

Ele respondeu a primeira questão com um aceno.

— Não, o primeiro foi Nefir. Ele possuía os seus próprios dragões e a intuição parecida com a sua, mas Rae e Perii não ousaram dar os seus próprios dons a ele. Os ciclos se passaram e graças à devoção de Nefir, o seu Reino passou a segui-lo, depois de ver as graças que as Criaturas Celestiais davam a ele. Nefir teve gêmeos e um filho caçula, ele queria os filhos com dons como ele e seu irmão. E devo dizer que Nefir e Manteío tiveram um grande reinado banhado em prosperidade. Não possuo detalhes, apenas algumas imagens.

— Nefir é o pai de Nestor, Cig e Ryu, certo?

— Sim. Depois de mais alguns ciclos, Rae e Perii decidiram dar uma gota dos seus dons. Rae deu a Nestor, Perii a Cig e o que as unia foi dado a Ryu. Naquela época elas não imaginariam que os gêmeos iriam cresceram tanto com os seus dons, a ponto de se virarem um contra o outro. Jamais imaginaram isso. Eles não quiseram ver a união deles, como poderia ter sido, e acabaram matando Ury, assim lançando a Maldição Geminiana no Reino.

— O que seria essa maldição exatamente? É parecida com a minha?

— Eu cansei de procurar e não vi nada como a maldição que Samael colocou em você. — ele confessou, o que me fez apertar os punhos. Ainda não sabia com o que lidava, apenas sabia contornar. — A Maldição Geminiana foi lançada em Nestor e Cig, eles estariam presos em suas existências até recuperar o que tinham destruído.

— Como se recupera alguém morto?

— Não faço ideia, mas sei que foram essas as exatas palavras que saíram da boca de Manteío, após Nefir chamar por Rae e Perii. Com o tempo, Rae e

Perii perceberam que nem Nestor e nem Cig estavam tomando o caminho devido. Nestor estava desolado, deixando o seu corpo ser engolido pela parte mais sombria da sua mente, enquanto Cig procurava crescer com o seu dom.

Então, assim que pressentiram um nascimento poderoso, dos gêneros Tiare e Samir, elas apostaram suas fichas neles, no entanto não depositaram o dom como tinham feito com os gêmeos anteriormente. A grande aposta era a me-nina com os dragões, e o garoto, um suporte para ela.

— Mas Tiare se sacrificou e Samir se tornou o Rei Rimas...

— Não conseguiram acabar com a maldição.

— E o que precisa para acabar com essa maldição? Nestor e Cig não podem ficar lutando eternamente às nossas custas! Eles sobrevivem ciclos, enquanto Ryu, o nosso povo e os Arfenol morrem para sustentá-los em vida.

Não sabia desde quando estava guardando esse ressentimento pelos Irmãos Celestiais. Queria pagar logo o

preço desta maldição para que o Reino pudesse reviver a época da prosperidade como a que teve com o Nefir.

— Eles precisam recuperar o que foi destruído.

Oem repetiu o que tinha dito e o seu dar de ombros dizia que não sabia nada além disso. E muito menos como fazê-lo.

— Precisamos ir para a Ilha Fissura acabar com essa história do Samael, e depois ir atrás do Rimas na Torre...

— Não precisa ir tão longe assim. — Liw chamou a minha atenção com sua voz leve. Seus cabelos e olhos estavam branco-perolados, com as pontas roxas como as escamas de Gwynt. — Eles estarão todos na Torre Celestial.

— Como sabe? — quis entender onde queria chegar.

— Não são cuidadosos na Torre. — ele comenta deslizando pela pata dianteira até alcançar o chão. — Samael e Samir estão trabalhando juntos desde o começo.

— Eles servem ao mesmo Irmão, mas não imaginava que se conhecessem...

Minha voz se perdeu no silêncio da caverna.

— Pelo pouco que ouvi, Cig chamou Samael e Samir no treino para receber uma pequena dose do dom de Cig, assim ele poderia ir atrás de você. — Liw contou pausando para lembrar.

— Por que ir atrás de mim?

— Eles te chamam de Asha, a Princesa de Cig, e não Mulher Dragão. Não sei o porquê. — ele finalizou coçando a nuca.

— Ele me chamou assim...

— Como assim? — a pergunta veio tanto de Oem como dos dragões.

— A única vez que me encontrei com Cig, ele me chamou de princesa e algo sobre Samael ser um servo ínfimo. — enquanto minha lembrança daquele encontro passava em minha mente, meu instinto direcionou o meu olhar para as palmas das minhas mãos.

Não demorou muito para lembrar da maldição tentando me dominar, as suas garras tão parecidas com aquelas de Cyffy na Cegueira e tão viscosas como aquelas poças que vi no território de Cig. Tudo era muito semelhante para que ignorasse e

fingisse não ver, poderia ser verdade ou não, e mesmo assim, na atual situação, preferia estar preparada para o pior. Com um sus-piro pesado de uma ideia sendo digerida e aceita, enfim disse:

— Acredito que meu pai me entregou para Cig naquele dia. Acho que sou a eleita dos dois lados.

CAPÍTULO 37

Depois daquela declaração, discutimos sobre ela e como destruí-la. Tudo se encaixava e uma parte grande dentro de mim sussurrava que era verdade, enquanto outra menor implorava para que fosse mentira. Não sabia o que aquela maldição me custaria e me proibi de pensar o que significaria ser princesa de Cig, tentando focar apenas nos planos seguintes.

No dia seguinte, como combinado, estava tudo pronto para tomarmos o nosso caminho para a Torre Celestial. Utilizei o tempo de comermos para atualizar Wodd e os outros sobre nosso verdadeiro destino.

Ainda queria entender mais sobre o passado de Samael e como Cig conseguiu chegar até ele, então procurei por Daeth antes de sair da pequena vila da Foz. A caverna subterrânea se mantinha a mesma com uma decoração a mais na mesa, tentei limpar o máximo do sangue de Liw, mas não foi tão fácil assim.

— Tenho dois pergaminhos dele, o que Wodd te mostrou e o do passado dele. — ele pegou os dois depois de um tempo procurando, e me estendeu. — Se você está tentando achar alguma justificativa para ele ser...

— Na verdade não — acabei o cortando sem querer, e peguei apenas o que ainda não tinha lido. — Eu quero entendê-lo.

— Devo lhe avisar que é perigoso tentar entrar na mente do inimigo.

— Eu aprendi isso da pior forma — confessei mais para mim do que para ele. — Mas não quero ir tão longe assim, apenas entender para conseguir superá-lo. Acredito que será vantajoso.

— Tome cuidado.

— Terei. Obrigada, Daeth.

Sei que é em cima da hora e ler isso no caminho talvez não seja a melhor opção, porém é a única que eu tenho, então

coloquei na minha pequena bolsa improvisada com os tecidos, assim como todos os outros membros. As crianças ocuparam o mesmo local, e por mais que eu insistisse, Liw me contra-atacou dizendo que não ficaria para trás e ele seria o grande trunfo para resgatar Abyss, mesmo que nem soubesse quem era o domador do abismo.

Como Wodd tinha me dito, era decisão dele e o líder do clã da Foz realmente concordou com o ponto do domador da camuflagem. Se Gwynt poupasse o seu dom até chegarmos à Torre, os dois poderiam trabalhar em equi-pe. A ideia me dava calafrios, só não sabia o que significava.

Graças ao dom de Dadaer, o dragão verde abriu um caminho para nós pelo Monte Vero fazendo com que saíssemos em direção ao Norte e não ao Sul. Ele trabalhou nisso desde que voltamos do último encontro com Samael; tanto a Ilha da Fissura como a Torre Celestial eram para a mesma direção e atravessar o Monte nos beneficiaria com um tempo encobertos.

Assim ninguém suspeitará e a cada passo que Eira, a última da fila, der em nossa direção, a terra vai fechando o nosso caminho. Dadaer me explicou enquanto andava ao seu lado. Liderávamos o grupo, enquanto Tân carregava Gwynt no meio e Eira protegia a retaguarda.

Tân liberou pequenas bolas de fogo para nos nortear também. Uma para cada membro.

Ele concluiu. Não cansava de olhar para os dragões e ver as suas feições impassíveis, mesmo assim consegui discernir perfeitamente o que sentia e Dadaer estava muito orgulhoso dele e do domador do fogo.

— Estou surpresa e orgulhosa. Quando trabalharam nisso, que eu acabei não notando?

— Ah, enquanto curava os membros, cuidava de Gwynt, ajudava Lynn e Amy. Está tudo bem, Asha.

Tân respondeu desta vez querendo acalmar os meus ânimos, ou melhor dizendo, querendo que não me cobrasse por não ter participado. Se tivesse tido algum tempo para notar os dois dragões, com certeza, teria ajudado sem hesitar e eles sabiam disso. Talvez tenham sido discretos justamente por isso.

— Estou muito orgulhosa de vocês. E obrigada — confessei.

Comecei a me indagar quando o Tân brincalhão acabou se tornando dedicado ao seu elemento e amigos, e o pequeno e inseguro Dadaer se tornou o sábio domador da terra que adora explorar novas possibilidades. Não percebi o exato momento em que as mudanças aconteceram, apenas identifiquei agora ou me acostumei até realmente notá-las.

O caminho pelo Monte Vero pareceu ser eterno e claustrofóbico. Sabia que as paredes de pedra não estavam diminuindo e nem nada do tipo, mas o tanto de tempo em que caminhamos causava essa sensação. Pela instrução de Dadaer, caminharíamos por um dia inteiro e ao amanhecer até o sol atingir o topo do céu chegaríamos àIlha da Fissura, então ele alargou um espaço na terra formando uma pequena clareira para dormirmos. Talvez uma das nossas últimas noites tranquilas. Já não estávamos no Monte Vero, uma descida íngreme me fez notar, agora estávamos debaixo, no solo.

— Eu não tive um irmão gêmeo, ou tive, Oem? — questionei o ancião assim que todos nós conseguimos arranjar nossos lugares para dormir.

A questão vinha me rondando desde a sua explicação. Se a maldição é Gemi-niana, então seria de se acreditar que eu teria um irmão gêmeo, o que me leva a pensar: por que raios Rae e Perii tinham me escolhido? Para eu depender apenas de mim, tudo bem, mas a ideia tornava as coisas um tanto solitárias, já que os anteriores a mim tiveram com quem dividir o fardo de ser eleito.

— Não, você é filha única, Asha. — ele me certificou.

— E você, Wodd? — questionei ao meu primo.

Ele estava logo depois de um Tân espaçoso, que escorava uma Gwynt, apro-veitando para esticar suas patas e corpo, que era bem extenso. Não consegui ver o seu rosto e muito menos ter certeza do que a sua fisionomia queria me dizer, então lancei um olhar para Amy. Uma ajuda é bem-vinda.

— Wodd?

A hesitação tomou conta e minha amiga ergueu uma sobrancelha para mim.

— Desculpe. — ele pediu se erguendo atrás de Tân. — Estava repassando uma parte do plano, qual foi a pergunta?

— Você tem irmão gêmeo?

Foi Amy que fez a pergunta e Wodd não hesitou em olhá-la.

— Sou o último da linhagem do Samir. Não tem mais ninguém.

A domadora dos sentimentos manteve o olhar nele, mas sua atenção não estava em suas palavras, e sim no que o seu corpo poderia lhe dizer, e antes que pudesse confirmar ou não, Oem disse:

— Em nenhuma das minhas visões vi Wodd acompanhado de algum irmão.

— Você sabia deles? — Lynn quis saber.

— Assim como sabia de você. — ele respondeu amistoso.

Com a curiosidade tomada, ela começou a fazer várias perguntas ao ancião, enquanto Amy me lançou um olhar interrogativa, o que me sugeria que ela ignorou aquela sensação. Assim como eu.

Na tarde seguinte nos deparamos com a Ilha da Fissura, e com a visão draconiana conseguimos observar e procurar de longe e não vimos ninguém vivo no caminho para a vila. De qualquer jeito, Dadaer conjurou escadas, enquanto eu e Eira levávamos alguns para o topo do planalto.

Não iria confiar em um lugar em que Samael esteve, e querer não ficar no topo da Vila trazia algumas vantagens, como conseguir ver a Torre Celestial, mesmo que seja de uma forma um tanto miserável. Com alguns conjuntos de árvores no caminho, consegui notar o Meandro Perii logo mais à frente, o qual teríamos que atravessar. Eira já parecia assentir para mim querendo dizer que conseguia lidar com isso.

Não diria que teríamos uma noite tranquila como a anterior, mas aqui no alto sabia que tínhamos vantagem por conta dos dragões. Me aconcheguei atrás da pata dianteira de Gwynt com o pergaminho de Samael em mãos. Por algum motivo, em expedições me retraia para um casulo só meu e dos dragões, e nessa deveria acrescentar Liw em nossa turma. Deixava os planejadores fazer o trabalho deles e desta vez tentaria entender o meu ini-migo. Afinal, o meu papel seria acabar com essa tal Maldição Geminiana, a qual não faço parte por não ter um irmão gêmeo e graças à Criaturas, por isso já basta Nestor e Cig terem condenado o Reino por causa da soberba.

Os que encarávamos como divindades, na verdade tinham nos colocado em uma situação oposta ao que pensávamos deles. Mesmo que Cig seja o Ir-mão das Sombras e atraia o mal para si como mel atrai abelhas, ainda assim tinha uma boa quantidade de seguidores custeados pelo Rei Rimas, que espalhou a divindade profana dele e isso acabasse custando as vidas de Aliar.

Assim que minhas costas encontraram a barriga de Gwynt abri o pergaminho, observando como já estava gasto e a letra era bem desenhada, narrando o começo da história de Samael, que naquela época ainda era como o meu pai. Ou eu esperava que fosse.

“Filho do líder da Cidadela do Arvoredo, o terceiro filho de Esdras, o qual não parecia ser bom o suficiente para o pai. Esdras se casou com Onti, uma Aliar com o dom das armas, ambos em busca de poder contra o Rei Rimas que insistia em matar inocentes em prol ao Irmão das Sombras. Um lado dessa união era para os Aliar terem aliados e o outro para terem soldados mais fortes. O casal teve três filhos e Onti morreu no nascimento do terceiro.

O primogênito e herdeiro de Cidadela do Arvoredo, Rhew tinha o dom do gelo e era admirado por todos pelo seu poder, e a beleza pálida marcadas por traços azuis-claros embaixo dos seus olhos e em seus punhos, os quais eram um tom mais transparente do que suas marcas Aliar. O mais velho era incisivo, direto e objetivo, sem muito floreio, diferente do primeiro, Meddy, com o dom de ler mentes e o oposto de Rhew, tinha a pele bronzeada, cabelos ruivos e fartos, olhos cinza-escuros. Espirais laranjas adornavam o seu rosto até a base do pescoço, também o marcando como Aliar. Enquanto o terceiro, Samael, possuía cabelos castanho-escuros e olhos castanhos, claros como mel, caracterizando-o como Arfenol.

Isso o perseguiu por um tempo. Até os seus doze ciclos exatamente, e por sorte, ou não, ele não estava sozinho. Existia alguém sussurrando direções em seu ouvido. Rhew podia ser o próximo herdeiro, Meddy podia ter todas as garo-tas da Cidadela a seus pés, mas Samael tinha muito mais do que os dois juntos.

Uma promessa grandiosa, assim como um futuro repleto de riqueza, no qual ele podia ser e ter tudo o que quisesse.

— Você terá tudo, desde que eliminemos todos os seus inimigos. Essa era a única condição, então ele começou a planejar.

Primeiro teve que achar o povoado Aliar. Sua família acreditava que ele tinha ido em um reconhecimento em busca de inimigos, o que não era mentira. Ao achar o povoado, que habitava em meio às árvores da Cidadela, ele implantou algumas armadilhas do seu próprio povo ao redor do acampamento. Antes de conseguir se safar escutou vozes e se escondeu.

Um casal. O menino aparentava ter a idade de Khew, mas o seu físico lembrava Meddy, e a menina um pouco mais nova que Samael, ela era linda. Seu grande cabelo loiro escuro chegava até a cintura, sua pele bronzeada e os olhos...

— Quem é você? O que você está fazendo aqui? — o garoto ruivo questionou. Samael permaneceu estático como se fosse a própria sombra da árvore em que se escondia. Bastou um olhar bem direcionado para a garota questionar temerosa:

— É um Arfenol?

Ela poderia estar com medo dele, assim como ele estava dela, porém, isso não tirou aquele brilho estranho dos seus olhos, e sem entender sentiu o seu peito esquentar, a boca secar e as mãos suarem. Samael não soube distinguir e nem teve tempo, o ruivo já avançava e Samael podia não ser o herdeiro e nem o garanhão da Cidadela, mas era o mais rápido. Fugiu sem hesitar, e o Aliar não precisou alcançar, o que deixava o garoto eufórico, se questionando qual era o seu dom e se conseguia controlar à longa distância, já que não tinha ninguém ao seu encalço. Samael soube a resposta assim que escutou um grito e o seu ombro direito começou a queimar.

— Não!

Era a voz da garota. Ela tentara evitar que o garoto fosse ferido e conseguiu se sentir agradecido por isso, Samael jamais esqueceria aquele rosto.

Mesmo que estivesse acostumado a suportar, a dor bateu em seu ombro querendo que a chama não se espalhasse. O local do povoado Aliar não era longe da sua casa, apenas a alguns emaranhados de árvores de distância, e assim que viu as torres da Cidadela começou a gritar. A queimadura era algo que ainda não tinha experimentado, e não esperava que ardesse tanto! Suas pernas falharam fazendo-o cair sem preparo algum.

Enquanto tentava acalmar a respiração, a voz sussurrou:

— Você pode tê-la, porém, tem que me deixar te guiar a partir de agora. Sem pensar duas vezes, Samael concedeu o corpo para voz. Era como se fosse ele no comando, porém não precisava fazer escolhas e nem emitir comandos pelo corpo. Ele apenas assistia a si mesmo agir, sem esforço algum e a ardência do fogo tinha sumido.

— Os Aliar me atacaram! — Samael se escutou gritando assim que seus irmãos chegaram. — Por Cig! Eles me queimaram!”

—Ele permitiu Cig dentro de si.

A voz de Gwynt me tirou do torpor que me invadiu depois de ler a última frase. Eu queria continuar a ler, claro, a curiosidade matou o dragão, afinal. Mas ver o meu pai tão novo já entregue para Cig era algo assustador e fazia com que me questionasse sobre a sua vida, o quanto ele sofreu para acreditar que o Irmão das Sombras seria sua única salvação.

Todos os pelos do meu corpo pareciam estar arrepiados, da cabeça aos pés, a um ponto que até doía. Pensar em Cig e sua maldade sempre causava isso, o que explicava os arrepios que sentia ao mencionar o Rei Rimas, conhecido por Samir.

Antes de voltar a ler, olhei os três dragões que montavam guarda, e depois vendo um Liw dormindo com uma pele logo ao meu lado, e encarei Gwynt, que me incentivou a continuar a leitura.

“Rhew virou o irmão em busca da queimadura, bastou um toque para congelar e o caçula gritar enquanto o contato do gelo com a queimadura ressoava. Rasgando uma parte da blusa, Meddy a embolou e colocou na boca de Samael para cessar o grito. Os olhos cinzas encontraram o do irmão caído.

Ele estava lendo a sua mente e Samael entrou em pânico, ele veria a verdade. Descobriria tudo e seria exilado! A garoto queria se espancar por não ter previsto o dom do seu próprio irmão, como pode esquecer? Agora tudo estaria condenado antes mesmo de começar. Não deveria ter acreditado...

— Eles atacaram sem motivo algum enquanto ele fazia o reconhecimento, mas não o seguiram até aqui. Era um ruivo e uma loura.

— Ele só vai ler o que quero que leia.

A voz explicou a Samael.

— Ainda dói? — Rhew questionou e Samael afirmou. — Você tem que ser forte, Sam. Não posso mais resfriá-lo, preciso ir.

— Levem-no para o quarto. — Esdras ordenou.

Os guardas o ergueram pelos braços tomando cuidado com o ferimento do caçula.

— Pai! — Samael soou desesperado ao completar: — Seus poderes são fortes, cuidado. Eles não baixam a guarda.

Esdras concordou com a cabeça sutilmente, o reconhecimento do pai fez com uma leve quentura surgisse no peito de Samael. Bem parecido com o que tinha provado com a garota mais cedo. Por um momento, queria se desvencilhar e avisar que era uma armadilha, arcaria com as consequências depois.

Samael é forte para isso, o pai se certificou que fosse.

— Não tente, senão tudo piorará.

Em um lampejo breve a voz mostrou um Samael cercado por fogo, chorando e sem a possibilidade de se mexer. Suas pernas estavam amassadas por uma estrutura da própria Cidadela e só uma certeza o assolava: ninguém iria salvá-lo.

Ao descobrir o que Samael fez, prenderam-no pela traição e saíram da Cidadela em busca de proteção. O garoto de mais cedo tem o dom do fogo e atacou a Cidadela sem piedade alguma, o que acabou soterrando-o de forma torturante e lenta. Depois também mostrou o seu povo sendo caçado e morto.

Fervilhou de ódio enquanto permitiu que a escuridão o envolvesse cada vez mais. Khew e Meddy estavam mortos no dia seguinte, e ele se viu engolido por aquela voz.

Não se sabe como os dois melhores guerreiros do Oeste caíram em batalha, mas Samael podia imaginar que o momento em que desmaiou de dor, seja ela física ou emocional, a escuridão voou para aquele campo de batalha.

Esdras o nomeou sucessor.

Samael se odiou mais a cada dia. A escolha tinha sido sua, a culpa fora sua. Se os seus irmãos descobrissem sobre o seu plano, com certeza o odiariam, então, com essa verdade implícita ficou mais fácil se odiar e viver em base disso.

Samael estava cego.

Em um ato de paz, Samael foi prometido para uma mulher Aliar e se casariam daqui quatro ciclos. Gastou esse tempo se

aprimorando aos olhos do pai e mentalmente para Cig, o dono daquela voz, que vez ou outra pedia que o garoto fosse à Torre Celestial, e ele ia, logo que o pergaminho chegava dizendo que o Rei Rimais gostaria de uma audição com o sucessor da Cidadela do Arvoredo.

Samael se casou com Cora, a garota de cabelos louros e ironicamente filha do líder dos Aliar, Pollinis.

Por ordem do líder, o povo Aliar o tratava como um príncipe por se casar com a garota e o fato de ser Arfenol não deveria ser relevante, mas conseguia ver nos olhos dos membros que era sim, e ele não dava importância; assim que conseguisse ver os olhos de Cora, olhos que produziam um quente em seu peito.

— Viu? Disse que sua vida ia ser boa. É, realmente disse.

— Só que você não pode esquecer de trabalhar. Temos um Reino para domi-nar e sacrifícios a serem feitos.

E Samael não via problema nisso.”

CAPÍTULO 38

Imaginar Samael com passado é difícil. Não queria ter empatia por ele. Ver uma versão menor da lembrança que tenho do meu pai também era estranho, vê-lo sem ser comigo ou minha mãe. Nunca me contaram nada que veio antes de mim na vida dos meus pais. Mas eu tive tios e não sabia e nem tinha como conhecê-los.

Essa nova informação pesava de uma forma diferente, como se pudesse abrir e expor o meu coração. Saber que com doze ciclos meu pai se uniu a Cig por vontade própria e que não se importou em vender a vida dos irmãos para achar algum conforto. Tira um pouco a minha esperança sobre ele ainda estar lá, e me enoja.

Se odiar foi o único caminho que achou para conseguir viver sem Rhew e Meddy. Isso demonstra um pouco de arrependimento, mas nada adianta isso, se ciclos depois vendeu a própria filha.

Sei bem que quando foi condenado à morte por me amaldiçoar matou quatro soldados da nossa Guarda e depois Michii e Cora, quantos mais? Quantos mais ele permitiu que Cig o usasse para massacrar?

— Por que vocês não foram atrás? — esbravejei, me dando conta que estava encarando Daeth e Oem e Liw murmuravam o meu nome querendo me fazer parar. Eu não queria parar. — Sabiam que tinha algo maligno dentro dele. Por que vocês não se uniram contra ele?

Ainda estávamos em cima da Ilha da Fissura e invoquei uma cúpula de ar envolta de todos que estavam dormindo, o que restava eu, os dragões, Daeth,

Oem e Liw naquela conversa. A minha intenção era não acordar os membros com as minhas questões e, infelizmente, não tinha tempo para perguntar de-pois da nossa expedição. Nem sabia se retornaria dela.

— Asha! — Gwynt me repreendeu e eu apenas a olhei.

Pensava que tinha uma boa carga de verdade, mas isso não queria dizer que queria morrer. Não, eu iria lutar com tudo o que tivesse para libertar o Reino Nefir, e assim os Aliar e Arfenol viverem em paz.

Existia uma grande possibilidade que rodeia a minha cabeça, que sussurra a ideia de que os Arfenol nunca nos odiaram, e sim que Samael e Samir podem muito bem ter envenenado a essência deles com aquela Cegueira.

E se eu conseguisse quebrar a maldição e a Cegueira deles, poderíamos sim viver em paz. Eu lutaria mesmo que fosse apenas por possibilidade.

— Vocês poderiam ter evitado tantas mortes!

— Asha, se tivéssemos interrompido o percurso das decisões dele, você não existiria. — Oem chamou minha atenção.

— Eu estou disposta a dar minha vida pela de vocês agora, que diferença faz me sacrificar antes ou agora?

O silêncio reinou e encarei um Daeth se erguendo e sutilmente assustado, passando as mãos em sua túnica comprida e depois ajeitando o cabelo. Ele é maior que eu, alguns palmos, mas isso não me intimida.

— Samael era protegido pelo Rei Rimas, naquela época até houve uma declaração pública disso a fim de que ninguém encostasse um dedo nele — explicou de modo sucinto. — Depois da união com a sua mãe, ele se manteve em expedições em nome do Rei até o dia em que te amaldiçoou.

— Rae e Perii protegiam todas as cidades, menos um ponto, e por isso Samael te levou ao Mato Vedado. — Oem continuou explicando.

— Mato Vedado — sussurrei em busca do local em minha mente. — Solo podre, árvores e plantas mortas. Parece uma representação do encontro com Cig...

— Porque é. Antes de ser Mato Vedado era o Mato Frutífero, de onde muitas das nossas provisões vinham — Daeth contou unindo os pergaminhos espalhados pelo chão. — Até a Maldição Geminiana acontecer, enquan-to Nestor vagou pelo

Reino em busca de redenção, Cig se escondeu ali e quis ascender mais em seu dom para vencer o irmão mais velho.

— O dom dele são as sombras, uma pequena ramificação da destruição — constatei pensando em como o Mato se encontrava e como o seu dom poderia fazer aquilo. Ambos assentiram.

— Mato Frutífero se tornou Mato Vedado desde então. Todos que ousavam entrar, não voltavam, então paramos de ir naquela direção. — Daeth continuou. — Não foi comprovado, mas acredita-se que é ali que Nestor prendeu Cig, debaixo do Mato.

— Isso não o fortaleceria?

— Não enquanto o dom do Nestor o cercar.

— Então como Samir consegue fortalecê-lo com os sacrifícios? — ques-tionei cruzando os meus braços.

— Fé. — Oem respondeu; o ancião estava olhando para o céu. — Apenas a fé que possuem no Irmão das Sombras já o alimenta e a idealização de sacrificar algo poderoso a ele é mais um combustível.

— Mas e se eles não estiverem sendo controlados como nós fomos na Cegueira?

— E mudaria alguma coisa? Fomos dominados por uma sombra do dom de Cig, as criaturas que proveem e acreditam nele. — Oem refutou a minha pergunta.

Ótimo. Como se não bastasse controlar as pessoas, ainda interferia em sua fé.

Foram necessários mais dois dias para que beirássemos o território da Torre Celestial. Acampamos na margem do Meandro Perii à noite e o atra-vessamos logo de manhã. A domadora da água pareceu não ter dificuldade alguma em parar a correnteza para todos nós passarmos com segurança.

O Meandro Perii tem uma fama de ser volátil, e depois do mergulho que Eira deu com Dadaer e Lynn há uns dias atrás,

bom, resolvemos não arriscar nos perder em uma correnteza.

A Torre Celestial não é nada do que imaginei. Uma elevação a separava do resto das pequenas e escassas casas espalhadas ao seu redor, e literalmente é apenas uma Torre naquele castelo do Rei Rimas, a estrutura é feita com pedras grandes e brancas montando a base da torre que parecia tão comprida como a própria torre.

Era bem provável que Samael usasse a Torre como covil desde sempre. As expedições que dizia fazer, com certeza, terminavam ali. E acredito que depois que despertou a maldição em mim, ele tenha corrido para cá com o nosso querido Rei.

Não resisti em olhar para as palmas das minhas mãos ao notar que estavam coçando. Recentemente ou eu olhava para eles ou puxava o fio vermelho esperando uma resposta de Abyss. Por algum motivo sabia que não estava morto — mesmo que eu tenha colocado a proteção nele —, além disso, como sou sua companheira, acredito que sentiria algo se isso acontecesse.

O coração sempre pesava ao lembrar da maldição, o fato de ter sido lançado pelo meu próprio pai sempre me atormentava e sabia que a partir do meu próximo passo esse pensamento deveria ser ignorado.

— Lembre-se de que ainda não sabemos o verdadeiro motivo da maldição. Fique atenta. — Gwynt me relembrou.

Apena tínhamos levantado suspeitas, sem comprovações, a não ser a minha intuição.

Cig e Samael tinham se tornado uma dupla e tanto. Quase planejando todos os momentos da minha vida, quase todos.

Não sei bem o que eu esperava da sociedade ao redor da Torre Celestial. Pessoas vivendo normalmente? Pessoas me admirando como outras faziam? Realmente não sei, porém, mesmo tentando me preparar não consegui me surpreender ao me deparar com uma sociedade fantasma.

Nenhuma alma estava nas ruas, enquanto eu e meus aliados adentramos o grande portal de madeira e pedras da cidade da Torre Celestial. Aparentemente não existia mais a

renomada Guarda Celestial do sonho de Tiare e nosso caminho estava livre.

— Não pode ser tão fácil assim.

Alertei pela ligação. A afirmação carregava medo, pois mesmo com a visão dos dragões não conseguia nenhuma amostra de calor corporal. A minha intuição não detectava nenhuma presença, o ar e a terra relataram a mesma informação: ninguém vivia na cidade ao redor da Torre Celestial.

Dadaer e Tân se mantiveram sobrevoando perto de nós enquanto Gwynt e Eira se camuflaram com as nuvens e percorreram o território em uma distância maior, podendo ter uma visão melhor para nos relatar. Gwynt conseguia usar o seu dom, o seu corpo voltou a deslizar pelo ar como sempre fez, a dor ainda era presente. Porém mesmo que implorássemos, ela ainda viria com a gente e na atual situação não queria ficar longe de ninguém.

Não podíamos correr riscos.

— Toda a concentração de humanos está na Torre. — Eira relatou. — Os Guardas estão protegendo e não acredito que estejam conscientes.

Esse detalhe era complicado porque não tinha tempo para me concentrar em grupos pequenos para usar a destruição neles. Os meus aliados sabiam e acredito que Samael já suspeite do avanço do meu dom. já que não deve ter conseguido tocar em Abyss.

As vezes que usei os dons de Rae e Perii sempre se assemelhavam com situações extremas, nas quais não via saída, a não ser usar o dom das Criaturas. Não sabia dizer se tinha o domínio completo, apenas sabia que o treinamento para aprimorar o meu controle foi cansativo e curto.

A dominação parcial da criação e destruição também veio com suas marcas, além da que tinha nas costas. Agora o meu corpo se encontrava em uma espécie de arco-íris draconiano ou algo do tipo; na têmpora direita as escamas vermelhas e a lateral esquerda do pescoço dominada por escamas roxas já eram velhas amigas, depois vieram escamas azuis na lateral do

joelho direito e verdes na lateral do tornozelo esquerdo. Também já tinha me habituado a elas. Porém, jamais cogitei que o cabelo já era uma representação presente de Perii, e que na primeira vez que usasse a criação, Rae me presentearia com duas mechas brancas, as quais contornavam o meu rosto agora.

O restante do meu corpo também possuía escamas, mas eram internas.

Podia expor todo o meu corpo sem medo. Antes de chegar a essa decisão, Abyss passou um período testando todo tipo de arma contra mim, inclusive Gormes, e chegamos à conclusão de que as escamas seriam o meu escudo.

Por mais que Gwynt tenha sido machucada no último encontro, ainda não sabemos qual é o trunfo de Samael para ultrapassar as escamas, mas sabia que a exibição das minhas trazia um símbolo muito forte, a esperança de qualquer ser do Reino. Então vesti o meu uniforme de couro, a camiseta bem justa e a calça, acabamos cortando em lugares estratégicos para não esconder as escamas, prendi meu cabelo deixando apenas as duas mechas dançarem nas laterais do meu rosto.

Gwynt e Eira voltaram para perto de nós, enquanto ganhávamos território até a Torre Celestial, que não precisava de um muro a protegendo por causa do planalto em que se encontrava, e a suposta Guarda Celestial a contornava.

— Ainda está tudo como me lembrava. — Ryu diz ao meu lado arrancando um suspiro aliviado, enquanto continuou falando alheio a mim. — Pelo menos Cig não destruiu tudo com o seu temperamento duvidoso.

CAPÍTULO 39

Eu queria comemorar ali na beira da decisão de nossas vidas, e quase fiz ao ver Ryu ao meu lado. Estava com medo de estar alucinando por algum motivo. Ryu tinha sumido durante dias, logo depois de termos resgatado o meu clã e não fazia ideia do porquê, e até cheguei a cogitar se as Criaturas tinham desistido de mim, mas ainda conseguia manipular os seus dons.

Todas as piores coisas possíveis passam em nossa cabeça nos piores momentos. É isso, mas ele estava ali!

A ausência de Ryu consumiu uma boa parte da minha mente, enquanto tentava me manter ocupada cuidando, treinando ou apenas surtando. E agora vendo o seu pequeno corpo ao meu lado, eu só queria rir!

— Não ria na cara do perigo, Asha. — Ryu me aconselhou, enquanto eu observava o seu cabelo escuro contrastar com a sua vestimenta de couro branco. — Rae me pediu para as representar de uma forma, e você sabe como ela gosta de chamar uma atenção, não?

Ele justificou sua vestimenta e depois apontou para as mechas do meu cabelo.

— Onde esteve?

— Ajudando Rae e Perii com os acontecimentos para hoje. Depois que resgatou Oem, elas ficaram mais tranquilas e me sugaram para os problemas delas! — ele cruzou os braços encarando a estrutura em nossa frente e os guardas. — Agora só temos que acabar logo com isso.

Confesso que a ideia de enfrentar o Senhor das Sombras, alguém que acreditei ser o oposto da divindade que era tão devota, era aterrador. Sempre procurava lembrar das Criaturas Celestiais como as verdadeiras criadoras de mundos. Elas criaram Cig, deram o dom a ele, assim como me deram, e eu era capaz de extinguir a Maldição Geminiana. Mas não deixava de me ques-tionar...

— Acha que Nestor virá? — perguntei a Ryu, que me respondeu com apenas um dar de ombros desinteressado, ainda com os olhos para frente.

— Não vá para esse caminho, Asha. — Dadaer me repreendeu.

Tomei respirações profundas. Não queria ir mesmo para o espaço da minha mente que me dizia que não era capaz de lidar com aquilo. Consegui sentir a selvageria conhecida começando a bombear mais forte junto com o coração. No começo, sentia uma urgência de soltar todos os elementos em todas as direções possíveis. O dom clamava por ser solto, implorava.

E agora a selvageria, a maior representação do meu dom, estava em seu ápice e agora eu sabia que tinha encontrado a verdadeira Mulher Dragão.

A nossa chegada não era uma surpresa, ainda mais com quatro dragões à espreita. Poderia fazer com que ficassem invisíveis, mas que graça teria? Não tínhamos soldados o suficiente para se equiparar à quantidade exorbitante que Samael conseguiu reunir de Arfenol na Guarda Celestial, mas temos dons. Com a distância certa, podemos fazer isso acontecer.

— Mantenha a distância e use os seus dons! — Wodd gritou para os nossos soldados.

Meu coração vacilou e apertou sem piedade ao escutar a voz do outro líder, sendo que quem lideraria os nossos soldados era Abyss e ele estava ali, em algum lugar desta Torre. Eu tiraria todos as pedras, se fosse preciso, mas hoje não saio daqui sem colocar um final nisso tudo e com Abyss ao meu lado.

Uma fúria percorreu meu corpo e a aceitei. Usaria ao meu favor, em prol da libertação de todo o Reino Nefir. Aliar e Arfenol convivendo pacificamente.

Essa é a minha visualização, é isso que vou trazer para todos nós.

Cerrei os meus punhos e os ergui, urrando para o adversário logo à frente, já em posição de defesa. Nós sabíamos que queriam encurtar a distância para poderem usar a Gormes, mas não deixaríamos isso acontecer. Fizemos bem o nosso trabalho e estipulamos que poderíamos batalhar há 30 passos de distância para que não fossem atingidos pelo poder de Gormes, e assim usarmos as nossas próximas armas: os dons.

Existem dois domadores de gelo, um do meu clã e no do Monte Vero, mas só tínhamos um ao nosso lado e não vi sinal de nenhum dos cinco Aliar na Torre. Não ainda.

Em questão de instantes ele congelou alguns soldados da Guarda Celestial, e usando o domador de fogo do Monte com a ajuda de Tân focamos o elemento nas Gormes, até o vapor começar a sair; conseguimos alcançar uma gama grande de soldados. Não queríamos muito, mas sabíamos que o vapor poderia desnortear os Arfenol graças ao relator de Abyss.

Não sabíamos quanto tempo conseguiríamos evitar o derramamento de sangue, porém tentaríamos o máximo. Aguentaríamos até não dar mais.

Como não obtive respostas de nenhuma das mensagens, não vim para essa batalha esperando aliados, além dos que trouxe e os que posso libertar.

Os dons estavam sendo soltos sem problema nenhum. Tempestades sendo manipuladas, armas sendo disparadas, animais sendo convocados, assim como árvores e dentre tantos outros dons que eu mesma jamais cogitei. Então eu, Wodd, Amy e Lynn nos dispersamos nos dragões e sobrevoamos o front inimigo em direção ao coração da Torre. Nesse meio tempo deixei o ar e água vagarem entre a linha adversária sufocando-os de modo que des-maiassem, isso ganharia mais um tempo para o Uzzy, o nosso segundo no comando da Guarda Aliar. Deixamos a maioria dos nossos soldados com eles.

Passamos por uns poucos grupos de soldados espalhados até a Torre, Gwynt e Eira me ajudaram com os sufocamentos a seguir, para que poupasse o meu dom fazendo os meus ombros pesarem um pouco. De todas as formas possíveis, todos estavam depositando sua confiança e fé em mim. Se eu

dissesse que sei o que estou fazendo, seria uma grande mentira, por isso nem ousei verbalizar nada.

Eu não fazia ideia do que estava fazendo, apenas sabia o meu objetivo.

Tân empurrou o seu pescoço em minha direção, batendo levemente de encontro ao meu corpo. Sabia que todos os dragões podiam sentir essa oscilação de sentimentos dentro de mim, e não fazia questão de esconder, não dos meus fiéis escudeiros.

Olhos vermelhos me fitaram sobre o ombro e ele mostrou os dentes logo em seguida, voltando a atenção para a Torre Celestial à nossa frente. Tân não precisou me dizer algo pela ligação, ele queria que libertasse a selvageria para que a minha intuição triplicasse em sensibilidade, e conseguiria achar o caminho certo para os destinos opostos que iríamos seguir.

Eu deveria fazer isso.

Mas fico observando Amy, Lynn e Gwynt se distanciarem de nós assim que pousamos, elas iriam procurar por Abyss. Eu, Wodd, Tân, Dadaer e Eira ficamos logo na entrada da Torre.

Já conseguia sentir a sua energia roçar em minha pele desde que chegamos, e sabia que ele podia sentir o mesmo. As pedras da Torre tornavam cada cômodo frio, se não tivesse água quente correndo pela parede e o ambiente espelhava os seus moradores.

A entrada do suposto castelo era um corredor minimalista com as janelas sendo a maior decoração do local. Por sorte, a altura e a largura dos cômodos eram acessíveis aos dragões por motivos de que Nefir também ter sido um domador de dragões, então tornou o seu lar, o lar deles.

Os dragões estavam em meu flanco, e querendo ou não isso me dava mais segurança. Os dragões são a minha grande base na vida e tê-los ao meu lado significava que teria amparo quando precisasse.

Ao passar pelo corredor entramos no portal e parei logo ali, sem reação ao que via.

Era a Sala Celestial, que possui o Trono Celestial centralizado no final do cômodo. Era de pedra branca também e

possui um detalhe redondo puxando um fio para cada lado, não consegui distinguir de longe. De relance a imagem pareceu conhecida, mas minha atenção dispersou ao ouvir aquela voz.

— Enfim, você chegou. — Samael disse abrindo os braços em minha direção e dei um passo para trás. Agora conseguia ver o meu pai. — A verdade dolorosa, não é? Para mim está sendo apetitosa.

— Pelas Criaturas...

Meu rosto com certeza estava espelhado ao choque, mas não era referente ao fato de ele ocupar o corpo do meu pai. Não. Era o estado em que o Samir se encontrava, e me fez pensar como as pessoas podem sugar tudo de nós por puro egoísmo.

Sabia um pouco da sua história, mas jamais cogitaria saber o que se passa na mente de Samir naquele momento em que viu Tiare ser atingida pela própria flecha. Naquela desilusão não havia Nestor, Rae ou Perii que pudesse consertar o seu coração. Passei por algo similar, mesmo que não tenha ocor-rido pelas minhas próprias mãos, ainda assim entendia a dor que o assolou quando viu a falta de brilho nos olhos da irmã.

Eu apenas não conseguia entender o que Cig sussurrou em seu ouvido, ao ponto de concordar em viver sendo meramente uma existência por alguém que não se importa com as necessidades básicas de um humano, e passar ciclos perseguindo aqueles que um dia foram sua família. Como ele poderia se submeter a algo desse tipo?

— A cara dela, Samir! — Samael continuou e lambeu os lábios como se tivesse derramado algo gostoso. — Você explica ou Vossa Majestade? — Samael se voltou para o Rei Samir, raquítico em seu trono.

Seus cabelos chegavam na cintura, mesmo com o seu corpo pendendo um pouco para frente conseguia ver as maçãs do seu rosto se sobressaltarem. Havia algo ligado à suas costas que não conseguia dizer o que era. Sua pele era tão pálida como as pedras em seu castelo, parecia que deixou de ter saúde naquele corpo há muito tempo, e não sabia quanto tempo Samael ou os sol-dados iriam durar sem ficarem parecidos com Samir.

— Ela é tão parecida com Tiare, Samael. — Samir confessa, chocado. — Pena que o destino será pior.

— Não a assuste assim. — Samael o repreende.

— Desculpe, pequena eleita. É assim que te chamam, não é? Nestor chamou Tiare de eleita também. Mas consigo sentir e parece que está em um nível superior que a minha querida irmã. — o Rei constata me observando.

— Não me entenda mal, veja. Eu sou o eleito de Cig.

— Você? — deixei a questão sair sussurrada.

Então não era eu.

— E quem mais seria? — ele questionou com um sorriso grotesco no rosto. Suas gengivas estavam tão escuras quanto o seu cabelo. — Samael? Ah, não. Ele é apenas uma peça amaldiçoada, mas muito importante para o nosso jogo perigoso.

— Assim como você. — Samael completou e com um simples gesto com os dedos, as criaturas viscosas surgiram por entre as pedras, caindo no chão como gosmas e se montando até formar o corpo humano e o bico de ave.

Observei cada uma das criaturas, talvez vinte ou trinta. Elas tinham a atenção totalmente focada nos dragões e suspirei sufocando a minha vontade de queimar todas. Tenho que confiar neles e em seus dons. Tân, Dadaer e

Eira lidariam com as criaturas, e logo Gwynt chegaria para ajudar. Enquanto eu e Wodd enfrentaríamos a dupla que Cig nos mandou.

— Se preparem.

Sussurrei pela ligação.

O irmão de Tiare continuava sentado em seu trono. O seu corpo era curvado e magro, magro demais. O pouco que conhecia do corpo humano, me dizia que ele mal conseguiria se colocar em pé, e muito menos se manter. Entretanto, o homem já tinha ultrapassado desses conhecimentos simples que Cora me ensinou, afinal, já deveria estar morto a 700 ciclos, entretanto ainda está aqui.

A semelhança entre Samir e Samael estava impregnada em todo os seus corpos. O Senhor das Sombras se alimentava deles. Não conseguia nem ima-ginar como seria 700 ciclos

sendo refeição de um Irmão Celestial, e também não fazia ideia que surpresas os dois súditos de Cig poderiam ter.

— Você é a peça principal, filha. — Samael voltou a falar e a palavra me pegou de surpresa, por um instante minha guarda abaixa. — Como minha filha, você nasceu para servir Cig. — ele se aproximava, enquanto meu corpo congelou. Filha, filha. — Eu te preparei para isso.

O seu último sussurro ocasionou em criaturas se unindo e formando uma espécie de ave com o bico longo, corpo pequeno e asas medianas, e maior que os dragões. Samael lançou suas garras em mim e deixei que me pegasse.

Filha.

Eu poderia esperar por tudo de Samael e realmente me preparei para tudo, porém, jamais cogitei essa pequena janela que ele abriu em minha mente, trazendo as mesmas imagens de um pai e uma filha observando as estrelas.

Pensei que tinha enterrado essa parte, bem lá no fundo, junto com o aquele abismo. Mas eu tinha finalizado com o abismo, mas jamais tive um desfecho para o assunto pai de nascimento. Nunca olhei para Samael como meu pai depois do episódio com Michii, porque não sabia quem ele era.

Não percebi quando estava chorando. No fundo, eu era apenas uma menina querendo a atenção, a aprovação do pai. Minhas pernas cederam e encontrei as pedras com os meus joelhos e mãos.

— Isso, minha filha. Sinta tudo. — Samael incentivou.

Desta vez as palavras atiçaram a selvageria dentro de mim, obrigando os meus pulmões tomarem respirações profundas e longas. Deixei as lágrimas lavarem o meu rosto.

Sinta tudo.

Ele não sabia. Ele não fazia ideia que o formigamento não estava pre-sente já tinha um tempo, mesmo com sentimentos tão contraditórios me atravessando. Amei o meu pai, mas odeio a mim mesma por não conseguir odiá-lo. Ele tirou tanto de mim, e ao mesmo tempo o mundo tirou tanto dele. Me causou tanto na medida em que foi causado para ele.

Eu sou vítima da vítima.

Apertei os meus dedos contra o chão e esmurrei, gritando.

— O que você está sentindo? Me diz... — Samael procurou me atiçar. Aquela voz tão parecida com a da minha lembrança, o único fragmento que tinha do meu pai. Agora estava distorcida pelas mãos de Cig. O meu pai, o verdadeiro Samael, sucumbiu ao Senhor das Sombras porque achava que estava sozinho e escolheu não reparar no que tinha. O conforto da escuridão era como uma canção de ninar.

Entretanto, aquele me olhando não era meu pai. Mas ao erguer meu corpo e sustentar aquele olhar escuro, não o vi mais. Apenas vi a peça amaldiçoada nesse jogo perigoso.

A respiração profunda se tornou constante e o conhecimento de cada ponto minúsculo no mundo pareceu ainda mais presente.

Dadaer aprisionou a sua ave com muros sagrados, como um bom domador da terra, conseguia reduzir a escuridão com os solos utilizados primeiramente por Rae e Perii. Enquanto Tân e a domadora da água resolveram prender as suas criaturas em bolas dos seus elementos e intensificavam a dosagem pelos gritos de suas criaturas.

Wodd parecia tenso para um líder e se moveu minimante enquanto fita-va o trono. O Rei Rimas tinha a respiração pesada e curta, o seu corpo todo se contraía, enquanto Samael estava ereto logo à minha frente com um sorriso vitorioso no rosto, uma máscara perfeita da frieza que o meu pai não tinha.

— Traição — bato um dos pés nas pedras, conforme me posiciono ereta em sua frente. A terra me obedece envolvendo as pernas de Samael e Rimas simultaneamente e subindo até seu pescoço. — Estou sentindo que você quer me trair de novo, papai.

Sabia que isso não era o suficiente e que não acabaria com dois súditos de Cig com apenas terra, mas ganharia tempo para pensar. Virei o meu corpo para a criatura ave que Dadaer prendia, e ergui a mão sem ao menos olhar quando a vida se esvair do corpo dela.

O grito da criatura foi estridente, diferente da outra vez. Escutei uma respiração surpresa de Wodd, de imediato senti o

dom da terra ceder e virei a mão livre para conjurar um escudo de água, nos separando dos dois súditos, que já disparavam suas garras negras em nossa direção.

Tinha feito um trato comigo mesma. Só usaria a Criação e a Destruição quando fosse bem necessário. Conseguia conjurar os elementos e me virar com eles, os dons das Criaturas Celestiais ainda eram fortes demais para mim, por isso seria a última opção como destruir aquelas criaturas.

— Traição? Querida, acredito que esteja vendo errado. Olhe em volta! — ele abriu os seus braços enquanto descia de encontro ao meu escudo de água.

— Eu conquistei tudo isso para nós. Enfim você será a princesa que merece, já que agora temos todas as suas marcas à mostra. Cora ficaria orgulhosa.

— Ele sabe de Rae e Perii!!

Gritei pela ligação, ao mesmo tempo em que desfiz o seu sorriso ferino jogando a água em cima dele.

— Wodd! — chamei o meu primo que rapidamente se fez presente em frente ao trono.

Não tinha visto o seu dom em ação e não estava preparada para a agilidade em que ele golpeou os punhos de Samir, e logo depois sua garganta, cau-sando um som como se o Rei estivesse engasgado; aproveitando a distração ele colocou uma espada em sua garganta por garantia.

Samael levou o mesmo tempo para associar que eu o tinha encharcado e em instantes estava envolvido pelo ar, sendo jogado para o lado oposto do cô-modo. A selvageria tinha de algum modo se aquietado para sentir a situação em que nos encontrávamos, como boa observadora que era, porém, assim que o nome da minha mãe saiu daquela boca profana, a parte de observar acabou.

Assim que ele ameaçou levantar, o prendi em um círculo de fogo alto, os seus olhos estavam vidrados em mim e aquele sorriso apareceu de novo. Samael não ousou se aproximar tanto do fogo, e se tentasse, o crepitar se intensificava até saltar em sua direção fazendo-o recuar ao centro. O único lugar relativamente seguro, por enquanto.

— Isso, minha filha, sinta tudo!

Sua voz parecia extasiada em cada frase e usava o parentesco como uma forma de acender algo em mim, como fez instantes. Ele só se esqueceu que aprendo rápido e que ele estava em desvantagem, porque o dom de Cig não lhe dava vantagem de sentir como o dom dos dragões. Ele não fazia ideia do que eu estava sentindo.

Levantei o meu punho direito atirando o ar em sua direção. Cig poderia ter dado uma pequena dosagem do seu dom, mas Samael ainda era humano, e por isso o engasgar agora veio da sua garganta, quando extingui o ar de dentro dele.

Observei por um tempo o seu corpo ceder até o chão e acompanhei esse movimento vendo um ligeiro desespero em seus olhos.

— Não, papai. Acredito que você esteja vendo errado...

Um sorriso felino surgiu em meus lábios quando deixei que respirasse e convoquei os caules e raízes mais fortes para segurar ele, assim que passei pelo fogo sem extingui-lo. Não deixaria que escapasse tão fácil. Não agora.

Seus olhos foram tomados pelas sombras de Cig e o seu dom tentou escapar das suas mãos. Há um tempo venho pensando sobre o corte das minhas mãos, e eu dividi esse corte com alguém na época: o meu pai. Senti a dor tão forte, que me tirou o fôlego, e fizeram lágrimas tremeluzirem em meus olhos.

A cicatriz parecia ser o meu único ponto fraco e foi dado pelo meu inimigo, pelo meu próprio pai, e que carregaria isso comigo, afinal, para qualquer maldição precisase de um sacrifício, e depois de ouvir as histórias e relatos acredito que Samael apenas se entregou verdadeiramente a Cig quando me ancorou a ele, dando a sua vida pela princesa.

Se eu tinha as palmas das mãos como ponto fraco, ele também teria.

— Tão preocupado para que eu sentisse, que pai preocupado! — disse, apoiando uma das raízes em seu peito e agachando na sua frente. — É uma pena que você esqueceu de sentir também, Samael.

Chega de brincadeira com o parentesco, minha pele parecia uma mistura dos quatro elementos junto do latejar da selvageria. Usei um dos estilhaços de flecha que arranquei de Liw. Se eu não tivesse o ar ao meu favor, jamais conseguiria acertar tão em cheio, mas não contaria isso para ele.

Levei um dedo para o pequeno fragmento em sua palma e o apertei contra a sua pele, e Samael gritou de dor. Não riu como fez quando o ataquei para salvar Michii e nem Erus. Não, ele gritou desesperadamente, sem sombra nenhuma para ajudá-lo.

Ele era como eu, Gormes não o atingiria de longe, apenas se tivesse fincado em seu ponto fraco.

— Você acha mesmo que pode derrotar o Senhor das Sombras então? — ele indagou entre lamúrias e precisei prestar atenção em seus lábios pálidos para conseguir entender.

Desci o meu cotovelo contra a mão dele no chão e inclinei mais o meu corpo, colocando a mão cortada em sua testa, com os olhos fechados a pro-curei, vasculhei dentro do corpo de Samael por algum indício da escuridão parecida com as que enfrentei. Mesmo com a euforia, minha respiração parecia impassível, apenas se alternando quando mandada. A escuridão estava embrenhada em seu cérebro e seu coração, o que fazia bastante sentido e fascinante de se ver em uma pessoa só. Na outra vez vi apenas cores repre-sentando cada membro.

Nunca tinha tentado algo do tipo, mas entre continuar com o Samael de

Cig e arriscar o antigo Samael ou um morto, fico com a segunda opção, mesmo que o meu coração aperte.

— Eu sou o seu pai, você deve me obedecer! — Samael esbravejou como um verme no chão, querendo que suas sombras aparecessem de forma mágica.

Eu poderia ter me tornado a Mulher Dragão ou qualquer outra coisa nomeada por um Ser Celestial em qualquer dimensão, mas jamais poderia realmente ignorar a Asha criança, esperançosa pela atenção do pai, o qual já a tinha abandonado há muito tempo. E mesmo assim nunca desistiu de acreditar que

voltaria, que Samael voltaria para ela, para a sua mãe e eles seriam uma família normal.

Entretanto, eu jamais fui normal, e por algum motivo maligno, ele também não era. Conseguia ver isso tão claro encarando-o agora.

Independente disso, nada poderia me preparar para aquelas palavras. Eu sou o seu pai, você deve me obedecer.

Não. Realmente não. Eu não deveria. Mesmo que ele fosse normal, não deveria obedecê-lo cegamente.

Aquela criatura podia ter o corpo do meu pai, parecer com o meu pai, a voz soar como a do meu pai. Jamais me oprimiria apenas para satisfazer o seu ego. Não iria me diminuir por conta do seu desespero, afinal, com ajuda de um cara foragido acabei descobrindo que posso sim ser quem eu sou, mesmo que alguns desaprovem e que não devo me diminuir para caber na expectativa de outra pessoa.

Não.

Consegui ver a sua mão tentando me alcançar e senti uma coceira em meu corpo, e quando observei meu braço, as escamas estavam se fazendo presentes. Era nítido o seu ego obscuro tentando engolir a mulher forte que me tornei, querendo apagar qualquer traço da existência dela e torná-la mais uma das suas criaturas, que poderia manipular como quisesse.

Eu não deixaria.

Achar o caminho para ter aquela segunda opção parecia fácil agora. A selvageria corria em minhas veias, me incentivando a resistir. Eu lutaria por ela. Lutaria por mim. Não me importava com o que ele dizia, me orgulhava da mulher que me tornei.

Eu sou a Asha, a Mulher Dragão, e não deixaria ninguém me dobrar. De repente as linhas apareceram por de trás das minhas pálpebras, conseguia vê-las com perfeição na vastidão escura que os olhos fechados me proporcionaram.

Não percebi que estava sorrindo ao puxar o fio de Perii.

— Eu não acho que posso derrotar Cig — sussurrei perto de Samael. — Eu sei que vou!

CAPÍTULO 40

Vivi tudo aquilo que li sobre Samael. Sua mãe não presente, o pai que o violenta e os irmãos que quiseram ampará-lo, mas ele não quis saber de nada, a não ser o seu próprio sofrimento, assim como eu fiz com os dragões, me jogando naquele abismo.

Eu vi a sua vida toda, assim como entendi que não exis-tia mais nada para ser vivido, mais nada que a escuridão poderia consumir. O último suspiro foi levado junto da última imagem que tinha de Cora, antes de me amaldiçoar. Depois dessa entrega a Cig, Samael passou a não sentir mais nada.

Tomei um tempo olhando Samael, mesmo vendo que seu peito não se movimentava mais, ainda assim deixei as raízes e caules o prendendo. Independente de ter matado o corpo do meu pai, agora não baixaria a guarda para as maquinações de Cig.

Ao tirar os olhos dele, vejo que as criaturas não passavam de gosmas viscosas espalhadas no chão. Elas dissolveram das suas formas, assim que matei Samael.

Em nenhum lugar existia uma tabela que me dissesse o quanto do meu dom tinha sido usado, e quantos frutos ainda restavam em minha copa. Eu não fazia ideia.

Por conta da selvageria em excesso, qualquer som que não fosse o que estava concentrada, seria excluído.

Agora conseguia escutar ela latejando em meus ouvidos e um líquido sair do meu nariz, limpei rapidamente o sangue e o observei. Poderia ter as escamas protegendo o meu lado externo e sabia que não existia nada que me protegia internamente do uso do dom.

Já tinha usado a destruição mais vezes em um dia, porém nenhuma delas se equiparava a extinguir a vida de um domínio de mais de trinta ciclos, e de uma coisa estava certa: Samael tinha se entregado completamente.

Limpei o sangue em minha roupa e acalmei a selvageria dentro de mim para que a intuição voltasse a agir. E com isso encontro um Wodd sendo dominado por Samir esquelético, mas sem Gormes. Na verdade, a incorporação de Cig sussurrava algo para ele e escuto gritos fora do castelo.

— Os Arfenol da Cidadela do Arvoredo chegaram.

Alguém tinha recebido a minha mensagem! Dadaer explicou a comoção que rodava a minha pele. Certo, um peso a menos em meus ombros.

— Gwynt?

Chamei pela ligação enquanto tentei me aproximar de modo furtivo, se pudesse surpreendê-lo... Os olhos inundados pela noite me encararam e sor-riu em minha direção, mostrando os dentes podres e a gengiva escura. Diferente de Samael, eu não sabia como lidar com Samir. O ser mais ancião que já tinha visto, não o conheço e precisava analisá-lo com mais atenção.

Samir pegou Wodd pelos cabelos e bateu sua cabeça contra o chão, antes de saltar em minha direção. Aquele movimento não era humano, não teria como qualquer ser vivo dar um salto tão alto até o outro lado do cômodo. Ele aterrissou perto demais de mim, fazendo meu corpo me trair com o susto e o poder que o seu exalava, com destreza apoiou o seu braço em meu pescoço, me prendendo contra a parede mais próxima.

Não conseguia acompanhar os seus movimentos rápidos. Jamais tinha lutado com um Irmão Celestial antes.

Os dragões rugiram, enquanto deixei que me prendesse com as suas sombras.

— Você precisa sair de perto para atacarmos, Asha.

Dadaer me alertou e sabia o que precisava fazer, só que tinha outra coisa na frente antes. Deveria ter me preparado para ver essa versão do Samir, a incorporada por Cig, deveria ter relação com aquilo que estava ligado atrás dele. Algo que sustenta o seu corpo há tanto tempo. Ele pressionou uma lâmina de Gormes em meu rosto.

— Então suas escamas não deixam eu te cortar? Queria ver se o seu sangue é vermelho. — Samir cantarolou com o rosto tão próximo do meu e da lâmina. — E se eu forçar...

Já tinha feito esse teste eu mesma e sabia que em algum momento a lâmina de Gormes iria atravessar as escamas com a força e insistência certa. Não contei os instantes exatos para que isso acontecesse, mas deixei que ele forçasse até eu fazer força de volta e bater minha cabeça na dele.

Samir recuou, um pouco abatido com a surpresa do ataque. Meu corpo brilhou em brasa fazendo as sombras chiarem e resistirem, o brilho de Perii veio e puxei a linha. A luz do meu corpo escureceu e o chiado foi trocado por uma espécie de ronronado. Não ousei pegá-las com as mãos, porém, elas não hesitaram quando as mandei dissipar.

— Eu vou forçar de volta! — completei a sentença de Samir.

Ele me olhava surpreso antes do sorriso ferino como o de Samael, algo nessa semelhança me falava que eles gostavam de um desafio e pretendiam ganhar. Assim como eu.

— Agora.

Sem hesitação, Samir foi atingido por fogo, terra e água de uma vez só, e conjurei o ar para que rodasse em sua volta sem permitir que os elementos se dissipassem do alvo. Ele gritou por um longo tempo, enquanto fui em direção a Wodd apenas checar se estava vivo.

— Acorde — pedi dando tapas em seu rosto.

Se tinha alguém que conhecia Samir era Wodd, talvez tenha estudado a vida inteira para esse momento. Ele poderia acordar para me ajudar a acabar com esse cara.

A prisão durou menos tempo do que esperei, ele dissipou os elementos lançando sombras em formas de lanças para dois lados e os dragões já estavam voando para fora do alcance delas, porém, elas pareciam segui-los como se estivessem miradas em apenas um alvo e o seguiriam para sempre, e os alvos eram Dadaer e Eira.

— O Samir tem o dom de nunca errar o alvo!

Gritei pela ligação. Mesmo que o castelo seja grande para caber os dragões, ele não tinha espaço suficiente para abrigar voos.

— Nós vamos para o céu aberto, vai ficar mais fácil desviar. — Eira disse, já querendo tomar o caminho para fora.

— Tân, fique com ela.

Dadaer pediu, e assim que os dois se alinharam para sair do cômodo, as sombras-lanças não acharam dificuldade alguma, apenas ir reto. Reto e certeiro. Eu iria conjurar a criação, então tentei me ajeitar para aproveitar o Samir caído.

Como da outra vez, tudo aconteceu muito rápido, assim que o brilho de Rae apareceu e puxei, um grito gutural e estridente cortou o ambiente e o meu corpo cedeu brutalmente.

Mais dois gritos parecidos soaram pelo palácio, reverberaram em meu corpo levando lágrimas aos meus olhos sem permissão alguma, e ainda estava encarando o chão com medo demais de ver a veracidade da minha dor.

Não, não.

Eu não precisava ver para saber o que tinha acontecido. Bati a minha mão no peito e apertei o tecido de couro querendo arrancar o meu coração a fim de curá-lo, o soluço escapou da minha boca de forma ruidosa e grotesca, o ar pareceu escasso.

— Ora, ora.

Aquelas duas palavras tentaram sobrepor a minha dor com raiva pura e instintiva, mas não era forte o suficiente. Ao tomar coragem e erguer os olhos, vi Tân deitado no chão e a cor escarlate saindo da sua barriga e das suas costas. Tentei passar os olhos querendo averiguar os locais que as lanças-sombras atravessaram o seu corpo.

— Era para eu me sacrificar!

Esbravejei na ligação e a voz da Gwynt parecia longe, perguntando o que tinha acontecido. Eu não estava brava com Tân, não mesmo. O pouco que sabia de ferimentos dos dragões podia ter certeza de que precisávamos parar o vazamento suturando com o fogo como fiz com Liw e...

— Sangue vermelho! — Samir exclamou contente com o que via.

Ele não esperou que me recuperasse ao tomar minhas mãos do chão, me fazendo ceder de encontro às pedras ainda brancas, consegui me sustentar pelos cotovelos e tentar erguer

meu corpo, e desta vez foi o meu grito que reinou naquele castelo.

Samir apertava a Gormes nas palmas das minhas mãos e uma dor avassaladora percorreu o meu corpo. Não me importei de deixar as lágrimas caí-rem e minha garganta arder, perante aquela dor que parecia arrancar a mi-nha pele cada vez que apertava a lâmina contra.

— Eu só preciso liberar o seu corpo para ele vir. — Samir me notificou como se fosse apenas um lembrete, algo simples. — Vou ativar a maldição manualmente, já que você não presta nem para isso.

Liberar o seu corpo para ele vir. A frase se repetia diversas vezes em minha mente e meu corpo parecia inerte, tentando assimilar o que tinha acontecido. Então Samael tinha me dado a Cig, a maldição era isso. Eu me tornei um mero receptáculo para o Irmão das Sombras. A eleita dos dois lados. Querem vincular a essência dele em mim. Entendo a ironia que essa maldição carrega, porém não cederia desse jeito.

Não mesmo!

Tentei limpar a minha mente em busca do que me tirou da Cegueira: os dragões. Meu pensamento oscilou com a visão de Tân sangrando, mas o agarrei com tudo o que tinha e repassei as etapas de cuidar de ferimentos como se fosse um mantra pessoal.

— Li-limpem o ferimento.

Pedi na ligação, acredito que eles poderiam ajudar Tân com isso, enquanto voltei tentar me erguer para impedir Samir e aquela maldição infernal!

A dor tornou o meu corpo sensível em qualquer movimento e meu maxilar continuava travado, tentando suportar a dor da Gormes, ao mesmo tempo em que tentava bolar um plano.

— A dor, Asha... Ela é passageira, você só precisa ser forte.

Não era a voz de nenhum dos dragões e por um momento não a reconheci. Uma pequena oscilação que quase me fez ceder ao segundo toque da Gormes na outra palma, conseguia escutar de longe a voz de Samir ressoando na língua antiga.

— Ela é passageira, você só precisa ser forte.

A voz repetiu em minha cabeça e contive a vontade de olhar em volta para procurá-la, mas isso não me ajudaria em nada.

— Quem é você?

Sussurrei de volta, quando na verdade queria gritar de desespero. No momento em que pisquei os olhos veio uma lembrança. Samael disse isso antes de lançar a maldição, fosse para me incentivar a aceitar o corte em minhas mãos ou para esse momento. Independente da sua ambição naquela época, iria usar ao meu favor agora.

A dor é passageira. Repeti a mim mesma e não movi mais o corpo para não dar nenhum indicio a Samir, apenas tomei respirações lentas e silencio-sas. Não poderia falhar ali, naquele momento, literalmente uma vida dependia disso.

— Asha..

— Apenas limpem os ferimentos e os estanquem com erva curativa. Pedi entre dentes a Dadaer. Eu precisava me concentrar.

Não ousei ajeitar nem as pernas quando impulsionei as mãos a favor da lâmina, e pedi para a terra arremessar o meu corpo em direção de Samir, que já estava contando com a vitória. O grito que soltei se assemelhou com os dos dragões instantes atrás, a lâmina cravou mais forte em minha palma e meu corpo ameaçou fraquejar, mas lutei contra isso. Não fraquejaria agora. Ele perdeu a Gormes da mão e o seu corpo levado para trás, graças à cabeça que mantive baixa para acertar bem em seu peito. Samir tossiu e convoquei o ar para conduzi-lo para mais longe.

Assim que consegui contato com o chão novamente, invoquei aquelas pedras sagradas, enquanto as veias de Samir começavam a escurecer, como se sua vida dependesse disso. Da sua boca saía sangue do escarlate mais escuro e nos erguemos no mesmo momento. Invoquei água em minhas mãos para limpar o sangue e o ferimento, adicionei as tais ervas curativas para ajudar no processo.

— Você acha mesmo que pode me vencer? — a voz de Samir estava mais robusta e prepotente, fazendo com que olhasse para ele de novo.

Não repreendi o tremor que passou pelo meu corpo, aceitei o medo assim que entendi que aquele não era mais o Samir. O seu corpo não ganhou massa, mas suas veias permaneceram como a cor de Perii, e eu só queria que Ryu e Nestor estivessem aqui, porque eu não tinha ideia de como lidar com o Cig apossando o corpo de alguém.

Realmente não tinha um plano para isso.

— Merda! — escutei a voz que pensei nunca mais escutar antes, e lutei para não fraquejar de novo ao sentir a presença do domador do abismo em minha cabeça.

De imediato invoquei um escudo de destruição. Sabia que os dons das Criaturas, assim como os dos Irmãos Celestiais se cancelavam, então usar o dom que Cig tem foi a saída que encontrei antes de dizer:

— Ryu! — chamei o garoto e ele já estava ao meu lado. — Qual é o seu plano para isso?

— Aguente um pouco. Vou chamar Nestor.

— Ele já deveria estar aqui!

— Nem todo mundo consegue enfrentar a sua vergonha de cara, Asha. — o garoto disse antes de sumir no ar, deixando o brilho das cores comple-mentares de Rae e Perii.

— Ótimo — sussurrei para ninguém em especial, enquanto mantinha o escudo e Samir-Cig começou a rir de algo. — Lynn, faça Wodd acordar. Amy, consegue cuidar de Tân por enquanto? — indaguei. Senti algo úmido em meu nariz de novo, e mesmo assim conjurei o dom de Rae e todos os suprimentos que Amy precisaria estavam ao seu lado em instantes.

— Estamos vencendo lá fora. — Abyss diz ao meu lado com um sorriso forçado. Não preciso olhar para o lado para saber e nem ousaria vê-lo agora. Ia me concentrar com o fato de que ele estava salvo e conosco. — No que posso ajudar?

— Por algum acaso saberia como destruir um dos Irmãos Celestiais? — indaguei soltando um sorriso desesperado. — Porque eu não faço ideia.

Sussurrei em resposta, me preparando para os socos que Samir-Cig começava a dar no meu escudo. Não sabia quanto tempo iria conseguir mantê-lo e o que deveria fazer.

CAPÍTULO 41

Sustentar socos em um escudo era tão difícil como quando tinha que me proteger dos ataques de Erus em suas aulas.

Limpei o sangue, assim que lembrei dele sentindo o gosto de ferro na boca, depois voltei a manter as duas mãos para cima. Tinha formado uma parede de destruição côncava isolando Samir-Cig na parte lateral de onde o seu trono ficava.

Deixei os meus olhos correrem pelo local em busca de uma solução, e o trono com o seu símbolo chamou a atenção. Era o mesmo da minha marca. Dois pontos se unindo, fazendo um redemoinho junto dos detalhes dos pontos e das linhas. Era idêntico.

— Asha, é o seu símbolo — escutei a voz de Abyss logo atrás de mim, provavelmente analisava o trono, assim como eu. — O que você tem nas costas, igual.

Os socos ficaram mais intensos e pela parede que criei consegui ver sombras saindo dos seus punhos, acompanhadas de gritos secos e roucos, institi-amente me ajoelhei para aguentar mais o impacto.

— Precisamos de um plano. — quase implorei para Abyss.

— Eu não...

— Use a destruição como fez nele. — Wodd chegou perto de mim apoiado em uma Lynn suja de fuligem e terra. — Vai ganhar um tempo.

— Ele é um Irmão Celestial!

— E você é a eleita. — Abyss retrucou, aquecendo o meu ombro com a sua mão.

É mais um plano para corrermos em direção oposta e eu não queria isso, queria acabar logo com isso. Não adiantava nada provocá-lo, e sair correndo só iria piorar a situação, que já não estava boa.

Meu corpo já estava falho, tanto em questão do dom como a dor que sentia pontualmente na barriga e nas costas, assim como os outros dragões.

Gwynt tinha mandado que focasse naquele confronto, que eles cuidariam de Tân, ela o ajudava respirar e Eira e Dadaer agora auxiliavam Amy. Conseguia sentir os seus movimentos em minhas costas, assim como sentia os socos no escudo.

Eu realmente era a eleita e precisava acabar com essa Maldição Geminiana de uma vez por todas. Não deixaria o Reino esperando mais 700 ciclos pela nova eleita ou algo do tipo, mais 700 anos sendo escravos de perseguição e sacrifícios. Não permitiria isso.

— Vocês precisam se afastar — avisei me erguendo de volta, fincando os meus pés no chão. — Fiquem atentos, caso eu precise de ajuda, mas se mantenham longe.

Não houve contestação, apenas Abyss apertando forte o meu ombro antes de acompanhar Wodd e Lynn, como se quisesse me dar força com aquele simples gesto, e eu queria mais um pouco para conseguir lidar com o Samir-Cig, até Ryu voltar com o Nestor e orar para que esse reencontro não exploda o Reino.

Oem foi claro quanto ao fim da maldição: eles precisam recuperar o que foi destruído. Entre os dois Irmãos Celestiais, o que foi destruído é o Ryu e mais especificamente o elo que os unia. Nestor não era alguém frequente na vida do garoto por vergonha, assim como não estava aqui pelo mesmo motivo e Cig parecia só querer mais poder.

Empurrei o escudo para trás de mim protegendo os outros e me deixando frente a frente com o mesmo cara esquelético de antes, mas agora com veias escuras sobressaltadas, os olhos tomados pela mesma cor e sangue escorria da sua boca. Por reflexo limpei o meu nariz, enquanto os nossos olhares estavam focados um no outro. As sombras pareciam serpentear o seu corpo agora, apenas esperando serem convocadas.

Precisava poder lutar livremente e sem preocupação, por isso o escudo, e agora fiz proteções com o dom da criação em

minhas mãos para que o corte ficasse de difícil acesso e pudesse pegar nas sombras, sem receio algum desta vez.

— Você tem sorte, princesa. — ele começou o seu discurso e ainda tinha em mente me tornar a sua princesa; cerrei os punhos em resposta analisan-do cada movimento que fazia. — Sem ninguém para te prender, até pode ser meia partida por isso. — Samir-Cig riu e não cedi minha posição. — Mas você é livre por si só. Pode ser o que quiser e alcançar potenciais que eu jamais poderia. — ele continuou e caminhou na minha direção. — Podemos reinar juntos e trocaremos o nome desse Reino estúpido, depois poderemos investigar além do Mar Rae e dominá-los.

— Pelo visto, você também gosta de se ouvir — consegui responder, antes que ele embalasse em mais uma frase que achasse inspiradora, e me convenceria a mudar de lado. — Deve ter passado esse traço para Samael e Samir.

Sua feição era de desentendido, talvez não tivesse entendido mesmo e não o culpo, já que só conseguia entender o que fosse relacionado a ele. Desta vez eu sorri por consegui entender tão facilmente o Irmão das Sombras. Talvez pudesse deixar ele falar sobre si mesmo até os seus irmãos chegarem, mas não.

— Para um Irmão Celestial esperava mais de você — confessei sentindo a selvageria se intensificar junto com meu sorriso. — Errar é humano, mas insistir no erro é burrice, e você é burro, Cig. Talvez o...

Como previsto, ele me atacou na mesma intensidade em que o seu ego se feriu com as minhas palavras. Um chicote de sombras atingiu o lugar em que estava, com a ajuda do ar consegui saltar mais rápido e alto, antes que ele visse que me movimentei.

Não estava falando da boca para fora, não mesmo. Ele acredita na vantagem de ter os dons de Rae e Perii em um ser só, como se ele não precisasse de Nestor, que seria o seu complementar. O único problema era que ele não entendia que junto do seu irmão gêmeo e irmão caçula seria uma união

poderosa. Teria uma dosagem das Criaturas Celestiais e do amor que as unifi-cava como Seres Celestiais.

Eu poderia ter o dom das duas em mim, mas só realmente conseguia ativar o meu verdadeiro potencial quando permiti que o amor entrasse em minha vida, e o sentimento era constituído de pessoas, incluindo a mim mesma. Cig estava muito longe de atingir o seu verdadeiro potencial, e o seu tempo tinha acabado.

Não podia usar os dois dons juntos, mas ninguém disse que não poderia intensificar um com uma leve dosagem do outro. O pensamento me ocorreu enquanto mantinha o ar e a intuição me auxiliando para desviar das investi-das de Cig, que parecia ainda bem irritado com o pequeno insulto.

De repente ele conjurou um segundo chicote, mas cheio de espinhos, que envolveu o meu pé no ar. Os espinhos pressionavam a minha pele, enquanto ele me arrastava para perto de si mesmo e murmúrios do meu nome ficavam mais para longe. Além das escamas da pele também tinha as escamas que representavam Dadaer, o que deixava a minha pele ainda mais resistente ao ataque.

Nunca tinha testado isso antes.

Deixei que me arrastasse para perto enquanto questionava:

— Do que me chamou mesmo, Mulherzinha Dragão? — o seu tom foi de deboche, como se pudesse me machucar por me chamar de mulherzinha, como se fosse realmente uma ofensa. — Burro é ser pego pelo inimigo, assim como Nestor...

Calei a sua boca com um laço criado pela criação, mas revestido levemente com destruição. O laço rodou pela sua cabeça tampando a sua boca, deixei que o fogo andasse pelo meu braço e crepitasse pelo laço em direção ao rosto humano de Samir-Cig, e lacei os seus tornozelos e panturrilhas com os cau-les mais grossos que consegui convocar e deixei que fincassem suas pontas em seu pé para que a dor me ajudasse a mantê-lo preso, comecei a parar em contra-ataques, assim que senti o chicote em minha perna afrouxar com a surpresa e dor.

Mantive uma mão no laço e com a outra peguei a ponta do chicote de espinhos puxando para longe do alcance de Samir-Cig, que agora gritava com a sensação do fogo em seu rosto.

Digo sensação porque não iria queimá-lo de verdade, apenas dar essa experiência como uma distração. Fogo e ar juntos poderiam fazer essas maravilhas, deixando o fogo perto o suficiente e o ar protegendo o rosto dele, mas confesso que não me sentiria mal por ter causado uma queimadura ou outra. Além disso, não precisava olhar para saber que Abyss tinha aumentado a sensação do fogo em sua mente e tinha ajudado Wodd a entrar em minha mente para sussurrar os pontos exatos que o dom fluía pelo corpo dele: boca, braços e pés.

Não tinha a habilidade de Wodd, mas me assegurou que com um ferimento ali e outro aqui conseguiria aquietar o seu dom. Abstraí a possibilidade de usar a destruição para extinguir o seu dom, já que com um escudo o meu corpo já apresentou sinais de que os frutos estavam acabando.

Com a ajuda de caules puxei os seus braços para baixo e tive que ser rápida, antes de ele pensar em revidar, então enlacei o seu tronco com o chicote que ele mesmo tinha convocado, prendendo os seus braços. O seu grito intensificou, enquanto me erguia segurando o laço e o chicote. Convoquei a água para escorrer em seus braços e tronco para causar ardência em seus ferimentos, ainda com os espinhos no lugar.

Não fui treinada para causar dor, e sim para eliminá-la. Na verdade, eu sabia muito bem o que usar para causar ou intensificá-la.

Cora que me perdoe.

— Você continua sendo burro — consegui falar entre dentes. — Porque você ainda acha que consegue fazer tudo sozinho, sendo que cheguei nesse ser completo que sou apenas porque tive com quem contar nesse processo

— puxei as mãos, dando um tranco em seu corpo e intensifiquei os elementos. — E é por isso que sou diferente de vocês, porque possuo algo que vocês nunca realmente entenderam.

— E o que é isso? — a sua pergunta saiu abafada pela dor do meu chicote.

— Você está prestes a descobrir.

Não fazia ideia de como sabia de que Ryu estava por perto, talvez seja porque a selvageria corria freneticamente pelo meu corpo tornando-o ainda mais sensitivo ao redor.

— Cig...

Escutei a voz de Nestor morrer, assim que o grito do irmão se intensificou, à medida que apertava mais o chicote de espinhos.

— Asha, pode soltá-lo. — Ryu me pediu de novo, aparecendo ao meu lado.

— Desculpa, Ryu, mas eu não vou correr esse risco — respondi sem olhá-lo. — Vocês resolvam a merda que precisavam resolver e deixem o Reino em paz.

A culpa não era dele e nem queria fazer alusão a isso, mas ainda assim, era por causa dele e dos seus irmãos que estavam naquela situação. Eu prenderia o seu irmão com tudo o que me restava, porém, eu não poderia dar passo algum por eles.

— Nestor, está na hora de você acordar para a vida — gritei para o Irmão da Luz que estava logo atrás de mim. — Vocês precisam recuperar o que foi destruído.

— O que foi destruído? — Nestor questionou, como se fosse a criança que tinha acabado de receber o dom e não fazia ideia de como usá-lo.

Bufei irritada com o comportamento e o puxei com a ajuda do ar, trazendo-o para o lado do irmão caçula, assim poderia encarar os dois de uma vez só.

— Por causa da soberba sua e do Cig, vocês mataram Ryu! — gritei acima das lamúrias da dor de Samir-Cig. — Agora Cig acha que pode ficar mais forte sozinho, mas isso nunca vai acontecer e por causa disso tomou o corpo de Samir, irmão gêmeo da Tiare, que deveria estar morto há 700 ciclos! E quer tomar o meu para viver mais e destruir tudo com o meu dom — acabei explicando mais do que deveria, mas queria acabar logo com isso. Meu corpo já começava a se manifestar com aquela ardência. — Eu não vou abrir mão de libertar o meu povo e o Reino dessa Maldição. Nem que eu precise morrer por isso.

Os irmãos se entreolharam, e por um momento Ryu pareceu o mais velho e Nestor o mais novo. Acredito que Cig

não conseguia ver os irmãos agora, então tirei o fogo do seu rosto, e depois de um tempo que piscou os olhos pretos, conseguiu focar neles. Em um primeiro momento ele se debateu para ser solto, emanava pura raiva ao encontrar Nestor, e, para a minha surpresa, suavizou assim que viu Ryu.

Não sabia quanto tempo eu aguentaria, mas teria que aguentar o tempo que fosse, então tomei respirações rápidas para manter o meu corpo acelerado, enquanto Ryu pegou a mão de Nestor e foram para perto de Cig.

— Tem como liberar a boca dele? — Ryu questionou e conjurei o ar para soltar o laço da sua boca, e depois envolver no pescoço dele.

O garoto me lançou um olhar feio e dei de ombros. Não abaixaria a guarda nem por um segundo, que se resolvessem assim.

— Olha que lindo os dois irmãos juntos...

— Eu te perdoo.

Controlei o meu corpo para não espantar a surpresa com as palavras de Ryu. O caçula falava sério, acabei o conhecendo um pouco e sabia que antes de qualquer briga, ele queria os irmãos juntos. Mesmo sendo o mais novo, acredito que era o único que entendia o que eu queria dizer com a união de Rae e Perii, afinal, ele era a representação disso.

— Vo-você me perdoa? — Cig questiona, é a primeira vez que vejo a escuridão em seus olhos vacilarem. — Ury.

Ele diz o nome do irmão como se fosse uma prece, um mantra pessoal que guardou por todos esses ciclos e também pela primeira vez sinto uma certa compaixão por Cig. Mesmo que os meus pensamentos disparassem em diversos lados, não afrouxei o meu aperto, mas não intensifiquei também.

De alguma forma, Cig se colocou em sua própria Cegueira, assim como Nestor, que depois de ser derrotado, Rae e Perii devem ter concedido esse momento para o mais velho como humano, para que enfim eles quebrassem essa Maldição que custou muito a elas também. Não haveria diálogo com um

Dragão Dourado.

— Não existe Dragão Dourado. — Ryu confessou. — Foi uma história que o clã Aliar inventou, Asha. Nestor e Cig ainda eram humanos, só que estavam muito destruídos para viver de verdade.

Então não existia misticismo nenhum em Nestor. Ele não tinha nada de especial para se gabar... Não me vi surpresa, na verdade, nesse meio tempo minha fé acabou se prendendo mais em Rae e Perii do que em Nestor, que se ausentou quando mais precisei, só que não sabia que como eu, ele também precisava de alguém.

— Vamos recomeçar. — Nestor disse com a voz contida, uma que não conhecia, já que sempre me tratou como alguém próximo. — Ury mora em um lugar especial para fazermos isso. — um traço de raiva passou por Cig, assim que a voz de Nestor ressoou. — Prometo ser um irmão melhor agora.

Os ciclos se passaram e todos que passaram pelo Reino acabaram sendo vítimas dessa Maldição, e eles, vítimas das suas próprias mentes.

— Cale a boca, traidor! — Cig esbravejou. — Eu só vejo imundice saindo dessa sua boca de...

— Eu te perdoo, Cig. — Ryu o interrompeu. — Vamos para a Espera e lá a gente pode recomeçar, só nós três. — o caçula ergueu a mão para Cig. — Mas precisamos abdicar os nossos dons. Na Espera não há isso, e seremos felizes.

O tempo pareceu parar ali mesmo. Ryu olhou para trás, mas não para mim, e sim para Abyss, colocando dois dedos ao lado da têmpora, como se soubesse do nosso código. É claro que ele sabia, já que nos observava da Espera, e de imediato senti Abyss. Eu conhecia pouco Ryu, mas eu o conhecia suficiente.

— Não me dê mais peso. Não vou conseguir levantar. Disse logo que senti a sua presença também.

— Você precisa fazer isso, Asha. Você foi eleita para fazer isso. Só você pode nos libertar dessa maldição. Por favor.

Ele me pediu, não ordenou. Não, Ryu não faria isso comigo, mesmo que soubesse que seria um pedido sem a opção de negar. Ele me conhecia melhor do que ao contrário, e

as lágrimas já embaçavam a minha visão, mas não afrouxei o meu controle.

— Use a destruição em nossos dons, e depois nessa linha preta que nos une, é a Maldição Geminiana.

Eu conseguia vê-la apenas porque ele a tornou visível para mim.

— Respire fundo. Tân está bem agora, preciso que deixe o Reino bem também.

A menção do dragão vermelho foi forte o suficiente para arrancar uma arfada contida de mim.

— Solte Cig.

Rendida ao que tinha que fazer depois, soltei o laço e o chicote de Cig, assim como dispensei os elementos, mas insistentes como eram os seus doma-dores, eles pareciam me rodear agora, como se pudessem prever o que estava por vir ali. Eu daria todos os meus frutos para libertar esse Reino. Eu lutaria por eles, lutei por eles, assim como estão fazendo por mim lá fora.

Respirei fundo como Ryu pediu para que fizesse também. Levei ao menos dois bombeados no pulmão para ver a linha preta com mais nitidez, e estranhamente tinha uma pequena linha vermelha na cabeça de cada um dos filhos de Nefir. Uma mísera linha.

— Os nossos dons.

Ryu me explicou, e com mais uma lufada, a primeira linha brilhou em Perii, puxei-a e as linhas vermelhas se dissiparam em preto e branco, logo que os corpos dos irmãos cederam em seus joelhos. Minha vista estava embaçada e mesmo assim as linhas permaneceram sem dificuldade nenhuma.

— Obrigado, Asha.

As lágrimas desceram sem pesar nenhum, enquanto sugava o ar pela boca com dificuldade de manter a concentração, ao mesmo tempo em que o sentimento me engolfava sem permissão alguma.

Meu coração parecia estar em minha mão.

Outra linha brilhou no mesmo tom escuro e eu a puxei, a linha preta se desvinculou dos corpos deles, mas os

envolveram, os prendendo juntos e foi a vez dos elementos.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto quando prendi todos com caules e lancei o fogo, intensificando com o ar para cima dos três irmãos, que pare-ciam me encarar.

Ryu emanava gratidão, Nestor um misto de alívio e paz, enquanto Cig parecia pedir desculpas, ao mesmo tempo que se sentia perdido no vasto sentimento que Ryu desencadeou nele.

Eles gritaram ao serem queimados e procurei intensificar o ar para que os gritos não permanecessem muito em minha mente, mas saberia que estariam cravados. Demorou um pouco para o fogo consumi-los de vez, e aquele mesmo misto de luzes apareceu, fazendo-os desaparecer. Eu estava na beira da Exaustão, conseguia sentir em cada fibra do meu ser.

Não vi a hora em que o meu corpo encontrou o chão.

CAPÍTULO 42

Parecia que eu estava longe por muito tempo, flutuando por um lugar bem parecido com a Espera, mas sabia que não era pela falta do chão branco e a beirada que conseguia ver o Reino Nefir. Estava em outro lugar que oscilava do preto para o branco sutilmente, como a transição do dia para noite, só que sem o nascer e o pôr do sol, as minhas partes favoritas do dia.

Não sabia o que estava fazendo ali, a única certeza é que finalmente me sentia em paz e com sensação de dever cumprido. Vez ou outra conseguia ver toda a vida que vivi ali passando diante dos meus olhos, e as partes que não gostaria de ver, eu os fechava, como a cena da maldição e de Cora causando uma amnésia proposital. Toda a minha vida sem restrições.

Não fazia ideia de como funcionava o tempo nesse vasto espaço ou se iria permanecer aqui. Não entendia sobre isso. Será que encontrei o meu mul-tum? Contive a minha vontade de chamar pela minha mãe ou Erus, seria bom encontrá-los e falar que agora estava tudo bem no Reino, estávamos seguros. A ameaça de Cig tinha sido queimada junto com os irmãos.

Em todo esse tempo jamais imaginei que o perdão tinha essa carga de poder, nunca passou pela minha cabeça que Cig só ansiava pelo perdão do Ryu, e provavelmente cultivou o ódio de Nestor e de si mesmo descontando em aumentar o seu próprio dom, como se aquela fosse a única coisa que pudesse ter em sua vida. Ryu estava morto, sem a possibilidade de resolver esse espaço pendente em sua vida.

Pensando no Reino, eu queria ter certeza de que todos estavam em segurança. Não consegui controlar a minha Exaustão, na verdade, não tive a possibilidade de tentar fazer isso e agora não sabia o que estava fazendo aqui, além de estar suspensa no ar. Porém, trocaria isso para ver os meus dragões,

os meus amigos e membros do clã Arfenol e Aliar vivos e bem uns com os outros.

— Você realmente trocaria essa paz por aquele caos? — Perii questionou. Como se surgisse do nada, o dragão preto pareceu ultrapassar alguma espécie de parede e se fez presente logo ao meu lado. Não demorou muito para a sua irmã fazer o mesmo do lado oposto.

— Poupe a garota e a mim também. — Rae retrucou direcionando o olhar vermelho para mim. — Você realmente deseja isso, Asha?

Treinada para ser uma domadora, pedi para o ambiente me deixar erguida como elas, e assim ele fez. Uma ideia de “peça e será atendida” era exalada daquele lugar, e era assim que fazia com o meu dom e os elementos.

— Gostaria de saber se todos estão bem — confessei às duas, alterando o olhar. — Consegui quebrar mesmo a maldição?

Lembro muito bem tudo o que passamos na Torre Celestial, desde o momento da chegada até a despedida minha e de Ryu. As lágrimas não ameaçavam mais como da primeira vez que a lembrança veio. Mesmo sendo um tanto folgado e falante, Ryu apareceu em um momento crucial para eu entender o real motivo de ser a eleita, e o dom que carregava e nem entendia.

— Sim, você está tão livre quanto qualquer ser vivo no Reino Nefir. — Rae notificou parecendo carregar um ar de satisfação.

— Tân? — soltei o nome do dragão com medo. — Ele está bem?

— Ele está estável há alguns dias. — Perii diz flutuando para perto de mim. — Mas até um dragão tem limites...

— Preciso que cure ele! — disparei antes que ela pudesse terminar. Poderia ver um mundo sem mim, mas não sem o Tân. Por mais que sabia

que sem mim, eles vão logo perecer... O meu mundo só se coloriu a partir do dragão vermelho. Antes era tudo sem vida e com muita cobrança em minhas costas, sentia como se não pertencesse ao mundo, como se a minha vida e nada fossem a

mesma coisa. Naquela expedição, pela primeira vez, a chama da esperança surgiu em mim. Eu poderia orar quantas vezes quisesse para Nestor, e mesmo assim nada se equiparava ao sentimento de pertencimento que o meu primeiro dragão me causou.

Não existe preferido, porém, cada um tem o seu destaque em alguma parte da minha vida e imploraria pela vida dos quatro sem nem hesitar. Entretanto, nesse momento, eu precisava me certificar que Tân não morresse.

A palavra pesa e amarga o meu coração, minha boca parecia seca, e no tempo em que estive nesse local ainda não tinha experimentado sensações tão reais como essas.

— Você está acordando, Asha. — Rae me avisa.

— Rae! Perii! Eu imploro, por favor, curem Tân. Salvem ele! Por favor! — me sentia mais distante delas, então comecei a gritar.

— Esse tipo de pedido vem com um preço, Mulher Dragão. — Perii me respondeu com a voz mais distante.

— Peguem o que quiserem!

E minha voz pareceu cair no esquecimento e acordei em um pulo.

Meu corpo não estava leve como antes, e sim pesado e cansado, como se o tempo que passei naquele local tivesse sido nulo, sem relaxamento nenhum. Mesmo com a sensação, ainda permanecia deitada, e ao abrir os olhos encarei pedras brancas e estranhamente não tão pálidas como antes.

Ao olhar ao redor percebo que estou em um quarto e o local em que estou deitada era muito mais confortável do que cinquenta peles juntas. Embaixo de mim tem um quadrado fofo e facilmente caberia alguém do meu lado, a coisa fofa estava sendo sustentada por madeira clara. Observei o objeto até ter que me virar e me deparar com um enorme pedaço de madeira encostado na parede. Ali estava. Talhado na madeira, o mesmo símbolo que vi no trono e marcado em mim.

O cômodo não tinha muita coisa, além do local em que estava deitada. Direita, um buraco no meio das pedras dava

visão para a lateral do castelo, fornecendo uma vista do Oceano Rae, e mais para frente do quarto conseguia me ver.

Diversos cortes se espalhavam pelo corpo e meu cabelo estava um ninho, soltei o rabo pequeno que fiz e o prendi juntando aquele emaranhado.

Mesmo meu cabelo não sendo mais tão grande, tentaria cuidar disso depois.

Tinha uma porta ao lado do meu reflexo e outra na parede esquerda. Testei a primeira e ali tinha uma bacia enorme, depois testei a da esquerda, que me levou a um corredor cheio de quadrados dourados com fundo branco pendurados nas paredes.

Aticei a minha intuição até conseguir captar algum movimento, os elementos se fizeram presentes assim que acordei, mas não escutei vozes até aguçar tanto a intuição como a audição. Me dirigi para o que pensei ser o norte do castelo, sabia aonde estava, só queria saber onde estava o restante.

Assim que sentia euforia sendo emanada daquele local mais ao norte, e vozes se sobressaltarem. Apressei os meus passos por aquele corredor repleto daqueles quadrados e portas até encontrar uma saída à esquerda, empurrei a porta logo em frente e saí logo atrás do que achava ser a Sala do Trono.

Gwynt estava no ar de frente para mim, assim como Dadaer um pouco mais atrás dela e Eira de costas. Tân estava no meio deles, ainda deitado, e meu coração pareceu bater de forma terrível ao perceber que ele não se mexeu.

Peles estavam espalhadas por aquele lugar, assim como sangue, comecei a desfocar a visão enquanto me aproximava e vi um Abyss na frente do nariz de Tân. Oem parecia estupefato, ao passo em que Amy e Lynn apertavam uma mão na outra, e todos encarando duas mulheres; uma na barriga de Tân e outra nas costas. Cabelos brancos e pretos, respectivamente.

— Finalmente! — a voz veio da de cabelos pretos e sabia que era Perii. Sua pele era tão pálida quanto a minha, boca carnuda e olhos vermelhos cintilantes. — Vamos curar Tân.

— Venha, precisamos de você. — foi a vez da de cabelos brancos falar; Rae.

As Criaturas Celestiais estavam em forma humana. Constatei e tentei aceitar isso em cada passo, enquanto me aproximava não contive ao passar a minha mão na lateral de Eira, que se mantinha tão silenciosa quanto os outros dois, e assim que fiquei próxima do domador de fogo também passei a mão em sua pata esquerda traseira, mas a deixei apoiada ali, sua respiração se aprofundou. Meu olhar vagou pelos meus dragões e depois pelos meus amigos, Abyss carrega alívio e tristeza no olhar.

— Qual é o preço? — questionei as duas.

Elas eram tão lindas quanto em suas formas humanas como dragões, e as olhando realmente pareciam gêmeas, com a diferença das cores do cabelo, elas eram idênticas. Rae e Perii não me responderam, apenas fecharam os olhos e direcionaram as suas mãos para Tân, e eu mantive a minha nele também. Fechando os olhos consegui ver as mesmas linhas de sempre por de trás da pálpebra e abri o olho logo em seguida, como se para me certificar que era real. As linhas se mantiveram e um fio preto e branco me ligava às irmãs ali.

Conseguia ver com perfeição, nunca o tinha visto. O branco me unia à Rae e o preto à Perii e um mesclado das duas cores unia as duas. Os seus olhos permaneciam fechados, não fechei desta vez com receio de perder a visão daquele fio que unia nós três.

— Esse é o fio que ligamos a você. — Rae começa a explicar em minha mente. — É por causa dele que tem os nossos dons e te faz a nossa eleita.

— Poderíamos pedir uma vida pela outra. — a voz de Perii carrega uma malícia na frase. — Mas ao invés de pedir para que sacrifique mais alguém, vamos fazer um acordo.

— Qual? Quis saber logo.

— Pela vida de Tân, você abriria mão dos dons que te demos? — Rae faz a réplica.

— Eu abriria mão da minha própria vida.

— Então você aceita trocar o dom da Destruição e Criação pela vida do Domador do Fogo? — Perii questiona, como se fosse minha última chance, mas não hesito.

— Levem tudo e tragam Tân de volta.

Realmente senti aquele fio sendo cortado e me distanciando das duas, e um clarão. Sabia que as duas tinham ido, assim como Ryu fazia. O distanciamento delas é compensado quando escuto o fôlego de vida preenchendo Tân. Meus joelhos fraquejam até o chão e apoio a testa em suas escamas frias. A situação se assemelhava ao momento em que me joguei no abismo e sabia que com essa perda não teria volta.

— Não seja tão dramática.

Escutei a voz dele e mais uma vez o rosto foi lavado por lágrimas.

É claro que testei para ver se elas tinham levado o dom embora, assim que me certifiquei que Tân estava bem. Logo Abyss me puxou de lado para me atualizar. Eu tinha dormido por seis dias ou mais, e nesse meio tempo tinha conseguido manter o dragão vivo, a guerra lá fora tinha sido quase evitada, mas quando Cig se apossou de Samir, os guerreiros na Cegueira avançaram sem piedade para cima dos nossos membros, que tiveram que reagir tão agressivos quanto. Fatalidades aconteceram dos dois lados, mais de quarenta corpos, tanto de Arfenol quanto de Aliar. Eles não conseguiram me esperar para a cerimônia da despedida, colocaram todos os corpos em piras sem ligar para o fato de o membro ter dom ou não, porque essa seria a nova Era do Rei-no Nefir. Não existiria essa separação.

Todos, enfim, completaram o seu multum, inclusive Samael. Abyss me certificou.

Muito pode se acontecer em seis dias, e agora, na parte da frente do cas-telo, me encontrava no meio de Wodd e Oem, enquanto os membros se espalhavam na parte baixa do terreno da Torre Celestial.

— Todo o Reino já foi avisado da queda do Rei Rimas. — o ancião começou a falar para toda aquela multidão e realmente

parecia o Reino todo. — E nesses últimos dias todos chegaram na Torre Celestial e estão abertos a eleger um novo líder para que os dois clãs possam seguir juntos em um Reino unificado. Obrigado por terem vindo. — Oem completou o seu discurso.

— Asha, gostaríamos que você fosse a nossa nova líder. — Wodd anuncia e eu nego com a cabeça.

Eu não queria aquele cargo. Não mesmo. Primeiro porque não estou apta para o cargo, e segundo que acabei de me livrar de um título que carreguei pela vida toda. Se me elegesse líder da Guarda Celestial até pensaria no caso, mas... Rainha do Reino? Quase podia rir da ironia da situação.

— Não votaram em mais ninguém? — questionei baixinho para Wodd.

— Não...

— Eu não posso assumir o trono — retruquei ainda baixo.

— Asha, é a vontade do povo. — Oem interferiu.

— Que eles tenham outra vontade, então! — esbravejei tentando não alterar o tom da voz. — Eu não quero esse cargo, Oem.

Os olhos claros do ancião me encararam por um tempo antes de acenar com a cabeça. Parecia entender o que eu queria dizer. Ele mesmo viu tudo o que ser a eleita me causou, então não abriria mão da minha paz, mesmo que seja momentânea.

— Então você precisa indicar alguém. — meu primo me diz com os olhos cintilando uma certeza, como se soubesse que deveria ser ele.

Se olharmos para trás e pensar que descendemos da mesma família, ele teria razão. Sei disso, mas não poderia colocar no poder alguém fraco. Wodd tem um dom fantástico e me ajudou, sem sombra de dúvidas, mas mesmo assim, quando ele precisou enfrentar quem matava o seu povo... Ele não estava preparado.

Não que eu fosse uma super entendida, mas ainda tinha a intuição draconiana e ela estava gritando para que escolhesse outro.

Não parei para pensar nisso durante o tempo em que fiquei naquele lugar que Rae e Perii me mandaram, mas Wodd queria passar a ideia de que era um guerreiro forte e estava preparado para tudo, só que era uma mentira. E agora encarando os seus olhos consigo ver um cintilar escuro de autoconfiança exagerada.

Esse comportamento me lembrava de Cig, Samir e Samael.

Disfarçadamente coloco os meus dedos na têmpora e a resposta vem de imediato. Precisava que ao menos ele soubesse do plano, depois me certificaria de que ele conseguisse algumas verdades para mim.

— Tá bom — respondo com o melhor sorriso que tenho, ele corresponde altura. Não acredito que ele seja uma pessoa má, mas também não posso confiar o Reino em suas mãos. — Eu indico Abyss.

— Asha...

— Então o Reino me terá como sua Rainha também — interrompo Wodd. — Só que Abyss será o líder principal e contará com Oem como nosso conselheiro. Enquanto Lynn e Amy liderarão a nossa Guarda Celestial. Eu e os dragões seremos o front e emissários quando expandirmos o nosso contato além do Oceano Rae.

Consigo sentir raiva passando em seus olhos e corpo. De alguma forma ele esperava que o nosso parentesco fosse me afetar, o que não fazia sentindo, já que passei muito mais tempo com os meus membros do que com ele.

— Essa será a minha corte — volto a falar. — Depois pensaremos em outros detalhes.

— Você concorda com isso? — Wodd questionou Abyss.

— Como poderia negar à minha companheira na frente de todos, Wodd? — ele retruca com um sorriso selvagem nos lábios.

Poucas vezes discutimos o futuro do Reino Nefir e quem deveria estar no poder, Abyss deixou claro que deveria ser eu, ao passo em que retruquei a mesma resposta de alguns instantes atrás. Não queria outro alvo nas costas, mesmo que

fosse impossível com a proposta que fiz, entretanto, o cargo viria com uma regalia que eu não tinha, alguém para dividir o título. Pessoas que irão nos ajudar, assim o peso não fica tão pesado em ninguém.

O plano parecia bom.

Não houve retaliação, apenas o consentimento de todos. Reuni todos os mencionados mais cedo para colocá-los a par das suas funções, que estabeleci instantes antes de consultar Abyss, o qual tinha me chamado de companheira perante ao Reino! Mesmo que a selvageria corria solta em mim por conta desse pequeno ato, coloquei-a de lado.

— Por que não confia nele? — Abyss quis saber.

— A soberba dele — afirmei direcionando o meu olhar para Amy, que assentiu com a cabeça. O corpo dele exalava irritação mais cedo, e não esquece-mos da nossa conversa sobre os irmãos gêmeos no Monte Vero, mesmo com a maldição quebrada não ousaria ignorar a possibilidade de acontecer de novo, de alguma forma. Irmãos gêmeos na mesma família que Tiare, soava perigoso. — E ele esconde algo, só não temos certeza do que, e esperávamos que você pudesse descobrir.

— Abyss agora terá que manter a compostura de um Rei. — Oem avisa.

— De fato, mas um Rei usa o seu próprio dom para o bem do seu Reino — argumento dividindo o meu olhar de Abyss para Oem. — Abyss só precisa vasculhar a mente de Wodd para saber a veracidade da questão para que pos-samos tomar as providências necessárias — continuei e assim que pousei os olhos em Oem. — Em prol do Reino, é claro.

— E você tem que se portar como uma Rainha também! — o ancião retrucou e apenas sorri em resposta.

— Rainha, líder do front e emissária. — Abyss completou para mim com o mesmo sorriso no rosto.

— Vocês me dão medo juntos. — Lynn comentou.

— Mulher Dragão e Domador do Abismo no poder, temos que exalar certo medo nas pessoas, apenas o suficiente — contestei e olhei para Oem. — Preciso saber essa informação

para evitar riscos. — os seus olhos cor de prata me encararam. — Nós já sofremos muito.

Tristeza cintilou em seus olhos, assim como espelhavam no meu. O corpo de Axía não tinha sido encontrado abaixo da Torre e nem em nenhum outro acampamento, então nos restava acreditar que ela também tinha encontrado o seu multum, de algum jeito.

— Depois disso, se comportem. — ele murmurou e saiu da Sala do Trono.

Com apenas um olhar para Abyss soube que faria o que fosse necessário para que o Reino estivesse em segurança, assim como todos nós, e essa era a única certeza que eu precisava.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter possibilitado que A Mulher Dragão esteja em suas mãos agora.

E agora a lista fica grande. Começando pelos meus pais, Wagner e Meire, obrigada por terem acreditado que eu poderia chegar até aqui e me apoiar mesmo não sabendo o que estava escre-vendo exatamente (risos). Leandro, obrigada por ter incentivado que eu escrevesse a história de Asha e por ter sido meu beta no começo desse projeto. Michelle, obrigada pela sua vida! Mariana, obrigada por sempre me levantar quando tudo o que eu queria era ficar deitada no chão me la-mentando. Thalyta, obrigada pelos seus toques e olhos de leitora. Yasmin, obrigada pela sua amiza-de e incentivo!

STELLA TURELLA